

Ítalo do Nascimento Oliveira Borba

O Rastro da Estrutura:

Noções do Estruturalismo na

Arqueologia de Michel Foucault

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Prof. Edgar Lyra
Orientador

Prof. Marcelo Norberto
Coorientador

Rio de Janeiro, março de 2024.

Ítalo do Nascimento Oliveira Borba

**O Rastro da Estrutura: noções do
Estruturalismo na arqueologia de Michel Foucault**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Aprovada pela comissão examinadora abaixo:

Prof. Edgar Lyra

Orientador - Departamento de Filosofia PUC-Rio

Prof. Marcelo Norberto

Coorientador - Departamento de Filosofia PUC-RS

Prof. Ádamo da Veiga

Departamento de Educação - UFRJ

Prof. André Yazbek

Departamento de Filosofia - UFF

Prof. Leandro Chevitarese

Departamento de Filosofia – UFRRJ

Prof. Thiago Ribas

Departamento de Filosofia - UFRJ

Rio de Janeiro, março de 2024.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ítalo do Nascimento Oliveira Borba

Graduou-se bacharel em Relações Internacionais pelo IBMEC em 2014. Mestre em Filosofia pela PUC-Rio em 2019. Foi professor do colégio ESC em 2022 e 2023.

Ficha Catalográfica

Borba, Ítalo do Nascimento Oliveira

O rastro da estrutura : noções do estruturalismo na arqueologia de Michel Foucault / Ítalo do Nascimento Oliveira Borba ; orientador: Edgar Lyra ; coorientador: Marcelo Norberto. – 2024.

257 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Estruturalismo. 3. Saber. 4. Foucault. 5. Discurso. 6. Signo. I. Lyra, Edgar. II. Norberto, Marcelo. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. IV. Título.

CDD: 100

Agradecimentos

Aos professores que me acompanharam nessa jornada de formação acadêmica, profissional e pedagógica. Agradeço ao Departamento de Filosofia da PUC-Rio pelo apoio institucional. Agradeço à Capes pelo financiamento e fomento à pesquisa, essencial para desenvolvimento do presente trabalho.

Agradeço a Silvio Luís e ao Colégio ESC, pelo suporte à minha formação. Quando achei que já havia feito muito por mim, continuei aprendendo.

À minha mãe pelo suporte incondicional. Agradeço também a Mariola, que me lembrou que a vida é mais leve do que parece.

Aos meus amigos de tanto tempo: Fabricio, Filipe, Guilherme e Pedro; ainda pelos vinhos na calçada. Agradeço a Hiago, Higor e Hiann pela amizade e carinho. Ao meu amigo Bruno pelas noites e dias também. Ao meu amigo Gustavo, pelas conversas. A Patricia, Tomás, Felipe e Bia; amig@s no caminho da filosofia.

A Catherine Galliac pelo companheirismo e amor.

Resumo

NASCIMENTO, Ítalo; Lyra, Edgar; Norberto, Marcelo. **O Rastro da Estrutura: noções do estruturalismo na arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro, 2023. 257 p. Tese de doutorado. Departamento de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo deste trabalho é investigar os fundamentos metodológicos da arqueologia de Michel Foucault segundo noções do estruturalismo. Com a pretensão de contribuir para o debate a respeito da metodologia arqueológica foi selecionado o problema da materialidade do saber, tanto na dimensão da relação entre formações discursivas e formações econômicas, quanto na materialidade do próprio discurso. Dessa forma, as obras investigadas do filósofo francês são do período inicial de seu pensamento, partindo de *Doença Mental e Personalidade* (1954) e *Doença Mental e Psicologia* (1962), *História da Loucura* (1961) e *O Nascimento da Clínica* (1963); finalmente traçando um balanço com alguns apontamentos em *A Arqueologia do Saber* (1969). O caminho de pesquisa analisando obra a obra se justifica pela ausência de um método arqueológico pré-determinado, mas que é modelado através da análise de cada objeto particular. O desenvolvimento da análise sob o ponto de vista filosófico parte de uma apresentação inicial sobre noções do estruturalismo através da linguística (Saussure e Hjelmslev) e semiologia (Barthes) para construção de uma base teórica. Além disso, as noções do estruturalismo são organizadas a partir de um panorama de problemas e instrumentos utilizados pelos pensadores franceses da geração de 1968, apresentado por Deleuze. Investigando a metodologia das obras foucaultianas, o trabalho pretende contribuir para uma elucidação dos fundamentos teóricos da arqueologia de Foucault através de três componentes: 1 – o elemento, que pode ser entendido como discurso, enunciado, ou função-signo; 2 – o sistema, que pode ser entendido como história, formações discursivas ou arquivo; 3 – causalidade estrutural, que pode ser entendida como um conjunto descritivo das condições de possibilidade, o objeto arqueológico. Transversalmente à essa análise, a abordagem do problema da materialidade do saber demonstra que a contribuição deste trabalho pretende avançar no entendimento da incidência das formações não discursivas na

constituição dos saberes (nível sistêmico), da relação entre essas formações e as formações discursivas (nível da causalidade) e da materialidade da função-signo, enunciado e discurso (nível elementar).

Palavras-chave

Estruturalismo; Saber; Foucault; Discurso; Signo

Abstract

NASCIMENTO, Ítalo; Lyra, Edgar; Norberto, Marcelo. **The Trace of the Structure: elements of structuralism in Michel Foucault's archaeology**. Rio de Janeiro, 2023. 257 p. PhD thesis - Philosophy Department. Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The objective of this thesis is to investigate the methodological cornerstones of archaeology in Michel Foucault, according to elements of structuralism. Aiming to contribute to the debate on archaeological methodology, the problem of materiality of knowledge was chosen, both in the dimension of the relationship between discursive and economic formations, as well as in the realm of the materiality of discourse. Thus, the works investigated date from the beginning of his thinking, starting in *Maladie mentale et personnalité* (1954) and *Mental Illness and Psychology* (1962), *Madness and Civilization* (1961) e *The Birth of the Clinic* (1963), and finally creating a balance with some of his notes in *The Archaeology of Knowledge* (1969). The path of research analyzing each one of them is justified by the absence of a pre-determined archaeological method, but which is modeled through the analysis of each object in particular. The analysis is developed in a philosophical perspective, beginning with a presentation of the analytical principles of structuralism through linguistics (Saussure and Hjelmslev) and semiology (Barthes) for the construction of a theoretical basis. Furthermore, the analytical bases of structuralism are organized in a panorama of problems and instruments used by French thinkers of the 1968 generation, as presented by Deleuze. Investigating methodology in Foucauldian works, this thesis contributes to elucidating the theoretical fundamentals of Foucault's archaeology through three components: 1 – the element, which can be understood as discourse, enuntiative, or sign-function; 2 – the system, which can be understood as history, discourse formations or archive; 3 – structural causality, which can be understood as a descriptive set of the conditions of possibility, the archaeological object. Throughout this analysis, the approach to the problem of materiality of knowledge shows that the present contribution aims to advance understanding on the incidence of non-discursive formations in the constitution of knowledges (systemic level), of the relationship between these formations and discursive formations (level of

causality), and of the materiality of sign-function, enuntiative and discourse (elementary level).

Key-words

Structuralism; Knowledge; Foucault; Discourse; Sign

Lista de Abreviaturas

AS	<i>Arqueologia do Saber</i>
DMPD	<i>Doença Mental e Personalidade</i>
DMPS	<i>Doença Mental e Psicologia</i>
HLIC	<i>História da Loucura na Idade Clássica</i>
HS	<i>História da Sexualidade Vol. 1 – A Vontade de Saber</i>
NC	<i>O Nascimento da Clínica</i>
PC	<i>As Palavras e as Coisas</i>

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Signo, Significado e Significante	45
Figura 2 - Substância e Forma do Signo	52
Figura 3 - Análise dos Sistemas de Saber	83
Figura 4 - Topologia dos Signos da Loucura	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ESTRUTURALISMO E MATERIALIDADE	26
1.1 Estruturalismos	39
1.1.1 Uma atividade de diagnóstico	32
1.2 O domínio da estrutura	38
1.2.1 Língua, esquema e sistema	38
1.2.2 Signo, Significante e Significado	42
1.3 Do linguístico ao semiológico	45
1.3.1 Substância e materialidade	48
1.3.1.1 O problema linguístico	48
1.3.1.2 O problema semiológico	51
1.4 A supremacia do significante	55
1.5 Elementos (pós-)estruturais	61
1.5.1 O simbólico	61
1.5.2 A posicionalidade	64
1.5.3 O valor	67
1.5.4 A diferença	69
1.5.5 A serialidade	72
2 ARQUEOLOGIA E ESTRUTURA	76
2.1 Patologia mental e as formações econômicas	84
2.1.1 Além da fenomenologia	85
2.1.2 As condições reais	92
2.2 História estrutural da loucura	106
2.2.1 Desrazão e alienação	108
2.2.1.1 Negatividade e poder	108
2.2.1.2 A loucura e a desrazão	117
2.2.2 Topologia dos signos da loucura	123
2.2.3 Materialidade(s) dos signos da loucura	134
2.2.3.1 A determinação econômica e a causalidade estrutural	138
2.2.3.2 A materialidade política do signo	142
2.2.4 O “expressionismo” do extradiscursivo: a priori concreto e percepção	150
2.3 O surgimento da clínica: o signo e o liberalismo	160
2.3.1 A priori concreto como objeto	161

2.3.2	O sistema de fatos discursivos como método	172
2.3.3	Ainda o expressionismo: liberalismo político e liberalismo científico	178
2.3.3.1	Normas de aquisição do saber e regras de formação da experiência	184
2.3.3.2	Percepção médica e consciência política	188
2.3.4	A transubstanciação do sintoma	198
3	FUNDAMENTOS ARQUEOLÓGICOS	205
3.1	Sobre a materialidade das palavras... e das coisas: uma breve alusão ao problema de <i>Les Mots et Les Choses</i>	205
3.1.1	A escrita material das coisas	208
3.2	Fundamentos Arqueológicos	214
3.2.1	Elementos: discurso, enunciado e função-signo	218
3.2.1.1	A materialidade do discurso	221
3.2.2	Sistemas: história, discurso e episteme	231
3.2.2.1	A materialidade do saber: formações discursivas e extradiscursivas	236
3.2.3	Causalidade estrutural: a priori e dispositivo	240

“A filosofia já foi abolida. Ela não passa de uma vaga disciplinazinha universitária, na qual as pessoas falam da totalidade da entidade, da "escritura", da "materialidade do significante" e de outras coisas semelhantes”

Michel Foucault

INTRODUÇÃO

Todo o século XX foi um momento especialmente importante na história da filosofia francesa. Alain Badiou compara a potência desse cenário francês à Grécia clássica e ao esclarecimento alemão¹. Segundo ele, esse marco – de uma filosofia contemporânea francesa – estende-se desde o *Ser e o Nada* (1943) sartreano até *O que é a filosofia?* (1991) de Deleuze e Guattari. Nesse ínterim, não seria demais dizer que o grande mobilizador da intelligentsia francesa foi o estruturalismo.

Naturalmente, Michel Foucault não ficou imune à influência da abordagem estrutural. A proximidade de Foucault com o estruturalismo não foi pouco debatida, entretanto, parece que o debate tomou forma mais complexa no próprio contexto filosófico francês. No Brasil, essa influência não foi devidamente explorada.

A chave de leitura brasileira do pensamento foucaultiano é bastante devedora de Roberto Machado, também conhecido como amigo brasileiro de Foucault. O destaque dessa abordagem foi a pesquisa da indissociabilidade entre formação de saberes e relações de poder através do procedimento *genealógico* – que contribuiu para uma leitura da demarcação da influência nietzschiana no trabalho de Foucault. Não poderia faltar na recordação dessa recepção, a coletânea brasileira de inspiração italiana *Microfísica do Poder* (1978), organizada justamente por Roberto Machado.

A primeira vinda de Foucault ao Brasil é em 1965 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. A visita rendeu um curso sobre o tema d’*As Palavras e as Coisas* a convite de Gérard Lebrun, ex-aluno de Foucault. A segunda vez de Foucault no Brasil foi para uma conferência na PUC-Rio, convidado pelo

¹ BADIOU, Alain. *The Adventure of French Philosophy*, p. li.

departamento de Letras. Nessa visita ocorreu as conferências *A verdade e as formas jurídicas*, em maio de 1973², sobre procedimentos de produção da verdade e poder³.

Esse Foucault brasileiro também é marcado por uma leitura deleuziana. Ele é o Foucault dos poderes. Roberto Machado também assistia aos cursos de Deleuze no mesmo período que Foucault lecionava os seus. Apesar da grande repercussão das genealogias dos poderes no Brasil, Machado possui um trabalho influente sobre a arqueologia foucaultiana⁴ e interpreta Foucault mais em diálogo com a epistemologia francesa que com o estruturalismo, embora ressaltando a importância da abordagem.

Nos EUA, o pensamento francês teve bastante repercussão, mas principalmente a geração chamada de “pós-estruturalismo” (Deleuze, Derrida, Guattari, Lyotard, Baudrillard, Foucault, entre outros). Entretanto, majoritariamente após os anos de 1970, e a partir de uma leitura particular. Em suma, os pensadores franceses foram lidos como pós-estruturalistas sem uma leitura estadunidense do próprio estruturalismo⁵. Nesse esteio, surgiu a influência de Foucault na Universidade da Califórnia em Berkley nos anos de 1980. A partir disso, uma leitura de seu trabalho tornou-se bastante conhecida: *Foucault, uma*

² MACHADO, R. *Impressões de Foucault*, p. 33.

³ No momento da primeira visita de Foucault ao Brasil sua obra ainda não tinha a repercussão que ganharia nos anos de 1970, apesar de História da Loucura ter promovido um considerável impacto no campo. As conferências de 1973 já apontavam para uma pesquisa sobre as relações de poder. Memorável é a ocasião em que Hélio Pellegrino debate com Foucault sobre Édipo Rei, e recebe a afirmativa de que Édipo não é tanto um problema de desejo e quanto “uma certa relação de poder que a sociedade, a família, o poder político etc., estabelecem sobre os indivíduos” FOUCAULT, M. *A Verdade e as Formas Jurídicas*, p. 131.

⁴ A leitura de Machado não tem capilaridade somente no Brasil. Em um famoso reencontro internacional “Michel Foucault filósofo” em Paris no ano de 1988, Machado apresentou um trabalho sobre a arqueologia de Foucault. MACHADO, R. *Archéologie et épistémologie* In: *Michel Foucault philosophe*, p. 15.

⁵ Podemos citar como exemplo dois eventos em 1966: o lançamento da tradução de *O pensamento selvagem* de Lévi-Strauss, e um número especial da revista *Yale French Studies*, dedicada ao estruturalismo, sem grande repercussão. A apresentação, de certa forma, do estruturalismo para a academia estadunidense ocorre mais como crítica do que como fundação. Fazendo frente à essa defasagem, professores da Universidade de John Hopkins organizam um colóquio no final desse mesmo ano de 1966, convidando vários nomes franceses para um encontro internacional intitulado “The Language of Criticism and the Sciences of Man”. Alguns dos autores chamados foram: Barthes, Derrida, Lacan, Girard, Hyppolite, entre outros. Contudo, nesse encontro já temos uma distanciação crítica de Barthes e Derrida, por exemplo, da abordagem estruturalista. CUSSET, F. *Filosofia Francesa: A Influência de Foucault, Derrida, Deleuze & CIA*, p. 36 -38.

trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica; livro escrito por Hubert Dreyfus e Paul Rabinow.

As leituras citadas são duas fontes influentes para a recepção brasileira do pensador francês. Levando em conta que cronologicamente essas duas leituras da obra foucaultiana estavam mais próximas do auge do movimento estruturalista, devemos notar que nenhuma delas problematiza a fundo a intersecção, ou melhor, a relação entre a arqueologia foucaultiana e o estruturalismo francês. Machado não especifica sua posição em relação à proximidade de Foucault com a abordagem estruturalista, apenas aponta que seria uma “aproximação interessante”. Em contrapartida, ele prefere o caminho de colocar a arqueologia em diálogo com uma história das ciências, “penso, porém, que o mais importante quando se pretende situar a incidência do exterior para melhor compreender a configuração própria da arqueologia é sua posição frente à história epistemológica tal como foi praticada na França a partir de Bachelard”⁶.

Rabinow e Dreyfus, por outro lado, criticam as possibilidades de aproximação entre o trabalho foucaultiano e o estruturalismo. Os comentadores amparam-se basicamente em afirmativas do próprio Foucault de rejeição do rótulo de participante do movimento⁷, e, em uma visão própria de definição do estruturalismo. Caracterizando o estruturalismo como moda, os autores defendem que Foucault não fez parte do movimento também porque não “produziu uma teoria universal do discurso” – o que nos parece uma definição se não errônea, muito limitada para o que foi a abordagem estruturalista, que entende a linguagem muito além da linguagem verbal.

Nossa opinião, então, era de que, apesar de sua linguagem e abordagem se apresentarem fortemente influenciadas pela moda francesa do estruturalismo, Foucault nunca produziu uma teoria universal do discurso; ao contrário, limitou-se a descrever as formas históricas assumidas pelas práticas discursivas. Apresentamos nossa versão a Foucault e ele concordou que nunca tinha sido estruturalista, mas que, talvez não tivesse sido tão resistente quanto deveria aos avanços sedutores da terminologia desta corrente.⁸

⁶ MACHADO, R. *Foucault, ciência e saber*, p 5.

⁷ Abordaremos essas afirmativas na seção 1.1.

⁸ DREYFUS, H.; RABINOW, P. H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. IX – X.

Em inúmeras entrevistas de Foucault nos anos de 1970 e 1980, encontram-se passagens de inflexão com a abordagem estruturalista, entretanto, “no início da década de 1960, de fato, encontra-se em Foucault uma grande quantidade de textos em que é abertamente reivindicado um ‘parentesco de método’ com alguns representantes do estruturalismo”⁹. Portanto, somente as afirmações do autor não são suficientes para sanar a relação e muito menos muito produtivas para abordarmos do ponto de vista filosófico. Parto do princípio que Foucault se contradisse algumas vezes¹⁰, mudou de preocupações, temática, objetos, e reconstruiu sua preocupação diversas vezes através de determinado fio condutor¹¹. Assim como Orfeu, que ao sair do inferno olhou para trás e condenou Eurídice às profundezas do mundo de Hades, Foucault realiza o mesmo gesto ao olhar retroativamente para uma obra que nunca se pretendeu prospectiva, reorganizando todo campo de sentido em um gesto teleológico. É importante lembrar que após o início de desprestígio do movimento, muitos autores identificados como estruturalistas, debandaram do rótulo. Dessa forma, a relação de Foucault com o estruturalismo não pode ser interpretada através de declarações avulsas, mas deve ser feita através de investigação detida de seu trabalho, através do procedimento *analítico* que ele executa em cada livro.

⁹ REVEL, J. *Dicionário Foucault*, p. 141. REVEL, J. *Dictionnaire Foucault*, p. 125.

¹⁰ “O que me inquieta e é por isso que sua questão incomodou-me um pouco, e que me digam: ‘O senhor já disse isso’... ‘Isto que o senhor está dizendo é o desenvolvimento natural deste outro pensamento’. Incomoda-me quando o senhor diz que não há nenhuma relação entre minha História da Loucura e meu trabalho no GIP. O senhor poderia também enumerar todas as frases que eu teria podido dizer ou escrever, que estariam em contradição com o que eu faço hoje, e eu lhe responderia simplesmente: em primeiro lugar, pouco me importam e, em segundo lugar, isso me dá prazer. Com isso eu quero lhe dizer que não me sinto nem atacado, nem embaraçado pelo fato de eu não dizer as mesmas coisas que antes. E isso me dá prazer, pois prova que não tenho nenhuma relação narcísica com meu trabalho.” FOUCAULT, M. O Grande Internamento In: *Ditos e Escritos I, Problematização do Sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise*, p. 267.

¹¹ “O pensamento de Foucault naquelas conferências era profundamente diferente de tudo o que ele tinha escrito antes, revelando alguém disposto a pensar diferente do que pensara, quando suas pesquisas o levavam a seguir em outra direção, destruindo evidências estabelecidas e criando novas evidências. [...] impressionava não só a originalidade de seu pensamento, mas também como Foucault se desapegava facilmente do passado.” MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*, p. 39. “O que procurei fazer foi uma história do pensamento. E por “pensamento” queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência. FOUCAULT, M. *Do Governo dos Vivos*, p. 4. “Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos.” FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder In: *Michel Foucault, Uma Trajetória Filosófica: Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica*, p. 231.

O objetivo deste trabalho, portanto, é demonstrar que existe um caminho profícuo na pesquisa de *noções*¹² do estruturalismo na arqueologia foucaultiana. Pretendo avançar no debate a respeito da interface metodológica entre Foucault e o estruturalismo, principalmente no decorrer do exercício do método arqueológico, levando em conta que ela não é tão explorada nas literaturas brasileiras. Além disso, para aprofundarmos um pouco mais no pensamento foucaultiano, seleciono problema da *materialidade do saber* como ponto de contribuição singular para uma interpretação “estruturalista” da arqueologia. Diante de tal projeto, também devemos lidar com a escassez de um método filosófico propriamente dito no trabalho de Foucault.

Uma das grandes forças do pensamento foucaultiano é não se prender a si próprio, nem a um tema específico, Foucault escreve já no início de sua produção intelectual, “vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”¹³. Percorrer a obra de Foucault é uma tarefa que admite sempre o encontro com o novo e a contradição, e isso não é uma impossibilidade filosófico-teórica, mas uma reabertura de caminhos. Assumir que não debatemos uma unidade de sistema filosófico é um princípio para fazer justiça ao seu pensamento.

¹² A expressão *noções* justifica-se de acordo com algumas premissas. Primeiramente, o presente trabalho aponta que se pode construir um solo de problemas e *noções* operativas estruturalistas para o desenvolvimento do início do trabalho filosófico foucaultiano, ou para a prática arqueológica. Isso quer dizer que certos problemas da arqueologia, por exemplo, como a materialidade do discurso ou o discurso como acontecimento, podem ser aprofundados de forma singular através do entendimento da abordagem estruturalista, especialmente de operadores analíticos como *signo*, *significante* e *estrutura*. Portanto, não é objetivo específico deste trabalho classificar Foucault como estruturalista, mas levar a fundo o argumento de sombras dessas *noções* estruturalistas de maneira *fundamental* em seu pensamento. Isso compreende, muitas vezes, jogar Foucault contra si mesmo. A dimensão analítica, por outro lado, pretende destacar que esse tipo de influência não acontece de forma sistêmica (aplicação de um sistema filosófico estruturalista) ou conceitual (transferência em senso estrito de conceitos da linguística), mas no procedimento de análise. Dessa forma, não é produtivo levar em conta declarações de Foucault a respeito de seu próprio trabalho, da mesma forma, torna-se uma referência um tanto precária as suas considerações do filósofo sobre sua própria obra. Tendo isso em vista, os argumentos principais deste trabalho são fundados nos procedimentos de análise do filósofo, ou seja, em seus livros. Pretendo investigar mais o que Foucault faz, do que o Foucault diz, ou diz que faz.

¹³ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 20.

Não é recente o debate sobre a presença de um método na filosofia de Michel Foucault¹⁴, e tal tema apresenta um campo amplamente vasto de transformações, presente desde de seus primeiros trabalhos nos anos de 1950 até sua morte precoce em 1984. Tal pensamento permanece nômade e sem filiação à uma corrente filosófica propriamente dita. Apesar disso, inevitavelmente o autor tanto foi influenciado, como utilizou instrumentos analíticos de diversas fontes e referências. Dessa forma, para elucidar melhor seu trabalho, desfigurar sua imagem – assim como propôs a respeito de Nietzsche¹⁵ – e abrir caminhos, torna-se interessante percorrer uma investigação aprofundada sobre os fundamentos teóricos e *filosóficos* que embasaram seu pensamento.

De uma forma geral, proponho aprofundar o debate a respeito do estruturalismo no início de sua produção teórica, especialmente no período de mais prestígio do estruturalismo, nos anos de 1960. Assim sendo, proponho percorrer o caminho das obras no início da produção do filósofo: *Doença Mental e Personalidade* (1954) e *Doença Mental e Psicologia* (1962) – comparando as duas versões –, *História da Loucura na Idade Clássica* (1961) e *O Nascimento da Clínica* (1963). Finalmente, concluiremos o trabalho com alguns elementos de *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969) para finalizar o debate e consolidar a contribuição proposta. Cada livro será abordado buscando restituir o método segundo o objeto recortado, somente assim podemos destacar a singularidade de cada momento do pensamento foucaultiano, sem perder de vista a possibilidade de um desenvolvimento de problemas surgidos em livros anteriores. *A Arqueologia do Saber*, por ser um livro eminentemente metodológico, será tratado como um balanço do próprio método arqueológico, servindo como ponto de chegada dos anos de 1960 e conclusão para o trabalho.

¹⁴ DREYFUS, H.; RABINOW, P. H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. X. GUTTING, G. Introdução In: *Foucault*, p. 37. VEYNE, P. Foucault, o pensamento, a pessoa.

¹⁵ “A única marca de reconhecimento que se pode testemunhar a um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Agora, que os comentadores digam se somos ou não fiéis, isso não tem nenhum interesse.” FOUCAULT, M. Entrevista sobre a Prisão: O Livro e seu Método In: *Ditos e Escritos – Estratégia, poder-saber IV*, p. 174.

Diametralmente a isso, temos o problema das interpretações e heranças do pensamento de Foucault. O “efeito Foucault”¹⁶ possui uma gama de interpretações em diversos países, essas variadas leituras transitam por caminhos bastante diferentes. Pretendo utilizar pistas de conceitos utilizados pelo próprio autor e seus apontamentos teóricos, sem seguir a linha de abertura de algum comentador específico. Contudo, debatarei leituras de suas obras por outros filósofos, buscando delimitar esse campo de leitura e influência entre seus compatriotas franceses (Deleuze, Barthes, Serres, Balibar, Derrida, Baudrillard, Canguilhem, Althusser, Jean Hyppolite, Maniglier, Ricoeur, etc.). Essa proposta pretende circunscrever a recepção de sua obra entre seus contemporâneos, restituindo a produção teórica de Foucault ao contexto filosófico em que ela foi produzida. Com isso, veremos que o contexto francês não teve tantos problemas em ler Foucault na chave estruturalista.

Isso possibilita debater o horizonte de problemas foucaultianos através de leituras próximas às abordagens do estruturalismo e marxismo francês, diferente de leituras estadunidenses, por exemplo. Nesse sentido, busco através dessas leituras desenhar as pistas de um campo de *condição de possibilidade* para o pensamento foucaultiano, ou seja, resgatar alguns pontos do debate filosófico da época de sua produção para elucidar o contexto de seu surgimento. Seria isso abordagem estrutural do próprio surgimento do pensamento foucaultiano? Com isso, poderíamos reconstruir o solo de debate metodológico para o florescimento da arqueologia?

Seguirei a pergunta: qual é a influência metodológica do estruturalismo na arqueologia foucaultiana? O objetivo deste trabalho, repetindo, é investigar *noções* do estruturalismo no procedimento *arqueológico* de Michel Foucault, tendo como fio condutor o problema da *materialidade do saber*. Defendo a hipótese de que o problema da materialidade do saber no pensamento foucaultiano, surge tanto através da relação entre *formações discursivas e extradiscursivas*, quanto através da *materialidade do signo e do discurso*. Sendo assim, esse problema pode ser entendido através de uma análise de noções do estruturalismo, como *função-signo*,

¹⁶ Logo após o lançamento, *Vigiar e Punir* (1975) é traduzido rapidamente para mais de vinte línguas, e ainda nos anos de 1970 repercute politicamente pela Europa. DEFERT, D. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles In: FOUCAULT, M. *O Corpo Utópico, As Heterotopias*, p. 46-47.

sistema e causalidade estrutural. Resumindo, delimito a contribuição deste trabalho no problema da materialidade do saber na análise arqueológica através da abordagem estruturalista.

Na primeira parte, debatemos as *noções do estruturalismo*. Inicialmente, é importante situar a abordagem do estruturalismo neste trabalho, por isso, percorremos algumas definições relativizando uma compreensão monolítica do movimento. Além disso, apontaremos o potencial político do estruturalismo para a geração francesa em questão, evidenciando a percepção foucaultiana da abordagem com um tipo de “diagnóstico” de nossa atualidade.

Para analisar o método arqueológico de maneira aprofundada, devemos apresentar o suporte filosófico da abordagem estruturalista. Essa estratégia compreende introduzir os problemas da linguística, majoritariamente pela perspectiva de Ferdinand de Saussure. Primeiramente, debateremos o *signo* como um conceito linguístico que posteriormente extrapola para o estudo de sistemas semiológicos, destacando sua importância não somente para a linguística. A partir de uma apresentação dessa noção na perspectiva de Saussure, investigamos as noções de signo, significante e significado como elementos para estudo de processos de constituição de sentido através da linguagem. Ainda sobre a linguística, utilizaremos Louis Hjelmslev e Roland Barthes para contextualizar os problemas linguísticos em um sentido mais amplo, situando as bases “filosóficas” do estruturalismo em um escopo teórico para além da teoria saussuriana.

Analisando o transbordamento dos problemas da linguística, perceberemos que é possível um estudo de sistemas semiológicos – tendo a leitura de Roland Barthes como referência –que compreendem a *função-signo* para além da linguagem verbal e colocando propriamente um problema de materialidade. Ou seja, ainda na linguística e na semiologia temos o problema da materialidade do signo. Esse problema não foi marginal nessas áreas do saber, e, é importante lembrar que ele foi fundamental para toda essa geração da filosofia francesa que demonstrou uma verdadeira fascinação pela *materialidade do signo*¹⁷.

¹⁷ REVEL, J. *Dictionnaire Foucault*, p. 125.

Ainda a respeito do estruturalismo, é produtivo resgatar a leitura deleuziana de princípios do estruturalismo (francês) para entender melhor o contexto de problemas da transformação do estruturalismo na filosofia francesa. Ou seja, é importante investigar de que maneira essas questões linguísticas e semiológicas tornaram-se centro de um debate entre várias áreas do conhecimento, inclusive a filosofia. Todo esse debate sobre o estruturalismo pretende desenhar um solo de *condição de possibilidade* para os *problemas* e formação do método arqueológico foucaultiano.

o problema da linguagem veio à tona, e pareceu que a fenomenologia não era capaz de dar conta, tão bem quanto uma análise estrutural, dos efeitos de sentido que podiam ser produzidos por uma estrutura de tipo linguística, estrutura em que o sujeito no sentido da fenomenologia não intervinha como aquele que confere o sentido. E, muito naturalmente a esposa fenomenológica desqualificada por sua incapacidade de falar da linguagem, o estruturalismo tornou-se a nova noiva.¹⁸

A singularidade dessa abordagem não era entendida somente como uma perspectiva privilegiada para tratar problemas filosóficos, mas também como uma alternativa para problemas enfrentados pela fenomenologia, segundo o trecho de Foucault. Portanto, ainda na primeira parte, apresentaremos o estruturalismo não somente como uma abordagem com fins teóricos, mas através de uma proximidade com o marxismo francês, pois o movimento também teve sua importância como perspectiva de engajamento político para essa geração francesa, com todas suas potencialidades e limites.

Na segunda parte do trabalho, iniciaremos uma análise das obras foucaultianas de forma particular. Nossa estratégia é pesquisar os problemas tratados exatamente no contexto de produção de cada obra. Tendo em vista as transformações consideráveis no trabalho de Foucault, recortarei uma análise baseada nos anos de 1960, afirmando que sua noção de saber é explorada com mais profundidade e afincado nesse período. Consequentemente, esse recorte servirá para consolidar uma estabilidade mínima de tema e método das pesquisas do filósofo.

Inicialmente buscamos cotejar as duas versões do primeiro livro de repercussão de Michel Foucault, *Doença Mental e Personalidade* (1954) e *Doença Mental e Psicologia* (1962). Resumidamente, nessa obra, a própria revisão

¹⁸ FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-estruturalismo In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 311.

foucaultiana do livro de 1954 nos serve como ponto de análise a respeito do fundamento material do saber. Na primeira versão existe claramente uma influência marxista em sua análise, citando uma materialidade extradiscursiva como *condições reais* de formação do saber, amparada em noções como “capitalismo”, “luta de classes”, entre outras. Logo após a escrita de HLIC, em 1962 Foucault revisa a primeira edição do livro e produz uma nova obra. Com isso, as noções marxianas são retiradas e substituídas pela noção de “cultura”, após uma abordagem *estrutural* da história da loucura. Isso nos permite levantar a hipótese de que, minimamente, a abordagem estruturalista surge também como recurso metodológico para o problema da materialidade do saber – através da relação entre formações discursivas e extradiscursivas –, e, conseqüentemente, toda uma reorganização da posição foucaultiana em relação ao estudo das patologias mentais.

Posteriormente, em *História da Loucura na Idade Clássica* (1961), Foucault realiza uma história *estrutural* da loucura. Investigaremos a maneira como *noções* do estruturalismo como *função-signo* e *estrutura* são essenciais para entender o método da monografia. O caminho selecionado segue não somente pela metodologia de uma arqueologia estrutural da loucura através de signos no período clássico, mas também da diversidade de signos analisados por Foucault. O grande internamento dos loucos no classicismo não aparece na análise foucaultiana como efeito do pensamento médico ou dos discursos da prática médica. Por outro lado, perguntaremos se o confinamento aparece como um signo com valor de linguagem atrelado à sua função no contexto histórico das formações econômicas.

Especialmente, ainda em HLIC, podemos explorar mais detidamente também a relação entre formações discursivas e extradiscursivas através da noção de *expressionismo*. Foucault admite entender um vínculo de continuidade entre formações econômicas e formações discursivas no plano da expressão de interesses econômicos no plano de conteúdo do saber. Nessa obra também surge a noção de *a priori concreto* que nos permite investigar tanto o objeto da arqueologia como condição de possibilidade dos saberes – próxima à noção estruturalista de *causalidade estrutural* –, quanto evidenciar uma conexão entre experiência empírica e percepção da loucura.

Ainda na segunda parte do trabalho, debatemos *O Nascimento da Clínica* (1963). O estudo das condições de possibilidade da medicina moderna demonstra que o objeto arqueológico aparece explicitamente através da noção de *a priori concreto*, isso nos permite perguntar sobre o próprio objeto da arqueologia, ou seja, ela não trabalha com elementos isolados, mas com um campo de objetos, assim como DMP e HLIC. De acordo com isso, investigaremos de forma mais consistente que a relação entre construção da epistemologia da medicina e reformas políticas não se apresenta como causalidade tradicional, mas que a causalidade na obra foucaultiana é *causalidade estrutural*. Ainda nessa obra, Foucault cita explicitamente que seu método é um sistema de fatos discursivos. Precisamos investigar a profundidade analítica dessa noção de sistema, e como ela opera em nível discursivo, é necessário investigar o que significa Foucault afirmar que seu método compreende a noção de “sistema”.

O surgimento da medicina moderna nos permite aprofundar, de outro modo, as dimensões da materialidade do saber na arqueologia foucaultiana. Nessa monografia selecionaremos esse problema de duas formas: 1 – a relação entre formações discursivas e extradiscursivas demonstradas também através do problema das *instituições do saber* nas reformas da medicina francesa no século XVIII e XIX, sempre alocadas no espectro das formações econômicas, e, ainda sob o prisma do expressionismo; 2 – o sintoma como conceito clínico somente pode ser formado através da *transubstanciação* do signo, ou seja, do eclipse da significação do sintoma na materialidade do signo/significante.

A necessidade de utilização do sintoma como signo para epistemologia clínica nos coloca o problema da intersecção entre objeto de pesquisa e método. Foucault utiliza a materialidade do signo como critério analítico ou apenas como objeto de investigação? Por outro lado, a regulação institucional da experiência médica nos permite entender melhor as condições empíricas de formação do saber, dessa forma, a análise de NC nos permite perguntar sobre a relação entre instituições e construção do saber na arqueologia foucaultiana.

Na metade dos anos de 1960, período de ouro do estruturalismo francês, *As Palavras e as Coisas* (1966) é tido como o livro “mais estruturalista” do filósofo, e deixa em suspenso a relação entre formações discursivas e extradiscursivas – mais

especificamente as formações econômicas. Nessa monografia, Foucault pesquisa através da noção de *episteme*, as “simultaneidades epistemológicas”, entre diferentes áreas do saber das ciências empíricas até formação das ciências humanas. Faremos uma breve alusão ao problema geral do livro, levando em consideração que nesse momento, no nível da materialidade do saber, Foucault não se preocupa com a relação entre as formações discursivas e formações extradiscursivas, mas somente com o problema da materialidade da linguagem. O problema da materialidade da linguagem aparece através da transformação dos próprios *sistemas de signos*, ou na forma como se constitui as relações entre as palavras e as coisas.

Finalmente, no último capítulo, pretende-se um breve balanço conceitual conclusivo do método arqueológico a partir de *A Arqueologia do Saber*, o único livro metodológico do filósofo. É importante lembrar que uma análise unitária de cada obra pretende restituir cada obra a sua singularidade de objeto e metodologia, entretanto, ao longo do trabalho será articulada uma análise cumulativa das obras respeitando uma comparação cronológica da produção foucaultiana. Nessa parte, concluiremos a contribuição deste trabalho organizando todo debate anterior através de três fundamentos arqueológicos derivados de noções estruturalistas: elemento, sistema e causalidade.

No nível do elemento, revisaremos a variedade de componentes unitários do método arqueológico: enunciado, discurso, função-signo. Esse debate nos permite abrir uma interpretação para o problema da materialidade do discurso na obra foucaultiana, caminho sem grandes debates em seu pensamento. Através da noção de sistema é possível perguntar se a noção de *estrutura* opera em vários níveis na arqueologia, como história, como sistema de discursos e como arquivo. Além disso, pensando através de um nível sistêmico, podemos investigar a relação entre formações discursivas e formações extradiscursivas, problematizando ora sua interioridade ora sua exterioridade em relação aos saberes. Por fim, concluiremos que é possível perguntar sobre o próprio objeto da arqueologia como *a priori*, ou seja, como conjunto descritivo de condições de possibilidades para um determinado saber, isso significa perceber que as relações entre os elementos não são de causalidade direta, mas sim de causalidade *estrutural*.

Foucault revelou, alguns momentos, que seu pensamento seria como ferramentas¹⁹, ou seja, preferiria utilizadores a comentadores propriamente ditos. Diversos autores amparam-se nessa metáfora para utilizar o pensamento do autor a seu favor, de maneiras diferentes. Não deveríamos entender melhor uma ferramenta antes de utilizá-la? Deveríamos saber de qual material ela é feita, se é ferro, alumínio ou plástico. É preciso saber sua funcionalidade específica para que não utilizemos em um trabalho distinto de sua finalidade. Se o trabalho a ser executado é importante, devemos ler o manual de instrução da ferramenta, as letras miúdas, a duração de sua bateria, as recomendações do fabricante, etc. Dessa forma, poderíamos até achar uma outra maneira de utilizar essa ferramenta. Finalmente, esse trabalho pode ser uma investigação sobre a construção desse pensamento-ferramenta, sobre sua elaboração, sua fundição para a guerra. Como se Foucault fosse Hefesto, hoje ele nos convida à sua metalurgia.

¹⁹ FOUCAULT, M. Prisons et asiles dans le mécanisme du pouvoir In: *Dits et écrits II*, p. 523-524. DEFERT, D., Heteroropia: Tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim, e Los Angeles, In: *O Corpo Utópico, As Heterotopias*, p. 55. MACHADO, R., *Impressões de Michel Foucault*, p. 107.

1 ESTRUTURALISMO E MATERIALIDADE

1.1 Estruturalismos

A filosofia francesa no século XX é incontornável. Nesse cenário, o estruturalismo toma uma posição de destaque na produção intelectual francesa. Ele torna-se não somente um tipo de abordagem que colocou determinados problemas para toda uma geração francesa, mas também – em termos foucaultianos – apresenta-se como condição de possibilidade para grande parte da própria filosofia francesa contemporânea. Por isso, um debate sobre seu exercício nos possibilita entender melhor tanto os problemas de um grupo de filósofos franceses, quanto o próprio pensamento de Michel Foucault.

O conceito de estruturalismo foi tratado de formas diferentes nas últimas décadas. Não é objeto deste trabalho resgatar um debate extenso sobre esse termo, sua utilidade, classificação, discordâncias, etc. Nos interessa entender que a geração francesa que sucedeu o estruturalismo, não somente o ultrapassou, mas ao mesmo tempo, manteve algo, transformou princípios, criticou limites, repensou seus fundamentos. Não debatarei o termo estruturalismo em geral, mas pretendo esclarecer que existe, de fato, uma herança estruturalista no pensamento de Michel Foucault, especificamente nos anos de 1960, período de trabalho a partir do método arqueológico. Mesmo buscando afastar-se do movimento, o filósofo francês manteve *noções* do estruturalismo em sua abordagem. Nesta secção, entenderemos alguns dessas noções buscando esclarecer mais adiante um pouco de sua herança na fase inicial do pensamento de Michel Foucault.

A questão do estruturalismo na arqueologia foucaultiana será abordada neste trabalho tendo como fio condutor o problema da materialidade dos saberes. Dessa forma, com o objetivo de defender a hipótese da permanência de noções estruturalismo na arqueologia, elegemos o problema da materialidade do saber e do discurso no pensamento foucaultiano, como campo de contribuição. O primeiro passo para o trabalho proposto é debater brevemente sobre o que significa estruturalismo em nossa hipótese.

A abordagem estruturalista não possui um ponto central de método que se possa classificar como estrutural em sentido estrito. O que podemos chamar de estruturalismo? Coelho ressalta as dificuldades de definição e a importância do termo que “não designa um objeto preciso, definido, mas é termo conveniente e indispensável”²⁰, além disso, “não existe um ‘estruturalismo’ ideal, porque o ‘estruturalismo’ se na verdade existe, apenas está nas suas manifestações”²¹. Ou seja, ainda que não exista consenso a respeito de um método estrutural, é indispensável que pensemos sua base teórica.

Barthes também lembra que devemos entender o que existe de comum entre os que estão sob essa égide, mesmo existindo uma dificuldade de tratar o estruturalismo como escola ou movimento²². Ele presume que existe um imaginário com algumas noções ou fundamentos que determinam uma certa mentalidade, ou tipo de análise. Assim sendo, Barthes defende que “o estruturalismo é essencialmente uma *atividade*, isto é, a sucessão regulada de um certo número de operações mentais”²³, com isso, a atividade estruturalista pretende reconstruir o funcionamento e regras de associação de um objeto. O autor defende, por exemplo, que “se deve falar de atividade, de preferência a obra estruturalista”²⁴.

Os dois autores, seja através de manifestações ou atividade, defendem que existe algo em comum entre os pensadores que atravessaram o escopo teórico estruturalista. O estruturalismo, assim sendo, é bastante particular em relação aos problemas de cada um que utiliza seus fundamentos. Próximo à perspectiva de Barthes e Coelho, Foucault esclarece que o “estruturalismo é um método de análise, uma tentativa de leitura, uma colocação em relação, uma tentativa de constituição de uma rede geral de elementos”²⁵. A tradução do trecho anterior opta pela palavra “tentativa” para traduzir do francês a palavra “activité”²⁶, exatamente o termo

²⁰ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. X.

²¹ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. VI.

²² BARTHES, R. A Atividade Estruturalista. In: *Crítica e Verdade*, p. 49.

²³ BARTHES, R. A Atividade Estruturalista. In: *Crítica e Verdade*, p. 50, grifos do autor.

²⁴ BARTHES, R. A Atividade Estruturalista. In: *Crítica e Verdade*, p. 51.

²⁵ FOUCAULT, M. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 59, grifo nosso.

²⁶ “Quant au structuralisme, il est une méthode d’analyse, il est une activité de lecture, de mise en relation, de constitution d’un réseau général d’éléments”. FOUCAULT, M. La philosophie

utilizado por Roland Barthes. Ou seja, podemos afirmar que tanto para Foucault, quanto para Barthes, o estruturalismo poderia ser entendido como uma atividade, uma prática, uma abordagem particular de algum tema, a partir de um campo de problemas compartilhado entre alguns autores.

Algumas vezes Foucault também alinhou o estruturalismo com uma espécie de pensamento formal, que busca rigorosidade e análise funcional de conjunto de elementos em diversos campos do saber²⁷, contudo, desviando-se de uma possível prática de filosofia analítica. Essa assunção reafirma o campo amplo da atividade estruturalista, que através dessa análise específica de um conjunto de elementos pode tomar forma em diversas áreas do saber.

Uma genealogia do estruturalismo sem dúvida apontaria seu surgimento na linguística, reconhecido principalmente a partir das teses de Ferdinand Saussure, mas também a partir da escola de Moscou e escola de Praga²⁸. Deleuze lembra da diversidade do movimento, que cortou transversalmente as ciências humanas – e não somente elas –, passando pelo marxismo de Althusser, por um determinado período da psicanálise de Jaques Lacan, pela crítica literária de Barthes, pela influente antropologia de Lévi-Strauss e não por acaso ele cita também “um filósofo que renova a epistemologia como M. Foucault”²⁹. Enfim, a multiplicidade de campos, abordagens e apropriações é uma dificuldade incontestável, tanto para classificar com rigor um método estruturalista, quanto uma área de conhecimento em que esse método se desenvolve.

As teses de diversos linguistas tiveram repercussão em todas ciências humanas, Foucault afirma que “desde o século XIX, as ciências da linguagem tinham atingido um grau de exatidão e de demonstrabilidade mais elevado do que todas a outras ciências sociais ou humanas reunidas”³⁰. Se o estruturalismo atravessou as ciências humanas e toda Europa, não foi por acaso. O ambiente filosófico francês, consideravelmente consolidado na tradição da fenomenologia,

structuraliste permet de diagnostiquer ce qu'est <aujourd'hui> In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 583.

²⁷ FOUCAULT, M. Structuralisme et poststructuralisme In: *Dits et Écrits IV 1980 - 1988*, p. 434.

²⁸ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 113.

²⁹ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 113.

³⁰ FOUCAULT, M. Linguística e as Ciências Sociais In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*, p. 161. FOUCAULT, M. Linguistique et sciences sociales In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 822.

cedeu à potência analítica da nova abordagem que surgia para entendimento da relação entre mundo, linguagem, sentido e sujeito. E, justamente a partir da difusão dessas teses pelos mais distintos campos de conhecimento, o estruturalismo é fragmentado, criticado, relido, recolocado, ruminado. A maleabilidade da abordagem não se identifica somente na diversidade de um campo de autores ou áreas de conhecimento, mas o estruturalismo também pode ser entendido como descontínuo ou em devir a partir de um mesmo autor de referência³¹.

Foucault tanto assumiu uma proximidade ao espectro estruturalista, quanto rejeitou essa aproximação. Não faltam passagens de entrevistas em que ele realiza assertivas como “não sou um estruturalista, que nunca fui um deles e que apenas idiotas e ingênuos – chamar-se-iam Piaget - podem pretender que eu seja um. Idiotas, ingênuos e ignorantes”³². Várias bastante contundentes como “Nada, absolutamente nada no que publiquei. Nada, nem em meus métodos nem em nenhum dos meus conceitos lembra, ainda que de longe, o estruturalismo”³³.

Não é produtivo ponderar os motivos para essa tentativa de o filósofo dissociar-se do campo teórico em questão, ainda que seja interessante lembrar que diversos autores que tiveram seu nome vinculado à abordagem buscaram demonstrar um afastamento em anos posteriores. Desse mesmo modo, também é interessante destacar que essas afirmações de Foucault são majoritariamente a partir da década de 1970, momento de queda do prestígio da abordagem e aparecimento de algumas críticas, principalmente após maio de 1968³⁴.

Entretanto, assim como existem passagens que buscam destacar o afastamento foucaultiano da abordagem, também existem afirmações que não somente confirmam a aplicação de um método estruturalista, mas também desenvolvem um esclarecimento da maneira como o filósofo cola o método em

³¹ Viveiros de Castro cita o problema de uma unidade de perspectiva ou método no estruturalismo lévi-straussiano, a transformação do pensamento se desenvolve não somente nas bibliotecas, mas no devir de relação com o mundo ameríndio. A noção própria de transformação desse estruturalismo transformou-se. Isso significa que o estruturalismo pode ser pensado não somente como método mutante entre áreas do saber, mas de acordo com sua própria prática por um mesmo autor. VIVEIROS de CASTRO, E. *Metafísicas Canibais – Elementos para uma antropologia pós-estrutural*, pp. 160-161.

³² FOUCAULT, M. Le grand enfermement In: *Dits et Écrits II 1970 - 1975*, p. 296.

³³ FOUCAULT, M. Le grand enfermement In: *Dits et Écrits II 1970 - 1975*, p. 296.

³⁴ Um evento simbólico desse ponto é o episódio famoso de pichação dos muros franceses com frases parecidas com “As estruturas não descem às ruas”.

atividade. Em entrevista, o autor esclarece que “O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios nos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria.”³⁵. Através disso, podemos partir do princípio de que pistas da influência estruturalista podem ser reconstruídas nas obras do filósofo francês.

O estruturalismo é, precisamente uma atividade teórica que existe apenas no interior de determinados domínios. É uma certa maneira de analisar as coisas. Portanto, não pode haver uma teoria geral do estruturalismo. Apenas podem indicar obras que provocaram modificações importantes em um domínio particular ou simultaneamente em vários domínios.³⁶

Se o estruturalismo pode ser exercido em diferentes domínios e em formas diferentes, podemos supor que existem estruturalismos, no plural. Quando uma atividade é realizada de formas diferentes, temos diversas formas de sua aplicação. Foucault especifica que podemos demonstrar dois tipos de estruturalismo. O primeiro é atrelado à uma área determinada do conhecimento e exprime-se na tarefa de análise “não tanto das coisas das condutas e de sua gênese, mas das relações que regem um conjunto de elementos ou conjunto de condutas”³⁷. Ou seja, essa forma de estruturalismo está preocupada com as relações de um conjunto de elementos em um campo específico do saber.

O autor filia-se ao segundo tipo que descreve. O segundo tipo é caracterizado por “uma atividade através da qual os teóricos, não especialistas, se

³⁵ FOUCAULT, M. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 59. “Ce que j’ai essayé de faire, c’est d’introduire des analyses de style structuraliste dans des domaines où elles n’avaient pas pénétré jusqu’à présent, c’est-à-dire dans le domaine de l’histoire des idées, l’histoire des connaissances, l’histoire de la théorie”. FOUCAULT, M. La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est <aujourd’hui> In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 583.

³⁶ FOUCAULT, M. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*, p. 60. “Le structuralisme, c’est précisément une activité théorique qui n’existe qu’à l’intérieur de domaines déterminés. C’est une certaine façon d’analyser les choses. Il ne peut donc y avoir une théorie générale du structuralisme. On ne peut qu’indiquer des œuvres qui ont provoqué des modifications importantes dans un domaine particulier ou simultanément dans plusieurs domaines.” FOUCAULT, M. La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est <aujourd’hui> In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, pp. 583 – 584.

³⁷ FOUCAULT, M. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*, p. 57. FOUCAULT, M. La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est <aujourd’hui> In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 581.

esforçam para definir as relações atuais que podem existir entre tal e tal elemento de nossa cultura [...] uma espécie de estruturalismo generalizado e não mais limitado a um campo científico específico”³⁸. Foucault vislumbra como problema, portanto, a vinculação da atividade estruturalista a uma determinada área de conhecimento, campo de problemas ou limitações conceituais. Nos anos de 1960, ele define-se como operador de um “estruturalismo generalizado”, defendendo que realizada análise de “estilo” estruturalista ou que a abordagem é, de forma ampla, “uma maneira de analisar as coisas”. Parece claro que se Foucault exercia algum tipo de estruturalismo, segundo suas declarações nos anos de 1960. Dessa forma, parece profícuo perseguir as pistas de herança do estruturalismo, com o objetivo de aprofundar os *aspectos filosóficos* do procedimento arqueológico, entender melhor a metodologia arqueológica para análise de problemas do campo do saber.

Se a abordagem estruturalista foi múltipla e fragmentada, uma pergunta permanece: o que faz com que esses pensadores sejam classificados sob o título de *estruturalista*? De uma maneira geral, não é objetivo deste trabalho traçar um espaço fundamental que se possa chamar de estruturalismo, devido à sua multiplicidade mesma, essa proposta seria tão injusta quanto extensa. Trataremos, portanto, neste trabalho, o estruturalismo ou estruturalismos, como uma abordagem ou uma atividade. Ainda que seja difícil uma definição ou apontamento de método claro, existem alguns problemas em comum no exercício dessa atividade por diferentes autores. Por isso, buscaremos desenhar um campo de noções estruturalistas comuns que organizam problemas. Isso nos servirá para entender filosoficamente a metodologia foucaultiana ou as bases da arqueologia em um tipo de análise estrutural, como um procedimento para além de uma análise estritamente histórica de fatos.

Resumindo, neste trabalho temos o objetivo de restituir noções do estruturalismo à arqueologia foucaultiana, contribuindo para o problema da materialidade dos saberes. Dito de outra forma, a hipótese da materialidade do saber

³⁸ FOUCAULT, M. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*, p. 59. “une activité par laquelle des théoriciens, non spécialistes, s’efforcent de définir les rapports actuels qui peuvent exister entre tel élément de notre culture [...] d’une sorte de structuralisme généralisé et non plus limité à un domaine scientifique précis”. FOUCAULT, M. La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est <aujourd’hui> In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 581.

no pensamento foucaultiano somente pode ser entendida através de uma análise da funcionalidade dos elementos teóricos estruturalistas na *atividade* de construção do procedimento arqueológico.

Para tanto, nesta secção, sustentaremos a importância do estruturalismo para Foucault através de três fatores: 1 – o estruturalismo como uma atividade filosófica crítica; 2 - noções da abordagem estruturalista, passando não somente pela linguística, mas também pela semiologia; 3 - o problema da materialidade do signo e sistemas de significação não verbais.

1.1.1 Uma atividade de diagnóstico

Foucault define um tipo de estruturalismo – que parece ser exatamente o qual ele se insere – como uma atividade que tem por preocupação diagnosticar uma certa conjuntura de nossa cultura. Tratar sobre a conjuntura de nossa cultura é expor desafios, problemas, impasses de nossa “atualidade”, de nosso tempo presente. Foucault continua afirmando que “é nisso que o estruturalismo pode valer como uma atividade filosófica, se admitimos que o papel da filosofia é o de diagnosticar”³⁹. Nessa passagem, percebemos que o filósofo francês coloca o estruturalismo em uma posição de destaque como abordagem, pois a atividade teria instrumentos capazes de diagnosticar, fazendo justiça ao próprio papel da filosofia.

Essa não foi a última vez que Foucault expressou essa posição da filosofia como uma espécie de diagnóstico de uma conjuntura denominada cultura. Nos momentos posteriores de sua obra, principalmente nos anos de 1980, o autor aponta para a possibilidade de se tomar um ethos filosófico, uma crítica de atuação permanente do nosso ser histórico⁴⁰. A filosofia, portanto, para Foucault, tem uma vocação específica para debruçar-se sobre os problemas de nosso tempo, uma atividade analítica que não está ligada à criação e repetição exegetica de conceitos descolados dos problemas de uma “cultura”. Por outro lado, a filosofia seria uma atividade exercida para iluminar o campo de problemas e perigos de uma sociedade,

³⁹ FOUCAULT, M. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 57. “C’est en cela que le structuralisme peut valoir comme une activité philosophique, si l’on admet que le rôle de la philosophie est de diagnostiquer”. FOUCAULT, M. La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est <aujourd’hui> In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 581.

⁴⁰ FOUCAULT, M. *Qu’est-ce que les Lumières?* In: *Dits et Écrits IV 1980 - 1988*, pp. 564-565.

não para traçar caminhos universais a serem seguidos ou desvelar a realidade enquanto tal, mas acrescentar algum grau de inteligibilidade para os problemas contemporâneos.

Foucault também define essa atitude como parte de uma ontologia crítica de nós mesmos, uma ontologia do presente. Nessa expressão, existe uma provocação através do termo ontologia, que tradicionalmente aponta para as diversas maneiras de se colocar a questão do ser enquanto ser⁴¹. A provocação de Foucault, portanto, aponta para o atrito entre ontologia como uma pergunta pelo ser imutável e a temporalidade incontornável da existência na forma de cultura. A ontologia do presente opera no sentido de entender os limites de constituição do que somos, o que constitui o nosso tempo, o que *torna possível* as subjetividades na forma de condutas e práticas historicamente situadas.

Não é demais afirmar que, nos anos de 1960, Foucault utiliza de “análises do tipo estruturalista” sem o objetivo de estabelecer uma pesquisa sobre o estruturalismo mesmo ou seus métodos, ou seja, sem a pretensão de realizar um debate eminentemente teórico sobre seus fundamentos. As análises também não tomam como objeto um campo determinado do conhecimento em que o método estruturalista é desenvolvido. Mas, por outro lado, como uma atividade potente para entender um pouco melhor nosso ser histórico, ou a questão do que é o agora, a nossa atualidade. Nesse debate, Foucault analisa o texto de Kant *Was ist Aufklärung?* (O que é o esclarecimento), já nos anos de 1980, para abrir a questão de se debruçar sobre o agora⁴². Resumidamente, A postura filosófica da modernidade para Foucault surge como a questão da filosofia enquanto interrogação da atualidade. Foucault toma esse texto, como um exercício de Kant buscando pensar o presente como um acontecimento filosófico.

Portanto, podemos afirmar que Foucault não toma o estruturalismo como um método filosófico no sentido tradicional. Ou seja, o filósofo não está preocupado em construir uma forma acabada de entendimento da realidade, um procedimento fechado em si mesmo passível de aplicação em diversos objetos. Por

⁴¹ HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*, p. 28.

⁴² FOUCAULT, M. *Le Gouvernement de Soi et des Autres*, p.14.

outro lado, o objetivo é colocar certos problemas em jogo, analisar um campo de relações e objetos, pretendendo construir um diagnóstico de nossa civilização.

Reconstruir noções do estruturalismo no primeiro momento da obra de Foucault não é limitar seu pensamento através de um horizonte metodológico determinado, mas aprofundar a maneira como investiga a constituição de saberes no próprio Ocidente. Seguindo suas próprias indicações, entender o estruturalismo na arqueologia foucaultiana é entender a maneira como as noções estruturalistas entram em operação na investigação de uma história dos saberes, não se limitando a um campo de conhecimento específico, nem com pretensão de método filosófico sistemático, mas para reconstrução de pistas que nos possibilitem desenhar nosso tempo presente.

É necessário levar a sério as potencialidades e limitações que sua obra teve ao ser realizada através de lentes estruturalistas. Isso é bastante interessante para abrir caminhos não somente a respeito de um ‘método Foucault’ em senso estrito, mas sobre toda influência que sua obra teve politicamente, uma contribuição para toda releitura de seu pensamento e filosofia.

A questão do estruturalismo como atividade analítica engajada torna-se ainda mais complexa quando agregada à crítica do apagamento da iniciativa individual e possibilidades de liberdade esgotada no sujeito. O que isso quer dizer? Analisando o desenvolvimento histórico do estruturalismo, Foucault afirma que ele teve papel fundamental para a academia – não somente francesa, mas também europeia – “se libertar do dogmatismo marxista.”⁴³ É importante destacar que não se trata do marxismo como um todo, mas de uma certa dogmática. Ou seja, trata-se de uma dogmática que impedia o exercício tanto da atividade de diagnóstico, de uma ontologia do presente, quanto da abertura para a própria práxis revolucionária. Nesse contexto, a figura que personificou essa empreitada foi Louis Althusser, segundo o próprio Foucault.

Por fim, outra objeção: a de que o estruturalismo não leva em conta a liberdade ou a iniciativa individual. [...]Ora, a partir do momento em que se deixa de lado a prática humana para considerar apenas a estrutura e as regras de coerção, é evidente que se falha novamente em relação à história. [...]

⁴³ FOUCAULT, M. Structuralisme et poststructuralisme In: *Dits et Écrits IV 1980 - 1988*, p. 431, tradução nossa.

Althusser foi um marxista que aplicou à leitura e à análise de textos de Marx um certo número métodos que podem ser considerados como estruturalistas, e a análise de Althusser foi muito importante na história recente do marxismo europeu. Essa importância está ligada ao fato de que Althusser libertou a interpretação marxista tradicional de todo humanismo, de todo hegelianismo, também de toda fenomenologia que pesavam sobre ele, e, nessa medida, Althusser tornou novamente possível uma leitura de Marx que não era mais universitária, mas efetivamente política.⁴⁴

No trecho acima, Foucault destaca que um certo entendimento específico do estruturalismo determina um apagamento do engajamento individual e das práticas de liberdade. Entretanto, isso não diz respeito ao estruturalismo marxista de Althusser, por exemplo, que ao libertar o marxismo francês de determinadas tradições possibilitou uma renovação e leitura “efetivamente política” de Marx. Portanto, o estruturalismo teve também um papel relevante no cenário intelectual francês, não somente filosoficamente, mas também politicamente, abrindo outras possibilidades filosóficas e outras perspectivas de engajamento político. Essa análise de Foucault é crucial para destacarmos que o filósofo entende o estruturalismo como uma espécie de abordagem filosófica crítica.

O estruturalismo marxista de Althusser tinha como objetivo central reescrever a história como genealogia de diferentes modos de produção, esses modos aparecem como estruturas formadas por elementos funcionais, como forças produtivas e relações de trabalho⁴⁵. Essa empreitada somente pode ser realizada com sucesso pela especificidade operativa da análise estrutural, pois os modos de produção na história aparecem como estruturas constituídas a partir de suas próprias condições internas, sem relação direta com a transformação de tecnologia ou conhecimento. É indispensável entender que o estruturalismo francês estava inserido, segundo Coelho, em “um projeto múltiplo de *desnaturalização dos signos* como forma de combater, no plano das superestruturas, a ideologia burguesa.”⁴⁶. A pesquisa da dimensão histórica dos signos ou da reprodução social do capital, atua como crítica política contra a imposição da cultura burguesa enquanto ordem

⁴⁴ FOUCAULT, M. Retornar à História In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 285 - 286. FOUCAULT, M. Revenir à l’histoire In: *Dits et Écrits II 1970 - 1975*, pp. 271 – 272.

⁴⁵ “C’est la théorie du mécanisme de la transformation d’un mode de production en un autre, c’est-à-dire la théorie des formes de transition entre un mode de production et celui qui lui succède”. ALTHUSSER, L. Du ‘Capital’ à la philosophie de Marx In: *Lire le Capital*, p. 74.

⁴⁶ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. XII.

natural de uma evolução histórica. Dito de outra forma, o estruturalismo francês foi essencial como uma abordagem de diagnóstico da historicidade da reprodução social do capital, desnaturalizando suas formações econômicas.

O exemplo de Althusser⁴⁷, citado por Foucault, deixa claro que essa atividade analítica não é na dimensão somente de renovação teórica, mas também se refere ao entendimento da própria maneira de fazer filosofia. Na França, Lèvi-Strauss e Dumézil criticavam a concepção de intelectual geral de Jean-Paul Sartre, isso não demonstrava uma posição pessoal entre eles, mas uma própria divergência teórica na passagem do existencialismo fenomenológico para o estruturalismo⁴⁸ como paradigma filosófico preponderante na academia.

A crítica ao papel de um intelectual geral da sociedade também já foi feita por Foucault. Ele esclarecia que não pensava um intelectual relacionado a valores universais, mas com uma posição pontual na sociedade, relacionada justamente aos dispositivos de verdade, um intelectual específico⁴⁹. A dimensão política do intelectual, inclusive levando em conta sua posição de classe burguesa – segundo o próprio Foucault⁵⁰ –, não seria de formular respostas às questões morais ou éticas de uma sociedade determinada, não é uma determinação do que é verdadeiro ou falso. Mas, por outro lado, ele atua destrinchando as regras através das quais algo se determina como verdadeiro ou falso, uma atividade essencialmente de diagnóstico. A partir desse diagnóstico, naturalmente, podemos reconstruir o tempo presente e fazer frente à sua complexidade.

⁴⁷ É notável o esforço althusseriano buscando orientar uma posição marxista na filosofia que pressupunha engajamento político. Ele esclarece que “Desse modo, eu não falaria em ‘filosofia marxista’, e sim em ‘posição marxista em filosofia’ ou em ‘nova prática, marxista, da filosofia’”. Essa definição me parece conforme tanto com o sentido da revolução filosófica operada por Marx quanto com o sentido da prática política e filosófica dele e de seus sucessores”. ALTHUSSER, L. *Iniciação à filosofia para os não filósofos*, p. 246.

⁴⁸ DOSSE, F. *História do Estruturalismo, I - O Campo do Signo - 1945-1966*, pp. 23-24.

⁴⁹ FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In: *Dits et Écrits III 1976-1979*, p. 159.

⁵⁰ Não é somente na posição política do jogo da verdade que um intelectual está inserido socialmente, mas Foucault destaca uma posição de classe incontornável, pois “o intelectual atualmente tem uma posição triplamente específica: 1- sua posição de classe (um tanto burguesa a serviço do capitalismo, intelectual orgânico do proletariado); 2 – a especificidade de suas condições de vida e trabalho, associadas às suas condições de intelectual; 3- a especificidade da política de verdade da nossa sociedade.” FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In: *Dits et Écrits III 1976-1979*, p. 159, tradução nossa.

A questão do pensamento sobre os limites do presente histórico e o papel do saber atravessam todo pensamento de Foucault, não somente nos anos de 1960 e 1980, mas também na década de 1970. Numa conferência em Tóquio, Foucault aponta que um dos principais papéis do filósofo no Ocidente foi impor limites ao excesso de poder, responder ao perigo do poder ser superprodutivo⁵¹. Ou seja, o filósofo deveria trabalhar como um antidéspota, em contraposição à uma certa hegemonia de determinado poder no campo da produção dos saberes. A posição da filosofia é contrapor-se à concentração do poder, um dispositivo contraprodutivo.

A avaliação de regras que conformam o verdadeiro e o falso pode ser entendida justamente como as condições de possibilidade das histórias dos saberes ou dos regimes de verdade. Não é demais afirmar que a instrumentalização teórica do estruturalismo para Foucault torna-se interessante nesse âmbito. A analítica estrutural possibilita mais um debate sobre o modo de funcionamento de sistemas específicos, sobre condutas e suas gêneses, do que uma filosofia moral sobre valores universais. Dessa forma, não é demais aproximar toda filosofia foucaultiana desse tipo de atividade estruturalista, que trabalha como mapeamento da constituição das subjetividades através do funcionamento das estruturas historicamente situadas. Por isso, nos anos de 1960, Foucault não somente trata o estruturalismo como atividade, mas como *filosofia*, como atividade filosófica. O estruturalismo, para Foucault, não tinha um papel exclusivamente teórico, mas também de destaque como abordagem filosófica, na construção de um ethos filosófico.

A necessidade de uma ontologia do presente foi um problema que atravessou toda obra do filósofo francês. No decurso de sua produção filosófica esse problema tomou formas distintas e foi enfrentado com instrumentos diversos, mas especialmente nos anos de 1960, o estruturalismo foi o caminho mais potente e utilizado para realizar análises de histórias da formação de saberes no Ocidente, para arqueologias de sistemas de saber, pois “a filosofia estruturalista permite diagnosticar o que é ‘a atualidade’”⁵².

⁵¹ FOUCAULT, M., *La philosophie analytique de la politique*, In: *Dits et Écrits III*, p. 537.

⁵² FOUCAULT, M. *La philosophie structuraliste permet de diagnostiquer ce qu’est <aujourd’hui>* In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 581, tradução nossa.

1.2 O domínio da estrutura

1.2.1 Língua, esquema e sistema

Primeiramente, é necessário entendermos alguns elementos e princípios da linguística que dirigem os elementos centrais de uma análise estruturalista. Ou seja, ainda que autores tidos como estruturalistas não utilizem alguns desses elementos nominalmente, entendemos que o debate aqui proposto é uma base interessante para elucidar um núcleo teórico na linguística a partir do qual as divergências desenvolvem-se em caminhos transversais. O exercício da atividade estruturalista compreende aplicações em domínios distintos, entretanto, isso não acontece à revelia dos conceitos linguísticos os quais iniciaram o debate. Percorreremos as noções do estruturalismo tendo como pontos centrais a estrutura e o signo.

No início do século XX, Saussure postulava em seu *Curso de Linguística Geral* (escritos compilados por seus alunos) que buscava reorganizar o objeto e método para uma linguística renovada. O autor suíço estava preocupado com os problemas da linguística e desde as pesquisas da escola neogramática alemã, essa área já tinha em vista a língua como efeito de um “espírito coletivo” dos grupos que se comunicam⁵³. A linguística de Saussure surge delimitando a língua em uma esfera de objeto coletivo entendida nas manifestações da linguagem humana. Por isso mesmo, a linguística já esbarra em outras ciências que também tem por objeto analisar condutas de coletivos humanos, como a etnografia, por exemplo. Saussure diz que, algumas vezes, não existe um limite bem claro para separar a linguística de outras ciências, e, tanto a linguística toma dados emprestados de outras áreas, como serve de instrumento para elas⁵⁴.

Ele inicia seu curso já afirmando que poderíamos falar de uma ciência dos signos: a semiologia⁵⁵. Essa ciência não seria derivada da linguística, mas ao contrário, a linguística seria parte dela. O ponto de partida de Saussure já assumia que uma análise de sistemas de signos poderia transbordar os limites dos próprios

⁵³ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 12.

⁵⁴ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 13.

⁵⁵ Saussure identifica a semiologia como parte de uma psicologia social, que estaria inserida em uma psicologia geral. SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 24.

estudos dos linguistas⁵⁶. Roland Barthes, por sua vez, coloca em questão esse limite tão determinado que encerra a linguística no campo dos signos. O pensador francês defende que qualquer sistema de signos é articulado senão através de linguagem, pelo menos por significação. Ou seja, os objetos, imagens, comportamentos não poderiam significar de maneira autônoma, e assim sendo, “qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem”⁵⁷.

Percebemos, dessa forma, que o estruturalismo instrumentalizado por não-linguistas, não tem por objeto propriamente fonemas⁵⁸, palavras ou outros fenômenos da língua, como veremos mais adiante, mas, por outro lado, seu objeto será sistemas de articulação de significados, podendo ser pensados ainda como linguagem, linguagem não-verbal.

Nesta secção, o referencial para construir uma genealogia linguística do estruturalismo é o trabalho de Saussure e Hjelmslev, duas referências importantes para a linguística, e, simultaneamente, é interessante complementar essa abordagem com as leituras de Barthes por dois motivos. Primeiro, principalmente, a leitura do filósofo francês demonstra em que medida o estruturalismo excedeu a linguística e tornou-se uma analítica de sistemas semiológicos. Em segundo lugar, essa leitura também nos serve de contextualização para entender o debate francês e os problemas que essa geração de pensadores confrontava. É importante destacar que a seleção dos textos desses autores não é arbitrária, partindo do ponto de vista que os três textos (*Curso de linguística geral*, *Prolegômenos para uma teoria da linguagem* e *Elementos fundamentais de semiologia*) são referências para tanto para a linguística quanto para semiologia.

⁵⁶ “Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem! poucas pessoas têm a respeito ideias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos — historiadores, filólogos etc. — que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas.” SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 14.

⁵⁷ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 12.

⁵⁸ Já pensando o signo para além da linguística, por exemplo, Derrida critica o fonocentrismo presente na história da metafísica e, de certa forma, reafirmado por determinados linguistas e semiólogos, pois “o fonocentrismo se confunde com determinação historial do sentido do ser em geral como presença, com todas as subdeterminações que dependem desta forma geral e nela organizam seu sistema e seu encadeamento historial”. DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 15

Saussure promove uma considerável ruptura na linguística ao introduzir a separação dicotômica língua/fala. A ideia central é determinar um objeto sistemático social que possua regras definidas para o exercício de uma prática, que seja razoavelmente independente das contingências das manifestações individuais⁵⁹. Esse objeto é a língua. Saussure define a língua como “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”⁶⁰. Portanto, a língua demonstra o aspecto fundamentalmente social da linguagem, sobrepondo-se ao aspecto individual da fala. Barthes confirma essa tese, explicando que língua se expressa como “a parte do social da linguagem, exterior ao indivíduo [...]; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre membros de uma comunidade”⁶¹. A língua é o que o indivíduo registra passivamente, sem possibilidade de alterá-la a partir de um voluntarismo particular.

A fala, de outro modo, é o “ato individual de seleção e atualização”⁶² do código da língua. Ela é um ato de vontade individual que compreende as instâncias de combinação do código da língua exprimindo um pensamento, e ao mesmo tempo, um mecanismo psicofísico de exteriorização dessas combinações⁶³. A unidade da linguagem, dessa forma, é realizada pela dualidade língua/fala. Em último caso, podemos entender a língua como uma instituição social que articula, organiza, compreende o sistema de signos, e a fala como o ato individual de prática da combinação desse código social. Isso permite ao linguista suíço conceber um estudo dos signos que independe das contingências individuais de constituição de significação e reafirma a língua como sistema.

Hjelmslev propõe uma dicotomia parecida com outra nomenclatura, mantendo a ideia de separar as dimensões do estrutural e do particular. A dualidade,

⁵⁹ “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.” SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 16.

⁶⁰ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 17.

⁶¹ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 18. “Mais qu'est-ce que la langue ? Pour nous elle ne se confond pas avec le langage ; elle n'en est qu'une partie déterminée, essentielle, il est vrai. C'est à la fois un produit social de la faculté du langage et un ensemble de conventions nécessaires, adoptées par le corps social pour permettre l'exercice de cette faculté chez les individus”. SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*, p. 25.

⁶² BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 18.

⁶³ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p.22

para o autor, é colocada como esquema e uso. Assim, ele estabelece uma hierarquia linguística em que o uso linguístico (a fala saussuriana) é uma manifestação do esquema linguístico (língua saussuriana)⁶⁴. Ele diz que "a semelhança entre as línguas reside no próprio princípio de suas estruturas; a diferença entre elas provém da execução *in concreto* desse princípio"⁶⁵. Para Hjelmslev, portanto, o esquema é a capacidade estrutural de línguas diferentes, que possibilita analisar um processo de significação sistemático.

Parece ponto pacífico entre esses linguistas que existe um esforço para delimitar uma ciência que tenha como objeto de estudo um campo estrutural de significação que independe de processos contingentes individuais. Além disso, também de coletivos específicos com idiomas diferentes. A separação entre língua e fala ou esquema e uso, demonstra um sistema de regras que determina a utilização dos atributos da linguagem, sons, formas e meios de expressão em geral. Apesar disso, essa língua definida pelos linguistas não existe concretamente, apenas como recurso analítico de função teórica. Ou seja, a noção de língua não designa uma língua específica ou idioma, mas justamente a *forma* que perpassa todas as línguas.

Todo esse debate rompe com uma concepção de linguagem como instrumento. A estrutura linguística não é transparente ao indivíduo que utiliza um discurso, não é um recurso que o mesmo utiliza a serviço do pensamento. Para Saussure, "não existe ideias pré-estabelecidas e nada é distinto antes do aparecimento da língua"⁶⁶. Ou seja, o pensamento já é ele mesmo atravessando pela linguagem, efeito das condições estruturais. Pode-se dizer o mesmo do sujeito, resultante do processo de efeitos das condições estruturais da linguagem. O sujeito não utiliza a linguagem, mas é falado por ela.

Isso é bastante importante para os desdobramentos do estruturalismo para além da linguística. Se o campo da língua/esquema é a capacidade estrutural da linguagem de construir o sentido, ou organizar um campo de experiência, existe uma gradual defasagem da doação de sentido partindo do sujeito. Língua/esquema

⁶⁴ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 83.

⁶⁵ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 79, grifo do autor.

⁶⁶ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p.130.

é um sistema que possui uma estrutura funcional específica que delimita o horizonte de significação ou limita o campo de articulação de sentido, na opacidade da prática.

Esse ponto é importante para entendermos os desdobramentos dos princípios de sistemas linguísticos para sistemas semiológicos. Isso quer dizer que quando entendemos um sistema produtor de sentido, ou que a estrutura de significação está presente na operacionalidade desse sistema, seja na articulação das unidades ou seja na materialidade de sua substância, enfraquece as possibilidades de produção de sentido por parte do sujeito ou agente. Em termos filosóficos, isso põe em xeque tanto todo edifício do sujeito fenomenológico que atribui sentido pela intencionalidade, quanto o sujeito existencialista lançado em um mundo vazio de sentido.

A linguagem verbal é a composição dos signos organizados na língua e na fala⁶⁷. A língua ou esquema, portanto, torna-se um princípio formal estruturante, um sistema, que organiza o processo de significação, em contraposição à fala ou uso. Para o estruturalismo, a língua representa o modelo de estrutura, de um campo *simbólico* de processos de *significação*. Contudo, existe uma unidade de composição dessa estrutura que suporta o sentido, essa unidade não é a palavra ou o conceito para os linguistas, mas o *signo*.

1.2.2 Signo, Significante e Significado

Tratando de semiologia ou de linguística, o ponto pacífico é: o eixo central do estruturalismo é um sistema de elementos que foi pensado inicialmente como sistema de signos. Partindo desse princípio, o objetivo desse debate inicial é elucidar elementos da linguística que nos servem de noções fundamentais. Contudo, não pretendo fazer uma exposição exaustiva dos conceitos linguísticos fundamentais, mas apenas aqueles que percebo que perpassam uma possível “semiologia” de Michel Foucault, ou melhor, que suportam os fundamentos filosóficos do procedimento da arqueologia.

⁶⁷ Não tratarei a respeito da fonologia, porque, segundo Saussure ela diz respeito à fala. Nesse sentido, a dimensão significante do signo não possui uma relação direta com a qualidade de articulação dos sons produzidos pela fala, esse princípio é chamado de arbitrariedade do signo. SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 81.

Primeiramente, então, passaremos por três conceitos analíticos principais derivados da linguística: signo, significante e significado. Encerrando essa exposição teórica preliminar, entenderemos um pouco melhor como esses conceitos analíticos tomaram forma em um espectro teórico mais amplo, especialmente na recepção francesa.

Nem sempre onde há signo há estruturalismo, mas dificilmente se pode tratar de estruturalismo à revelia do signo ou da função-signo. Se um discurso se vale do signo ou de uma função-signo como categoria analítica, ali permanece o fantasma do estruturalismo. Foucault, em seus estudos sobre a episteme clássica, destaca que a teoria do signo remonta à antes mesmo da linguística moderna e pode ser identificada até nos gramáticos clássicos de Port-Royal⁶⁸. Ainda que não explícita, essa teoria dos signos, seria uma maneira de encontrar um sistema de razão para os fatos, e, a análise da língua seria apenas um caso particular.

Hjelmslev não hesita em afirmar que a linguagem como um sistema de signos é uma “proposição evidente”⁶⁹. Ele diz que essa proposição deve ser levada em consideração desde o início de qualquer analítica que tenha por campo de pesquisa a linguagem. Deleuze também confirma que um entendimento da linguagem das coisas deve passar pelo signo, pois as coisas possuem estrutura ou um “discurso silencioso” que é a “linguagem dos signos”⁷⁰. Portanto, é habitual tratar de uma primazia do signo linguístico na atividade estruturalista. Ele opera, se não como categoria explícita, como função ou operador velado, mas ainda assim representa um fundamento analítico potencialmente estruturalista.

Existe uma dificuldade inicial de entendimento, pois a noção de signo não é exclusiva da linguística e já era utilizada em várias áreas de conhecimento, podendo ser sinônimo de índice, sinal, símbolo, etc., e consecutivamente referindo-se a operações diversas de representação, analogia, adequação e outras. Aqui, evidentemente, nos deteremos na concepção saussuriana de signo. Saussure diz que

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação

⁶⁸ FOUCAULT, M. Introduction, in Arnauld (a.) et Nicole (P.), *Grammaire générale et raisonnée* In : *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 732.

⁶⁹ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 49.

⁷⁰ DELEUZE, G. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *A ilha deserta*, p. 238.

que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.⁷¹

Nesse trecho, o signo é apresentado como uma associação, uma unidade que articula um conceito e uma imagem acústica. O signo, portanto, estabelece uma totalidade de relação entre duas dimensões. O conceito, como citado, é geralmente mais abstrato representa a ideia de uma entidade. A imagem acústica representa a impressão psíquica da união dos fonemas utilizados para exprimir determinado conceito. Analogamente, a impressão acústica ou imagem sensorial também possui sua dimensão psíquica.

O signo, dessa forma, organiza esses dois polos em sua composição interna, e, por isso, Barthes escreve que o signo – tanto quanto o índice, o símbolo, o sinal⁷² – institui essencialmente uma relação entre “dois relata”⁷³. Apesar de dois polos distintos, o signo é percebido, na linguística, através da unidade deles, ou seja, não existe, em última instância, dissociação. Essas duas dimensões do signo, a imagem acústica e o conceito são o que Saussure chama respectivamente de significante e significado.

Apesar de estarem na mesma dimensão psíquica, cada um desses polos corresponde a um plano diferente. O significado (conceito) pode ser caracterizado como plano de conteúdo⁷⁴, ou seja, ele não é a coisa, mas a imagética psíquica que nos aparece a respeito da ideia de determinada entidade.

O significante (imagem acústica) pode ser caracterizado como plano de expressão, ele determina o suporte de mediação em que o signo é colocado. O conceito de impressão acústica saussuriano funda o significante em um aspecto psicológico, contudo, além disso, na linguística, o suporte em questão é da dimensão da linguagem verbal, ou seja, a substância pode ser escrita ou falada. Por

⁷¹ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 80. “Le signe linguistique unit non une chose et un nom, mais un concept et une image acoustique. Cette dernière n'est pas le son matériel, chose purement physique, mais l'empreinte psychique de ce sont, la représentation que nous en donne le témoignage de nos sens ; elle est sensorielle, et s'il nous arrive de l'appeler « matérielle », c'est seulement dans ce sens et par opposition à l'autre terme de l'association, le concept, généralement plus abstrait.” SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*, p. 98.

⁷² A qualidade dessa relação varia de acordo com cada um dos conceitos.

⁷³ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 39.

⁷⁴ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 39.

isso, o significante não é somente imagem auditiva, mas também o suporte em geral, seja gráfico ou qualquer outro⁷⁵.

Resumidamente, o signo é o *fundamento analítico* básico do estruturalismo linguístico para compreensão de operações de significação, para entendimento de uma constituição de sentido, elemento da estrutura ou sistema. A análise de um sistema de significação – seja ele o inconsciente, a cultura, os saberes, as mercadorias ou objetos – é uma análise do processo de constituição de sentido de uma estrutura composta por signos ou *função-signo*. Por sua vez, esses signos são formados por duas dimensões: significado (conteúdo) e significante (expressão). Abaixo, temos uma representação gráfica do signo no curso de Saussure.⁷⁶

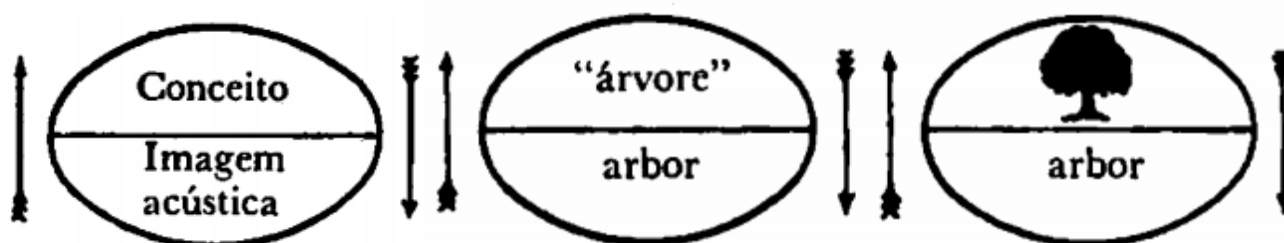


Figura 1 - Signo, Significado e Significante

1.3 Do linguístico ao semiológico

A linguística delimitou noções gerais do estruturalismo, mas a partir de sua utilização em diversas áreas do conhecimento, em diversos sistemas de signos, a análise explode a própria linguística. Por isso, esse processo admite uma lida com novos problemas, ainda que não exista um limite evidente entre análises linguísticas e semiológicas. Nesta secção debateremos a utilização da noção signo para além da linguística propriamente dita, resumidamente, debateremos a extrapolação de entendimento de signos em sistemas de significação não-verbais, isso é fundamental para o entendimento da materialidade do saber para além de sistemas de discursos verbais no pensamento foucaultiano.

O signo possui, portanto, duas categorias diferentes em sua constituição: um plano de conteúdo e um plano de expressão. Esses planos também podem ser trabalhados em análises de sistemas semiológicos, que tratam de uma linguagem

⁷⁵ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. XVII.

⁷⁶ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 80-81.

não-verbal. Mas, o que exatamente são esses sistemas semiológicos ou de significação? Veremos um exemplo citado por Barthes para que fique mais claro.

Tomemos agora outro sistema de significação: a comida. Aí reencontraremos, sem dificuldade, a distinção saussuriana. A Língua alimentar é construída: 1) pelas regras de exclusão (tabus alimentares); 2) pelas oposições significantes de unidades que ficam por se determinar (do tipo, por exemplo: salgado/açucarado); 3) pelas regras de associação, seja simultânea (no nível de um prato), seja sucessiva (no nível de um cardápio); 4) pelos protocolos de uso, que funcionam talvez como uma espécie de retórica alimentar.⁷⁷

O sistema semiológico em questão é a comida. A partir do momento que entendemos a alimentação como uma prática social, percebemos que existem registros de condutas que são constantemente reafirmados, reiterados, legitimados. Apesar das preferências individuais e das variações pessoais, existem padrões e regras que conformam nossa alimentação. Segundo Barthes, poderíamos pensar essa alimentação como um sistema de significação que opera justamente como linguagem, separando as práticas individuais (fala/uso) de uma Língua (esquema) alimentar.

O transbordamento da análise estrutural não é exatamente uma transposição da linguística para outros saberes, mas uma adaptação das categorias de análise. Essa adaptação compreende lidar com a contingência de constituição mesma desses outros sistemas de significação e suas regras de formação, além de dar conta de uma materialidade não-verbal. A primeira regra, no exemplo citado, evidencia que existem tabus alimentares, restrições que são construídas para organização dessa própria prática. Em outras palavras, uma constituição cultural desse regime de significação, padrões que balizam determinadas práticas, sendo eles endógenos ou exógenos às próprias formações sociais.

A segunda regra é muito importante. Ela determina exatamente as unidades estruturais que compõem esse regime de significação. Isso significa, como citou Barthes, que podemos entender a alimentação como uma constante oposição de significantes. Essa segunda regra nos permite assumir alguns princípios. Inicialmente, fica claro que as unidades dos sistemas de significação são signos/significantes⁷⁸. Após isso, a qualidade da disposição dos significantes

⁷⁷ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 31.

⁷⁸ Evidentemente, no exemplo citado, Barthes utiliza a noção de significante e não de signo pois está se referindo à forma, à unidade estrutural do sistema, e não ao conteúdo de um determinado

aparece como oposição. Ou seja, as unidades desse sistema estão organizadas de maneira diacrítica, diferencial, sempre uma em relação à outra. Portanto, podemos entender que os signos/significantes não possuem um valor por si mesmos, mas sempre em diferença às outras unidades, em outras palavras, de acordo com sua posição no próprio sistema.

No exemplo do trecho, Barthes cita as unidades do sistema de significação como significantes. Essa categoria de significante semiológico demonstra que o autor está tratando da dimensão formal da unidade do sistema, referindo-se ao plano de expressão em contraposição ao conteúdo. A partir disso, podemos entender que num sistema de significação não-verbal, o plano de expressão, o significante, pode possuir uma *substância* diferente, não linguística, já que no signo linguístico sua substância é fonética ou gráfica.

Para Saussure, o signo é “uma entidade psíquica”⁷⁹. Entretanto, nos sistemas semiológicos o plano de expressão do signo, o significante, pode não possuir um estatuto verbal, transformando a composição da materialidade do sistema. No exemplo acima, a comida apresenta-se como significante, nesse registro, o valor de linguagem do significante não está mais atrelado diretamente a uma linguagem verbal. Numa análise semiológica, de acordo com Barthes, o significante pode ser “objetos, imagens, gestos, etc...”⁸⁰. Ou seja, o signo possui um plano de expressão potencialmente variável, pois depende da contingência da substância desse próprio sistema semiológico. Segundo Barthes, “O signo semiológico também é, como seu modelo, composto de um significante e um significado (a cor de um farol, por exemplo, é uma ordem de trânsito no código rodoviário), mas ele se separa no nível de suas substâncias.”⁸¹.

Segundo Barthes, “o significante é um mediador: a matéria lhe é necessária”⁸². De acordo com essa matéria, o plano de expressão, a substância do signo torna-se variável. O signo linguístico, para Saussure, possui um estatuto de

processo de significação. Assim sendo, torna-se mais interessante utilizar a noção de significante ao invés de signo. Veremos mais a diante, nas seções 1.3.1.2 e 1.4, um certo eclipse do signo no significante.

⁷⁹ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 80.

⁸⁰ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 46.

⁸¹ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 46.

⁸² BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 50.

entidade psíquica e uma materialidade de *substância verbal*. Apesar disso, percebemos que a utilização de noções da linguística para análise de outros sistemas que não a língua, pode trazer um problema importante: a função-signo implica uma variedade de substância e *materialidade*.

1.3.1 Substância e materialidade

1.3.1.1 O problema linguístico

Todo esse debate a respeito da natureza do signo/significante não é marginal ou lateral até mesmo na linguística. Esse é um problema que foi constantemente abordado e revisto por linguistas. Não é demais afirmar que os autores que utilizaram o signo para além de um debate teórico sobre a natureza da linguagem tiveram que enfrentar tal questão. Quando desdobramos o problema da materialidade do signo para a filosofia, estamos falando nada menos do que o problema da linguagem e da realidade.

Hjelmslev anuncia que o campo de investigação – nos termos de Saussure – das noções de “conteúdo (significado)”, “expressão (significante)”, “forma e substância”, “constitui o núcleo central ao redor do qual gravitam necessariamente, a distâncias diversas, todas as discussões de método e princípio”⁸³. Ou seja, o tema primordial da construção de ciência linguística é a distinção clara desses conceitos. A dificuldade na formação desses conceitos suscitou um debate intenso entre os autores do campo, representando os limites que a linguística podia desenhar como campo de conhecimento e as relações propriamente com questões eminentemente filosóficas.

O próprio linguista dinamarquês problematiza a natureza psicológica do signo linguístico em Saussure e acrescenta que a linguística procurou desviar-se de um certo psicologismo⁸⁴. A questão do signo e principalmente do significante, não deve estar relacionada a uma imagem ingênua de um sujeito que expressa sua interpretação de mundo através de uma espécie de representação subjetiva. Devemos lembrar que a dimensão estrutural da linguagem é justamente o princípio que permite ir para além das contingências individuais.

⁸³ HJELMSLEV, L. A estratificação da linguagem In: *Os Pensadores XLIX*, p. 157.

⁸⁴ HJELMSLEV, L. A estratificação da linguagem In: *Os Pensadores*, p. 172.

Se se pensa sem falar, o pensamento não é um conteúdo linguístico e não é o funtivo de uma função semiótica. Se se fala sem pensar, produzindo séries de sons sem que aquele que os ouve possa atribuir-lhes um conteúdo, isso será um abracadabra e não uma expressão linguística, e tampouco será o funtivo de uma função semiótica.⁸⁵

Signo não é pensamento, pois ainda que exista conteúdo, não há função de sentido de comunicação. Por outro lado, a expressão sem atribuição de conteúdo também dificilmente pode ser caracterizada como signo. A materialidade desse suporte já é um problema na própria linguística e transborda para o estruturalismo e os pensadores franceses dessa geração. Poderíamos dizer que esse problema surge até mesmo na gramática clássica. Foucault, por exemplo, analisando a gramática de Port-Royal, diz que “os primeiros capítulos de *Grammaire* tratam da natureza material do signo, os outros, das diversas ‘maneiras de significar’”⁸⁶. Ou seja, a materialidade do signo permeia todo o campo linguístico, não somente da linguística moderna.

Segundo Saussure, não existe somente a materialidade do plano de expressão, mas existe também além do signo, a coisa como conceito linguístico. Ou seja, o signo linguístico saussuriano responde à uma dimensão que lhe é exterior, um objeto exterior à língua para determinar a significação, “a relação que se estabelece entre as coisas preexiste, neste domínio, às próprias coisas, e serve para as determinar”⁸⁷. Benveniste destaca a permanência desse terceiro elemento na teoria do signo de Saussure e problematiza justamente necessidade da substância exterior ao signo, para que ele possa determinar o objeto⁸⁸.

Se a língua é uma estrutura de formas que designa um processo de significação, ela é uma forma e não uma substância. Benveniste diz que Saussure assume esse princípio com razão, entretanto possui uma contradição na maneira como o linguista suíço define o signo linguístico e a natureza atribuída a ele.

Benveniste lembra que para Saussure o signo é arbitrário. Isso significa que não existe relação entre objeto e símbolo, coisa e signo. Uma língua denomina um determinado animal “cachorro”, em outra língua ele é denominado “dog” e não

⁸⁵ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 54.

⁸⁶ FOUCAULT, M. Introduction, in Arnauld (a.) et Nicole (P.), *Grammaire générale et raisonnée* In : *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 742, grifo e tradução nossa.

⁸⁷ SAUSSURE, F. Apud BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*, p. 45.

⁸⁸ BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*, p. 54.

existe explicação para essa relação, são formas em operação. Entretanto, isso somente pode ser estabelecido se levamos em consideração a “substância” do animal. O que isso quer dizer? Para Benveniste, Saussure afirma que a linguística é uma ciência das formas, mas precisa levar em conta uma “substância” exterior para se determinar a operação das formas. Em outras palavras, Benveniste problematiza a relação de necessidade entre o signo como entidade psíquica e a substância exterior que configura o objeto. Esse é um problema de relação da independência da substância do signo com o significado. Ainda nesse tema, Derrida critica a permanência do estruturalismo de linguistas e semiólogos ainda no esteio da metafísica, pois compreendem uma separação entre sensível e inteligível na totalidade significante/significado⁸⁹.

Hjelmslev, por sua vez, critica ideia de prevalência da forma da língua sobre a substância, comentando um trecho de Saussure. O linguista suíço diz que a substância fônica não é um molde que enforma o pensamento, mas uma “matéria plástica” composta por partes que fornecem significantes⁹⁰. Isso quer dizer que existe uma prevalência da forma da língua em relação a sua substância, no exemplo tratara como substância fônica. Dessa forma, como dito anteriormente, o autor considera que não existem ideias preestabelecidas antes da língua, ou seja, não existe precedência de conteúdo sem linguagem. Hjelmslev critica essa assunção afirmando que “Se conservamos a terminologia de Saussure, temos então de nos dar conta — e justamente a partir de seus dados — de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente”⁹¹.

Nesse debate, Hjelmslev toma como referência a necessidade da forma para existência da substância. Ele diz que é um problema a afirmação que a substância depende exclusivamente da forma. A expressão “existência independente” é uma questão bastante cara ao debate filosófico, pois remete justamente a uma pergunta sobre linguagem e realidade. Hjelmslev aponta que na teoria do signo saussuriana existe um problema sempre em torno da relação entre forma e substância, seja na

⁸⁹ “a ‘ciência’ semiológica ou, mais estritamente linguística, não pode conservar a diferença entre significante e significado — a própria ideia de signo — sem a diferença entre o sensível e inteligível”. DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 16

⁹⁰ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 130.

⁹¹ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 54.

substância de expressão do significante, sua materialidade, seja na substância da coisa como referência empírica do signo linguístico. Da mesma forma, essas questões rodeiam o problema da materialidade do signo.

Todo esse debate nos permite perceber a importância da dicotomia forma e substância nas teses dos linguistas, mas especialmente para pensarmos as implicações para o estruturalismo. A linguagem como forma é o princípio estrutural que permite o transbordamento das teses dos linguistas para propriamente o estruturalismo francês. Vamos tentar entender melhor as implicações desses problemas de forma e substância para a análise de sistemas semiológicos.

1.3.1.2 O problema semiológico

Barthes cita que Hjelmslev tem uma importante contribuição para o estudo dos signos linguísticos e semiológicos. Além da separação do signo em plano de expressão (significante) e plano de conteúdo (significado), Hjelmslev destaca a importância de investigar outra separação bifacial. Tanto no plano de expressão quanto no plano de conteúdo, temos uma divisão entre forma e substância⁹².

Primeiramente, a forma é o que pode ser descrito pela linguística, ou pelos seus instrumentos. No plano de expressão (significante) podemos entender a forma como regras sintáticas ou paradigmáticas, já no plano do conteúdo (significado) a forma é expressa pela organização formal dos significados⁹³.

Por outro lado, a substância é o “conjunto dos aspectos dos fenômenos linguísticos”, que está para além dos instrumentos linguísticos de descrição. No plano de expressão a substância pode ser fônica ou gráfica e no plano do conteúdo, ela pode ser expressa por aspectos emotivos, ideológicos do significado. Nesse debate, é importante perceber que para uma mesma forma podemos ter substâncias diferentes.

Veremos uma tabela simples para esclarecer essas relações:

⁹² BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 43.

⁹³ Ainda que seja extremamente complicado na linguagem humana separar o significado do significante, esse critério seria definido pelas possíveis marcas semânticas.

	Forma (linguístico)	Substância (extralinguístico)
Plano de Expressão (significante)	Regras sintáticas ou paradigmáticas	Fônica ou gráfica
Plano de Conteúdo (significado)	Organização formal dos significados, marca semântica	Aspectos emotivos, ideológicos, etc.

Figura 2 - Substância e Forma do Signo

Primeiramente, percebemos que existe uma diferença de materialidade entre o signo propriamente linguístico e semiológico. Agora, percebemos que essa diferença pode ser aprofundada não no nível da forma, mas especificamente no nível da substância. Aprofundando as teses da linguística moderna, Hjelmslev complexifica o debate a respeito da substância da língua ou do esquema, relativizando ainda mais as possibilidades de entender sistemas de significação para além da linguagem não-verbal. Assim sendo, surge um problema central para a geração francesa que pretendia realizar a análises de sistemas de significação através de noções estruturalistas.

Em sistemas linguísticos, a substância do plano de expressão (significante) será, eminentemente, invariavelmente fônica ou gráfica, uma linguagem verbal, desdobrando como entidade psíquica. Por outro lado, em *sistemas semiológicos*, a substância do plano de expressão não necessariamente será decorrente de uma *linguagem verbal*. A questão da linguagem permanece central, no sentido de que os signos trabalham numa gramática de processo de significação, de constituição de sentido. Contudo, para a geração estruturalista, a qualidade material dos elementos de um sistema de significação é variável. Isso significa que a substância do plano de expressão é particularmente crucial para a análise do sistema de significação.

Partindo desse problema, devemos considerar um tipo de relação especial constituída entre significante/significado, quando tratamos de sistemas de significação não linguísticos. Barthes diz que “muitos sistemas semiológicos (objetos, textos, imagens) tem uma *substância* de expressão cujo ser não está na significação: são, muitas vezes, objetos de uso, derivados pela sociedade para fins

de significação”⁹⁴. Mas, o que exatamente significa esse princípio específico de sistemas semiológicos?

Na afirmativa anterior, Barthes quer dizer que o *ser da substância* de expressão de muitos sistemas semiológicos não está na significação. O modo de ser desse sistema, o que configura seu sentido social, não está exatamente no plano de conteúdo; mas onde estaria então? O ser dessa substância de expressão estaria exatamente na conversão do sentido no próprio uso, na sua materialidade mesma. Aqui, surge uma noção bem interessante para o estudo de sistemas semiológicos: a *função-signo*. Hjelmslev trata o signo como função semiótica⁹⁵. O signo é definido por expressão e conteúdo e isso é exercido como função, uma operação formal portadora de significação. Portanto, o signo não é exatamente uma unidade, um elemento em si mesmo, mas uma *função* ou *forma* elementar. Nessas condições, a origem utilitária restitui unidade entre técnico e significante e culmina em um *eclipse da significação na substância do significante*.

Um exemplo de análise de signo semiológico pode ilustrar esse fenômeno: “o uso da capa de chuva é proteger da chuva, mas este uso é indissociável do próprio signo de certa situação atmosférica”⁹⁶. Poderíamos fazer uma utilização aleatória da capa de chuva, como obra de arte ou somente artigo de moda. Entretanto, sua substância material já expressa o campo de significação potencial, a utilização, que é proteger da chuva. Ou seja, o signo é indissociável de sua função de uso. Quando estamos tratando de objetos, por exemplo, sua utilização, seu valor de linguagem, já está contido em sua própria materialidade. E, assim sendo, neste sistema semiológico utilizado como exemplo – que poderia ser de objetos de vestuário – o ser ou a constituição de sentido é independente da significação, e está na relação entre *funcionalidade* e significante. Poderíamos dizer que o significante é instrumental, pois nunca é separado do significado no signo. Dessa forma, cada um mantém sua funcionalidade estrita. A função-signo representa uma *transubstanciação* do processo de significação mesmo, e, portanto, a funcionalidade já engloba o domínio de sentidos possíveis de um processo de significação.

⁹⁴ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 43.

⁹⁵ HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 53.

⁹⁶ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, pp. 44-45.

Agora, estamos diante do problema próprio da análise de sistemas semiológicos – que já permeava a relação entre substância e forma no signo –: a materialidade do signo/significante. Esse problema semiológico é importante para direcionar nossa leitura da materialidade de saber dos sistemas foucaultianos, pois permite entender que as noções do estruturalismo utilizados por Foucault possibilitam pensar sistemas de saber com elementos não verbais em processos de significação.

1.4 A supremacia do significante

Nos termos deste trabalho, a pergunta sobre a materialidade deve ser entendida também através da relação entre linguagem e realidade. Uma análise em termos linguísticos não significa uma espécie de idealismo subjetivo, não significa que o mundo é um aglutinado de interpretações. Esse é um problema bastante caro para a filosofia de todo o século XX e até século XXI. Tal relação é demasiado frutífera para não ser aprofundada no pensamento de Michel Foucault, pois isso permite lançar luz à posição do filósofo a respeito de uma abordagem materialista de forma ampla.

Expondo em termos resumidos nosso problema nesse tema: o estruturalismo não é uma teoria sobre o discurso verbal, mas sobre estruturas formais de compreensão. Um sistema simbólico é o que trabalha em nós à revelia de nós mesmos. Isso não significa, de maneira nenhuma, a defesa da soberania de sistemas discursivos verbais sobre outros, mas uma análise de *sistemas de significação* de forma ampla. Agora, devemos especificar o que implica para a relação linguagem/real quando em sistemas semiológicos existe o eclipse do significado no significante.

Falávamos de “estruturalismos”. Compreendemos algumas das suas obsessões (se obsessão é a palavra indicada para designar o impensado de uma teoria), e entrevistamos, em certos pontos de insistência, a problemática nova que a pouco e pouco se esboçava. Com Lacan e Lévi-Strauss, é uma “razão natural”, que tem como modelo formal a estrutura da linguagem, razão anterior a todas as razões e cujas razões nem sempre a nossa razão entende, razão que nos percorre e envolve para, em certos instantes de clareza e plenitude, coincidir com o nosso desejo mais íntimo. É toda origem simbólica da sociedade que está em causa, é a predominância da palavra, ou melhor, do significante, que subitamente se impõe na inscrição enigmática de uma Letra ou de uma Lei. [...] Assinale-se, aliás. Que a existência dessa “razão natural”, expressa na *materialidade do significante*, é a única forma rigorosa científica de retirarmos à consciência bases do seu totalitarismo absorvente. De modo algum podemos identificar o real com o significado e o pensamento com o significante. Todo o ensino de Lacan nos prova o contrário, e assim nos faz concluir que *a supremacia do significante sobre o significado é apenas a supremacia do real em relação ao pensamento* – o princípio materialista, portanto.

Quanto a Foucault e Barthes, eles aplicam a soma deste saber em domínios circunscritos: na história da cultura, na literatura, em códigos da sociedade atual. Enquanto que para Lévi-Strauss e Lacan é a “razão natural” ou o inconsciente que constituem o Sistema onde o indivíduo se move na sua ilusão de liberdade, enquanto que para Althusser e para

os marxistas que com ele colaboraram é o modo de produção que determina o Sistema (sistema datado que historicamente vai preencher formas *vazias* que constituem o objeto da psicanálise e da etnologia), para Foucault, existe em cada época uma *episteme*, isto é, um horizonte epistemológico que condiciona inconscientemente o modo de formular de todos os problemas e as respostas que a esses problemas o homem poderá dar, mesmo quando tais problemas se opõem entre si o mais conflituosamente possível, e é esta *episteme* que constitui outro nível do Sistema de sistemas onde o sujeito se insere.⁹⁷

A razão natural de Lévi-Strauss forma todo o campo da cultura entendida como linguagem. Contudo, o autor não define o simbólico como um campo povoado de discursos sobre o mundo, muito pelo contrário. O antropólogo francês defende que tal razão natural, evidentemente inconsciente para o humano, possui uma relação íntima com “mecanismos biológicos” e “psicológicos”⁹⁸. De forma interessante, o autor fundamenta a *estrutura* em fenômenos fisiológicos.

Temos, no exemplo de Lévi-Strauss, uma relação entre realidade e linguagem relativamente definida. Essa posição não alinha o antropólogo às teses do que ele chama de linguística estrutural. Ele afirma que “a língua não reside nem na razão analítica dos antigos gramáticos, nem na dialética constituída da linguística estrutural, nem na dialética constituinte da práxis individual defrontada com o prático-inerte, já que todas três a supõem”⁹⁹. Isso já nos permite levantar a hipótese da motivação de alguns desses autores franceses furtarem-se da alcunha de estruturalista, buscando desviar sua posição de uma espécie de problemas próprio de linguistas, ou seja, entendendo por estruturalista aquele que remonta seus problemas à linguística estrutural. Nesse trecho, podemos perceber que Lévi-Strauss preocupa-se com o simbólico de outra forma afastando-se de uma percepção do simbólico sem fundamento material, ou desviando-se dos signos como fruto exclusivamente de representações mentais, do psicologismo da estrutura.

Por outro lado, temos outra posição interessante para analisar no trecho acima destacado. Coelho explica que, para Lacan, entender a primazia da materialidade do significante no processo de significação é o mesmo que entender uma primazia do real sobre o pensamento, criando um *princípio materialista*. O que significa isso? Como tratamos anteriormente, o real não pode ser identificado com

⁹⁷ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. L – LI, grifos do autor.

⁹⁸ LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*, p. 287.

⁹⁹ LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*, p. 287.

o pensamento, o real não é idealismo subjetivo nesse sentido, um relativismo interpretativo. Em outros termos, o processo de significação não é exatamente determinado no plano de conteúdo individual, mas existe a incidência da qualidade da substância do significante na significação, existe a *materialidade do signo*.

A supremacia do significante é a supremacia do plano de expressão em relação ao plano de conteúdo. A análise de sistemas semiológicos implica na consideração da primazia das particularidades da materialidade do significante como eclipse do significado, como valor de linguagem. A ordem simbólica, continuando com o exemplo de Lacan, não se exprime através de conteúdo, mas de formas vazias, significantes – que remetem à inscrição de sentido através da substância da materialidade.

Para Lacan, a onipresença da estrutura define-se pela relação própria entre humano e linguagem¹⁰⁰. Isso quer dizer que a constituição do real somente pode ser através da linguagem, a relação com o *real* é uma relação necessariamente *significativa*, e, dessa forma, condicionada à linguagem. Ou seja, o *princípio materialista* da predominância do *significante em relação ao significado* ainda está vinculado à necessidade da linguagem como estrutura de compreensão do mundo. Não existe contradição entre materialismo e estruturalismo, muito pelo contrário.

Barthes também reafirma a necessidade da linguagem como evento de compreensão e articulação de sentido. O autor constata a incontornável presença da linguagem para os processos significação. Não é demais afirmarmos a relação de necessidade entre linguagem e ser, ontologia.

parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos *significados* possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem.¹⁰¹

Percebemos que esse aprofundamento filosófico dos conceitos estruturalistas expressam a relação entre real e linguagem, que não é, de forma alguma, um desdobramento direto das teses dos linguistas modernos, mas matiza-se de acordo com cada autor. Por outro lado, ainda persiste o princípio linguístico do domínio da linguagem, necessário para a análise de sistemas de significação.

¹⁰⁰ LACAN, J. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse In: *Écrits*, p. 265.

¹⁰¹ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 12.

Isso não quer dizer, entretanto, que não seja possível uma posição materialista a partir disso, melhor dizendo, *posições materialistas*.

De acordo com esse trecho, percebemos que vários problemas do pensamento foucaultiano já estavam presentes na abordagem estruturalista, como uma crítica da consciência, do sujeito, da verdade e até mesmo da representação. Essa circunscrição de Foucault à influência estruturalista não é estranha ao seu próprio pensamento, essa “razão natural” que o trecho acima trata (o próprio campo simbólico) pode ser percebida na fala de Foucault explicando sua utilização da noção de *sistema*.

A importância de Lacan está em que ele mostrou como, através do discurso do doente, e dos sintomas da sua neurose, são as estruturas, o próprio sistema da linguagem – e não o sujeito – que falam... Antes de toda a existência humana, antes de todo o pensamento humano, haveria já um saber, um sistema, que nós redescobrimos.¹⁰²

Portanto, o que permanece a ser explorado é uma hipótese de uma perspectiva *materialista* na noção de saber foucaultiana, amparada em *noções* estruturalistas. Ou seja, a formação dos saberes no Ocidente, no trabalho do filósofo, não é diretamente determinada por problemas da ordem das ideias, mas as próprias noções de *discurso* e *saber* estão vinculadas aos problemas da linguagem, não somente no plano do conteúdo, mas também no *plano de expressão*. Não defendo que esse é um princípio geral do trabalho foucaultiano, mas um problema central que aparece em seus trabalhos arqueológicos dos anos de 1960.

Em diversas situações, Foucault citou a questão específica da materialidade em suas pesquisas. Quando esteve na PUC – Rio, em 1973, lembrou que estava preocupado com a “materialidade dos discursos”¹⁰³, e que “a capacidade da linguagem, sua materialidade, se tornou um problema”¹⁰⁴. Toda questão do enigmático “materialismo do incorporel”¹⁰⁵ é ainda um assunto não suficientemente explorado com profundidade em sua obra.

¹⁰² FOUCAULT, M. Entretien avec Madeleine Chapsal In: *Dits et Écrits I*, p. 515, tradução livre.

¹⁰³ FOUCAULT, M. La vérité et les formes juridiques In: *Dits et Écrits II*, p. 633. MACHADO, R. *Impressões de Foucault*, p. 35.

¹⁰⁴ FOUCAULT, M. La vérité et les formes juridiques In: *Dits et Écrits II*, p. 645.

¹⁰⁵ “Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporel”. FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*, p. 54

Proponho que a questão da materialidade dos saberes e dos discursos no procedimento arqueológico não pode ser entendida em sua complexidade sem as noções do estruturalismo e o seu problema da materialidade da linguagem. Não é comum alguns comentadores apoiarem-se no problema da materialidade tratando linguagem apenas como discurso verbal¹⁰⁶. Ou seja, utilizam a noção de discurso como evento/acontecimento para elucidar essa questão tendo como referência uma análise de linguagem fora do escopo do signo e da materialidade da linguagem.

Existe diversas pistas de um *princípio materialista* na arqueologia foucaultiana baseado em *noções estruturalistas*, que aparece nas obras de diversas formas distintas. A reconstrução dessas pistas nos permite entender melhor os sistemas de saber analisados por Foucault, e, mais especialmente, sua materialidade. Entretanto, esse caminho analítico não é evidente. O confronto com as condições históricas dos saberes coloca Foucault diante do problema da relação entre formações discursivas e extradiscursivas ou formações econômicas, indo para além de uma análise histórica marxista tradicional.

Nessa secção, buscamos levantar o problema do significante brevemente na linguística, semiologia e estruturalismo. Mais adiante, iremos aprofundar essa hipótese através de suas obras ao longo dos anos de 1960. Partimos da premissa que o problema da materialidade do saber não foi tratado de forma homogênea, por isso mesmo, opto por abordar cada texto em sua complexidade isolada, como destacado anteriormente, fazendo justiça ao próprio gesto filosófico foucaultiano de construir instrumentos analíticos de acordo com cada objeto em debate.

Entretanto, antes de aprofundar na obra foucaultiana iremos explorar alguns elementos do estruturalismo francês. Esse caminho tem o objetivo de entender os instrumentos estruturalistas de forma mais específica, recortada na tradição filosófica francesa, e como consolidam uma linha lógica entre autores de abordagens e campos tão distintos. Tal debate nos ajudará a compreender melhor alguns instrumentos do “método” foucaultiano, de sua atividade estruturalista. O fio condutor traçado por Gilles Deleuze nos permite entender um pouco melhor os tipos de problemas próprios do debate filosófico da época, dito grosseiramente, nos

¹⁰⁶ Ver GIMBO, F. *Para Uma Análise Performativa do Discurso: Foucault e o “Materialismo do Incorporal”*; JOURDAN, C. *Foucault e a ruptura com a representação*.

permite pensar também como o estruturalismo operava como atividade para além da linguística e semiologia.

1.5 Elementos (pós-)estruturais

A análise da linguística estrutural de Saussure e outros linguistas constituiu uma base para que o estruturalismo pudesse realizar-se em um campo de dispersão. O que não podemos deixar de considerar é que o estruturalismo, para além da linguística, não é a aplicação de métodos que tiveram êxito nessa área¹⁰⁷. Contudo, como Deleuze conclui, “só há estrutura daquilo que é linguagem, nem que seja uma linguagem esotérica ou mesmo não-verbal.”¹⁰⁸. Se para Saussure o objeto da linguística é a língua, a qual faz parte da linguagem, opondo-se à fala, para os estruturalistas não-linguistas – se pudermos falar assim – existe uma linguagem não-verbal, como diz Deleuze, que aparece ainda como *estrutura*, ou *sistema* de signos/significantes.

Após entender um pouco melhor uma genealogia do estruturalismo na linguística, percebemos como ele dispersou-se também para uma análise de sistemas de significação mais gerais, também nomeados de sistemas semiológicos. Antes de debatermos especificamente a obra de Foucault, é interessante destacar algumas características desse campo mais aberto que se desenvolveu o estruturalismo filosófico, antropológico e psicanalítico francês. Traçaremos critérios importantes presentes na leitura deleuziana: o simbólico, a posicionalidade e o valor, a diferença, a serialidade.

1.5.1 O simbólico

Deleuze escreve que o primeiro critério para se reconhecer o estruturalismo é a descoberta de uma terceira instância, uma terceira ordem. Tradicionalmente, estamos acostumados a entender uma relação de sentido no mundo realizada a partir de uma relação entre real e imaginário. Vários pensadores através da história conceberam a relação do humano com o mundo através de um tensionamento entre real e imaginário. Deleuze cita que até o freudismo é concebido na perspectiva de um princípio de realidade e um princípio de prazer com potência alucinatória¹⁰⁹. O jogo de oposição e complementariedade entre imaginário e real perpassam o pensamento Ocidental, se pudermos dizer assim.

¹⁰⁷ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 113.

¹⁰⁸ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 113.

¹⁰⁹ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 113.

Por outro lado, a abordagem estruturalista coloca uma terceira ordem nesse tensionamento: o simbólico. A constituição de sentido do humano, agora, seria entendida a partir de três ordens: o real, o imaginário e o simbólico. O simbólico, para o estruturalismo, não se confunde com o imaginário, ele é de uma ordem sistêmica.

O imaginário é a parte do duplo, o jogo de espelhos que acontece no tensionamento entre subjetividade e real. Assim sendo, no imaginário se desenvolve um campo de identificações e projeções. Esses tensionamentos são realizados a partir da subtração do real da equação com o simbólico e o imaginário. O real é aquilo que organiza o sentido de totalidade, de unificação.

O simbólico precede tanto o imaginário quanto o real no processo de significação. Por exemplo, Deleuze diz que Lacan é o que mais aprofunda a distinção entre real, imaginário e simbólico. Para Lacan, na psicanálise, a lei não organiza somente um pai real e um pai imaginário, existe também um pai simbólico ou o Nome-do-Pai. Temos um pai real, mas também imagens de pai, e os dramas e atritos são desenvolvidos através das relações entre essas dimensões. Contudo, essas mesmas relações devem ser pensadas no seu limite de capacidade estrutural, nos processos que elas constituem o inconsciente a partir de um plano simbólico. Ou seja, essa capacidade estrutural de formação do sentido não é da ordem do imaginário, pois dessa forma “o linguista estruturalista descobre um elemento de natureza totalmente diferente, o objeto estrutural”¹¹⁰.

O estruturalismo, portanto, investiga essa *ordem simbólica* que pressupõe tanto a constituição do real quanto do imaginário. Por isso mesmo, podemos dizer que essa estrutura de ordem simbólica “não tem relação alguma com uma forma sensível, nem com uma figura da imaginação, nem com uma essência inteligível”¹¹¹. Apesar dessa estrutura não ser a forma de um todo, pois não é percebida na autonomia de sua inteireza, nem na identificação atômica de suas partes, mas apenas na organização funcional das unidades, ou na sua posição diacrítica de suas possíveis variações.

¹¹⁰ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 114.

¹¹¹ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 114.

Essa ordem mais profunda é o que possibilita Lévi-Strauss dizer que a cultura se estrutura como linguagem e Lacan dizer que o inconsciente se estrutura como linguagem. Nesse sentido, Deleuze nos lembra que “para além da história dos homens, e da história das ideias, Michel Foucault descobre um solo mais profundo, subterrâneo, que constitui o objeto daquilo que ele chama de arqueologia do pensamento”¹¹². Ou seja, para Foucault a ordem simbólica pode ser mapeada através de uma certa arqueologia do pensamento, um plano simbólico de constituição dos saberes. Isso já implica em desconstruir a hipótese de a categoria de discurso foucaultiana ser atrelada ao campo do imaginário, ou ao relativismo subjetivo. O discurso, já podemos adiantar, não é efeito de um sujeito, mas em sentido estruturalista é atravessado pela ordem simbólica da linguagem.

Evidentemente, o simbólico é uma instância desdobrada para sistemas semiológicos da noção saussuriana de língua. Barthes aponta um problema interessante no desdobramento da dualidade saussuriana língua/fala. Nada entra na língua que não tenha sido articulado na fala antes, e, paradoxalmente, parece que não existe nada na fala que língua não tenha contemplado minimamente. Por isso, a relação de precedência língua/fala não é claramente percebida.

Por outro lado, o desdobramento dessa analítica para sistemas semiológicos implica em uma particularidade. Como diz o filósofo francês, “para a maioria dos outros sistemas semiológicos, a língua é elaborada, não pela ‘massa falante’, mas por um grupo de decisão”¹¹³. Isso quer dizer que a ‘origem’ ou a formação do sistema simbólico é passível de genealogia. Aqui, surge um problema importante para o pensamento foucaultiano, pois torna-se uma grande questão entender a formação de determinados saberes através de uma investigação de seus elementos. Ou seja, a arqueologia foucaultiana pretende escavar justamente o processo de formação de determinados saberes através de sua lógica de funcionamento.

A sombra dos limites do estruturalismo encontra-se de forma evidente nessas pesquisas foucaultianas, e é exatamente nesse ponto que Foucault também demonstra uma contribuição particular de resposta às teses estruturalistas. Dito de outra maneira, a arqueologia foucaultiana utilizando noções estruturalistas precisa

¹¹² DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 114.

¹¹³ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, pp. 32-33.

lidar com a dialética língua/fala, esquema/uso. Dessa forma, dialeticamente ainda existe uma formação do saber que implica não somente na determinação unilateral do simbólico, mas em um movimento inverso do discurso como acontecimento em direção à episteme, ou uma quebra da soberania da estrutura¹¹⁴.

Partindo do ponto que o simbólico é estrutural, não é possível confundi-lo com o pensamento. Foucault trabalha com uma noção de saber organizada a partir de funcionalidades estruturais, regras de formação, regularidades práticas. O nível simbólico não pode ser interpretado como um relativismo amplo, em que todo discurso é possível e possui valor de verdade, muito pelo contrário. Veremos que um enunciado para estar no nível de um saber precisa atender a regras de estruturação bem delimitadas ou condições de possibilidade.

O simbólico é, portanto, uma forma sistêmica que compreende relações entre elementos. Esses elementos, por sua vez, não possuem designação extrínseca, tão pouco possuem designação intrínseca. Eles possuem justamente um sentido de posição. Assim sendo, Deleuze afirma que um segundo critério fundamental do estruturalismo é o local ou a posição. O simbólico, nesse sentido, possui uma espacialidade que não é propriamente extensiva, pois não compreende um tipo de direcionalidade, mas sim de posicionalidade.

1.5.2 A posicionalidade

A posicionalidade ou localidade é o critério que suporta a abordagem topológica e relacional do estruturalismo. Quando os elementos são tratados em seu campo analítico próprio, o que está em jogo é sempre o lugar que ele ocupa no sistema, e isso compreende exatamente não entender esses elementos de contornos empíricos, nem propriamente os desdobramentos reais desses elementos. Por outro lado, o local aqui quer dizer a posição topológica que aquele sistema de significação compreende. Deleuze cita um exemplo.

Quando M. Foucault define determinações tais como a morte, o desejo, o trabalho, o jogo, não os considera como dimensões da existência humana empírica, mas antes como a qualificação de locais ou de posições que só virão ocupá-los secundariamente, desempenhando seus papéis segundo uma ordem de vizinhança que é da própria estrutura. É por isso que Foucault pode propor uma nova repartição do empírico e

¹¹⁴ Debateremos mais detidamente essas duas questões (1 – a capacidade estrutural do discurso; 2- o discurso como acontecimento) na secção 3.2.1 e 3.2.1.1.

do transcendental, sendo este último definido por uma ordem de locais independentemente daqueles que os ocupam empiricamente.¹¹⁵

Segundo essa leitura, Deleuze esclarece que as determinações analisadas por Foucault operam como elementos de um sistema simbólico. Cada termo citado (a morte, o trabalho, o desejo, o jogo) está diretamente relacionado à precedência de uma estrutura simbólica que funciona a partir de uma ordem de vizinhança, suportando a constituição propriamente empírica. Os elementos analíticos, como no exemplo citado, não possuirão uma significação fundamental de acordo com uma existência humana pré-concebida, nem na materialidade empírica dessa existência, mas estarão sujeitos ao processo de significação na distribuição diacrítica dessa espacialidade sistêmica. Dessa forma, esses elementos serão entendidos nas especificidades do sistema, não em suas propriedades fenomênicas. A dimensão empírica também não pode ser entendida em termos históricos no pensamento foucaultiano, por exemplo, quando Foucault examina um determinado período histórico, os elementos não são acontecimentos da ordem da realidade factual, mas somente possuem significação no solo estrutural da ordem histórica, construindo assim também sua singularidade.

O critério de posição é uma dimensão interessante para colocar em perspectiva com o trabalho foucaultiano. A composição topológica estrutural aparece como espaço diacrítico eventualmente unidimensional. Ou seja, a distribuição espacial do simbólico não necessariamente implica níveis distintos de distribuição de signos, a não ser pelas séries – quer veremos mais adiante. Contudo, em *A Arqueologia do Saber*, Foucault parece separar em estratos os níveis de enunciado, discurso e arquivo.

A questão da localidade e da posição tem por consequência um grande apreço do estruturalismo tanto pelo teatro, quanto pelos jogos¹¹⁶. Não por acaso, Foucault descreve a própria filosofia como um teatro. Ele diz que em Deleuze é

¹¹⁵ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 115.

¹¹⁶ Deleuze cita um exemplo de Althusser analisando o teatro de Brecht para interpretar Marx, destacando um teatro de posições e locais – que não são realidade, nem ideias –, na dramaturgia desse autor. DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?* p. 116. Derrida cita a dinâmica da cena no teatro para tratar a relação de representação contingente e a política para Rousseau. DERRIDA, Jaques. *Gramatologia*, p. 372. Baudrillard utiliza frequentemente em seus ensaios a noção de *obsceno* como aquilo que ultrapassa a cena, a encenação, para além do jogo e da ilusão, inclusive analisando o fenômeno da pornografia. BAUDRILLARD, J. *Estratégias Fatais*, p. 44.

possível ver “a filosofia não como pensamento, mas como teatro: teatro de mímicas, com cenas múltiplas, fugidas e instantâneas, nas quais os gestos, sem se verem se fazem signo”¹¹⁷. Ou seja, a teatralidade permite o ordenamento de locais como papéis dentro de certo sistema definido, evidentemente um sistema simbólico. Nesse exemplo, percebemos a filosofia como o próprio palco que organiza a trama, campo simbólico que organiza uma trama de mímicas e papéis.

Aplicar à filosofia a perspectiva do teatro é bastante interessante. A posição de cada discurso, cada corrente, cada autor entra no jogo da cena, seguindo regras delimitadas, indumentárias e assistida por público. Personagens são autores, correntes ou mesmo obras; mas além disso, eles são signos. Não podemos esquecer do principal: toda peça guiada por um roteiro geral do que deve ser dito e não dito; seria esse o teatro da episteme? Das condições de possibilidade para os discursos filosóficos?

O jogo funciona de forma parecida. A lógica de um jogo é aquela que combina determinados elementos em locais definidamente ou indefinidamente distribuídos num espaço determinado. Desde o xadrez até o baralho, os jogos são responsáveis por definir e redefinir localizações dos elementos através de uma regra aceita e compactuada pelos participantes. Baudrillard tratou bastante sobre o jogo e a maneira em que ele instaura uma regra em oposição à Lei simbólica. Ele analisa que “A Regra atua sobre um encadeamento imanente de signos arbitrários, ao passo que a Lei baseia-se num encadeamento transcendente de signos necessários”¹¹⁸. Ou seja, o jogo é responsável por promover um “pacto simbólico” estritamente contingente, podendo operar até em contraposição ao espaço simbólico da própria Lei.

Derrida pensa a ideia de jogo de uma maneira parecida. Tratando das ciências humanas e da episteme, ele diz que a estruturalidade da estrutura sempre foi submetida a um centro de organização, um lugar que determina uma origem fixa para essa episteme. A posicionalidade dos elementos é dinamizada a partir da lógica do jogo, que brinca com a dança dos significados. Derrida busca desconstruir a funcionalidade de um centro estrutural, “Esse centro tinha como função organizar

¹¹⁷ FOUCAULT, M. *Theatrum Philosophicum*, In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 254, grifo nosso.

¹¹⁸ BAUDRILLARD, J. *Da Sedução*, p. 150.

a estrutura – não podemos efetivamente pensar uma estrutura inorganizada – mas sobretudo levar o princípio de organização da estrutura a limitar o que poderíamos denominar *jogo* da estrutura”¹¹⁹.

A dinâmica da posicionalidade, do local variável de cada elemento, é radicalmente relacional, diacrítica, diferencial. Isso pode ser percebido claramente nos termos do jogo, com suas regras específicas, papéis permutáveis, situações contingentes em que cada devir é um encadeamento imanente de disposições funcionais. Ainda sobre a posicionalidade, temos um outro critério bastante parecido, o valor.

1.5.3 O valor

Quando pensamos na funcionalidade do critério de posição descrito por Deleuze, parece bastante similar à questão do valor do signo. O signo “em si mesmo”, como totalidade, é uma abstração arbitrária para exercício analítico e metodológico, pois o valor admite que o signo está sempre em relação a outro, em outras palavras, mudando seu valor, muda também o sistema¹²⁰. O valor não é a significação, pois o problema do valor é muito além da totalidade do signo, diz respeito à sua localidade relativa. Portanto, como diz Saussure, “O que haja de idéia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos”¹²¹. Isso significa que o valor do signo expressa uma estrutura diferencial, e não uma identidade positiva de cada elemento.

Naturalmente, o valor é a posicionalidade. Os dois são expressidos pela ausência de positividade do signo, pela sua negatividade em relação ao outro, ou seja, a questão do valor poderia ser explicada pela posicionalidade. Todavia, a noção de valor possui uma relação específica com o desdobramento da função-signo para análise semiológica, e, é necessário citar esse ponto.

A questão do valor é muito cara para a atividade estruturalista francesa. Barthes faz um tópico sobre esse tema ao lado do signo, significado e significante, explorando seu potencial semiológico. O potencial do critério de valor do signo

¹¹⁹ DERRIDA, J. *A Escritura e a Diferença*, p. 230.

¹²⁰ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 43.

¹²¹ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 139.

“leva a despsicologizar a linguística e a aproximá-la da economia”¹²². De que forma se relaciona o princípio de valor do signo com o de valor econômico? Essa abordagem estruturalista demonstra um potencial político bem interessante para análises sociológicas e de antropologia econômica.

O simbólico é um sistema de posições e diferença, mas também é um sistema de equivalências. Nesse ponto, o valor do signo no processo de significação representa uma homologia ao valor econômico das trocas sociais. Dito de outra forma, é possível explorar a hipótese da linguagem e da economia como sistemas de troca e uso. Barthes destaca que

Para que haja signo (ou valor econômico) é preciso, portanto, poder permutar coisas similares entre si: pode-se trocar uma nota de Cr\$ 5.000,00 por pão, sabão ou cinema, mas pode-se também comprar essa nota com notas de Cr\$ 10.000,00, de Cr\$ 50.000,00 etc.; do mesmo modo, uma ‘palavra’ pode ser ‘trocada’ por uma ideia (isto é, o dessemelhante), mas pode ser comparada com outras palavras (isto é, o similar).¹²³

A moeda é o vetor de um circuito de troca social, uma determinada quantia de dinheiro pode ser trocada por mercadorias ou trabalho – que também se apresenta como mercadoria. Da mesma forma que o signo apresenta um valor diacrítico e relativo, a moeda se apresenta como uma forma estrutural em um sistema de diferencialidade. Saussure utiliza exatamente o exemplo monetário para explicar o sistema de valor de um signo. O ponto crucial do valor não está exatamente na relação entre significante e significado, ou seja, o valor linguístico do signo é o que ele pode designar, mas vai muito além disso. Saussure diz a respeito da moeda que “seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela”¹²⁴. Ou seja, a noção de valor não pode ser confundida com significação – que é exatamente o que o signo pode designar. O valor é o que determina tanto o signo, quanto a moeda, segundo Saussure, de maneira negativa e estrutural.

A partir disso, abre-se todo um campo para o estruturalismo comparar linguagem e economia política, pois existe uma homologia entre estrutura linguística e economia política segundo o critério de valor. Baudrillard examina detidamente essa homologia, uma aproximação entre Saussure e Marx através da

¹²² BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 56.

¹²³ BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 57.

¹²⁴ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 134.

noção de valor¹²⁵. O filósofo francês reafirma a distinção saussuriana entre valor como designação e negatividade e ainda estabelece uma relação entre a significação como valor de uso (dimensão funcional da linguagem) e a negatividade como valor de troca (dimensão estrutural da linguagem).

De acordo com isso, Baudrillard fundamenta toda uma analítica da transformação das trocas sociais e constituição de sentido na contemporaneidade. A relação incestuosa entre linguística e economia política, seguindo o filósofo, permite ir para além da divisão clássica marxista de infraestrutura e superestrutura. Esse debate é importante para entender a especificidade da produção teórica estruturalista francesa, reorganizando a crítica do capital e materialismo histórico. Não se trata de uma analítica de discursos, e muito menos de uma teoria semiótica.

1.5.4 A diferença

Entendemos que a posicionalidade implica em um tipo de relação específica e também pode ser compreendida como valor do signo. Poderíamos apontar um outro critério fundamental do pensamento estruturalista: a diferença¹²⁶. Segundo esse critério de posicionalidade, o tipo de relação que se estabelece é sempre uma relação do tipo diferencial. Mas, o que significa entender que as relações entre determinados elementos são sempre diferenciais?

Deleuze cita um exemplo matemático que parece bastante útil, seguiremos por ele para elucidar formalmente as relações de diferencialidade que constituem os elementos. Se os elementos são de um plano real, eles possuem valores determinados, ou melhor, valores autônomos e soberanos. No plano simbólico, esses valores não são autônomos, mas diferenciais. Deleuze apoia-se no cálculo

¹²⁵ Essa aproximação é complementada pelo conceito de troca/dádiva de Marcel Mauss, demonstrando uma dimensão antropológica de trocas sociais. BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*, p. 7.

¹²⁶ A noção de diferença é frequentemente traçado como ponto comum dos chamados pensadores pós-estruturalistas. De certo modo, não seria demais citar que ao explorar a relação sistema-elemento o estruturalismo abre todo um caminho para pensar a potência da diferença/diferenciação em si mesma, para além do sequestro da singularidade pela identidade. Existe, entretanto, especificidades conceituais nas diversas abordagens da ideia de diferença – como presente nos trabalhos de Derrida (Cf. DERRIDA, J. *Escritura e Diferença*) e Deleuze (Cf. DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*), por exemplo. Nos trabalhos de Deleuze e Derrida diversas formas de grafia destacam as nuances da noção de diferença como diferenciar, diferenciar, diferencia, dyferença, etc. Aqui, optarei por não entrar no mérito de especificidade de cada termo e tratarei diferença de uma maneira mais abrangente e sua função própria na estrutura.

diferencial para demonstrar a natureza das relações simbólicas em sua categoria formal.

Podemos distinguir três tipos de relações. Um primeiro tipo se estabelece entre elementos que gozam de independência ou de autonomia: por exemplo $3+2$, ou mesmo $2/3$. Os elementos são reais, e também essas relações devem ser ditas reais. Um segundo tipo de relações, por exemplo $x^2 + y^2 - R^2 = 0$, se estabelece entre termos cujo valor não é especificado, mas que devem, no entanto, em cada caso ter um valor determinado. Mas o terceiro tipo se estabelece entre elementos que, entretanto, se determinam reciprocamente na relação: assim $ydy + xdx = 0$, ou $dy/dx = x/y$. Tais relações são simbólicas, e os elementos correspondentes são tomados numa relação diferencial. Dy é completamente indeterminado com relação a y , dx é completamente indeterminado com relação a x : nenhum tem nem existência, nem valor, nem significação. No entanto, a relação dy/dx é completamente determinada, sendo que os dois elementos se determinam reciprocamente na relação. É este processo de uma determinação recíproca no interior da relação que nos permite definir a natureza simbólica.¹²⁷

Não precisamos entrar no mérito das especificidades matemáticas do exemplo de Deleuze. Apenas nos serve de ilustração para entender a funcionalidade da diferença na abordagem estruturalista. A álgebra é um campo em que a noção de estrutura é bastante operativa, “uma estrutura algébrica é um conjunto formado por quaisquer elementos, mas entre os quais existem a defini-los uma ou várias leis de composições ou operações”¹²⁸. Portanto, as formações algébricas podem servir de modelo para uma gramática de operações entre elementos.

A primeira expressão é uma simples operação aritmética, seja de adição ou subtração. Os elementos possuem valores reais, independentes. Nos exemplos seguintes, a relação já pode ser qualificada como equação ou função, ou seja, tipos de relações mais complexas. O termo função já admite que uma variável está em função de outra variável, e, portanto, seu valor já parte de uma interdependência mínima. A própria concepção de cálculo admite que no trabalho com funções, os elementos são colocados em certa situação prática que exige uma atividade determinada. Avançando para o cálculo infinitesimal, temos uma qualidade de relação eminentemente diferencial.

No primeiro tipo de relação ($3 + 2$ ou $2 \div 3$), como dito anteriormente, os elementos possuem um valor independente, ou seja, seus valores individuais

¹²⁷ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 116.

¹²⁸ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. XXI.

enquanto unidades da operação – seja relação de soma ou divisão – não variam a partir da expressão em questão, apenas o resultado. No segundo tipo de relação ($x^2 + y^2 - r^2 = 0$), apesar de os valores não serem determinados, fixados como 2 ou 3 no exemplo anterior, eles devem ser determinados, ou possuir uma referência fixa. Por outro lado, no último tipo de relação ($ydy + xdx = 0$ ou $dy/dx = x/y$), os valores de cada elemento além de não serem especificados, são também indeterminados ou expressos unicamente através da relação da diferencialidade que existe entre eles. Em outras palavras, o valor desses elementos não pode existir por si mesmo, não pode ser naturalizado, mas sua gramática se estabelece sempre na medida em que eles se determinam um ao outro, uma relação simbólica. A diferencialidade pode ser lida como desdobramento filosófico da noção saussuriana de valor do signo¹²⁹, ou seja, na perspectiva da constituição diacrítica do signo já está a concepção filosófica de diferença, que atravessou toda essa geração francesa.

Do ponto de vista de uma leitura estruturalista foucaultiana, não seria produtivo especificar as potências intensivas da diferença, em sua capacidade de vetor diferenciador estrutural. Esse tipo de preocupação parece ser muito mais pertinente à filosofia deleuziana, que desde *Diferença e Repetição* (1968) estabelece um diálogo com o surgimento do cálculo e subsunção ontológica da diferença à identidade. Também a partir da diferença, o trabalho de Jaques Derrida encontrou um campo fértil de crítica da metafísica tradicional. Ou seja, de um modo geral, para além dos caminhos particulares da filosofia de cada autor, o estruturalismo possui a diferença como operador analítico potente, e foi construído, como escreveu Patrice Maniglier, através de uma filosofia da diferença após o existencialismo, tornando-se “pós-estruturalismo”¹³⁰. Ainda assim, seria possível apontar que nem a própria noção de diferença aparece como ponto pacífico do chamado movimento pós-estruturalista, por exemplo, Jean Baudrillard critica a noção - nomeada de “diferença estrutural” – citando um certo “melodrama da diferença” na invenção de um outro para ser entendido e dominado, buscando aproximar-se mais da ideia de alteridade¹³¹.

¹²⁹ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 95.

¹³⁰ MANIGLIER, P. *La vie énigmatique des signes*, p. 15.

¹³¹ BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal*, p. 134.

Foucault não se detém especialmente na noção de diferença, mas veremos que seu pensamento está bastante tomado pela confrontação com a ideia de identidade e atenção com a singularidade discursiva e histórica de determinados elementos. Assim como Deleuze apontou que certos termos (a morte, o humano, a loucura, o trabalho, etc.) na obra foucaultiana não se refere à dimensão empírica de sua formação, esses termos, da mesma forma, não encerram uma identidade, mas apresentam uma *posição* determinada na estrutura da obra analisada, no espaço simbólico do campo de elementos formados na pesquisa específica em questão. Não é demais afirmar que cada elemento das análises das obras foucaultianas funciona especificamente no contexto em que são analisados. Foucault não analisa elementos de determinado período histórico com pretensões de universalidade, mas a relação entre os elementos, a diferença entre eles, somente funciona no sistema analisado.

Resumidamente, o que nos interessa é que a diferença representa uma qualidade de relação entre elementos não especificados. Ainda mais que isso, a diferença é responsável por especificar cada ponto, cada elemento, não por sua naturalização de identidade, mas pela sua singularidade¹³² local no sistema. Por isso, a diferença não estabelece identidade, mas *singularidade*, porque cada local é específico, não no sentido de sua forma unitária em si mesmo, mas de acordo com sua posição diferencial, ou seu valor, dito em termos estruturais.

1.5.5 A serialidade

Entendendo o critério diferencial, podemos seguir para outra noção importante na abordagem estruturalista. Além da posicionalidade diferencial, os elementos se organizam de acordo com um alinhamento de singularidades que podemos chamar de série. As séries, um critério um tanto simples, orbitam na estrutura segundo o atrito da posição dos elementos, segundo a aproximação e distanciação da disposição de suas singularidades. Deleuze afirma que “toda estrutura é serial, multisserial, e não funciona sem esta condição”¹³³. Apesar de necessária, a serialidade é extremamente analítica e depende de avaliações e interpretações precisas de acordo com o sistema trabalhado. Nesse sentido, o

¹³² DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 117.

¹³³ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 120.

estruturalismo é “ora verdadeira criação, ora iniciativa e descoberta que não deixa de apresentar riscos”¹³⁴.

A dimensão serial é a condição própria de cada sistema, que define uma qualidade de organização interna singular na topologia das localidades diferenciais. A singularidade dessas localizações pode ser pensada como critério de aproximação em cortes transversais de séries, através de um conjunto de elementos que possuem em comum uma certa categoria, que coloca em jogo o campo de significação. As séries, justamente como fator de organização do simbólico em geral, possuem suas conexões e relações com outras séries, evidentemente, também relações diferenciais. Se existe algum referencial topológico interno além das próprias posicionalidades, ele toma forma nas séries.

Deleuze cita um exemplo interessante para nosso debate, ele relembra “a tríplice série de Foucault: linguística, econômica e biológica”¹³⁵. Naturalmente, podemos presumir que ele se refere – mesmo sem citar diretamente – à análise presente em *As Palavras e as Coisas*, que descreve uma certa episteme ou sistema simbólico que organiza todas essas séries. Esse tipo de pensamento promove uma ruptura considerável. De certa forma, quando Foucault pensa um campo simbólico geral de uma episteme em determinado período histórico, ele quer dizer que apesar das ciências empíricas e ciências humanas possuírem suas especificidades metodológicas, elas respondem à uma camada mais profunda que organiza todo esse pensamento. Ou seja, apesar das séries organizarem-se em suas especificidades e singularidades, estão alocadas no mesmo plano simbólico estrutural.

Dessa forma, a serialidade também pode ser pensada em níveis de escala de um mesmo sistema. Nesse nível específico é que o trabalho de Foucault sobressai mais como uma análise histórica de objetos claramente recortados e determinados, do que se poderia chamar grosseiramente de uma aplicação de um método estrutural. Contudo, o nível específico da análise busca ressaltar justamente a singularidade dos objetos tratados, pois sua condição estrutural não diz nada sobre suas determinações empíricas, a não ser sua diferencialidade.

¹³⁴ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 120.

¹³⁵ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 120.

Baudrillard utiliza expressamente o conceito de serialidade em seus trabalhos. O autor afirma que a revolução industrial apontou uma nova forma de produção de mercadorias, através da reprodutibilidade¹³⁶ a mercadoria pode ser produzida em séries. Ou seja, se entendemos a mercadoria como forma-mercadoria, ela pode ser analisada no espaço estrutural de produção – que não é somente produção de objetos, mas também de signos –, diferencialidade serial. Ele aponta que “é uma nova geração de signos e objetos que se levanta com a Revolução Industrial [...] Na série, os objetos tornam-se simulacros indefinidos uns dos outros em com os objetos, os homens que os produzem”¹³⁷. A série não é somente o alinhamento de afinidades posicionais, mas também a impossibilidade de referência original.

O filósofo destaca um ponto interessante do critério da série. Ao mesmo tempo em que os elementos não possuem valor positivo, apenas diferencial, eles podem ter uma ligação entre eles que é tão forte quanto sua posição na estrutura de uma maneira geral. Mas, o que isso quer dizer? Para Baudrillard, a série é uma possibilidade de reprodução de um objeto, ou seja, em termos estruturais existe alguma singularidade que está presente em cada um desses elementos que permite que eles sejam próximos, ou, em última instância, indiscerníveis. Portanto, temos um problema ou paradoxo da serialidade na estrutura, pois podemos pensar não somente em uma estrutura com escalas de séries, mas em estruturas dentro de estruturas.

Resumidamente, a serialidade é a distribuição das afinidades estruturais de cada posicionalidade. Uma série geralmente é organizada a partir da aproximação de determinadas posicionalidades por afinidade de significação. Ou seja, para Foucault, no campo estrutural da episteme moderna, em PC, poderíamos separar as séries das três áreas do conhecimento: linguística, economia política e biologia; determinando, cada uma, um conjunto próprio de objetos de pesquisa, discursos e enunciados.

¹³⁶ Baudrillard, além da referência estruturalista, também toma como ponto de partida a análise de Walter Benjamin em *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*, p. 72.

¹³⁷ BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*, p. 71.

Deleuze, em sua exposição sobre em que se pode reconhecer o estruturalismo, não se detém no debate signo/significante/significado. Naturalmente, isso não acontece por acaso, devemos questionar qual é a real importância dessas categorias fixas para a maneira de pensar no chamado pós-estruturalismo. Isso não significa que esses conceitos não sejam importantes, muito pelo contrário, porque permanece sua estrutura analítica formal. O estruturalismo permanece mais como forma de pensamento, atividade ou abordagem do que propriamente como método tradicionalmente entendido.

Finalmente, as noções que debatemos nesta secção (ordem simbólica, posicionalidade, diferença e serialidade) e na secção anterior (linguagem, função-signo, significante, sistemas de significação), servirão de base analítica para esclarecer o estudo foucaultiano dos sistemas de saber não somente de uma forma geral, mas lançando luz ao nosso problema fundamental da materialidade desses sistemas.

2 ARQUEOLOGIA E ESTRUTURA

Nesta secção, faremos uma breve problematização da materialidade do saber em *nível sistêmico* no trabalho arqueológico, para matizar nosso procedimento de leitura. Dito de outra forma, demonstraremos que a relação entre formações discursivas e extradiscursivas depende bastante do objeto em análise, e por isso, seria mais produtivo analisar o problema obra a obra. Bem como, destacaremos que esse problema é uma das questões centrais que a arqueologia lida. Em 1971, Foucault é entrevistado por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior, tal entrevista é construída como um debate a respeito da obra foucaultiana até o momento, revisitando alguns problemas dos trabalhos dos anos de 1960. Na entrevista, Foucault afirma que a AS é “alguma coisa como a designação de um objeto: uma tentativa de identificar o nível no qual precisava situar-me para surgir esses objetos que eu tinha manipulado durante muito tempo sem saber sequer que eles existiam, e portanto sem poder nomeá-los”¹³⁸.

A finalidade do único livro “metodológico” de Foucault, portanto, é delimitar um campo de objeto. Dessa forma, precisamos partir do princípio que a questão da materialidade do saber muda de forma quando a perspectiva do objeto da pesquisa também se transforma, por isso, justamente, é mais produtivo analisarmos cada obra em sua complexidade. Ou seja, a partir de cada obra, temos um enfrentamento distinto do problema da materialidade, e isso, aparenta uma mudança de perspectiva foucaultiana ou, minimamente, uma dificuldade de lidar com esse problema. Entretanto, a aparente mudança de posição do filósofo francês é apenas um efeito paralaxe da mudança de perspectiva do objeto de pesquisa. Por isso, a *materialidade em paralaxe* apresenta-se em nível de elemento e de sistema como: 1 – materialidade do elemento: signo, enunciado, discurso 2 – materialidade das formações: discursivas e extradiscursivas. A escolha de tratamento do trabalho foucaultiano por obra justifica-se, assim, pela necessidade de dar conta dessa mudança do eixo do objeto e, conseqüentemente, dos problemas em questão.

Construir um campo de definição de um objeto quer dizer mapear os problemas específicos, organizar escolhas metodológicas, utilizar um aparato

¹³⁸ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault, p. 18. FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In : Dits et Écrits II 1970 – 1975, p. 157.

conceitual adequado. Portanto, muitas vezes, uma transformação no campo do objeto, pode admitir uma reformulação de instrumentos analíticos, e, partimos do pressuposto que a analítica foucaultiana tem por objetivo mais dar conta de um objeto específico, do que construir um sistema filosófico tradicional para abarcar de um número indefinido de objetos¹³⁹.

Minha resposta é que é alguma coisa como a designação de um objeto: uma tentativa de identificar o nível no qual precisava situar-me para fazer surgir esses objetos que eu tinha manipulado durante muito tempo sem saber sequer que eles existiam, e portanto sem poder nomeá-los. Ao escrever a *Histoire de la Folie* ou a *Naissance de la Clinique*, eu julgava, no fundo, estar fazendo a história das ciências. Ciências imperfeitas, como a psicologia, ciências flutuantes, como as ciências médicas ou químicas, mas ainda assim história das ciências. Pensava que as particularidades que encontrava estavam no próprio material estudado, e não na especificidade do meu ponto de vista. Ora, em *Les Mots et Les Choses* compreendi que independente da história tradicional das ciências, um outro método era possível, que era uma certa maneira de considerar não tanto o conteúdo da ciência como a sua própria existência: uma certa maneira de interrogar os fatos, que me fez perceber que numa cultura como a do Ocidente a prática científica tem uma emergência histórica, comporta uma existência e um desenvolvimento histórico, e seguiu um certo número de linhas de transformação independente, até certo modo, de seu conteúdo.¹⁴⁰

Evidentemente, percebemos que existe uma tentativa de lidar com outro tipo de problema nos desenvolvimentos dos trabalhos do filósofo ao longo da década de 1960. Primeiramente, tanto em HLIC quanto em NC, o problema da historicidade

¹³⁹ Algumas passagens da obra foucaultiana nos remetem justamente à uma recusa de método delimitado, teoria ou construção de princípios gerais. “Em primeiro lugar, a análise desses mecanismos de poder que iniciamos há alguns anos e a que damos seguimento agora, a análise desses mecanismos de poder não é de forma alguma uma teoria geral do que é o poder. Não é uma parte, nem mesmo o início dela. Nessa análise, trata-se simplesmente de saber por onde isso passa, como se passa, entre quem e quem, entre que ponto e que ponto segundo quais procedimentos e com quais efeitos.” FOUCAULT, M. *Segurança, Território e População*, pp. 3-4.

¹⁴⁰ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: *O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault*, p. 18. “Ma réponse est que c’est quelque chose comme la désignation d’un objet : une tentative d’identifier le niveau auquel je devais me situer pour faire surgir ces objets que j’avais manipulés pendant longtemps sans même savoir s’ils existaient, et donc sans pouvoir les nommer. En écrivant l’Histoire de la folie ou la Naissance de la clinique, je pensais, au fond, être en train de faire de l’histoire des sciences. Sciences imparfaites, comme la psychologie ; sciences flottantes, comme les sciences médicales ou cliniques ; mais quand même histoire des sciences. Je pensais que les particularités que je trouvais étaient dans le matériel étudié lui-même, et non pas dans la spécificité de mon point de vue. Or, dans *Les Mots et les Choses*, j’ai compris que, indépendamment de l’histoire traditionnelle des sciences, une autre méthode était possible, qui consistait en une manière de considérer moins le contenu de la science que sa propre existence ; une certaine manière d’interroger les faits, qui m’a fait voir que, dans une culture comme celle de l’Occident, la pratique scientifique a une émergence historique, comporte une existence et un développement historiques, et a suivi un certain nombre de lignes de transformation, indépendamment- jusqu’à un certain point -de son contenu.” FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In : *Dits et Écrits II 1970 – 1975*, p. 157.

das ciências estava presente no *conteúdo* mesmo dessas práticas científicas. Posteriormente, Foucault relata que era possível ultrapassar o método de “história tradicional das ciências”, e, essa ultrapassagem compreenderia uma preocupação mais com a *forma* e menos com o *conteúdo*. Isso quer dizer que o desenvolvimento de ciências do Ocidente poderia ser entendido para além das particularidades de um campo específico do conhecimento, para além de suas próprias temáticas e seus próprios objetos, traçando um paralelo com outras práticas científicas.

O outro método possível é desenvolvido em PC, uma *arqueologia das ciências humanas* buscando ir para além da centralidade dos problemas de conteúdo. Se, não estamos tratando de problemas de conteúdo, podemos dizer que se trata de problemas de *forma*. Uma análise dos aspectos da forma de práticas científicas é perceber que existem particularidades formais que atuam como regras e determinações organizando as práticas científicas. Portanto, direcionar-se a problemas de forma, nesse caso, permitiu que Foucault trabalhasse temas estruturalistas, ou seja, condições de possibilidade diretamente ligadas aos aspectos semiológicos.

Na retrospectiva do trecho acima, de um lado temos HLIC e NC – poderíamos adicionar certamente DMPS e DMPD–, e do outro lado PC. Isso significa que em uma separação de abordagens distintas, temos dois grupos. Seguindo com essa separação de abordagens instituída por Foucault, Rouanet acrescenta que “nos dois primeiros livros o discurso é bastante permeável às práticas sociais (extradiscursivas) que ocupam neles um lugar muito importante; em *Les Mots et les Choses*, essas práticas desaparecem quase completamente”¹⁴¹.

A questão que persegue Foucault após a escrita de PC é exatamente o desaparecimento da relação entre os saberes e a história, no trecho acima, Rouanet pretende exemplificar tal problema a partir de “práticas sociais” ou “práticas extradiscursivas”. Em 1966, a crítica de Jean-Paul Sartre é simbólica neste ponto. O filósofo francês aponta que existia um fenômeno dominante percebido como “a recusa da história”¹⁴². Para Sartre, Foucault, especificamente em PC, é um expoente

¹⁴¹ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: O Homem e o Discurso, p. 19-20.

¹⁴² SARTRE, J. Entrevista de Jean-Paul Sartre para L’arc In: *Estruturalismo: antologia de textos*, p. 125.

característico desse movimento, se apresentando até como “a última barragem que a burguesia pode ainda erguer contra Marx”¹⁴³. Não somente Sartre, e tão pouco Rouanet foram os únicos a endereçarem essa qualidade de questão para Michel Foucault. Passado o período efervescente de críticas à PC, Foucault apresenta uma análise a respeito dessas questões, ainda na entrevista a Rouanet e Merquior.

Na *Histoire de la Folie* e em *La Naissance de la Clinique* eu estava diante de um material muito singular. [...] É evidente que a maneira de internar os loucos, de diagnosticá-los, de medicá-los. De excluí-los da sociedade ou incluí-los num local de internamento, era tributário de estruturas sociais, de condições econômicas, tais como o desemprego, as necessidades de mão-de-obra, etc. [...] Prossegui, em seguida, as minhas pesquisas no campo da medicina geral, achando que tinha escolhido um exemplo fácil demais no campo da psicopatologia, cujo aparelho científico era demasiado fraco. Tentei a propósito do nascimento da anátomo e fisiopatologia, que são, afinal ciências verdadeiras, identificar o sistema institucional, e o conjunto de práticas econômicas e sociais que tonaram possível. [...] Acrescentarei, sem qualquer polêmica, que nenhuma das críticas marxistas feitas a *Les Mots et les Choses* por seu caráter pretensamente anti-histórico, mencionaram sequer as tentativas que eu havia feito a propósito da psicopatologia ou da medicina.¹⁴⁴

Primeiramente, podemos perceber que toda questão da história, todo debate a respeito de “práticas sociais”, de “práticas extradiscursivas”, refere-se à questão do marxismo ou do materialismo histórico. Foucault demonstra a maneira como nas suas duas primeiras obras de fôlego ele busca destacar a incidência das formações econômicas na constituição dos saberes, tanto na história da loucura quando no surgimento da medicina moderna. Ou seja, nesses trabalhos, ele assume uma posição próxima às análises que poderiam ser chamadas de marxistas, pois assume que as críticas marxistas à PC deveriam levar em consideração esses trabalhos. Assim sendo, tanto em HLIC quanto em NC, existe um esforço de apresentar de que maneira as formações econômicas “tornaram possível” os saberes em questão.

Seguindo com a problemática, Foucault explica que as críticas marxistas não se atentaram ao problema da materialidade do saber em HLIC e NC, mas não especifica se realmente exista algum fundamento material do saber - no sentido marxista- em PC. Ou seja, a crítica dos marxistas a respeito de PC procede na

¹⁴³ SARTRE, J. Entrevista de Jean-Paul Sartre para L’arc In: *Estruturalismo: antologia de textos*, p. 126.

¹⁴⁴ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: *O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault*, p. 21.

medida em que Foucault realmente não se detém na relação entre formações discursivas e formações econômicas.

A questão da história, ou melhor da materialidade histórica, surge porque Foucault realiza uma mudança de perspectiva de análise do saber. O filósofo passa de uma análise *vertical* que compreende um saber específico, para uma análise *horizontal* das relações entre as condições de possibilidades formais entre saberes diferentes – a própria hipótese da episteme. Seguimos com a explanação de Foucault a respeito desse problema na entrevista.

Les Mots et les Choses responde a dois problemas particulares que se apresentaram a partir da problemática suscitada pela *Naissance de la Clinique*. O primeiro é o seguinte: podemos observar em práticas científicas perfeitamente estranhas uma à outra, e sem qualquer comunicação direta, transformações que se produzem ao mesmo tempo, segundo a mesma forma geral, no mesmo sentido. É um problema muito curioso. [...] Por exemplo, é quase no mesmo momento e em condições muito parecidas que aparecem a química, com Lavoisier, e a anátomo-fisiologia, e no entanto é somente mais tarde por volta de 1820, que as duas ciências se encontram. Ora elas nasceram mais ou menos na mesma época e construíram, cada uma em seu domínio revoluções mais ou menos análogas. Eis aí o primeiro problema – o das simultaneidades epistemológicas.¹⁴⁵

O primeiro problema aponta nitidamente para uma mudança de perspectiva em relação ao objeto, pois isso não quer dizer necessariamente uma mudança de método, ou mesmo uma mudança de objeto. Evidentemente existe uma mudança de objeto do ponto de vista do conteúdo da área de saber, levando em conta que, em PC Foucault não analisa a medicina moderna, por exemplo. Mas, o objeto entendido como campo do saber, ainda permanece. A mudança de perspectiva em relação ao objeto transforma-se, pois, o problema passa a ser das *simultaneidades epistemológicas*, ou seja, o procedimento arqueológico tem por finalidade examinar as *condições de possibilidade* presentes nas regularidades epistêmicas formais entre saberes diferentes. Dito de outra forma, Foucault procura construir a *estrutura simbólica* que ampara o surgimento de determinadas ciências humanas, em contraposição à posição anterior, que o filósofo buscava as *condições de possibilidade*, o objeto arqueológico, na relação entre formações discursivas e “práticas sociais”. O objeto do procedimento arqueológico muda do eixo vertical para o eixo horizontal.

¹⁴⁵ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault, p. 21.

Se tomamos as condições de possibilidade como objeto próprio da arqueologia, isso significa uma mudança na perspectiva de investigação dessa condição de possibilidade, do solo que torna possível determinado saber. Foucault segue com seu esclarecimento dizendo que “*Les Mots et les Choses* é um livro em suspenso: em suspenso na medida em que não faço aparecerem as próprias práticas pré-discursivas. É no interior das práticas científicas que eu me coloco”¹⁴⁶.

Não é objetivo do trabalho foucaultiano uma contestação das “práticas pré-discursivas” como elemento de condição de possibilidade, mas apenas suspendê-las para aprofundar toda questão da solidariedade epistemológica formal entre saberes distintos. Por isso, a crítica marxista a PC, procede na medida em que a obra se exime de analisar a relação entre formações econômicas e formações discursivas na constituição das ciências humanas.

Dessa forma, o caminho proposto por este trabalho aponta que essa mudança de perspectiva de objeto implica diretamente em uma outra abordagem do problema da materialidade. De acordo com essa breve apresentação do problema da materialidade no método arqueológico, desenvolverei a hipótese de que nas primeiras obras de Foucault existe uma relação entre *formações discursivas* e *formações extradiscursivas* que podem ser aprofundadas por *noções do estruturalismo*.

Nesta secção busco investigar os instrumentos analíticos utilizados por Foucault para pesquisar *sistemas de saber* no Ocidente, seguindo o fio do problema da materialidade contrastando com os elementos estruturalistas que apresentamos na primeira parte. Buscaremos resgatar pistas – já que Foucault não debate essencialmente seus métodos e conceitos –, para construir minimamente os fundamentos da arqueologia foucaultiana em obras dos anos de 1960, tendo em vista nosso problema fundamental: *a incidência das noções estruturalistas no procedimento arqueológico embasando a materialidade dos sistemas de pensamento*. Dessa maneira, abordar cada obra separadamente possui o objetivo de entender as regularidades, mas também as transformações de perspectiva no trabalho foucaultiano, as inflexões e desvios. Percorremos principalmente uma

¹⁴⁶ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault, p. 25.

comparação entre *Doença Mental e Personalidade* e *Doença Mental e Psicologia*, *História da Loucura na Idade Clássica* e *Nascimento da Clínica*.

Tendo em vista um recorte mais delimitado do tema, tratarei dessas obras de Foucault pelos seguintes motivos: 1- os textos apresentam uma análise vertical dos saberes nos anos de 1960; 2 - tais análise abordam potencialmente tanto a materialidade das formações discursivas, quanto a materialidade das formações extradiscursivas; 3 – as três obras possuem uma certa afinidade temática no campo da medicina e psicopatologia.

SISTEMAS DE SABER

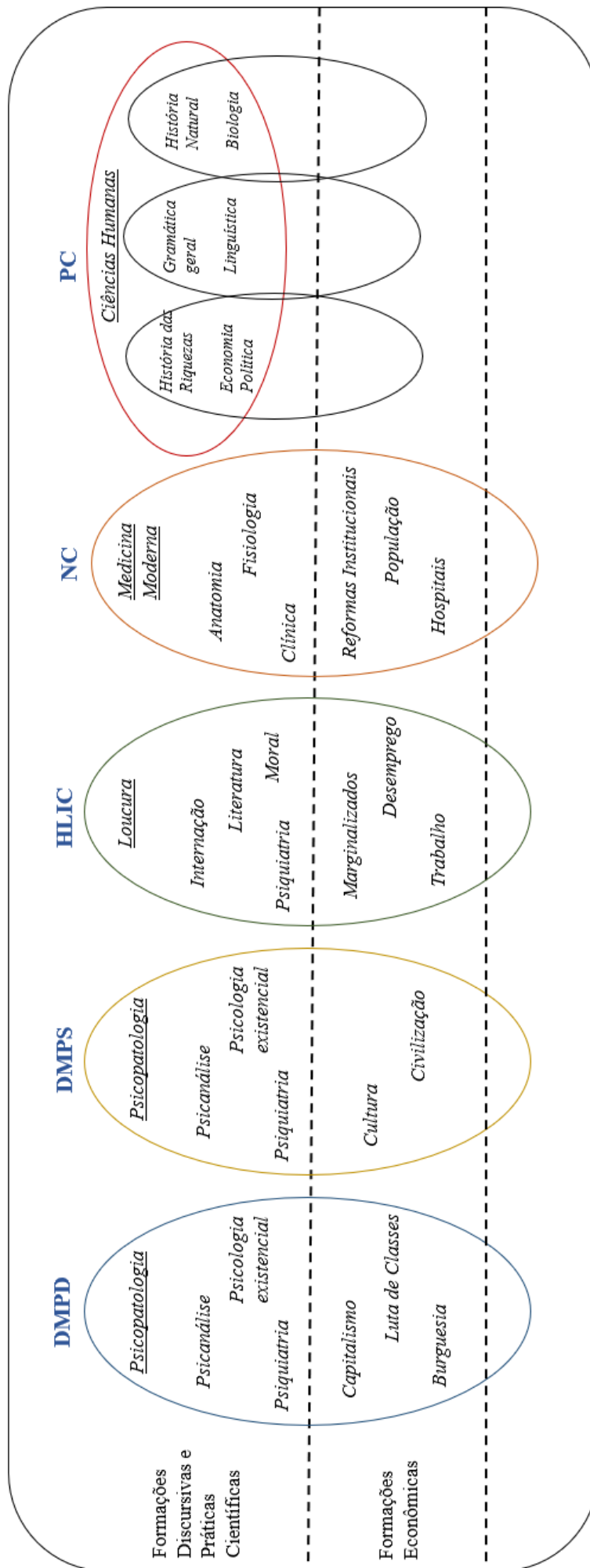


Figura 3 - Análise dos Sistemas de Saber

2 ARQUEOLOGIA E ESTRUTURA

2.1 Patologia mental e as formações econômicas

A produção teórica do filósofo francês começa com a obra *Doença Mental e Personalidade* (1954), posteriormente renomeada para *Doença Mental e Psicologia* (1962)¹⁴⁷. Neste texto, Foucault pretende esclarecer as condições de formação da noção de doença mental. Quais são os elementos que possibilitam, que garantem condição para o normal e o patológico na psicologia? O que garante a inteligibilidade das patologias mentais? Nesta secção abordaremos uma análise comparativa destas duas obras, sem perder de vista nosso problema. É notável que o problema principal de Foucault nesta obra coincide exatamente com o fio condutor deste trabalho geral. Resumindo, investigando as condições de possibilidade para constituição das psicopatologias, o filósofo francês identifica que as condições não estão no *interior* das formações discursivas, mas justamente nas formações extradiscursivas.

Principalmente, a comparação entre DMPD e DMPS tem por objetivo demonstrar que a correção do primeiro livro para o segundo, a alteração do primeiro texto, está diretamente atrelada ao problema da materialidade e uma mudança de abordagem do tema no pensamento foucaultiano. Além disso, também podemos perceber que tal problema já se coloca como grande preocupação desde o início do trabalho do filósofo francês. DMPD não corresponde exatamente a um livro do período arqueológico do trabalho foucaultiano, entretanto, DMPS foi lançado após *História da Loucura*. Portanto, considerando a rescrita do primeiro livro, é importante debatermos o primeiro para matizar as inflexões no pensamento do autor.

De acordo com esse objetivo, traçaremos o seguinte caminho. Primeiro faremos uma breve contextualização do tema geral texto, permitindo defender que os trechos que analisamos não são partes laterais da obra, mas dizem respeito ao

¹⁴⁷ Neste trabalho, utilizarei a primeira versão francesa, publicada em 1954, como referência. Diante da impossibilidade de cotejo com a segunda versão francesa, publicada em 1962, confronto essa primeira versão francesa com as traduções da versão de 1962 em língua portuguesa e, eventualmente, com a tradução em língua inglesa. Tal proposta além de nos permitir tensionar as mudanças de uma versão para outra, demonstra por que caminho Foucault iniciou colocando problemas para uma história das ciências.

seu corpo central, também destacando os pontos comuns às duas obras. Em seguida, problematizaremos as pistas que demonstram algumas sombras de noções estruturalistas e, por fim, terminaremos com um destaque para as mudanças da primeira publicação de 1954 para a segunda publicação de 1962 que compreendem a parte mais importante da obra e o problema da materialidade do saber no campo das psicopatologias.

2.1.1 Além da fenomenologia

Nessa monografia, Foucault busca entender as condições de possibilidade para se classificar patologias psicológicas. Ou seja, segundo ele, existem métodos de análise diferentes para classificar patologias orgânicas e patologias mentais. A investigação foucaultiana pode ser pensada como uma pesquisa sobre a estrutura de saber para análise de patologias mentais, principalmente a partir do final do século XIX e século XX. A abordagem desse primeiro livro pode ser relativamente alinhada com certos temas humanistas próximos à fenomenologia e psicologia existencialista.

Inicialmente, a mudança de nome da obra já parece demonstrar uma mudança de perspectiva. No primeiro título o filósofo colocava o problema da personalidade como ponto central para a constituição da doença mental, como objeto epistemológico. Contudo, posteriormente, Foucault troca a centralidade da personalidade pela psicologia. Ou seja, o centro de análise, para o filósofo, deixa de ser o desenvolvimento da personalidade como conceito clínico para a doença mental e passa a ser a psicologia, ou a área de saber. Devemos entender, portanto, que a segunda edição do livro, ou o interesse foucaultiano, passa do foco da relação entre dois conceitos do próprio campo da psicologia – personalidade e doença mental – para a relação entre objeto e campo do saber em geral, doença mental e psicologia.

Para tratar deste assunto, Foucault aborda as análises clínicas e teóricas da psicologia, psiquiatria e psicanálise. Concorrente ao período de publicação desse texto, Foucault traduz *Sonho e Existência* de Ludwig Binswanger, psicanalista heideggeriano precursor da psicologia fenomenológica-existencial, e escreve uma extensa introdução¹⁴⁸. Notadamente, nesse período, a abordagem foucaultiana se

¹⁴⁸ FOUCAULT, M. Introduction In: *Dits et Écrits I – 1954 – 1969*, p. 65.

desenvolve através de noções fenomenológicas¹⁴⁹. Para entender as práticas necessárias para categorização do patológico mental, Foucault utiliza conceitos como consciência, intencionalidade e percepção¹⁵⁰, naturalmente também porque seu campo analítico compreende a psicologia fenomenológica. Ou seja, esse período da obra de Foucault já demonstra uma transição de paradigma filosófico do cenário francês que passava da fenomenologia para o estruturalismo.

Na primeira versão da obra, em 1954, Foucault separa o livro em duas partes principais: “1 – As dimensões psicológicas das doenças mentais; 2 – As condições reais da doença¹⁵¹”. Por outro lado, na segunda versão, em 1962, o filósofo separa as mesmas duas partes como: “1 – As dimensões psicológicas das doenças mentais; 2 – A psicopatologia como fato de civilização”¹⁵². As transformações no texto são feitas basicamente na segunda parte. Começaremos, portanto, pelo que as duas versões possuem em comum, a primeira parte. A secção de “dimensões psicológicas das doenças mentais” trata das transformações na teoria das doenças mentais que propiciaram seu surgimento como estatuto patológico independente, abordaremos agora as condições de possibilidade mais propriamente epistemológicas. Ou seja, de acordo com nosso fio condutor, essa primeira parte aborda as condições de possibilidade do saber que compreendem elementos no campo das *formações discursivas*.

¹⁴⁹ Alguns autores citam um momento (proto-)fenomenológico de Foucault. Revel cita um “Foucault anterior a Foucault”, Ver REVEL, Judith. O Pensamento Vertical: uma ética da problematização In: *Foucault, A coragem da verdade*, p. 66. Castro diz que “Essa introdução a Binswanger pode ser considerada como o ponto de maior aproximação entre Foucault e a fenomenologia”, CASTRO, Edgar. *Vocabulário Foucault*, p. 167. Rabinow e Dreyfus citam um alinhamento especificamente com uma “ontologia hermenêutica” referenciada em Heidegger, RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. XVIII. Um debate mais extenso é realizado por Nalli. NALLI, Marcos. *Foucault e a Fenomenologia*.

¹⁵⁰ “Inicialmente, pode-se notar que funções desaparecidas e funções exaltadas não são de mesmo nível: o que desapareceu, são as coordenações complexas, é a consciência com suas aberturas intencionais, seu jogo de orientação no tempo e no espaço, é a tensão voluntária que retoma e ordena os automatismos”, FOUCAULT, M. *Doença mental e Psicologia*, p. 17, grifo nosso. “Criam-se (e isto em toda a Europa) estabelecimentos para internação que não são simplesmente destinados a receber os loucos, mas toda uma série de indivíduos bastante diferentes uns dos outros, pelo menos segundo nossos critérios de percepção”. FOUCAULT, M. *Doença mental e Psicologia*, p. 54, grifo nosso. “Estas táticas de partilha servem de quadro a percepção da loucura”. FOUCAULT, M. *Doença mental e Psicologia*, p. 62, grifo nosso.

¹⁵¹ “1 – Les dimensions psychologiques de la maladie ; 2 – Les conditions réelles de la maladie”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 17.

¹⁵² FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 15. FOUCAULT, M. *Mental Illness and Psychology*, p. 13.

O debate do livro pretende, portanto, “analisar as especificidades da doença mental, buscar as formas concretas que a psicologia pode atribuir-lhe”¹⁵³. A partir disso, investiga as proximidades conceituais na categorização de patologias orgânicas e mentais. Toda essa análise passa pela independência conceitual da categoria de patologias mentais e o surgimento da psicanálise e psicologia.

É interessante perceber que Foucault delimita como um dos problemas a busca de formas concretas que a psicologia atribui à noção de patologias mentais. Isso significa que existe uma investigação sobre a co-constituição saber e objeto. Na medida em que um campo de saber se constitui como área soberana, existe uma reorganização dos objetos desse saber, os quais não são independentes desse sistema, não existem anteriormente. O primeiro trabalho do filósofo parte de uma análise do saber sobre doenças psicológicas que toma como ponto de considerável tanto o desenvolvimento do saber quanto o desenvolvimento dos objetos conceituais.

Foucault relata que houve um determinado processo que constituiu uma abordagem específica das patologias mentais. Contudo, antes de ter um domínio independente de investigação, as doenças mentais compartilhavam um mesmo entendimento patológico que as doenças orgânicas. O ponto comum entre as abordagens apontava que “estas análises têm a mesma estrutura conceitual que as das patologias orgânicas [...] Ora, o que se encontra por detrás deste método único são dois postulados que concernem a natureza da doença”¹⁵⁴. Primeiro, a doença era entendida como uma essência, uma entidade através da qual os sintomas se manifestavam, entretanto, com uma independência em relação aos mesmos sintomas. O segundo postulado consistia no fato de que a partir dessa essência, a doença era entendida numa concepção naturalista, representava uma unidade permanente mesmo com uma nosografia na multiplicidade dos sintomas.

Essa concepção patológica relativamente unificada permitiu por um tempo que as patologias mentais permanecessem próximas ao campo das patologias

¹⁵³ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 14.

¹⁵⁴ FOUCAULT, M. *Doença mental e Psicologia*, p. 8. “Ces analyses ont la même structure conceptuelle que celles de la pathologie organique : ici et là, mêmes méthodes pour répartir les symptômes dans les groupes pathologiques, et pour définir les grandes entités morbides. Or, ce qu'on retrouve derrière cette méthode unique, ce sont deux postulats qui concernent, l'un et l'autre la nature de la maladie.” FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 7.

orgânicas. Contudo, no enclave do desenvolvimento dos campos da psicologia, psiquiatria e psicanálise as doenças mentais começam a ganhar relativa autonomia etiológica. A metodologia de investigação das doenças mentais começa a admitir duas esferas extremamente importantes para entendimento da especificidade das patologias psicológicas circunscritas na forma concreta de aparição no indivíduo. Abre-se, dessa forma, a evolução psicológica do sujeito e sua história individual como constituintes da própria analítica patológica.

Não é demais perguntar sobre a noção de “estrutura conceitual” no trecho acima. Foucault demonstra que existia um mesmo campo epistemológico conceitual para a investigação tanto de patologias mentais, quanto de patologias orgânicas. Teria nessa análise já algum indício de investigação sobre a condição de possibilidade das patologias mentais através de uma ordem simbólica própria? Talvez Foucault pretende-se traçar a busca das condições em que se separam o solo de construção conceitual ou epistemológico de patologias mentais e patologias orgânicas. De uma maneira geral, é evidente que esse é o objetivo da análise, contudo, analiticamente, somente essa passagem não fornece elementos suficientes para demonstrar a incidência de noções estruturalistas.

A doença era compreendida como uma essência que organiza uma determinada gama de sintomas e agia contra a natureza sã do indivíduo. Todo desnorreamento mental dos enfermos, as dificuldades de falar, de se localizar, de reconhecer pessoas, serão entendidos como um déficit das faculdades normais da consciência, e uma certa regressão a um estágio infantilizado. Segundo Foucault, Freud é responsável por reconstruir uma história da libido como retorno a fases evolutivas primordiais, e assim “a psicanálise acreditou poder escrever uma psicologia da criança, fazendo uma patologia do adulto”¹⁵⁵. Foucault destaca que as patologias mentais não podem ser dissociadas da concretude individual na qual a vida era delimitada e entendida, ou seja, as peculiaridades da formação psicológica individual. Na psicologia fenomenológica, esse problema diz respeito à formação concreta do indivíduo no mundo como abertura existencial, como evento real onde os entes vêm a ser.

¹⁵⁵ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 19. “Et la psychanalyse a cru pouvoir écrire une psychologie de l’enfant, en faisant une pathologie de l’adulte”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 23.

Através de uma concepção de evolução psicológica do sujeito, as patologias mentais tornam-se componentes de uma estrutura psicológica geral. Neuroses e desequilíbrios, por exemplo, eram entendidos como uma um grau pequeno de dissolução de certas funções psíquicas. Contudo, esse deslocamento não é necessário para a clínica conceber essas patologias na prática concreta. Toda essa concepção de evolução psicológica do sujeito suporta a análise de progressiva independência do campo conceitual das patologias mentais para as patologias orgânicas.

O outro componente analítico importante refere-se à história individual do doente. A evolução psicológica do sujeito deve ser restituída no campo da história individual. Essa história individual seria não apenas um palco onde se desenvolve os processos de formação das categorias do patológico mental, mas constitutivo. De acordo com esse ponto de vista, Foucault situa, de certa forma, o desenvolvimento analítico das patologias mentais no processo de um “devir psicológico”¹⁵⁶. O que está em jogo nesse aspecto é perceber que o devir psicológico do sujeito enquanto objeto clínico é totalmente vinculado à sua estrutura concreta de vida e os desenvolvimentos afetivos da angústia, do trauma, etc¹⁵⁷.

Os trabalhos de regressão buscam reconstruir uma etiologia do trauma que tem como pressuposto uma certa evolução psicológica do indivíduo. É através da angústia desse sujeito alocada nas condições de seu momento presente, que se confere um sentido aos traumas passados, desenhando assim, o fio condutor de suas patologias. Logo, a história individual confere concretude à evolução psicológica do indivíduo, com isso, essas duas esferas organizam de maneira geral o aparecimento das patologias mentais no interior do corpo epistemológico da teoria e clínica.

Além disso, em uma passagem temos uma indicação de uma maneira específica que Foucault pensava a formação dos conceitos patológicos.

¹⁵⁶ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 27. “devenir psychologique”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 37.

¹⁵⁷ “é através da angústia que a evolução psicológica se transforma em história individual; de fato, é a angústia que unindo o passado e o presente situa-os um em relação ao outro e confere-lhes uma comunidade de sentido” FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 35.

Investigando a relação entre doença e a trama da evolução, Foucault afirma que “a doença ocasiona sinais positivos e negativos, se ela suprime e exalta, ao mesmo tempo, é na medida em que, retornando a fases anteriores da evolução, faz desaparecerem as aquisições recentes, e redescobre as formas de condutas normalmente ultrapassadas”¹⁵⁸. Nessa passagem, ele destaca um aparente paradoxo no aparecimento de sintomas – efeito dos traumas, principalmente infantis, por isso a referência às formas ultrapassadas – nas condutas individuais. As expressões “sinais negativos” e “sinais positivos”, nos remetem à presença ou ausência de condutas sintomáticas.

Na versão em francês, temos a mesma passagem como “la maladie fait surgir des signes positifs et des signes négatifs”¹⁵⁹. Ou seja, a palavra “signes”¹⁶⁰ foi traduzida em português por “sinais”. Não pretendo julgar exatamente as opções de tradução, mas apontar para a perda da possibilidade de entender a análise foucaultiana operando com a noção estruturalista de signo na formação das patologias mentais.

Naturalmente, temos uma ambiguidade bastante interessante nesse ponto, pois o estudo clássico da semiologia médica envolve uma investigação de sintomas e sinais que acusam uma determinada patologia. Esses sinais, tanto na língua inglesa como na língua francesa, podem ser escritos como signos. Ou seja, a palavra utilizada por Foucault para caracterizar a formação do conceito médico de patologia mental poderia ser somente uma referência ao conceito de sinal patológico na semiologia médica. A ambiguidade está nas possibilidades de Foucault referir-se ao signo tanto como elemento estruturalista que funciona como traços de significação no interior do conceito de patologia mental, quanto como conceito médico que aponta um processo patológico. Dito de outra forma: qual é o papel analítico da noção de signo nessa análise? A separação de signos positivos e signos negativos indica presença ou ausência de determinadas significações de doença, construindo uma estrutural conceitual própria das patologias mentais ou campo epistemológico.

¹⁵⁸ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 18.

¹⁵⁹ FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 23.

¹⁶⁰ Talvez mais próxima à versão francesa, a tradução inglesa traduz a palavra “signe” para “sign” em “positive and negative signs”. FOUCAULT, M. *Mental Illness and Psychology*, p. 18.

Esse trecho pode parecer insuficiente para levantar tal ambiguidade. Apesar disso, ainda sobre o mesmo tema, o filósofo destaca o papel da regressão no entendimento da doença, ou de que maneira os sintomas representavam, para autores como Janet e Freud, uma regressão a estágios iniciais da evolução psicológica do indivíduo (infância).

uma descrição estrutural da doença deveria, então, para cada síndrome, analisar os sinais positivos e negativos, isto é, detalhar as estruturas abolidas e as estruturas realçadas. Não significaria explicar as formas patológicas, mas somente coloca-las numa perspectiva que tornasse coerentes e compreensíveis os fatos de regressão individual ou social.¹⁶¹

Também nesse trecho temos a opção da tradução na edição de língua portuguesa pela palavra “sinal” para traduzir “signe”. Na versão francesa, além de aparecer a palavra “signe”, também aparece a expressão “description structurale”¹⁶². Tudo isso, aliado à explicação foucaultiana que demonstra a necessidade não de explicação das formas patológicas, mas da sua justaposição, ou poderíamos dizer da funcionalidade de sua relação diferencial - para que tornem-se coerentes e compreensíveis-, parecem pistas interessantes para levantar a hipótese de noções estruturalistas para uma análise das patologias mentais.

Toda essa primeira parte da obra não foi alterada na mudança de edições. Isso nos permite avaliar que não havia uma grande inflexão na perspectiva de Foucault a respeito desta parte. Nos interessa que essa análise demonstrou uma breve passagem do filósofo por questões fenomenológicas e já algumas pistas de elementos estruturalistas.

De acordo com um escopo mais geral, percebemos que existiram condições propícias na epistemologia psiquiátrica, psicológica e psicanalítica para o surgimento de determinados discursos e a consolidação da doença mental como objeto de estudo isolado. Resumindo, nesta parte analisamos as *condições de possibilidade* das patologias mentais que são *intrínsecas* do campo do saber, fatores ou *elementos* eminentemente do campo dos discursos médicos que possibilitaram a divisão de patologias mentais e patologias orgânicas em *campos epistemológicos*

¹⁶¹ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 24.

¹⁶² FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 32.

distintos. Finalmente, tal análise permaneceu inalterada entre as versões de 1954 e 1962.

Contudo, para Foucault, o surgimento das patologias mentais como objeto vai muito além destes desenvolvimentos epistemológicos, ainda que o livro desenvolva temas humanistas. Além das transformações no interior do entendimento das patologias mentais, teríamos uma outra condição de possibilidade para formação do saber médico, para além das *formações discursivas*.

Esse outro tipo de condições de possibilidade é um elemento chave para nosso debate, pois apresentam as condições *materiais* para o surgimento das patologias mentais. A revisão da primeira obra e os pontos modificados demonstram claramente o problema foucaultiano da materialidade do saber. Ou seja, nessa primeira obra já percebemos a lida do problema com a formação das condições de possibilidade de *formações discursivas* e *formações extradiscursivas*.

2.1.2 As condições reais

Na primeira parte da monografia percebemos as principais transformações intestinas no saber médico que possibilitaram o surgimento da categoria das patologias mentais. Foucault relata que somente isso não é suficiente para entendimento da doença mental como desvio, como fato patológico na história recente. Então, o que resta para entender a legitimidade da separação entre normal e patológico nas doenças mentais? Ele escreve que seria um erro admitir que as diferenciações entre orgânico e mental, a história psicológica ou a condição do homem no mundo pudessem demonstrar as condições de surgimento das patologias mentais¹⁶³, elas deflagram somente a *forma de aparecimento* da doença. Qual seria então o fator crucial para entendimento das patologias mentais para além de sua aparição? Como aprofundar as condições de surgimentos dessas doenças mentais?

Abordaremos agora essas condições de possibilidades. Para nosso debate, existem dois pontos principais nesta parte da monografia: 1 – existem condições de possibilidade para a constituição de um campo do saber que são *independentes* de

¹⁶³ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 49. Les analyses précédentes ont déterminé les coordonnées par lesquelles on peut situer le pathologique à l'intérieur de la personnalité. Mais si elles ont montré les formes d'apparition de la maladie, elles n'ont pas pu en démontrer les conditions d'apparition". FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 71. Interessante citar que Foucault corrigiu, nesse trecho, "personnalité" por "fato psicológico".

discursos e enunciados, ou práticas científicas e discursivas; 2 - como dito anteriormente, na primeira versão, em 1954, a segunda parte é denominada “as condições reais da doença”, posteriormente, ela foi renomeada para “a psicopatologia como fato de civilização”; isso significa que a *revisão do livro*, em nossa hipótese, demonstra que o problema de fundamentação da materialidade do saber era crucial para Foucault.

A segunda parte de DMP é a mais importante para nosso debate, pois comparando as edições, percebemos tanto trechos retirados, como trechos inseridos. Toda essa comparação nos permitirá apontar não somente as inflexões que Foucault lidava para constituir seu pensamento, mas também a permanência de determinados problemas já presentes nesta obra. Primeiro, partiremos de alguns pontos comuns que ainda permaneceram após a revisão da obra.

A psicologia americana e a análise sociológica de Durkheim, segundo Foucault, são responsáveis por estabelecer a natureza da doença como desvio¹⁶⁴. Destacando um parentesco da noção entre a psicologia e a sociologia, o filósofo francês aponta que essa coincidência tinha como fundamento uma perspectiva de fases da humanidade. Isso significa que tanto os fenômenos psicológicos como sociológicos eram analisados segundo uma ideia de coletivo humano na história.

Os fatos sociológicos e psicológicos representavam modelos para análise de condutas gerais na população, dessa forma, podemos separar o normal e o desviante, ou o sadio e o patológico. Ou seja, o patológico é traçado como negatividade em relação à normalidade social, um padrão determinado e acordado em que um organismo é caracterizado como saudável. Assim sendo, a sociedade exclui o doente no instante do diagnóstico, enquadrando-o segundo o critério de desviante. Essa estratégia coloca a patologia como o que não pertence à ordem da regularidade social adequada, saudável, normal. O patológico passa a representar uma dimensão disfuncional da sociedade, necessariamente excluído para que o funcionamento do coletivo se desenvolva.

Podemos perceber que através deste discurso, o social é afirmado pela normalidade. Seria necessário entendermos a constituição dessa sociedade, desse

¹⁶⁴ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 51.

saber, não somente através do que ele elenca como normal, mas também de toda história e constituição do patológico. Logo, Foucault propõe que “o patológico não é mais então, em relação ao tipo cultural, um simples desvio; é um dos elementos e uma das manifestações deste tipo”¹⁶⁵. O patológico, assim, não é um desvio de uma cultura, mas ele expressa a própria relação dela mesma com seus limites de auto constituição. Portanto, Foucault complexifica toda questão da independência do saber na constituição de seus próprios objetos, pois existe toda uma *transversalidade entre saberes* que é da ordem do que Foucault classifica precariamente de *cultura*.

Se o próprio patológico não é uma noção que possui condições de possibilidade estritamente no interior do campo médico, também não é no campo sociológico que traçaremos essa relação. Portanto, isso não significa que o saber sociológico emprestou algum tipo de conceito para a psicologia.

Se Durkheim e os psicólogos americanos fizeram do desvio e do afastamento a própria natureza da doença, é, sem dúvida, por uma ilusão cultural que lhes é comum: nossa sociedade não quer reconhecer-se no doente que ela persegue ou que encerra; no instante mesmo em que ela diagnostica a doença, exclui o doente.¹⁶⁶

Perguntar sobre as condições de surgimento das patologias mentais, portanto, significa investigar a singularidade que uma determinada cultura, ou determinado período histórico lida com os classificados doentes. Ou seja, existem determinadas condições para uma sociedade reconhecer o desviante, segregar o anormal, excluir o que está à margem da média. Este ponto é crucial: existem condições para a formação da noção de patológico fundamentadas em uma *formação extradiscursiva*, para além de seus discursos e práticas estritamente médicas.

Esse argumento está presente nas duas versões, tanto de 1954, quanto de 1962, diluído na introdução da segunda parte da obra. Agora, veremos a mudança de perspectiva de Foucault, ou de que maneira houve uma transformação no

¹⁶⁵ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 50. “Le pathologique n’est plus alors, par rapport au type culturel, un simple déviant ; il est un des éléments et l’une des manifestations de ce type”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 74.

¹⁶⁶ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 51. “Si Durkheim et les psychologues américains ont fait de la déviation et de l’écart la nature même de la maladie, c’est, sans doute, par une illusion culturelle qui leur est commune : notre société ne veut pas se reconnaître dans ce malade qu’elle chasse où qu’elle enferme ; au moment même où elle diagnostique la maladie, elle exclut le malade”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 75.

fundamento das *condições de possibilidade materiais* das patologias mentais. Tais temas são debatidos nos capítulos seguintes de DMPD e DMPS (V e VI).

Não somente o título da segunda parte foi trocado, mas também o título de cada capítulo. Na versão de 1954 (DMPD) foram publicados os capítulos da segunda parte como “Chapitre V – Le Sens Historique de L’Aliénation Mentale” e “Chapitre VI – Le Psychologie du Conflit”¹⁶⁷. Na versão de 1962 (DMPS) estão publicados como: “Capítulo V – A Constituição Histórica da Doença Mental” e “Capítulo VI – A Loucura, Estrutura Global”¹⁶⁸. Ou seja, na segunda parte da obra, Foucault realizou transformações consideráveis, tanto nos títulos quanto no conteúdo. Traçaremos algumas comparações.

Na primeira versão (DMPD, 1954), Foucault argumenta que desde a Antiguidade até a Idade média a doença mental, em especial, a loucura, foi atrelada à possessão e à uma natureza transcendental além do humano. Posteriormente, a partir do século XVII a doença mental é restituída à natureza humana, e alocada nas faculdades da razão e exercício de direitos erigidos pelas revoluções burguesas¹⁶⁹. Por isso, a doença mental será fixada na forma da histórica da alienação, primeiro demoníaca e depois uma alienação dentro da própria condição humana. A pergunta sobre essa forma de alienação, também não pode ser respondida através dos desenvolvimentos do saber psicológico, mas através da análise das *condições reais* da forma de alienação histórica.

Na primeira parte da obra, existe um ponto central para entendimento da doença mental e é justamente a formação de um devir psicológico individual, a inscrição de uma evolução psíquica do sujeito, a passagem de uma infância – com seus eventos traumáticos – para a idade adulta. De acordo com Foucault, a psicanálise funda essa evolução psicológica do indivíduo pelas pulsões de vida e de morte¹⁷⁰, determinando uma natureza contraditória ou conflituosa do humano.

¹⁶⁷ FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 112. “5. The Historical Constitution of Mental Illness” e “6. Madness: An Overall Structure”. FOUCAULT, M. *Mental Illness and Psychology*, p. v.

¹⁶⁸ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 4. “

¹⁶⁹ FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 81.

¹⁷⁰ FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 86.

Contudo, esse fundamento contraditório do homem possui um fundamento nas condições reais das *contradições sociais do capital*. O que isso significa? Segundo Foucault, na versão de 1954, a psicanálise colocou a história individual, a personalidade, os traumas e mecanismos de defesa das doenças mentais, com uma *origem* em um debate metapsicológico. Entretanto, se a doença encontra um modo privilegiado de expressão dessas contradições de evolução e regressão psíquica “não é que os elementos de contradição estejam justapostos, como uma natureza paradoxal, no inconsciente humano, é apenas que o homem faz do homem uma experiência contraditória”¹⁷¹. Resta, ainda, mais uma dúvida: como o homem faz de si mesmo uma experiência contraditória?

Nesse ponto, percebemos claramente uma perspectiva materialista de Foucault, pois ele retira o fundamento da condição de possibilidade da constituição da história individual psicológica ou da personalidade do interior do debate psicanalítico e coloca na lógica das *relações sociais* derivada das *formações econômicas*. Ele escreve que as formas sociais de competição, de exploração, de imperialismo, de *luta de classes* (“luttres de classes”) são responsáveis por instaurar uma lógica de contradição na experiência real do humano na sociedade. Ou seja, Foucault afirma que a “universalidade das estruturas económicas e sociais permite-lhe reconhecer uma pátria no mundo e ler um significado comum aos olhos de cada homem”¹⁷².

Nessa passagem fica evidente que o processo de significação da experiência contraditória do humano tem uma relação íntima com a *reprodução social* derivada das formações econômicas. Portanto, para Foucault, os debates a respeito da psicopatologia através da evolução histórica individual obscurecem as *condições reais* da formação do saber nas patologias mentais. Justamente por isso, ele defende que as condições epistemológicas são *formas de aparecimento* da doença, não apresentam as reais condições de surgimento.

¹⁷¹ “ce n’est pas que les éléments de la contradiction se juxtaposent, comme une nature paradoxale, dans l’inconscient humain, c’est seulement que l’homme fait de l’homme une expérience contradictoire”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 81, tradução nossa.

¹⁷² “l’universalité des structures économiques et sociales lui permet de reconnaître, dans le monde, une patrie, et de lire une signification commune dans le regard de tout homme” FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 86.

É evidente que, para Foucault, as condições reais do desenvolvimento da doença mental como objeto da investigação na psicologia, possui suas condições de possibilidade nas estruturas sociais que suportam o fenômeno de alienação. Essas estruturas sociais são nada menos que os efeitos do capital. Não existe também outra denominação utilizada pelo autor, pois sua justificativa é que o capitalismo (“capitalisme”) é responsável pelo desdobramento de contradições no tecido social¹⁷³, proporcionando um momento histórico que ultrapassa o velho tema da solidariedade e fomentando *relações sociais de conflito e ambivalência do humano*.

Resumidamente, na versão de 1954, Foucault defende que existem *condições reais* para a constituição da doença mental, que estão fundamentadas em *formações extradiscursivas*. Essas condições são exatamente a relação entre a apreensão da experiência psicológica da doença mental como contradição e as relações sociais no contexto do capital que jogam o humano contra ele mesmo. Apesar desse fundamento parecer suficiente para a hipótese geral deste trabalho, existe ainda um outro ponto importante. Foucault retira esses trechos da última edição de 1962 e transforma o fundamento dessas condições de possibilidade. Isso não significa que existe um apagamento ou contradição da materialidade do saber, mas, por outro lado, existe uma transformação na fundamentação desse argumento.

Comparando as duas edições, percebemos que nem todos os trechos sobre as condições reais foram retirados, entretanto, foram consideravelmente alterados. Nos valeremos dessas alterações para demarcar a mudança de posição de Foucault entre as duas publicações.

A versão de DMPD possui um trecho que se refere à centralidade das relações econômicas. Veremos a modificação significativa no trecho.

Les rapports sociaux que détermine l'économie actuelle, sous les formes de la concurrence, de l'exploitation, des guerres impérialistes, et des luttes de classe, offrent à l'homme une expérience de son milieu humain que hante sans cesse la contradiction.¹⁷⁴

A versão de DMPS, embora com um argumento bastante parecido, está corrigida e publicada de outra maneira. Veremos a passagem transformada, em língua portuguesa e língua inglesa.

¹⁷³FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 87.

¹⁷⁴FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 86.

As relações sociais que uma cultura determina, sob as formas da concorrência, exploração, rivalidade de grupos ou lutas de classe, oferecem ao homem uma experiência de seu meio humano que obseda incessantemente a contradição.¹⁷⁵

The social relations that determine a culture, in the form of competition, exploitation, group rivalry, or class struggle, offer man an experience of his human environment that is permanently haunted by contradiction.¹⁷⁶

Fica evidente nesse trecho que Foucault corrigiu a expressão “economia atual”, colocando em seu lugar a palavra “cultura”. O que isso nos diz sobre sua mudança de perspectiva? Foucault estava às voltas com o problema da fundamentação *material* dos saberes através das formações econômicas. Isso quer dizer que primeiramente a fundamentação de seu primeiro trabalho procurou justamente aproximar-se de uma perspectiva materialista alinhada com o *marxismo* francês, não desviando de conceitos como capital, luta de classes, exploração e imperialismo.

O termo capitalismo não é muito recorrente na obra foucaultiana. Entretanto, é possível resgatar várias citações que se aproximam do diagnóstico da economia política de Karl Marx¹⁷⁷, não para subscrever integralmente, mas para ir além e complementar a forma de dominação capitalista, refinando a análise de seus mecanismos de reprodução social. Em *A Sociedade Punitiva*, o filósofo busca entender a construção de um aparato disciplinar no século XVIII europeu, sem dispensar o processo de “crescimento do capitalismo” como organizador de tal aparelho repressivo¹⁷⁸. Em *Vigiar e Punir*, Foucault cita que o processo de vigilância é um operador econômico decisivo, destacando que a função de vigilância do capital foi apontada por Marx e seria indispensável para sua análise¹⁷⁹. Apesar disso, existem alguns comentadores que discordam de tal aproximação, buscando contrastar mais uma relação irreconciliável¹⁸⁰.

¹⁷⁵ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 65.

¹⁷⁶ FOUCAULT, M. *Mental Illness and Psychology*, p. 82.

¹⁷⁷ Étienne Balibar defende que toda força do trabalho foucaultiano foi um embate de diálogo com as teses de Marx. Ele afirma que mesmo Marx não utilizando expressamente o conceito de “materialismo histórico”, Foucault possui teses bastantes próximas à essa posição materialista. BALIBAR, E. Foucault and Marx – the question of nominalism In: *Michel Foucault philosopher*, p. 54.

¹⁷⁸ FOUCAULT, M. *A Sociedade Punitiva*, p. 130.

¹⁷⁹ FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, p. 172.

¹⁸⁰ O trabalho bastante reconhecido de Dreyfus e Rabinow cita Marx três vezes, em constante contraposição a Foucault, todas no contexto do debate presente em *As Palavras e as Coisas*. A

É interessante destacar que embora tenha optado pelo termo “cultura”, os *efeitos* da estrutura econômica, por assim dizer, não foram apagados. Ou seja, o autor não retirou de sua versão final os conceitos de concorrência, exploração e luta de classes. Portanto, é necessário lembrar que os efeitos da infraestrutura econômica não deixaram de existir, mas apenas perderam uma centralidade metodológica, abrindo espaço para um conceito mais amplo denominado cultura. Apesar de um debate um tanto complicado, não é improcedente levantar a hipótese de Foucault retirar palavras como “capitalismo” mais para afastar-se de um marxismo ortodoxo no campo de história das ciências, do que propriamente por uma discordância teórica.

O outro trecho citado anteriormente, em que Foucault destaca a importância da base econômica das relações sociais, apontando expressamente o conceito de capitalismo, também foi modificado na versão DMPD. Nessa edição, não encontramos o conceito capitalismo, mas encontraremos novamente a opção pelo termo cultura. Primeiro, abaixo temos a edição de DMPD, depois a edição de DMPS.

Freud voulait expliquer la guerre ; mais c'est la guerre qui explique ce tournant de la pensée freudienne. Ou plutôt le capitalisme faisait, à cette époque, d'une façon claire pour lui-même, l'expérience de ses propres contradictions : il fallait renoncer au vieux thème de la solidarité, et admettre que l'homme pouvait et devait faire de l'homme une expérience négative, vécue sur le mode de la haine et l'agression. Les psychologues ont donné à cette expérience le nom de l'ambivalence et ils y ont vu un conflit d'instincts. Son origine est, en réalité, dans la contradiction des rapports sociaux.¹⁸¹

Freud queria explicar a guerra; mas é a guerra que se sonha neste redemoinho do pensamento freudiano. Ou melhor, nossa cultura fazia, nesta época, de um modo claro para si mesma, a experiência de suas próprias contradições: era preciso renunciar ao velho sonho da solidariedade e admitir que o homem podia e devia fazer do homem uma experiência negativa, vivida no modo do ódio e da agressão. Os

primeira citação debate uma verdade escatológica no discurso de Marx. DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 36. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 441. A segunda citação destaca a posição de Marx na modernidade representando um pensamento que avança a partir de seu próprio movimento. DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 40. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 453. A terceira citação traça um paralelo entre Marx, Hegel e Spengler a partir do movimento da história como progresso e redenção do significado do humano. DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 47. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 461.

¹⁸¹ FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 87.

psicólogos deram a esta experiência o nome de ambivalência e viram aí um conflito de instintos. Mitologia sobre tantos mitos mortos.¹⁸²

A comparação desses trechos é bastante elucidativa. Primeiramente, é evidente a troca entre “capitalismo” e “cultura”. Contudo, isso não significa um apagamento das formações econômicas como *condição de possibilidade*, apenas uma reorganização do argumento foucaultiano. Possivelmente, a utilização do termo capitalismo era demasiadamente significativa para a esquerda francesa da época, e, dessa forma, agregando todo um grupo de outros conceitos a reboque para a análise. Não somente Foucault estava em constante embate teórico com questões marxistas, mas não parecia querer opor-se a elas em absoluto, apenas seguir um caminho próprio.

Seguindo com a comparação dos trechos, a última sentença também deve ser comentada. Foucault retira o trecho que confirma a origem da analítica do conflito dos instintos na formação da evolução psicológica, e substitui por um trecho que reafirma a interpretação da psicanálise como mitologia. O que essa troca pretende? Podemos inferir que isso é mais uma pista que corrobora a hipótese da preferência de fundamentar as condições de possibilidade das doenças mentais no espectro mais amplo da cultura, redirecionando a centralidade dos fenômenos econômicos ou aparentemente apaziguando essa origem.

A mudança no título da segunda parte demonstra essa opção. Foucault retira a denominação de *condições reais* da doença mental e substitui por “fato da civilização”. Ou seja, um fato da civilização é uma noção que não está expressamente vinculada à infraestrutura econômica, ou um efeito direto do capital. Por outro lado, um fato de civilização é um efeito de diversas áreas do contexto sócio histórico, se quisermos chamar assim. Contudo, não anula em suma, os efeitos da infraestrutura ou das formações econômicas.

O interessante para nossa discussão é demonstrar que o problema da materialidade é um ponto central do trabalho foucaultiano, desde o início, e que o colocou diante tanto da alternativa do marxismo, como da alternativa do estruturalismo. Isso não quer dizer que houve uma opção de uma abordagem em relação à outra, mas que o autor utilizou elementos dessas duas perspectivas para

¹⁸² FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 66.

fundamentar sua abordagem de materialidade dos sistemas de saber. Agora, para entender um pouco melhor o caminho que o autor adotou na década de 1960, debateremos brevemente alguns pontos exclusivos da edição de DMP de 1962.

Não é apenas a expressão fato de civilização que muda no título da segunda parte, mas é retirada a palavra “psicopatologia” e substituída por “loucura”. A edição de 1962 é reorganizada após Foucault escrever *História da Loucura na Idade Clássica* em 1961. Por isso, a escrita dessa monografia é essencial para entender as correções de DMPD. Dito isso, podemos entender porque a loucura passa a ter espaço privilegiado na nova edição e acaba substituindo, de uma maneira geral, o conceito de doença mental na segunda parte.

Foucault elege a loucura como uma doença mental que organiza todo modo de exclusão do patológico, ainda nos termos da alienação. No século XVII, uma mudança determinante acontece na Europa, e inicia-se a difusão de estabelecimentos de internação, para loucos e diversos outros indivíduos¹⁸³, que também não estavam enquadrados em uma massa trabalhadora produtiva. Esses grandes hospitais e alojamentos não tinham por objetivo tutelar a rotina dos doentes somente para tratamento psicológico, mas também uma manutenção de trabalho forçado, produção de mercadorias para venda e sustentação financeira do hospital.

O internamento aparece como acontecimento que promove a exclusão da loucura espacialmente, e, assim, deflagra sua exclusão da própria concepção de razão. O espaço da desrazão possibilita comportar um agrupamento de mendigos, criminosos, outros doentes não mentais, etc. Com isso, a loucura toma uma figura de estigma moral, de marginalidade social. As práticas de internamento não compreendem um tratamento médico dos doentes, mas um esquema de punições, trabalhos forçados, castigos, humilhações¹⁸⁴. Isso demonstra que a loucura era

¹⁸³ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 54. Examinaremos melhor o fenômeno do grande confinamento europeu na seção 3.2.3 que trata do livro *História da Loucura na Idade Clássica*.

¹⁸⁴ Foucault descreve que nem mesmo Pinel ou Tuke, grandes referências do desenvolvimento do tratamento da loucura, romperam com práticas antigas de internamento, “eles as estreitaram em torno do louco. O asilo ideal que Tuke montou perto de York é considerado como a reconstituição em torno do alienado de uma quase-família onde ele deverá sentir-se em casa; de fato, ele é submetido, por isso mesmo, a um controle social e moral ininterrupto; a cura significará inculcar-lhe os sentimentos de dependência, humildade, culpa, reconhecimento que são a armadura moral da vida familiar. Utilizar-se-ão para consegui-lo meios tais como as ameaças, castigos, privações alimentares, humilhações, em resumo, tudo o que poderá ao mesmo tempo infantilizar e culpabilizar o louco. Pinel, em Bicetre, utiliza técnicas semelhantes, depois de ter “libertado os

tratada socialmente não no domínio da medicalização, mas uma confusão em que as técnicas de tratamento são baseadas numa moralização agregada a um sistema de valores determinado e táticas de higienização social.

Na versão de 1962, Foucault insiste que o novo mundo asilar é um elo essencial para uma nova estrutura de significação da loucura. Entretanto, o próprio asilo não é um efeito de uma evolução das práticas de internamento, mas atende às demandas de uma nova organização social e estruturas das transformações na *produção e trabalho*. Dessa forma, todo debate metapsicológico ou epistemológico sobre as patologias mentais, toda “psicologização é apenas a consequência superficial de uma operação mais surda e situada num nível mais profundo”¹⁸⁵.

Nessa primeira monografia de Foucault – tanto na versão de 1954, quanto na versão de 1962 –, já podemos perceber que os saberes são organizados não somente por movimentos internos às metodologias próprias de certo campo de saber, nas formações discursivas. De outra forma, as condições de surgimento dos saberes devem ser buscadas em um sistema de significação de domínio histórico, não somente de uma forma geral, mas também em sua materialidade econômica. Além disso, não somente uma conjugação entre *formações discursivas* e *formações extradiscursivas*, mas uma importância crucial para as formações extradiscursivas.

A loucura surge neste trabalho como um critério histórico através do qual é possível organizar as patologias mentais que são tratadas em toda multiplicidade de suas nosologias. Assim sendo, ela torna-se suporte para organizar todo entendimento histórico das práticas na psicologia¹⁸⁶, um conceito fundamental na versão de 1962 e uma noção importante para todo trabalho foucaultiano ao longo dos anos de 1960, que não havia aparecido na versão de 1954.

Resumindo, pode-se dizer que as dimensões psicológicas da doença não podem, sem algum sofisma, ser encaradas como autônomas. Certamente, pode-se situar a doença mental em relação a gênese humana, em relação a história psicológica e individual, em relação as formas de existência. Mas não se deve fazer destes diversos aspectos da doença formas ontológicas se não se quer recorrer a explicações míticas, como a evolução das estruturas psicológicas, a teoria dos instintos ou uma antropologia existencial. Na realidade, é somente na história que se pode descobrir o único a priori concreto, onde a doença

acorrentados" que aí se encontravam ainda em 1793." FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 57.

¹⁸⁵ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 58.

¹⁸⁶ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 63.

mental toma, com a abertura vazia de sua possibilidade suas figuras necessárias.¹⁸⁷

Toda essa investigação aponta que, para Foucault, existe um “a priori concreto” – alocado não em “explicações mitológicas”, mas na própria história – através do qual a doença constitui-se enquanto possibilidade inteligível. E, dessa forma, ela pode ser reconhecida no interior de um campo de saber com suas formas ontológicas. O que está em jogo, portanto, é exatamente, e, ainda, as condições de possibilidade para um determinado campo do saber. Não é demais considerar que Foucault troca a noção de “condições reais” de formação das patologias mentais por “a priori concreto”. Isso aponta que o termo *a priori concreto*¹⁸⁸ pretende lidar com o mesmo conjunto de problemas que o termo condições reais, ou, pelo menos, um conjunto de problemas similares.

Nesta obra, tanto na versão de 1954, quanto na versão de 1962, a expressão “a priori” havia sido utilizada na primeira parte como conceito analítico. Ela é utilizada exatamente na explicação da angústia como dimensão existencial geral da história individual. Levando em conta que a angústia atravessa toda constituição do trauma e dos mecanismos psicológicos, “ela é como um *a priori* de existência”¹⁸⁹. Portanto, comparando a função analítica das duas passagens, o a priori de existência caracteriza uma dimensão geral da existência, uma condição de possibilidade para constituição do devir de uma história individual das psicopatologias. Para esclarecer um pouco mais essa questão, é interessante notar que essa noção de “a priori de existência” aparece em um texto de Foucault a respeito do escrito *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático* de Immanuel Kant.

Em *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant* (1959-1960), Foucault busca reconstruir uma conexão entre o projeto crítico kantiano e a análise antropológica do filósofo alemão. Sendo assim, ele escreve que

o que é *a priori do conhecimento* do ponto de vista da *Crítica* não se transpõe imediatamente na reflexão antropológica em *a priori de existência*, mas aparece na espessura de um devir em que sua súbita

¹⁸⁷ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 67, grifo nosso.

¹⁸⁸ Mais adiante, veremos como essa noção, em NC, é citada como o próprio objeto da arqueologia enquanto condição de possibilidade na seção 2.3.1.

¹⁸⁹ FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*, p. 37. “ele est comme un *a priori* d’existence”. FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 52.

emergência infalivelmente assume, na retrospectão, o sentido do já-aí.¹⁹⁰

Nesse trecho, Foucault pretende destacar uma inflexão do projeto da antropologia através do criticismo, ou melhor, ele busca apresentar as diferenças na transposição da posição do sujeito em relação às sínteses operadas no processo de conhecimento e sua condição de existência nas sínteses operadas “fora do labor visível da consciência”. Mas o que significa isso? Dito de outra forma, o a priori de existência é, na verdade, o inverso do a priori do conhecimento, na medida em que o segundo se expressa como condição de possibilidade da experiência do conhecimento para a consciência. Por outro lado, o “*a priori*, na ordem do conhecimento, torna-se na ordem da existência concreta, um originário que não é cronologicamente primeiro, mas que já apareceu na sucessão de figuras da síntese, se revela como já-aí”¹⁹¹. Isso significa que esse a priori de existência não é diferente do a priori concreto na medida em que ele trata da perspectiva do sujeito, da consciência. Esse termo não aparece mais nos escritos de Foucault e nos ajuda a esclarecer o a priori concreto, justamente por oposição.

Reconstruindo essa noção de *a priori*, para Foucault, percebemos que se refere a algo anterior à experiência não cronologicamente, mas como condição de possibilidade. Se não é cronologicamente, é da ordem da organização formal da experiência. Portanto, o a priori concreto representa a condição de possibilidade concreta *formal* para a constituição das doenças mentais, não na dimensão existencial, mas na dimensão da concretude, o que parece um elo entre *experiência* histórica e empírica. Esse é um problema importante para esclarecer a questão da materialidade. Contudo, isso não é esclarecido em DMPD.

Por isso, na versão de 1962, DMPS, Foucault refere-se à loucura como fato de civilização, pois está pensando em um escopo mais geral, uma dimensão propriamente histórica. Na conclusão do trabalho, Foucault diz que “na realidade, é somente na história que se pode descobrir o único a priori concreto, onde a doença mental toma, com a abertura vazia de sua possibilidade suas figuras necessárias”.

A transformação de perspectiva entre os dois trabalhos não é realizada pela ausência ou presença das formações econômicas, mas pelo *fundamento*

¹⁹⁰ FOUCAULT, M. *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*, p. 59, grifos do autor.

¹⁹¹ FOUCAULT, M. *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*, p. 60, grifos do autor.

metodológico ou *analítico* da materialidade em questão. Essa análise contribui para a hipótese geral deste trabalho na medida em que demonstra o solo de problemas que as *noções* do estruturalismo aparecerão nos trabalhos seguintes, justamente como alternativa ou solução para tais problemas filosóficos. Dito de outra forma, a reescrita do primeiro livro demonstra que o filósofo busca enfrentar o problema da materialidade de outra perspectiva filosófica.

A pergunta que Foucault pretendia responder era: qual é a qualidade dessa materialidade? A doença mental possui como condição de possibilidade concreta uma cultura, em geral, ou, mais especificamente, os efeitos de uma infraestrutura econômica dada? Em outras palavras: qual é o a priori concreto do campo de saber das doenças mentais? Perceberemos que essa continua sendo uma questão central em um de seus trabalhos mais célebres: *História da Loucura na Idade Clássica*.

2.2 História estrutural da loucura

Em *História da Loucura na Idade Clássica* (1961) a loucura já assume o papel primordial no estudo de patologias mentais. Nessa monografia, o filósofo recusa-se a restringir a experiência da loucura aos limites médicos, à experiência de descrição patológica da clínica e aprofunda uma investigação sobre a construção da loucura através do que foi feito dela, em um período histórico determinado e escopo de análise mais amplo. Apesar da aparente manutenção do tema, o objeto de análise de HLIC é mais abrangente do que DMP (1954 e 1962), lidando justamente com uma ideia mais geral da noção de cultura ou história. Nesse trabalho, Foucault diz expressamente que faz um tipo de história, e, isso deve ser levado em consideração.

Anteriormente, o campo do objeto era especificamente patologias mentais, dessa forma, a própria seleção do recorte patológico, ou seja, da categoria de doença, circunscreve a abordagem foucaultiana nos discursos e práticas médicas que rodearam essas patologias. Por outro lado, pensar a loucura como experiência é admitir um espectro mais amplo de elementos constitutivos, explodindo os discursos e práticas médicas e transbordando consideravelmente para literatura, filosofia, pintura, economia política, etc. Isso quer dizer que Foucault não pretende partir do princípio da loucura como patologia, mas apenas de uma experiência que foi construída ou percebida de diversas maneiras. Um bom ponto de partida é que não é uma história da psiquiatria, mas dos movimentos da experiência da loucura, antes de sua captura pelo saber¹⁹².

Pensar a experiência da loucura a partir do que foi feito dela é reconstruir o campo de um *sistema* de significação da loucura em determinada experiência de saber. Ou seja, não é investigá-la a partir de uma verdade que possuímos sobre ela e instituir uma comparação retroativa, não é resgatar uma história da patologia da loucura, mas entender sua possibilidade própria de construção através dos elementos constitutivos de seu sistema de significação, através de seus elementos. Diferente do objeto anterior, a doença mental, a loucura não é entendida a princípio

¹⁹² “C’est dire qu’il ne s’agit point d’une histoire de la connaissance, mais des mouvements rudimentaires d’une expérience. Histoire, non de la psychiatrie mais de la folie elle-même, dans sa vivacité, avant toute capture par le savoir” FOUCAULT, M. Préface In : In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 164.

como um conceito da psicopatologia, ou seja, o filósofo já parte da loucura como estrutura vazia.

Essa proposta busca reconstruir a loucura no ela teve de comum, como foi representada, identificada, ou em última instância produzida em determinada sociedade e em determinado período. Analisando essa monografia, fica evidente que o problema central da experiência da loucura desemboca novamente nas condições de possibilidades materiais que definem essa experiência histórica da loucura. Defendo que uma história da loucura é descrita por Foucault como uma *topologia dos signos da loucura*. Ou seja, nesse trabalho Foucault articula – de forma um pouco mais completa – pela primeira vez uma concepção de saber como sistema de significação, *sistema de saber*.

Fazer a história da loucura querará então dizer: fazer um estudo estrutural do conjunto histórico – noções, instituições, medidas jurídicas e policiais, conceitos científicos – que mantém cativa uma loucura cujo estado selvagem jamais poderá ser restituído nele próprio; mas, na falta dessa inacessível pureza primitiva, o estudo estrutural deve remontar à decisão que liga e separa, ao mesmo tempo, razão e loucura; deve tender a descobrir a troca perpétua, a obscura raiz comum, o afrontamento originário que dá sentido à unidade tanto quanto à oposição entre o sentido e o insensato.¹⁹³

A pesquisa foucaultiana sobre a experiência da loucura não responderá fenomenologicamente às questões que surgem a respeito do sujeito, razão ou consciência, ainda que o termo percepção apareça para designar formas diversas em que a loucura acontece na história. O extenso trabalho de Foucault busca resgatar o escopo geral de elementos que constituíram a experiência da loucura, não para homogeneizar o que tal experiência foi ao longo da história ou em determinado período, mas para esclarecer um pouco melhor o campo de sentido em que ela foi representada, narrada, pintada, explicada, aprisionada, silenciada.

Inicialmente seguiremos debatendo uma lógica estrutural de negatividade na exclusão e segregação social da loucura. Ainda a respeito da lógica estrutural, é

¹⁹³ FOUCAULT, M. Prefácio (Folie et Dérason) In: *Ditos e Escritos – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise I*, p. 145, grifo nosso. "Faire l'histoire de la folie voudra donc dire: Faire une étude structurale de l'ensemble historique – notions, institutions, mesures juridiques et policières, concepts scientifiques – qui tient captive une folie dont l'état sauvage ne peut jamais être restitué en lui-même ; mais à défaut de cette inaccessible pureté primitive, l'étude structurale doit remonter vers la décision qui lie et sépare à la fois raison et folie ; elle doit tendre à découvrir l'échange perpétuel, l'obscur racine commune, l'affrontement originale qui donne sens à l'unité aussi bien qu'à l'opposition du sens et de l'insensé." FOUCAULT, M. Préface In : In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 164, grifo nosso.

necessário destacar a negatividade/diferença da loucura na dualidade razão/desrazão. Após isso, depois da “lógica estrutural”, debateremos a composição das unidades de sentido da loucura, ou a *topologia de signos*. Nesse campo de signos da loucura, nas diversas produções dela como experiência, um signo aparece em destaque: o grande confinamento; signo de materialidade não discursiva, correspondendo ao campo de *formações extradiscursivas*.

Resumidamente, em HLIC, temos os dois problemas da materialidade do saber no pensamento foucaultiano nos anos de 1960. Primeiro, entenderemos que os signos que compõem o sistema histórico da loucura possuem materialidades diversas, isso somente pode ser entendido através do problema da *materialidade do signo*. Por outro lado, existe – assim como em DMPD e DMPS – a materialidade do saber através das formações econômicas, tendo o grande confinamento como elemento material em destaque. Contudo, especialmente em HLIC, essas duas instâncias não estão separadas, porque Foucault entende a *significação* histórica do grande confinamento no modo de produção através de seu *valor de linguagem*, retornando para a materialidade do signo/significante. Dito de outra forma, HLIC é fundamental para a hipótese deste trabalho, na medida em que a *metodologia* utilizada por Foucault para construir uma história da loucura somente pode ser entendida através de *noções* estruturalistas, e mais que isso, tais noções embasam todo o problema da materialidade histórica da experiência clássica da loucura.

2.2.1 Desrazão e alienação

2.2.1.1 Negatividade e poder

Foucault analisa que no final da Idade Média os leprosários espalhados pelas cidades da Europa, espelhos das chagas, começam a esvaziar. A lepra – que foi sucedida pelas doenças venéreas –, a partir do século XV, perde a recorrência epidêmica e a força simbólica como enfermidade na Europa. O desaparecimento dos leprosários deve-se à própria lógica de segregação e também ao “fim das Cruzadas, da ruptura com os focos orientais de infecção”¹⁹⁴. A exclusão dos leprosos remetia diretamente ao seu estatuto fantasmático de mal espiritual, praga sagrada, figura mítica. Os leprosários não eram exatamente instituições de cura. No

¹⁹⁴ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 9.

processo de desaparecimento da lepra, eles ficam esvaziados, sem utilidade, iniciando uma perícia sobre suas instalações e divisão de bens para os hospitais gerais por toda Europa. A questão é: o desaparecimento da lepra da paisagem ocidental “sem dúvida não foi efeito, longamente procurado, de obscuras práticas médicas, mas resultado espontâneo dessa segregação”¹⁹⁵.

Inicialmente, percebemos que o desaparecimento da lepra não foi efeito do desenvolvimento das teorias médicas, e muito menos das inovações das práticas clínicas. O desaparecimento da lepra encontra-se em diversas práticas sociais, assim como a importância econômica dos leprosários desencadeou diversos conflitos¹⁹⁶. Dessa forma, o argumento de Foucault não está amparado no processo interno de desenvolvimento das práticas médicas, e além disso, muito menos está amparado em suas aplicações e aperfeiçoamento técnico. Todo desaparecimento da lepra da paisagem medieval está intimamente ligado ao resultado de fatores diversos, principalmente às estratégias de segregação.

É importante destacar que Foucault utiliza a categoria de *alienação* analiticamente não somente em HLIC. Assim como em DMPD e DMPS existia um sistema histórico de alienação das doenças mentais, a lepra e a loucura são percebidas da mesma forma. Devemos notar que a sociedade possui uma recorrente formulação do normal e do alienado. Apesar dessa repetição aparente, as condições de possibilidade dessa alienação, seja da lepra, seja da loucura, variam de acordo com cada sistema de saber. O trabalho a ser feito é aprofundar essas condições de possibilidade, ir além dos efeitos de “superfície”, traçar uma arqueologia da alienação, palavra que aparece pela primeira vez em HLIC nos anos de 1960.

A alienação é uma noção importante nessa obra, pois ela classifica o tipo de estrutura que está em jogo. Foucault diz que pretendia investigar formas estruturadas de experiência que poderiam ser encontradas em diversos níveis. Esses diversos elementos responderiam à uma *estrutura* de exclusão, de segregação social¹⁹⁷. Isso quer dizer que assim como a Idade Média excluiu o doente nos leprosários, a cultura clássica exclui no hospital geral e nas casas derivadas do leprosário. Em HLIC, Foucault pensa uma estrutura de lógica excludente, isso

¹⁹⁵ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 9.

¹⁹⁶ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 8.

¹⁹⁷ FOUCAULT, M. La folie n'existe que dans une société In : In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 168.

demonstra que toda analítica em jogo depende da forma como a estrutura em questão funciona.

Não é por acaso que Foucault inicia HLIC com um relato sobre a decadência dos leprosários e do estatuto simbólico dos leprosos. O gradual desaparecimento do leproso da Europa libera o *espaço de segregação*, econômico e simbólico. Abre, naquele momento, espaço para uma nova exclusão moral e segregação social, um novo lugar no dispositivo social de separação entre normal e alienado, representados tanto pela noção de *desvio* em DMPD e DMPS, quanto pela *alienação* e *exclusão* em HLIC.

Podemos perceber que essa categoria do pensamento foucaultiano, a segregação nas experiências de saber, aparece desde o princípio em seu pensamento. Nos anos de 1970, essas pistas serão desenvolvidas através de uma investigação mais detida nas genealogias desses poderes de segregação e seus vínculos com os saberes. Dessa forma, HLIC já tinha um potencial político bastante evidente e foi catalizador para movimentos antimanicomiais.

Os leprosários representam o traço de uma outra alienação, uma outra exclusão. Resgatando os traços dessa alienação, podemos comprar as transformações nas formas de exclusão. Isso quer dizer que as maneiras de exclusão são diferentes, pois possuem condições de possibilidades diferentes, de acordo com as formações sociais e econômicas e as experiências de saber. Além disso, a própria estrutura de exclusão/repressão não é um ponto pacífico no pensamento foucaultiano. Veremos melhor esse argumento comparando com a análise também dos leprosários e a cidade em estado de peste no século XVIII.

Em *Os Anormais* (1974-1975), Foucault faz um paralelo entre esses espaços, para pensar justamente a maneira como os poderes foram exercidos na Europa. Essa categoria de *arqueologia de uma alienação* vai perdendo espaço como operação analítica no pensamento do filósofo, e nos anos de 1970 já se inicia um pensamento da *genealogia da positividade* dos dispositivos de poder. Foucault diz que “no fundo, no que diz respeito ao controle dos indivíduos, o Ocidente só teve dois grandes modelos: um é o da exclusão do leproso; o outro é o modelo da

inclusão do pestilento”¹⁹⁸. Dessa forma, a comparação pretende destacar dois modelos, dois funcionamentos, duas *estruturas* de poder – já que nesse período o objetivo da investigação é menos um estudo da constituição dos saberes e mais uma genealogia dos poderes.

Primeiramente, ainda existe uma reafirmação de uma estrutura negativa de exclusão e segregação. A relação com o leproso era baseada na lógica repressiva, “os mecanismos de poder que se exercem sobre eles como mecanismos e efeitos de exclusão, de desqualificação, de exílio, de rejeição, de privação, de reclusa, de desconhecimento; ou seja, todo o arsenal dos conceitos e mecanismos negativos”¹⁹⁹. Isso significa que a qualidade de relação com os leprosos poderia ser descrita em uma lógica espacial da exclusão, contudo, na cidade pestilenta o poder funciona de outra maneira.

No século XVII, segundo o autor, as cidades possuíam uma lógica de esquadrinhamento espacial bem específica. Existia uma organização do território bastante pormenorizada, os bairros extremamente vigiados continuamente, toda ação suspeita deveria ser descrita e registrada, inspeções duas vezes por dia nas ruas. Em suma, não é mais uma demarcação excludente em massa do leproso, mas uma inclusão individualizante do doente. Foucault compara que “não se trata de uma exclusão, trata-se de uma quarentena. Não se trata de expulsar, trata-se ao contrário de estabelecer, de fixar, de atribuir lugar, de definir presenças, e presenças controladas”²⁰⁰. A reação à lepra é uma reação negativa, e, de outra forma, a reação à peste é positiva. É importante destacar que independente de Foucault pensar sistemas de saber ou sistemas de poder, existe um modo de funcionamento *estrutural* em questão na organização dos elementos.

Tanto em HLIC, quanto no curso *Os Anormais*, Foucault admite uma estrutura de exclusão, uma estrutura que opera por negatividade e alienação. Contudo, essa comparação não é tão simples quanto parece. Em DMPS e DMPD, percebe-se que a noção de *desvio* em Durkheim tem uma relação bastante próxima com a forma de entender as psicopatologias. Ou seja, a forma que Foucault entendia a divisão entre normalidade e anormalidade era relativamente negativa. Defendo

¹⁹⁸ FOUCAULT, M. *Os Anormais*, p. 55.

¹⁹⁹ FOUCAULT, M. *Os Anormais*, p. 54.

²⁰⁰ FOUCAULT, M. *Os Anormais*, p. 57.

que nos anos de 1960, o pensamento foucaultiano ainda não trabalha com a noção de uma *estrutura* através da *positividade*. Isso pode ser claramente percebido levando em conta que a noção de positividade nesse período refere-se a outro tipo de campo conceitual, exatamente ao vínculo entre saber e história.

Ainda no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, o filósofo não trabalha com a noção de um poder produtivo. Em *Aulas Sobre a Vontade de Saber* (1969-1970), podemos encontrar expressões como “sistemas reais de dominação”²⁰¹. Essa dominação refere-se a uma subjugação dos indivíduos a algum tipo de estrutura repressiva, que opera não através do estímulo a um campo possível de ação e conduta, mas negativamente através da coerção. Em *Teoria e Instituições Penais* (1971-1972), Foucault utiliza de forma recorrente a noção de repressão. Foucault resgata a revolta dos Nu-pieds na Normandia (movimento contra medidas fiscais em 1639-1640) a fim de rastrear o surgimento do Estado e um certo aparato de repressão²⁰², ou as transições de repressões feudais para modernas.

Diante disso, percebemos que existe, na análise foucaultiana, uma forma de funcionamento *estrutural* da matriz de “produção de subjetividade”, seja positiva ou negativa. Ainda nos anos de 1960, através de arqueologias sobre os desenvolvimentos dos saberes das ciências humanas, o filósofo pensa uma matriz de exclusão que delimita o normal e a anormalidade através de uma lógica da alienação. Por outro lado, o estudo dos dispositivos de poder no Ocidente terminará em uma hipótese de um poder que funciona estruturalmente através da positividade.

A diferença de perspectiva de funcionamento estrutural poderia ser lida como uma inflexão temática, ou uma divergência de método para dar conta de objetos diferentes, saberes e poderes. Contudo, em *História da Sexualidade vol. I – A Vontade de Saber* (1978) o filósofo analisa, entre outras coisas, o discurso psicanalítico para tentar demonstrar a limitação de uma *hipótese repressiva*. Em resumo, o Ocidente criou toda uma *scientia sexualis* em torno da sexualidade – outras experiências seriam possíveis, como a *ars erotica* do Oriente, por exemplo –, produzindo a sexualidade como experiência²⁰³. A reconstrução da história recente da sexualidade no Ocidente é feita a partir de uma análise das instâncias de

²⁰¹ FOUCAULT, M. *Aulas sobre a vontade de saber*, p. 5.

²⁰² FOUCAULT, M. *Teorias e Instituições penais*, p. 7.

²⁰³ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, p. 57.

“produção discursiva”, “produção de poder” e “produção de saber”²⁰⁴. Assim sendo, a vontade de saber não se limitou a fazer um tabu *repressivo*, mas de construir uma ciência da sexualidade²⁰⁵. O objetivo não é provar que a hipótese repressiva não se sustenta, não é argumentar sua falsidade, mas destacar que a interdição não é o elemento principal e constituinte que se pode analisar sobre como foi tratado o sexo.

Por exemplo, através de um princípio de causalidade geral a medicina recente (ou simplesmente a psicanálise) construiu a confissão sexual como forma científica e codificação clínica. Isso significa que existe uma etiologia, principalmente psicológica, traçando um fio de sintomas, hábitos, traumas reorganizados em uma rede de causalidade sexual²⁰⁶. Assim, os saberes recentes criaram uma forma científica de *produzir* o sexo de determinada maneira, através de extorsão discursiva no divã e codificação clínica de enunciados.

Foucault defende, portanto, que o discurso sobre a sexualidade, o saber, não alienou, excluiu, segregou a sexualidade, mas de outra forma, foi responsável por sua produção positiva. Essa é uma contribuição particular do filósofo tanto para filosofia política, quanto para a psicanálise, de um modo geral. Dessa forma, Foucault coloca em xeque toda hipótese psicanalítica sobre a centralidade da sexualidade como *repressão*. O que está em jogo, portanto, é também a própria fundação de uma ordem simbólica que possui como efeito um caráter repressivo.

Em 1972, Deleuze e Guatarri publicam *O Anti-Édipo*, livro-resposta tanto ao maio de 1968 francês, quanto aos caminhos da psicanálise na época. Um dos

²⁰⁴ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, p. 17.

²⁰⁵ Toda essa abertura foucaultiana na investigação sobre os mecanismos de produção da sexualidade foi fundamental para reconstrução de um pensamento feminista ou *queer* contemporâneo. Paul Preciado aponta que “*Biopouvoir* (biopoder) é o termo com que se refere a essa nova forma de poder produtivo, difuso e em expansão. Ultrapassando o domínio jurídico e da esfera punitiva, o poder torna-se uma força de “somato-poder” que penetra e constitui o corpo do indivíduo moderno”. PRECIADO, P. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, p. 75. Judith Butler entendendo a importância da concepção de poder foucaultiana interpreta que “os regimes disciplinares do corpo que levaram as feministas a ler Foucault para elaborar uma teoria da produção disciplinar do gênero”. BUTLER, J. *A vida psíquica do poder*, p. 91.

²⁰⁶ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, p. 64.

motes principais dessa obra é desedipianizar o edifício psicanalítico²⁰⁷, retirar o desejo da sua clausura privada da economia psíquica da família e liberar seu potencial como força criativa, ou *produtiva*. Segundo os autores, o desejo é o que ele faz. Deveríamos nos preocupar mais com sua circulação enquanto potência de criação – revolucionária –, do que prendê-lo na epistemologia psicanalítica da estrutura edipiana familiar da burguesia europeia.

Justamente nessa obra, os dois autores citam HLIC. Eles denunciam o encerramento da sexualidade na família burguesa pela psicanálise e relacionam com a análise de Foucault demonstrando também essa solidariedade entre loucura e família na sociedade burguesa do século XIX. Diante disso, reafirmam a cumplicidade da psicanálise com o trabalho iniciado pela psiquiatria, que realizava um discurso moralizante e familiar sobre as patologias mentais²⁰⁸, reforçando a alienação da loucura em um complexo parental e moral. A questão fica mais complexa. Isso nos permite enxergar uma dupla alienação, e, podemos interligar as análises foucaultianas entre loucura e sexualidade.

Primeiramente, eles reafirmam o diagnóstico foucaultiano em HLIC de alienação da loucura pela moralização burguesa. Ou seja, a psiquiatria do século XIX foi responsável por segregar a loucura espacialmente e moralmente. A psicanálise foi sua cúmplice por manter a estrutura patológica edipianizada. Contudo, podemos perceber que a respeito da sexualidade, a confissão aparece como figura que busca ultrapassar as barreiras do recalçamento e da repressão pelo discurso, pela fala, pela narrativa de si mesmo.

Portanto, buscando lidar com essa estrutura de repressão, a psicanálise produziu a sexualidade de determinada forma, através dessa proliferação enunciativa na codificação clínica. Dessa forma, Foucault denuncia esse movimento como um aspecto produtivo do poder, sutilmente mascarado através de uma *liberação*. Uma análise parecida está presente em HLIC.

Freud fez deslizar na direção do médico todas as estruturas que Pinel e Tuke haviam organizado no internamento. Ele de fato libertou o doente dessa existência asilar na qual o tinham alienado seus "libertadores".

²⁰⁷ “É isso o incurável familiarismo da psicanálise enquadrando o inconsciente em Édipo, ligando-o de um lado e do outro, esmagando a produção desejante, condicionando o paciente a responder papai-mamãe, a consumir sempre papai-mamãe.” DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*, p. 123.

²⁰⁸ DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*, p. 69.

Mas não o libertou daquilo que havia de essencial nessa existência; agrupou os poderes dela, ampliou-os ao máximo, ligando-os nas mãos do médico. Criou a situação psicanalítica, onde, por um curto-circuito genial, a alienação torna-se desalienante porque, no médico, ela se torna sujeito. O médico, enquanto figura alienante, continua a ser a chave da psicanálise. Talvez seja porque ela não suprimiu essa estrutura última, e por ter conduzido a ela todas as outras, que a psicanálise não pode e não poderá ouvir as vozes do desatino, nem decifrar em si mesmos os signos do insensato. A psicanálise pode desfazer algumas das formas da loucura; mesmo assim, ela permanece estranha ao trabalho soberano do desatino. Ela não pode nem libertar nem transcrever e, com razão ainda maior, nem explicar o que há de essencial nesse trabalho.²⁰⁹

A situação psicanalítica, nesse trecho, funciona como curto-circuito em relação à alienação dos asilos. Ao mesmo tempo que o médico libera o doente do encerramento espacial e clínico asilar, ele o aliena no consultório e na figura do próprio médico. Existe, ainda, uma figura negativa e presente na alienação, contudo, podemos perceber que Foucault trata de uma ilusão de liberação, uma falsa emancipação. Seria o paradoxo dessa ilusão de liberdade os germes da hipótese de positividade do poder? Talvez não, pois é verdade que Foucault não revisou sua hipótese de poder negativo, pois quando comenta os leprosários em *Os Anormais*, o autor reafirma a diferença entre as estruturas.

Achamos aqui um centro de reversibilidade da analítica foucaultiana, incrível ponto de inversão das polaridades do poder. A psicanálise se apresenta como dispositivo de saber completo, como uma pilha, negativa na loucura e positiva na sexualidade, acompanhando as transformações nos próprios dispositivos – ou nas mudanças de perspectiva de Foucault.

Existe uma homologia evidente nessas duas propostas, tanto Deleuze e Guattari quanto Foucault, apostam em modelos produtivos de diagnóstico, respectivamente o desejo e os poderes. Segundo eles, se quisermos pensar de uma maneira interessante politicamente, devemos duvidar tanto da efetividade de uma ordem simbólica repressiva, quanto de respostas políticas que tenham esse diagnóstico como contraponto. Baudrillard apontou essa homologia incestuosa entre as duas noções na época²¹⁰. Apesar de pretender criticar a produção como uma aposta política pós-maio de 1968, é interessante destacar a homologia funcional

²⁰⁹ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 554.

²¹⁰ Baudrillard não somente coloca o desejo e o poder sob o signo da produção, como também a noção de intensidade proposta por Lyotard. BAUDRILLARD, J. *Esquecer Foucault*, p. 25.

desses conceitos como processo de produção de subjetividades e estratégias micropolíticas.

Segundo Baudrillard, em HS o poder é descrito como teleonômico²¹¹. A teleonomia é a qualidade de algo que se movimenta a partir de sua própria finalidade. O poder é a rede de vetores que pode ser explicada pelo encadeamento imanente de sua própria mecânica, suas *estratégias*. Os poderes produzem em uma rede infinitesimal de dispositivos, discursos e práticas, agenciando e delimitando condutas de modo contínuo, uma microfísica em nível molecular. O poder não é, o poder funciona.

O autor destaca exatamente esse atrito entre HLIC e HS, em que a loucura é analisada através do enclausuramento e o sexo através da produção. Ele defende uma transformação no diagnóstico dos poderes, de uma centralidade despótica (a ordem do proibido, da lei) para uma multiplicidade de correlação de forças²¹², através dessa pulverização o poder aparece em Foucault como uma “noção *estrutural*”²¹³.

Foucault descreveu o funcionamento do saber-poder exatamente assim em HS. Ele é uma estrutura produtiva, permeada de séries de materialidades distintas, discursos jurídicos, policiamento estatal, instituições etc.; interligadas e de caráter imanente, diagrama de relações microscópicas.

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.²¹⁴

²¹¹ BAUDRILLARD, J. *Esquecer Foucault*, p. 51.

²¹² BAUDRILLARD, J. *Esquecer Foucault*, p. 57

²¹³ BAUDRILLARD, J. *Esquecer Foucault*, p. 60. Baudrillard defende que Foucault trabalha também com signos do poder. Essa hipótese não é estranha à nossa análise, na medida em que o elemento analítico da arqueologia também pode operar como função signo. Em *Teoria e Instituições Penais*, Foucault cita expressamente uma análise de signos do poder. FOUCAULT, M. *Teoria e Instituições Penais*, p. 28. Deleuze faz uma análise da imanência do poder, lembrando que ele se desenvolve em um espaço próprio de *serialidade*. DELEUZE, G. *Foucault*, p. 37.

²¹⁴ FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*, p. 89.

Todo esse debate nos permite levantar a hipótese da permanência de um aspecto estrutural no pensamento de Foucault. Ou seja, o confronto recorrente com *noções* estruturalista que permite ao filósofo desenvolver sua contribuição filosófica singular. Somente através dessa categoria da abordagem estruturalista podemos aprofundar esse debate entre estruturas positivas e negativas no pensamento foucaultiano. Seria possível defender todo percurso da noção de estrutura em suas pesquisas dos anos de 1970, entretanto, não é o objetivo deste trabalho nem afirmar essa hipótese. É pertinente, em tempo, apontar que nos anos de 1960 Foucault lida com uma noção de *estrutura* de alienação, de exclusão, de segregação, e posteriormente, com uma noção de *estrutura* produtiva.

A lógica estrutural, portanto, parece bastante complexa quando matizamos as especificidades analíticas entre as noções de saber e poder. A reversibilidade dos termos se desdobrou no complexo saber-poder, que muitas vezes reduz a singularidade de cada noção à tese da igualdade. Entretanto, igualdade não é interdependência, e, é justamente na questão da materialidade, das formações econômicas, que a reversibilidade existe.

Entre a aparente negatividade do saber (que segrega normal e patológico/anormal) e a positividade do poder (que contorna o corpo com estratégias) existe o problema da materialidade. Não é tão difícil pensar fundamentos de materialidade solidários aos processos de poder. Por outro lado, a sutileza da materialidade do saber articula-se incisivamente com processos de poder. É justamente na materialidade dos processos de saber, que percebemos a reversibilidade indefinida entre as duas noções, entre o incontornável contexto político da produção do saber e a vocação de dominação “ideológica” do poder.

Debatemos uma lógica estrutural negativa da exclusão da loucura, ou o modo de funcionamento do sistema de saber sobre a loucura, mais relacionada à esfera do poder. Contudo, isso não é suficiente para sustentar uma hipótese de *história estrutural da loucura*, mas apenas o resgate de pistas de uma *estrutura de alienação*. Seguiremos ainda em outro aspecto dessa lógica estrutural, a desrazão, que pode ser lida também como uma lógica estrutural negativa da loucura, mais relacionada à esfera do saber.

2.2.1.2 A loucura e a desrazão

Após a experiência de segregação dos lazarentos na época Medieval, sucedida diretamente pela marginalização das doenças venéreas, aparece outra figura na época Clássica: a loucura. Na Renascença existiu uma verdadeira fascinação sobre a loucura, porque era entendida justamente como um saber hermético, esotérico²¹⁵. Nesse período, a voz da loucura é liberada tomando espaço de verdade do mundo. Na literatura e na filosofia, por sua vez, a experiência da loucura toma forma de sátira moral²¹⁶, demonstrando a diversidade de proliferação de imagens do fenômeno.

Todo esse fascínio pode ser demonstrado na figura enigmática da nau dos loucos (*Narrenschiff*). Essa figura atravessou a imaginação de todo Renascimento, influenciada pelo período de navegações europeias no século XV, essa narrativa dialogava com o mito dos desafios do mar, que lança os argonautas para seu destino de fortuna e o encontro consigo mesmos. Naturalmente, lançar um grupo de loucos nessas navegações era bastante simbólico, as águas representavam a purificação dos loucos em sua aventura espiritual de cidade em cidade. A água lava, limpa, retira toda impureza, não por acaso as práticas médicas também utilizavam a água como cura para os loucos com longos banhos, dias a fio.

A nau dos loucos evitava também que os loucos circulassem infinitamente pelas cidades e ruas, tinha por finalidade tornar o louco “prisioneiro de sua própria partida”²¹⁷. A condenação era um paradoxo, pois ao mesmo tempo que expressava um espaço encerrado, era também um tipo de espaço infinitamente movente. A nau aparece como ponto catalizador de diversos outros elementos que compunham os signos da loucura à época, como mistérios, errância, ameaça, etc. No renascimento, o louco representava os segredos do humano, sua natureza e suas mazelas. A nau dos loucos restringia a circulação do louco ao navio, retirava sua infinita peregrinação das cidades, do espaço político cotidiano. Ainda assim, essa era uma experiência de exclusão bastante complexa.

Foucault demonstra o caleidoscópio de signos que esse período produziu sobre a loucura, uma produção particular da experiência da loucura, através de uma pluralidade de imagens. No discurso foucaultiano permanece alguns aspectos da

²¹⁵ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 26.

²¹⁶ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 31.

²¹⁷ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 16.

liberação da loucura no Renascimento, a liberação das vozes e da palavra, ao passo que paulatinamente essa liberação se transformará em silêncio e segregação.

A pesquisa sobre a loucura em uma determinada época pressupõe a investigação de uma diversidade de elementos que desenham a totalidade possível de uma certa concepção histórica. No classicismo existe uma gama variada de elementos que configuram essa experiência. Ainda que tais elementos pressuponham uma diversidade constitutiva, podem estar organizados de alguma forma, segundo alguma lógica.

Foucault assume que existiu uma relação fundamental entre loucura e razão no classicismo. Ele diz que é indispensável compreender que “a loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível”²¹⁸, e, não obstante “A loucura torna-se uma das próprias formas da razão. [...] De todos os modos, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão”²¹⁹.

A razão moderna toma um papel primordial para definição da loucura nesse período, aspecto que não era relevante na Idade Média. Se anteriormente, no período medieval a loucura é do domínio do sagrado/maligno transcendental, no classicismo o humano passa a ser a medida das coisas e, seu conhecimento soberano sobre o mundo reorganiza as formas de saber. Não por acaso, em DMPD, Foucault demonstra como a loucura foi tida como uma experiência de posseção desde a antiguidade, e, justamente após a Idade Média, inicia-se através da valorização do humano, a restituição da loucura à humanidade. A doença mental, portanto, deixa de ter um aspecto transcendental e passa a ser um traço da própria humanidade, ou da ausência dela. Nesse aspecto, a razão é uma categoria de organização da experiência da loucura.

Gradativamente, a partir da renascença, vai se formando outro tipo de experiência da loucura, intimamente relacionada à razão. A obra de Deus é da ordem do mundo sensível, o que chega para nós através das experiências do mundo, das aparências, abandonar isso e buscar a essência das coisas é demência, é uma aventura da razão, mas também uma loucura, um devaneio do espírito. Ou seja, uma

²¹⁸ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 35.

²¹⁹ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 35.

só existe em relação à outra. Foucault escreve que “Agora o grande círculo fechou-se. Em relação à Sabedoria, a razão do homem não passava de loucura; em relação à estreita sabedoria dos homens, a Razão de Deus é considerada no movimento essencial da Loucura”²²⁰. Agora, existe uma transversalidade que supera a dicotomia humano e transcendental, pois a loucura é equiparada à sabedoria, à razão, independente do estatuto dessa última.

A loucura, assim sendo, pode também se apresentar como uma forma da razão. Ela pode ser, por exemplo, uma força secreta da razão quando o humano não se dá conta de sua miserável condição no mundo, desviando-se do caminho do verdadeiro e do bem. Assim, não saber sua miséria é sua própria loucura. Loucura e razão tornam-se reversíveis na sabedoria. O humano tem consciência, sapiência, ou de sua loucura, somente em relação às estruturas de sua razoabilidade. Foucault admite que a loucura é, no classicismo, produzida sob o signo da desrazão²²¹. A relação entre razão e loucura não se dá somente nos discursos filosóficos, religiosos, artísticos, morais etc., mas também na experiência de confinamento geral que trataremos mais adiante.

Torna-se evidente que a loucura, para Foucault, não é entendida como um fenômeno com um valor intrínseco, no classicismo, ela é entendida no escopo da *negatividade*²²². A desrazão configura a coesão dos elementos da loucura, e, sua constante relação com a razão somente pode ser entendida através da *diferencialidade*, através de sua *posição diacrítica* em virtude de qual tipo de razão está em jogo no processo de significação. Isso implica diretamente em uma crítica da razão moderna, pois a dependência da loucura para legitimidade da razão já demonstra que sua fundação não é naturalmente independente, uma depende da outra para assumir seu *valor de significação*.

A razão somente pode ser fundada através do golpe violento da discriminação, da segregação. Classificando o louco, o desarrazoado, o Ocidente pode afirmar-se enquanto humano soberano que compreende e pondera, sujeito

²²⁰ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 38.

²²¹ A primeira versão de HLIC é lançada em 1961 com o título *Folie et Dérision*. Na primeira tradução brasileira *dérision*/desrazão foi traduzida como desatino. Aqui, optarei por desrazão para destacar a negatividade da loucura em relação à razão, ou seja, sua constituição de sentido diacrítica como signo.

²²² FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 278.

moderno. A razão não surge senão pela história não contada da segregação da loucura, pela higienização da sociedade, expurgando o outro da razão. Essa lógica de exclusão, negatividade, é estrutural em HLIC, justamente porque não é uma forma de produção da loucura que atua de acordo um ou dois elementos do período, mas atua *estruturalmente* como efeito da organização de diversos elementos, como sistema de ordem de coesão interna estruturante.

Michel Serres, analisando HLIC, afirma que a produção da loucura através da alienação e da exclusão apresenta-se como uma *estrutura binária*²²³. Ele afirma que a partir da divisão fundamental razão/loucura desdobra-se diversas outras binariedades ou dualidades, diversas outras estruturas de divisão em consequência: desatinado, ajuizado, libertino, animalizado, humano, desarrazoado. Toda essa alienação do louco acarreta uma delimitação de espaços de separação, fusão, rejeição, etc. Em HLIC, Foucault executa, entre outras coisas, uma análise da própria delimitação de espaços dessas organizações, um espiral de dualidades que geram uma *serialidade diferencial* de termos opostos, como uma cascata de *diferenciação*, Serres classifica como “a estrutura binária da era clássica”²²⁴. Dito de outra forma, a lógica estrutural da desrazão é originada na divisão binária razão/loucura, e, com isso, gerando um efeito estrutural de diferenciação polar entre os elementos de composição, separando-os em diversas outras binariedades menores.

Portanto, a analítica foucaultiana estará sempre em diálogo com formas de incorporação, separação e reversibilidade do humano entre uma verdade a ser descoberta e seus segredos de alienação. Da nau dos loucos (espaço paradoxal navegando para lugar nenhum) aos leprosários e asilos (espaços normalizados definidos juridicamente e politicamente), existe sempre a ameaça de reversibilidade e necessidade de divisão entre o espaço²²⁵ – simbólico ou não – humano e não-

²²³ SERRES, M. The Geometry of Incommunicable: Madness In: *Foucault and his interlocutors*, p. 41.

²²⁴ “the binary structure of the classical age”. SERRES, M. The Geometry of Incommunicable: Madness In: *Foucault and his interlocutors*, p. 38.

²²⁵ Não é somente em HLIC que surge para Foucault o problema do espaço, e as diversas construções simbólicas de espaços dentro de espaços. Em *As Heterotopias* (1966), por exemplo, existe toda uma reconstrução a respeito dos eventos em que as diversas sociedades pervertem, transformam e recriam espaços outros em sua própria espacialidade delimitada. Contudo, é exatamente em HLIC que esse fator de exclusão e alienação se apresenta como negatividade

humano, do normal e do patológico. Na análise, a alienação no internamento converte-se em alienação na razão e vice-versa.

A relação entre loucura e desrazão deve ser entendida também nos termos de uma crítica estruturalista às ideias de razão esclarecida, autonomia do sujeito e consciência. Toda empresa estruturalista aponta para uma razão natural que trabalha em nós à revelia de nós mesmos, diluindo toda ilusão de consciência e voluntarismo na própria linguagem. Isso quer dizer que o sistema simbólico, como citamos anteriormente, não é um campo em que o sujeito atua livremente, mas um conjunto de potenciais processos de significação que formam o sujeito, que atravessam a consciência, ou os próprios processos de subjetivação. Dito de outra forma, a estrutura da desrazão na análise da loucura implica uma crítica do sujeito, da consciência e da razão moderna²²⁶ em termos *estruturalistas*.

A razão esclarecida, naturalmente, institui uma centralidade do sujeito, o surgimento da capacidade analítica racional que constrói conhecimento sobre a realidade do mundo. Nesses termos, portanto, o saber é efeito de um sistema simbólico baseado na intencionalidade e genialidade dos indivíduos, em um princípio de filosofia como efeito de um processo de evolução do conhecimento, dirigido pelo sujeito através da razão, da verdade. Por outro lado, a crítica estruturalista desmonta justamente essa centralidade do sujeito e dissolução da razão e da verdade, transportando a análise para a linguagem e efeitos de significação.

A descoberta de um plano simbólico, no estruturalismo, significa defender que existe um campo de signos que pressupõe um excesso de sentido para além da intencionalidade do sujeito. Toda ideia de razão moderna que funda não somente o sujeito, mas também o progresso da ciência, é dissolvida por essa crítica. O sujeito não é a origem do saber, do discurso sobre a loucura. Mas, por outro lado, o saber

estrutural, não somente na espacialidade material, mas também “simbólica”. FOUCAULT, M. Les Hétérotopies In: *O Corpo Utópico, As Heterotopias*, p. 19.

²²⁶ A crítica da razão ou “racionalidade” na forma de logos pode ser identificada também em Derrida, tratando justamente da sobreposição do significante no processo de significação. “A racionalidade – mas talvez fosse preciso abandonar esta palavra, pela razão que aparecerá no final desta frase –, que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada, não mais nascida de um logos e inaugura a destruição, não a demolição mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de logos.” DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 13.

sobre a loucura forma-se através de um plano estrutural em que os diversos signos se justapõem em diferencialidade, atravessados pela *forma* da linguagem.

A apreensão da linguagem do louco é um desafio incontestável para a razão. O racionalismo precisa traduzir a desrazão nos termos da razão, tanto em seu escopo de mundo determinado, como em sua linguagem científica. Por isso, Serres afirma que existe toda uma classificação e definição positivista projetada para entender a loucura, todo um sistema linguístico para apreender a realidade da loucura²²⁷. Dessa mesma forma, Foucault afirma que existiu um vazio na linguagem da loucura, e foi preciso a produção de um “fazer falar” da loucura, esvaziando seu logos próprio.

Depois de Freud, a loucura ocidental tornou-se uma não-linguagem, porque ela se tornou uma linguagem dupla (língua que não existe senão dentro dessa palavra, palavra que não diz senão sua língua) - quer dizer. Uma matriz da linguagem que, em sentido estrito, não diz nada. Dobra do falado que é uma ausência de obra.

Será preciso, um dia, fazer essa justiça a Freud: ele não fez *falar* uma loucura que, há séculos, era, exatamente uma linguagem (linguagem excluída, inabilidade tagarela, palavra corrente indefinidamente fora do silêncio ponderado de razão); ao contrário, ele esvaziou dela o *Logos* desarrazoado: ele a dessecou; fez remontar as palavras até sua fonte - até essa região branca da auto implicação onde nada é dito.²²⁸

O campo de saber não é mais dominado pela razão, mas pela linguagem, ou a *razão da linguagem*. O efeito desse processo não é imediatamente consequência da administração do sujeito de consciência pela razão. Por outro lado, a noção estrutural de saber, para Foucault, justamente vai além desse processo de conhecimento, e admite um processo de significação muito mais amplo, dissolvendo totalmente o saber como efeito da dominância da razão pela verdade do mundo.

Nesta secção entendemos a lógica estrutural da história da loucura como negatividade, exclusão e desrazão. Ou seja, o aprofundamento nessa questão somente é possível através da análise das *noções* de lógica estrutural, ordem simbólica, valor/diferença, etc. Agora, devemos entender um pouco melhor como formam-se os *elementos* desse sistema de significação.

²²⁷ SERRES, M. The Geometry of Incommunicable: Madness In: Foucault and his interlocutors, p. 38.

²²⁸ FOUCAULT, M. Loucura, A Ausência da Obra In: Ditos e Escritos I – Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise, p. 196. FOUCAULT, M. La folie, l’absence d’œuvre » In : In : *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 418.

2.2.2 Topologia dos signos da loucura

Foucault somente consegue perceber a desrazão como categoria fulcral da loucura no classicismo, como lógica estrutural, depois de analisar a toda a estrutura histórica do período. Isso implica lidar com uma quantidade ampla de *elementos* que produzem o espectro da experiência histórica. Portanto, é necessário debater um pouco mais a fundo como essa concepção de história é formada, e, como os elementos em jogo atuam na estruturação de um sentido coeso no espaço histórico. É necessário entender que o jogo entre razão e desrazão configura-se como uma lógica da diferença, atributo de uma qualidade estrutural da história.

Roland Barthes, analisando o livro, relata que “a história descrita por Foucault é uma história estrutural (e não me esqueço do abuso que se faz dessa palavra hoje). Essa história é estrutural em dois níveis o da análise e o do projeto”²²⁹. Barthes, tomando todo cuidado que a palavra estruturalismo pedia na época, insiste em utilizá-la para caracterizar a concepção de história foucaultiana, ou melhor, a maneira de fazer história na monografia tratada. Por outro lado, ele também defende que essa história desenvolvida por Foucault é também tributária da “melhor tradição materialista”²³⁰, na medida em que descreve as condições econômicas que pressupõe a loucura como efeito. Devemos debater primeiro o que se trata de uma história estrutural em análise e projeto.

Primeiramente, em relação à metodologia estruturalista, Barthes aponta que em cada época, Foucault pensa a loucura a partir de unidades de sentido²³¹, cuja dinâmica realiza significantes da noção na relação com cada materialidade histórica (asilos, clínicas e hospitais, por exemplo). Nesse sentido, a história torna-se analiticamente estrutural. A história – entendida não como totalidade unilinear, mas como recortes determinados por singularidades de sentido contíguas – seria a estrutura fundamental em que as experiências de loucura surgem através de determinados períodos em diferenciação.

Tratar de unidades de sentido quer dizer entender os elementos do sistema como função-signo. Dessa forma, não é necessário recorrer nominalmente ao

²²⁹ BARTHES, R. *Crítica e Verdade*, p. 144.

²³⁰ BARTHES, R. *Crítica e Verdade*, p. 142.

²³¹ BARTHES, R. *Crítica e Verdade*, p. 143.

conceito de signo, apenas utilizá-lo como *fundamento analítico* dentro de condições metodológicas pertinentes. Isso permite não somente omitir conceitualmente a nomenclatura dos elementos, como também não existe a necessidade de tratar nominalmente a história como estrutura ou sistema. A história é formada, portanto, a partir da dinâmica da relação entre as unidades de sentido, concretizando uma ordem simbólica, um sistema simbólico.

A noção de história é fruto do que podemos compreender de singular em um determinado período. Para Barthes, a história que Foucault pratica é estruturalista na medida em que um determinado período ocupa posição analítica de estrutura ou sistema de significação coeso, apesar da miríade de elementos. Portanto, a diferenciação analítica não é somente entre os elementos que estão em jogo em determinado sistema específico, mas também entre a coesão de sistemas diferentes. Se um “corte” pode ser feito, é porque existe uma coesão mínima entre os elementos tratados na duração selecionada. Ou seja, ainda que na Idade Média tenha havido uma estrutura de alienação dos leprosos, existe uma diferencialidade entre as próprias estruturas de segregação, que somente pode ser compreendida através da arqueologia de cada objeto, da compreensão de cada estrutura histórica.

A quantidade precária de citações com os conceitos de signo e estrutura não é um argumento para defender a inexistência de *noções* estruturalistas na arqueologia foucaultiana. Não é necessário que haja diversas passagens em HLIC que expressem nominalmente conceitos estruturalistas, entretanto, é possível destacar várias citações nominais a esses conceitos, de modo bastante estratégico metodologicamente. A escassez de debates respeito de método nas pesquisas foucaultiana aponta não para uma ausência dele, mas para o privilégio do objeto e suas condições imanentes de análise. Da mesma forma, um real questionamento da centralidade das noções estruturalistas para a metodologia foucaultiana em HLIC deveria apontar ou destacar minimamente qual é o método utilizado pelo autor, senão a influência estruturalista.

Neste trabalho, de um modo geral, defendo que Foucault utiliza instrumentalmente as noções do estruturalismo de sistema e signo muitas vezes sem nomeá-las diretamente. Entretanto, em HLIC, Foucault indica inúmeras vezes que está trabalhando com signos da loucura e seus efeitos de significação. Não pretendo

reduzir a história foucaultiana em HLIC a uma aplicação estrita de uma abordagem estrutural seja linguística ou semiológica, mas pretendo destacar as *noções* da abordagem estrutural para construção de uma *arqueologia* de uma alienação. Consequentemente, entendendo a qualidade analítica e influência dessas noções para abrir caminhos produtivos na leitura da obra foucaultiana, principalmente no exercício do procedimento arqueológico.

Os fragmentos a seguir demonstram passagens importantes de explicação da metodologia analítica. Em todos esses fragmentos aparecem citações nominais de noções estruturalistas, por exemplo, “como é que a loucura chegou a se manifestar em signos que não podem ser recusados?”²³². Abaixo temos outros exemplos, lembrando que as passagens seguintes não aparecem de forma geral, mas sempre relacionada com algum procedimento de análise dos elementos históricos da loucura.

Tudo isso entrará para o rol dos signos maiores da loucura, e ocupará seu lugar entre suas manifestações mais essenciais. Mas, a fim de que se constituíssem essas unidades significativas a nossos olhos, foi necessária essa transformação, realizada pelo classicismo, nas relações que a loucura mantém com todo o domínio da experiência ética.²³³

Apesar das semelhanças aparentes no uso do ceticismo, nunca o modo de presença da loucura foi mais diferente, nesse começo do século XVIII, do que pôde ter sido no decorrer da Renascença. Através de inúmeros signos, ela manifestava outrora sua presença ameaçando a razão com uma contradição imediata.²³⁴

No entanto, esse medo animal, que acompanha, com toda sua paisagem imaginária, a percepção da loucura, não tem mais o mesmo sentido de dois ou três séculos antes: a metamorfose animal não é mais o signo visível dos poderes infernais, nem o resultado de uma alquimia diabólica do desatino. O animal no homem não funciona mais como um indício do além; ele se tornou sua loucura, que não mantém relação alguma a não ser consigo mesma: sua loucura em estado natural. A animalidade que assola a loucura despoja o homem do que nele pode haver de humano; mas não para entregá-lo a outros poderes, apenas para estabelecê-lo no grau zero de sua própria natureza. A loucura em suas formas últimas é, para o classicismo, o homem em relação imediata com sua animalidade.²³⁵

Melhor deixar a cultura clássica formular, em sua estrutura geral, a experiência que teve da loucura, e que aflora com as mesmas significações, na ordem idêntica de sua lógica interna, aqui e ali, na ordem da especulação e na ordem da instituição, no discurso e no decreto, na palavra e na palavra de ordem -por toda parte onde um

²³² FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 191, grifo nosso.

²³³ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 95, grifo nosso.

²³⁴ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 199, grifo nosso.

²³⁵ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 168, grifo nosso.

elemento portador de signo pode assumir, para nós, valor de linguagem.²³⁶

Essas passagens demonstram que a loucura como experiência é analisada por Foucault como uma justaposição de signos circunscritos no solo da cultura ocidental, com as especificidades da sociedade europeia desse recorte. Dessa forma, podemos já perceber uma conclusão sobre a experiência da loucura em nível de projeto através desse tipo de estruturalismo. De acordo com Barthes, a história realizada por Foucault é estruturalista não somente analiticamente, mas como projeto. Bem, existe uma consequência evidente se a experiência da loucura é entendida através dos signos que a produzem na história. Foucault assume, dessa forma, que a loucura não tem um conteúdo transcendental, mas ela é, em última instância, o que é feito dela, da composição e justaposição estrutural dos seus elementos ou signos. Se ela não é transcendental, ela é um efeito imanente do campo estrutural, assim como percebemos na passagem que comentamos a respeito do funcionamento da estrutura do poder em HS.

Em outras palavras, a loucura torna-se uma experiência de multiplicidade de *unidades de sentido em diferencialidade estrutural histórica*. Essa diferencialidade opera tanto por sistema, quanto por unidade. Ou seja, o que torna possível uma história da loucura na Idade Clássica é sua relação de descontinuidade com a estrutura de signos na Idade Média. Da mesma maneira, o que torna possível entender uma experiência da loucura na Idade Clássica é sua complexidade dinâmica de elementos em seu próprio sistema de significação, uma *topologia de signos da loucura*.

É importante lembrar também que a relação entre esses sistemas de saber não implicam nem em progresso nem regresso, “não se trata aqui de estabelecer uma hierarquia, nem de mostrar que a era clássica foi uma regressão com referência ao século XVI no conhecimento que teve da loucura”²³⁷. Reorganizar essa experiência sob a égide do progresso seria, como diz Foucault, afirmar uma “ortogênese do saber”. Se não existe progresso nem regresso nesse modo de fazer história, o que existe é *diferença*. Isso quer dizer que todos os signos que correspondem ao espaço das práticas científicas não possuem uma característica de

²³⁶ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 277, grifo nosso.

²³⁷ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 139.

avanço ou acúmulo de conhecimento em relação às formações de períodos anteriores.

O trabalho de HLIC busca reconstruir a relação que os elementos possuem entre si – sejam elementos materiais, discursos filosóficos, narrativas religiosas, obras literárias etc. –, através de sua posição um em relação ao outro, tanto de aproximação, quanto de contraposição de significados. Somente entendendo essa distribuição relativa, a *posicionalidade* dos elementos, é que se pode estabelecer algum tipo de coesão estrutural de um período. A desrazão no classicismo somente é uma tese plausível, quando a análise evidencia a distribuição dos elementos singulares que configuraram a experiência geral da loucura.

Subscrevendo a leitura de Barthes sobre uma história estrutural foucaultiana, devemos agora ir para além dessa hipótese e aprofundar algumas especificidades. É interessante destacar que a composição estrutural dos signos não é homogênea em intensidade de constituição de sentido de uma época. Mas, o que quer dizer isso? Em um trecho citado acima, percebemos que Foucault utiliza uma certa expressão que coloca em jogo a potência singular dos signos entre si, ou, em outras palavras, o *nível de importância* de um signo ou determinado grupo de signos na composição do sistema.

Foucault diz que “tudo isso entrará para o rol dos signos maiores da loucura”. Podemos presumir que se existe um rol de signos maiores, existe em consoante, um rol de signos menores da loucura, ou talvez até um rol de signos médios. Dessa forma, assumimos que existe uma certa hierarquia na estrutura foucaultiana de concepção da experiência da loucura na Idade Clássica. Essa hierarquia também pode ser entendida como a *serialidade* estrutural.

A distribuição heterogênea de importância dos signos no sistema foucaultiano desenha uma hierarquia entre os signos, ou melhor, uma distribuição de séries. Não seria demais levantar a hipótese que essa organização hierárquica pode ser uma distribuição de elementos que se alinham na estrutura não por uma proximidade de conteúdo de significação, mas por importância de *posição* no sistema. Ou seja, determinados signos são mais importantes na composição estrutural da loucura, eles possuem um peso maior na composição de significação interna, possuem maior capacidade de determinação estrutural de sentido. Cabe

lembrar que em DMPD as condições materiais para constituição das patologias mentais foram denominadas “condições reais” de possibilidade. Ou seja, tinham uma importância bem maior na consolidação da doença mental como conceito de um campo do saber, do que propriamente os discursos médicos da psicologia e medicina.

Não nos interessa neste trabalho – e seria um trabalho consideravelmente extenso –, aprofundar um debate a respeito de cada signo da loucura no classicismo, nem em sua maioria. É importante ainda lembrar que nosso objetivo é entender melhor a fundamentação material dos sistemas de saber analisados por Foucault, assim sendo, é preciso debater um pouco a especificidade de funcionamento desse sistema de saber.

Por exemplo, a questão da animalidade do louco é um aspecto importante. Percebemos no trecho citado anteriormente que Foucault afirma uma transformação na percepção da animalidade do louco – que já havia sido colocada no Renascimento. Nesse período, seu signo circundava todo domínio das maldições diabólicas, das alquimias malignas. Por outro lado, no classicismo, a animalidade da loucura não se refere à uma natureza alheia ao humano.

A percepção da loucura, nesse período, é formada a partir de outro signo de animalidade, agora relacionado à própria razão do humano. A loucura do humano não ultrapassa sua natureza através de uma animalidade maligna. Ela apenas reduz o humano à sua animalidade inerente. A animalidade é um significante que compõe fundamentalmente a diferenciação estrutural das unidades de sentido da loucura. As condições históricas de constituição em cada período determinam sua alternância de sentido, implicando um outro processo de significação em relação a outros elementos. Se na estrutura histórica do Renascimento o significante da animalidade tinha uma *certa posição* em relação aos outros, no classicismo sua posição transforma-se e admite um outro processo de significação segundo todo o novo campo simbólico.

A experiência da loucura como animalidade no classicismo é paradoxal, segundo Foucault. Ao mesmo tempo que existe a animalidade como uma condição primária da natureza do humano, existia também a experiência da loucura sob o signo da moralidade. O aspecto de moralidade na desrazão foi favorável para a

proscrição dos loucos nas casas de internamento. Era bastante comum a loucura ser aproximada da categoria mais geral de libertinagem, essencialmente sexual. Assim sendo, essa dimensão moral da desrazão era razoavelmente incompatível com a desrazão animal, ou a inocência natural. Por isso, ao mesmo tempo a loucura é uma valorização moral da razão, e, é também amoralidade animal. Esse paradoxo nos demonstra que o espaço estrutural da experiência da loucura é fundamentalmente constituído pela *diferença* entre *elementos* que o compõe, e uma contraposição de unidades de sentido não extingue a possibilidade de distribuição do sistema.

O quadro abaixo é um esboço de um possível panorama geral da topologia de signos da loucura destacada por Foucault. Ele não é uma representação exaustiva da estrutura histórica do período, mas busca elucidar a maneira pela qual o pensamento foucaultiano organiza alguns elementos do período em uma abordagem estrutural. O campo maior do quadro representa, naturalmente, o espaço da estrutura histórica da loucura. As elipses representam as possíveis distribuições por séries. Os círculos pequenos representam as funções-signos ou elementos unitários. Os signos coloridos são apenas exemplos utilizados para evidenciar uma lógica de composição entre os elementos.

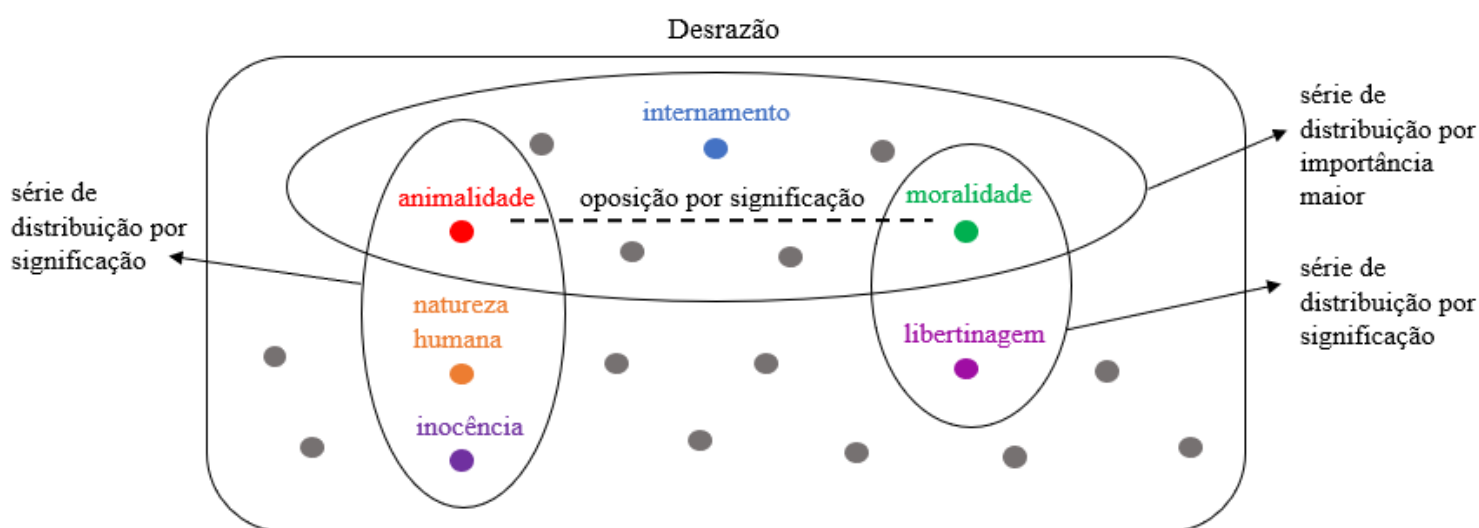


Figura 4 – Topologia dos Signos da Loucura

Seria possível debater a importância e funcionalidade de cada signo/elemento descrito por Foucault na HLIC. A loucura é analisada orbitando em relação ao sonho, delírio, paixão, demência, melancolia, histeria, tragédia, hipocondria etc. seja em diferença absoluta ou gradação de intensidade. Apesar disso, não é objeto dessa pesquisa esse tipo de investigação.

É necessário lembrar também, que a desrazão figura como organizador hegemônico da experiência da loucura na Idade Clássica, contudo, Foucault não assume que existia percepção da loucura no classicismo somente através da desrazão, mas, essa categoria surge como dimensão de exclusão *preponderante* dessa experiência no período. Dito de outra forma, não se deve tomar o sistema de saber histórico em relação absoluta com a experiência tratada, a experiência da desrazão não é a maneira *total* de experimentação da loucura no classicismo, mas apenas a maneira *hegemônica* que permite coesão estrutural de significação.

O sistema simbólico torna-se estável e coeso não por totalidade absoluta historicamente, mas por *totalidade hegemônica*. Evidentemente, existem elementos fora do escopo da desrazão no período que davam conta da experiência da loucura. Poderíamos afirmar, assim, que o trabalho foucaultiano busca entender a forma hegemônica de produção da experiência da loucura no classicismo. É a partir dessa hegemonia que entendemos a lógica histórica da estrutura.

Levando mais adiante a hipótese em questão, podemos pensar um pouco mais a respeito da categoria das séries. Na tradução citada, a palavra “rol” foi a opção para traduzir “*nombre*”²³⁸, essa última pode muito bem ser entendida com quantidade, número, agrupamento, e, portanto, poderia ser traduzido também por série “de signos maiores da loucura”²³⁹.

Debatendo os pontos fundamentais do estruturalismo, Deleuze afirma, como vimos anteriormente, que uma estrutura é serial, ou melhor, é multiserial. Isso pressupõe, uma análise extremamente refinada, pois precisa destacar não somente a localidade específica de cada elemento, mas organizar um campo gravitacional comum em relação ao processo de significação. É necessário entender toda complexidade da lógica de composição do campo histórico do objeto tratado. Por isso, Foucault pode apontar signos maiores da loucura, porque eles justamente não são maiores por si mesmos, mas possuem uma importância maior no sistema de saber da loucura em relação a outros signos.

²³⁸ FOUCAULT, M. *Histoire de La Folie a L'age Classique*, p. 97.

²³⁹ “nombre de signes majeurs de la folie”. FOUCAULT, M. *Histoire de La Folie a L'age Classique*, p. 97.

A serialidade do sistema de saber da loucura indica que não existe somente uma coesão maior de sentido de um período histórico, ou seja, existe uma transversalidade múltipla de relação entre os elementos em questão. Portanto, Foucault analisa a constituição de um certo saber em determinado período através de um trabalho extremamente complexo para reconstruir as possibilidades dinâmicas de relações entre os elementos em questão. Dito de outra forma, a análise de um elemento isolado, um discurso, uma imagem, um número reduzido de signos, dificilmente torna possível a compreensão de um sistema de saber de significação estável e coesa.

Entender a loucura no classicismo poderia ser feita, então, somente através dos signos maiores? Se entendemos que a relação de importância é sempre diferencial, ela não pode ser estabelecida previamente, mas sempre em termos de posicionalidade. Ou seja, a lógica de composição do sistema de saber da loucura não pode tomar uma série de signos maiores previamente, sem investigar uma possibilidade estrutural mais ampla de composição de elementos. Assim sendo, a série não se apresenta previamente como uma *mesoestrutura*.

Em outras palavras, podemos perceber uma escalabilidade somente quando o sistema é analisado a partir de uma totalidade relativamente satisfatória de elementos de composição. Permanece, portanto, a questão a respeito da dimensão satisfatória de elementos que devem ser considerados para o campo analítico. Por isso, o corte histórico é bastante importante, determinando uma duração específica, porque esse recorte circunscreve o espaço topológico dos elementos.

Uma escala pode ser entendida como uma variação de tamanho de proporção de um objeto, uma relação matemática de dimensão. Dessa forma, não é demais afirmar que a multiseriabilidade do sistema de saber da loucura pode ser entendida em termos de escala, pois a composição dos elementos de uma série responde ao campo de significação dos signos que compõem a loucura, contudo, variando a amplitude de coesão estrutural. As séries dos signos maiores da loucura, por exemplo, atendem à função de constituição de sentido da loucura, entretanto, não possuem a estabilidade analítica de organização do campo estrutural ampliado, que seria composto também pela(s) série(s) menor(es).

Michel Serres destrincha HLIC e apresenta uma tese interessante. Ele defende que Foucault somente consegue realizar esse trabalho, porque assume uma analítica de linguagem geométrica. Para o autor, além de uma estrutura histórica, o livro apresenta uma análise explicada geometricamente, uma *geometria histórica* da experiência da loucura.

Foucault has chosen to write this book in the language of geometry-geometry understood in what we might call its earliest form, at the precise moment when it is still aesthetic and already formalized, when its form of expression is still concrete but already highly rigorous, when its density is presented in a conceptual quasi-emptiness. In fact, if we consider the terms and vocabulary, the style, the logic, the organon of the work, we will see clearly that they are drawn from a meditation on the primary qualities of space, on the immediate phenomena of *situation*. If we analyze its contents, reading attentively for repeated vocabulary, we will notice the weight of words like *space*, *emptiness*, *limit*, *situation*, *division* [partage], *separation*, *closure*. ... In the same way, his arguments (we will look at some examples) frequently reproduce pure descriptions of *position* [...] The spatial style that expresses the fundamental experience of quarantine becomes the style of the conditions of possibility of this silence. The exclusion of all language is here recounted in the language of an abstract theory of pure exclusion.²⁴⁰

A organização geométrica de um espaço tem por objetivo demarcar, medir, desenhar da melhor maneira seus limites, tamanhos, distâncias e conteúdo. A geometria histórica, portanto, define qual é a *posição* de cada elemento no espaço total, a distância entre eles, e inclusive seus tamanhos singulares em uma escala proporcional. Nessa estratégia de descrição do espaço geométrico estrutural, Foucault reproduz seus argumentos exatamente como descrições de *posições*, segundo Serres. Essa mesma composição espacial serve como condição de possibilidade para formação do desenho geral de uma estrutura de exclusão.

Não por acaso, Michel Serres, o também compatriota de Foucault – assim como Barthes – interpreta HLIC como o projeto analítico de um geômetra. Dessa forma, Foucault consegue organizar toda complexidade de relação entre os elementos da loucura no classicismo fazendo justiça ao seu *valor* na estrutura história. Ou seja, cada elemento analítico não possui valor em si mesmo, mas deve ser desenhada sua distância e seu tamanho em relação a todos os outros, sua posição

²⁴⁰ SERRES, M. The Geometry of Incommunicable: Madness In: *Foucault and his interlocutors*, p. 39.

de diferença. Para isso, somente um esquadramento espacial consegue dar conta da *estrutura* dessa experiência histórica.

O campo simbólico construído por Foucault, portanto, é bastante complexo, pois não é uma topologia unidimensional, mas uma *multiserialidade multidimensional*. As características dos signos nos permitem traçar inúmeros conjuntos com aproximações específicas entre critérios determinados: significação, importância, pertencimento temporal (signos do século XVI ou XVII, por exemplo), pertencimento geográfico (regiões distintas da Europa), materialidade, área de produção (literatura, pintura, mitologia, etc.). O desafio do trabalho foucaultiano em HLIC é organizar essa gama de elementos em uma ordem de importância e coesão que possa apontar a lógica de produção da experiência da loucura no classicismo. E, além disso, destacar a *condição de possibilidade* dessa experiência, isso significa traçar a arqueologia da alienação no que Foucault chama de cultura.

Nesta seção apresentamos a *topologia de signos da loucura* construída por Foucault. É evidente que a arqueologia da alienação da loucura como propomos anteriormente, pressupõe a incidência do estruturalismo como suporte analítico. Defendo que não é possível aprofundar a metodologia histórica de HLIC sem levar em conta tal embasamento. Nosso passo seguinte é especificar a maneira como essas noções estruturalistas contribuem para o problema da *materialidade* do sistema histórico da loucura.

2.2.3 Materialidade(s) dos signos da loucura

Após analisar mais detidamente a hipótese de uma história estrutural da loucura, entenderemos melhor o fundamento materialista do projeto. O ponto crucial para a analítica foucaultiana da loucura na Idade Clássica é a grande internação. Uma nova forma de lidar com a experiência da loucura surge no classicismo e “A loucura, cujas vozes a Renascença acaba de libertar, cuja violência porém ela já dominou, vai ser reduzida ao silêncio pela era clássica através de um estranho golpe de força”²⁴¹. Esse golpe de força foi a difusão pela Europa²⁴² de

²⁴¹ FOUCAULT, M. História da Loucura na Época Clássica, p. 52.

²⁴² O estatuto europeu da grande internação é frequentemente questionado por alguns historiadores, como Roy Porter por exemplo, na medida em que debatem que foi fenômeno eminentemente francês, e que carece de maiores bases para ser afirmado como um evento

casas de internamento, principalmente a partir do século XVII. Em Paris, por exemplo, um em cada cem habitantes tornou-se prisioneiro por algum período de tempo. Se a loucura fazia parte da paisagem da Renascença, para Foucault, ela passa a ser silenciada, perseguida, produzida de outra forma.

O confinamento organiza uma nova percepção de loucura na Idade Clássica. Foucault ressalta que esse evento aparece de maneira abrupta e de caráter massivo²⁴³ na experiência europeia, e o isolamento e exclusão dos loucos passa a ser uma prática que atravessa toda experiência da loucura nesse período. Portanto, é uma diferença considerável na constituição do significante de exclusão. Foucault sugere que esse episódio da grande internação no classicismo é uma outra maneira de exclusão, diferente do episódio dos leprosários e a nau dos loucos. A relação entre loucura e razão não é somente na dimensão de uma oposição abstrata, mas também uma exclusão no espaço concreto das cidades.

O grande confinamento foi feito nos hospitais gerais e casas médicas de internação. Inicialmente, a primeira hipótese que nos aparece é que foi uma medida desenvolvida e pensada pelos saberes médicos, ou seja, uma consequência do movimento próprio da epistemologia terapêutica. Se um dos grandes objetivos do internamento era o tratamento da loucura e doenças mentais, existe a hipótese dessa medida ser uma consequência ou *efeito* dos discursos da medicina ou da própria terapêutica. Dessa forma, a raiz do internamento estaria diretamente relacionada aos discursos e práticas científicas. Dito de outra forma, seria um efeito do campo dos saberes.

Foucault descarta claramente essa hipótese, “Em seu funcionamento, ou em seus propósitos, o Hospital Geral não se assemelha a nenhuma idéia médica. É uma instância da ordem monárquica e burguesa que se organiza na França nessa mesma época.”²⁴⁴. Portanto, o objetivo desse confinamento não atendia à nenhuma necessidade proposta pela medicina, seja dos discursos, seja da terapêutica; nem

continental. PORTER, Roy. Foucault's great confinement In: Rewriting the history of madness – studies in Foucault's *histoire de la folie*, p. 119. Contudo, veremos que esse argumento não incide como crítica diretamente na análise do internamento no presente trabalho.

²⁴³ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Época Clássica*, p. 55.

²⁴⁴ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 57.

como estratégia particular para lidar com a loucura, nem como medida para tratar as outras categorias da desrazão.

O confinamento no classicismo é, desse modo, um elemento que não é fruto dos debates das práticas médicas do período. Esse fenômeno não é um desdobramento direto do campo discursivo do saber médico, seja ele fundado no campo teórico ou práticas clínicas, não é efeito do campo do saber. O que isso implica no campo de formação do sistema de significação da experiência da loucura clássica?

O fenômeno da grande internação não é uma configuração empírica da experiência da loucura clássica, mas ele é um elemento próprio do sistema de produção dessa experiência. Parece evidente que, para Foucault, os signos que compõem o campo de significação da loucura não são exclusivamente formados por processos discursivos ou elementos da prática médica. Dito de outra maneira, o campo estrutural da experiência da loucura possui elementos de *formação discursiva* e *formação extradiscursiva*.

Aprofundar a emergência dos signos é um caminho crucial para entender melhor tanto o sistema de significação da loucura no geral, quanto sua arqueologia, suas condições de possibilidade. Dizer que a experiência da loucura também é formada por *práticas sociais*, não nos diz muito sobre o fundamento desse sistema, devemos ir além disso. Portanto, é mais profícuo entender os elementos desse sistema como signos, pois dessa forma temos um caminho filosófico interessante para rastrear.

O grande confinamento não é um desdobramento de elementos discursivos do sistema de saber em questão, não é um efeito das narrativas e imagens da loucura, por outro lado, ele é um elemento mesmo desse sistema de saber. Devemos analisar um pouco mais detidamente o processo de significação do grande confinamento nesse sistema de saber, para entender melhor sua *posição* como *elemento* e não como efeito. O grande confinamento é um *signo* no campo estrutural da loucura clássica, não uma consequência desse campo de experiência, muito menos uma *exemplificação material* da experiência da loucura. Foucault retira a correlação do internamento como conclusão de alguma ideia médica, e, assim, coloca outro tipo de correlação ou causalidade para o signo do internamento.

O problema do desemprego e da mendicância é um ponto essencial para instituição do confinamento dos não-normalizados. Segundo Foucault, entre os séculos XVI e XVII esse problema era recorrentemente devido ao aumento populacional e constituição das cidades (em 1592, por exemplo, o parlamento francês decide prender os mendigos obrigá-los a trabalhar em obras de esgoto da cidade acorrentados). Nesse período, as grandes manufaturas se desenvolvem e “o mundo operário se vê desorganizado”²⁴⁵ frente às “novas estruturas econômicas”; o desemprego e a mendicância tornam-se problemas centrais para estabelecer o confinamento como uma experiência que tem por finalidade a *gestão dos não normalizados*. Ou seja, parece evidente que a função do internamento é encontrada nas *formações econômicas* do modo de produção específico do período.

A miséria medieval tinha, de certa forma, uma dimensão mística, sustentada pela caridade religiosa. Na época clássica, ela torna-se assunto de saneamento e polícia. A organização das cidades dependia de uma higienização desse espaço público, isso compreendia retirar das ruas os vadios e recolocá-los em espaços de trabalho economicamente produtivos²⁴⁶. A estratégia geral, portanto, é uma reestruturação do espaço social de acordo com um modo de produção específico. Esse argumento não está presente somente em HLIC, mas aparece de forma central na última parte de DMPS.

A categoria comum que grupa todos aqueles que residem nas casas de internamento, é a incapacidade em que se encontram de tomar parte na produção, na circulação ou no acúmulo das riquezas (seja por sua culpa ou acidentalmente). A exclusão a que são condenados está na razão direta desta incapacidade e indica o aparecimento no mundo moderno de um corte que não existia antes. O internamento foi então ligado nas suas origens e no seu sentido primordial a esta reestruturação do espaço social.²⁴⁷

Portanto, devemos levar em consideração que ao reescrever DMPD, Foucault revisou as condições de possibilidade mais importantes para a construção da doença mental sob o signo do internamento. Existia algo em comum entre os internados: a *incapacidade de tomar parte na produção*. A forma histórica desse grande confinamento desenha um gesto que segrega não somente da experiência da loucura, mas toda categoria da desrazão. Ou seja, existiu uma tipologia de “a-

²⁴⁵ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 74.

²⁴⁶ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 73.

²⁴⁷ FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*, p. 55.

sociais”, cidadãos não enquadrados na normalidade das cidades, do trabalho, da medicina, do direito, da moralidade, que eram tidos como prejudiciais ao desenvolvimento da cidade e do espaço público. Dessa forma, a delimitação de espaço de cerceamento como os próprios muros da cidade e hospitais psiquiátricos, são singularidades históricas de uma nova forma de lidar com a experiência do “homem” clássico consigo mesmo. Ou seja, o confinamento reorganiza também todo um escopo de transformação moral na percepção dos desarrazoados.

No sistema histórico de significação da loucura, o grande internamento possui a característica de signo mais importante na lógica de exclusão. Em DMPS e DMPD, percebemos que Foucault busca entender as *condições reais* da formação da doença mental na psicopatologia. Após analisar todo discurso e prática terapêutica, após destacar todas as transformações da epistemologia da psicologia; ele aponta como condição de possibilidade as relações sociais decorrentes do *capital* na versão de 1954 (DMPD) e as condições econômicas no surgimento da loucura como *a priori concreto* na versão de 1962 (DMPS).

Comparando essas duas obras, parece que no início dos anos de 1960, Foucault busca alinhar essas duas análises em conclusões parecidas. A troca do termo capitalismo pelo termo cultura, em DMPS, não retira as *condições de possibilidade* de surgimento da doença mental das formações econômicas, mas reorganiza essas condições de possibilidade como um sistema mais amplo denominado cultura. Dessa forma, as condições de possibilidade são ampliadas, mais ainda tributárias da centralidade das formas econômicas.

O problema é não é tão simples. Não se trata, portanto, de dizer que as condições econômicas agem como um fator exclusivo ou restrito. Mas, por outro lado, trata-se de desviar-se também de uma análise eminentemente “epistemológica” dos discursos e métodos de um campo de conhecimento, trata-se de entendê-lo como saber.

2.2.3.1 A determinação econômica e a causalidade estrutural

Foucault diz que um grupo de historiadores tentou responder à questão da loucura no classicismo esgotando o evento do confinamento a partir dessa perspectiva de higienização desses tipos marginalizados. Dito de outra forma,

várias análises recorreram à justificativa dos a-sociais, dos excluídos, para explicar o fenômeno do confinamento na lida do classicismo com a loucura.

Ele acrescenta que, apesar de discordar dessa posição, se esses historiadores tivessem complementado o argumento da polícia do internamento com uma análise da política mercantil, teriam um debate mais interessante. Foucault ressalta que esse tipo de argumento – pensar o confinamento da loucura unindo polícia de internamento e política mercantil –, talvez fosse “o único argumento que merecia exame”²⁴⁸, pois estariam no caminho de deflagrar a sensibilidade social que *tornou possível* a consciência médica sobre a loucura.

Foucault, portanto, não está pensando o internamento como um fator isolado nem da dimensão de *formações discursivas*, dos signos da medicina, da filosofia, da literatura, etc; nem da própria condição econômica²⁴⁹. Isso quer dizer que uma análise do confinamento também pressupõe uma correlação com outros fatores econômicos da época, como, por exemplo, a citada política mercantil. É notável a complexidade do sistema de significação que Foucault lida, pois exige, naturalmente, uma alta erudição e capacidade de comprar a função relativa de vários elementos desse sistema, destacando sua importância singular de cada um e posicionalidade na estrutura geral.

Contudo, a posição geral desses historiadores não é exatamente o caminho que Foucault segue. Segundo ele, realizar um estudo da constituição dessa experiência não é ater-se, por princípio metodológico, nem a categorias patológicas nem policiais, mas fazer a “arqueologia de uma alienação”²⁵⁰. Isso quer dizer buscar as condições necessárias para formação desse tipo de experiência. O filósofo francês entende que apesar de ressaltar as condições econômicas da sociedade

²⁴⁸ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 90.

²⁴⁹ “Na formulação marxista banal, o econômico é sempre o que escapou da consciência dos historiadores quando eles faziam suas análises históricas”. FOUCAULT, M. *Segurança, Território e População*, p. 231.

²⁵⁰ “refazer a história desse processo de banimento é fazer a arqueologia de uma alienação. O que se trata então de determinar não é qual a categoria patológica ou policial assim abordada, o que pressupõe sempre a existência dessa alienação como um dado; é necessário saber como esse gesto foi realizado, isto é, que operações se equilibram na totalidade por ele formada, de que horizontes diversos provinham aqueles que partiram juntos sob o golpe da mesma segregação, e que experiência o homem clássico fazia de si mesmo no momento em que alguns de seus perfis irais costumeiros começavam a perder, para ele, sua familiaridade e sua semelhança com aquilo que ele reconhecia sua própria imagem.” FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 80.

burguesa indispensáveis para o confinamento, essa análise depende de uma formação prévia de uma loucura já psicologicamente presente.

Aqui está um ponto crucial para a análise foucaultiana. O que está em jogo é uma confrontação com as teses de um certo tipo de *materialismo histórico* que pressupõe as condições econômicas como determinantes de processos de formação exteriores ao campo econômico. Foucault não está pensando exatamente nos termos dessa epistemologia marxista específica, mas levando em conta os problemas que ela coloca para uma análise específica da formação de experiências históricas.

Foucault vê um certo problema no fundamento dessas condições econômicas como possibilidade da loucura, e diz que pretende reconstruir a “arqueologia de uma alienação”. O quer isso quer dizer? Isso implica diretamente na relação entre a *materialidade econômica* e os processos de significação específicos desse campo de experiência. Dito de outra maneira, alocar as condições de possibilidade do grande confinamento somente em uma polícia de internamento pode pressupor que a loucura é *uma constante* totalmente já constituída em um processo *intemporal*, uma constante médica, capturada pelos dispositivos de internamento no classicismo.

Uma análise que leva em conta somente o campo material da experiência da loucura no classicismo pode assumir a loucura como um dado imóvel já constituído e somente trazido à luz pela consciência médica do classicismo. A questão é que o classicismo não delimitou a *verdade* psiquiátrica de uma loucura de natureza intemporal. Foucault não quer supor um objeto do saber anteriormente constituído aos processos históricos do período em questão, anteriores à *estrutura*, como uma verdade em vigília desperta pela positividade de determinado saber²⁵¹. Por isso, o campo das práticas clínicas e teorias médicas são signos que compõem o quadro da loucura clássica em justaposição ao signo de fundamento material do grande internamento.

Retornando à avaliação de Barthes, ele escreve que Foucault ultrapassa uma abordagem que pressupõe somente as formações econômicas como condição de possibilidade para a experiência da loucura, por não perceber a loucura como um

²⁵¹ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 91.

efeito do econômico em sentido estrito, e é justamente na produção de signos e soluções coletivas para essa experiência que a loucura é produzida estruturalmente. Ou seja, Foucault ainda mantendo-se na esteira de um materialismo, entretanto “ultrapassando” um marxismo superficial, realoca essa experiência do confinamento em um sistema mais amplo da loucura, um sistema que poderíamos chamar de cultura, o campo simbólico da história.

Resgatar a arqueologia de uma alienação é reconstruir todo o campo de condições de possibilidade, ou seja, isso pressupõe não admitir uma formação prévia, nem econômica nem epistemológica. O quer isso quer dizer? Uma análise foucaultiana da experiência histórica da loucura busca não excluir as condições econômicas do campo estrutural, mas, por outro lado, analisar seu processo de formação no período em questão e entender sua posicionalidade no sistema geral; assim como também não assumir um sentido já construído no campo do saber, e em outros campos, mas também analisar seu processo de formação e importância relativa no sistema. O que está em jogo, portanto, é um sistema de saber formado por uma estrutura de sentido com diversos elementos através de um valor de linguagem²⁵². Esses elementos, entretanto, possuem um valor de linguagem que não é somente de natureza discursiva, mas também de *natureza material*.

Aqui temos um ponto bastante produtivo para o debate sobre o pensamento foucaultiano: o que está em jogo é a própria noção de *causalidade* no pensamento do autor. Não existe determinação única, causalidade unilateral nem de formações discursivas, nem de formações econômicas. Por isso mesmo, tratar de *condições de possibilidade* significa tratar de *causalidade estrutural*. Essa hipótese poderia ser extrapolada para outras obras, mas exigiriam uma acurada análise, entretanto, a partir da perspectiva que apresentamos é totalmente possível embasar que o objeto da arqueologia foucaultiana, ou seja, a procura de condições de possibilidade torna-se analiticamente um mapeamento não de correlações ou causalidade direta de fenômenos mas do campo de causalidade estrutural de determinados elementos em um sistema de saber específico. Portanto, em HLIC, a relação entre os signos e a

²⁵² Debatendo a questão do valor, Coelho lembra que “a língua não é uma substância, mas uma forma”. Ou seja, assim podemos inferir um valor de linguagem para além da própria língua. COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. XVIII.

experiência da loucura não é de causalidade direta, os elementos que tornam possível a formação do campo geral da experiência da loucura possuem uma relação estrutural com o todo, e as séries ou formações não se caracterizam por causalidade e consequência unilateral. Dessa forma, não existe *determinação econômica* em última instância, justamente porque as formações econômicas não produzem como efeito as *formações discursivas*.

Sabendo disso, nos resta ainda uma pergunta sobre a materialidade do grande internamento: qual é, então, o valor de linguagem que podemos compreender no internamento? Em outras palavras, de que maneira o internamento pode ser lido como signo/significante? Nos resta investigar especificamente de que maneira o confinamento é entendido como um signo de caráter econômico? Não é uma questão simples, pois da mesma maneira que os signos discursivos possuem seu valor de linguagem no processo de significação dos enunciados, o signo do internamento possui seu valor de linguagem alocado nas condições econômico-políticas.

2.2.3.2 A materialidade política do signo

Debateremos, nesta secção, um dos problemas centrais da materialidade do sistema histórico da loucura em HLIC. Esse debate pode ser apontado como um dos mais importantes para o desenvolvimento do pensamento foucaultiano, principalmente na década de 1960, tendo em vista que, além de vários outros fatores apresentados, é em torno dessas questões que ocorre a revisão e mudança de toda segunda parte de DMP em 1962. Continuaremos a análise da fundamentação da materialidade dos sistemas de saber, entretanto, aprofundando a especificidade da *materialidade do signo* em HLIC.

Lembremos da análise de Barthes a respeito do signo semiológico. Nesse debate, o significante possui uma materialidade que eclipsa o processo de significação nela mesma. O exemplo da funcionalidade intrínseca de determinados objetos esclarece que é possível entender eles mesmos como signos. Ou seja, a partir da funcionalidade do objeto, determinado por sua própria fabricação, temos uma delimitação clara do processo de significação. O que está em jogo é o valor de uso do signo expresso na substância do significante.

Resumidamente, a materialidade mesma do significante é forma de significação, pois nela encontramos as condições primordiais do valor de uso para o processo de significação. Em outras palavras, a materialidade do significante é a dimensão de esgotamento do seu valor de linguagem. Mas, como isso entra em jogo em HLIC? O que significa entender o grande internamento como signo?

Quando Foucault entende o internamento como um signo, ele pretende destacar que existe uma *função* histórica expressa no internamento que o coloca como um signo no espaço estrutural de formação da experiência da loucura. Ou seja, a funcionalidade do internamento é o que garante seu valor de linguagem como signo, seu *valor de uso*. A parte importante é que o valor de uso não é determinado pelos saberes, ou seja, não é possível entender a utilidade do grande internamento no campo estrutural histórico da loucura através nem das práticas, nem dos discursos médicos. O valor de linguagem do confinamento no sistema histórico da loucura clássica é apreendido através das *formações econômicas* do *modo de produção* do período, das *formações extradiscursivas*.

A posição do internamento no sistema de saber da experiência da loucura no classicismo é definida pela função que ocupa enquanto elemento com a finalidade de reorganizar uma determinada base econômica, ou pelo menos, delimitar uma estratégia econômica no contexto de um modo de produção historicamente situado. O grande confinamento, dessa forma, é um signo, um elemento independente no campo estrutural da loucura clássica, e seu processo de significação nesse campo é constituído a partir da sua materialidade. Foucault destaca claramente essa linha de análise.

Mais de um signo trai sua existência, e nem todos dependem de uma experiência filosófica, nem dos desenvolvimentos do saber. Aquele sobre o qual gostaríamos de falar pertence a uma superfície cultural bastante ampla. Uma série de datas assinala-o de modo bem preciso e, com elas, um conjunto de instituições. E sabido que o século XVII criou vastas casas de internamento; não é muito sabido que mais de um habitante em cada cem da cidade de Paris viu-se fechado numa delas, por alguns meses.²⁵³

Nesse trecho parece bastante evidente que o fenômeno do grande confinamento é um signo, de certa forma, independente de uma experiência filosófica e dos desenvolvimentos do saber. Devemos levar a sério quando Foucault

²⁵³ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 55, grifo nosso.

denomina o grande internamento como signo, pois isso é um debate bastante intenso nas leituras sobre seu trabalho e, além disso, pode indicar procedimentos metodológicos. Neste trabalho, procuro resgatar as pistas metodológicas, portanto não entendendo tais indicações como mera questão de estratégia de escrita ou estilo.

Conforme destacamos anteriormente, o grande internamento é um signo central para a organização da desrazão no classicismo. Dessa forma, para entender HLIC é necessário dar importância devida a esse fenômeno. Mais que isso, para investigar a forma que Foucault entende a loucura no classicismo é necessário perceber que o valor de linguagem do grande internamento é constituído através da *materialidade política do signifiante*.

Dito de outra forma, para Foucault, um modo de produção *reproduz* – através de sua maneira específica de colocar em jogo os elementos produtivos – signos que atuam como *condição de possibilidade* para os processos históricos, ou sistemas de saber. Isso vai muito além de reafirmar que Foucault lida com “práticas sociais”, um conceito muito amplo e *inespecífico* em relação à importância das *formações econômicas* nos trabalhos foucaultianos. A ausência desse aprofundamento em *noções* obscurece esse ponto essencial do trabalho foucaultiano. Veremos um exemplo através de um debate de comentadores do livro que elucida as implicações de não entender o confinamento como signifiante ou elemento material próprio do sistema de saber da loucura clássica.

Gary Gutting realiza um debate sobre HLIC e sua recepção entre historiadores. Com a intenção de defender Foucault das críticas de alguns historiadores, Gutting escreve sobre a relevância do confinamento na estrutura analítica geral da obra e critica Porter, um historiador que problematiza a relevância europeia do grande confinamento. Nesse debate, temos a utilização da categoria de *fato* para definir o grande confinamento na loucura clássica.

Gutting escreve que “a diferença é que para Porter os fatos são principalmente apoios para o esquema interpretativo, enquanto para Foucault eles são principalmente ilustrações desse esquema”²⁵⁴. Porter, o historiador citado por Gutting critica a análise de Foucault sobre a loucura, alegando que o grande

²⁵⁴ GUTTING, G. Foucault e a história da loucura In: *Foucault*, p. 81.

confinamento não é um fato difundido por toda Europa, utilizando principalmente o caso da Inglaterra como apoio²⁵⁵, e, portanto, a análise foucaultiana seria, no mínimo, limitada. Gutting pretende defender a análise de Foucault afirmando que os fatos descritos por Foucault são somente *ilustrações* de suas considerações sobre a loucura clássica e sistemas de saber em geral.

Seguindo Gutting, ele classifica o grande confinamento na categoria de *fatos*, e, parece entender que o oposto de fato seria *discurso*, enunciado ou algo parecido. Com isso, a interpretação do comentador estabelece uma oposição problemática entre objetos como acontecimentos brutos e “representações”. Inicialmente, já podemos perceber uma certa leitura de qual é o campo analítico foucaultiano para o comentador. Parece que ele entende a análise foucaultiana como um esquema interpretativo da loucura que toma fatos como ilustrações de suas teses, ou seja, a estrutura ou sistema de saber seria eminentemente discursivo ou representativo.

Discordamos do comentador, na medida em que “ilustrações” pressupõem que para Foucault os eventos da história seriam praticamente *demonstrações* de algum *sistema anterior* a ela própria, ou a história seria constituída basicamente no campo de representações imagéticas, discursivas, enunciativas. A história, nesse sentido, seria o campo de batalha que é efeito de sistemas de representações, de um campo simbólico formado por enunciados e suas consequências. Poderíamos dizer também, para essa perspectiva, o campo do poder na história seria *efeito* de um sistema de saber. Em outros termos, essa perspectiva defende uma espécie de idealismo foucaultiano, entendendo a história da loucura como um conjunto de discursos.

Dessa forma, o confinamento seria uma maneira figurativa ou expressiva para lançar luz ao entendimento da loucura como experiência. Ou seja, se o confinamento é uma ilustração, o espaço dos *fatos históricos* seria um espaço expressivo da configuração simbólica de elementos exclusivamente discursivos. Não podemos concordar com essa tese. A perspectiva do autor parece reafirmar essa espécie de idealismo foucaultiano, pois entende as condições materiais do

²⁵⁵ PORTER, R. Foucault's great confinement In: *Rewriting the history of madness – studies in Foucault's histoire de la folie*, p. 121.

período histórico como ilustração do campo de experiência, como exemplo de um campo de ideias representado no jogo discursivo. A questão, portanto, é que a dimensão “factual” histórica não serve como uma demonstração de uma tese fundada em sistemas semiológicos exclusivos da literatura, filosofia e artes.

Parece que Gutting somente consegue entender *valor de linguagem* no campo discursivo de produção de sentido, como linguagem verbal, mas o valor de linguagem vai além das *formações discursivas*, o valor de linguagem também opera na *materialidade* de signos não discursivos. Quando ele analisa a compreensão de saber de Foucault, ainda que não fique restrito ao regime discursivo epistemológico de um determinado período, ou seja, ainda que ele compreenda uma variedade de enunciados para a composição do campo do saber; ele interpreta que a concepção foucaultiana de experiência da loucura clássica é constituída somente através de enunciados. Como destacado anteriormente, não se pode dizer que existe uma *coerência médica epistemológica* que balize a difusão do internamento enquanto prática. Esse fenômeno não decorre dos deslocamentos dos saberes psiquiátricos – nem de outros discursos –, e, restituir uma linha de sentido que o enquadre como consequência do discurso médico não pode ser feito sem algum anacronismo.

A única maneira de concordamos parcialmente com Gutting seria entender que quando ele desenvolve a ideia de *fatós*, ele pretende esclarecer que o grande funcionamento representa uma ilustração, um exemplo, não da análise das *formações discursivas*, mas das *formações extradiscursivas*. Ou seja, o grande confinamento seria uma ilustração dos próprios processos da base econômica em questão, um exemplo da incidência das formações econômicas na estrutura geral histórica da loucura. Contudo, esse argumento tiraria toda especificidade do internamento como signo singular, deixando esse processo econômico no plano abstrato. Além disso, essa linha de argumentação não parece clara no texto do comentador.

Se o grande internamento não está relacionado aos discursos e práticas científicas, como ele seria uma ilustração? O grande confinamento ilustra exatamente o que, se ele não está conectado ao desenvolvimento da medicina e terapêutica psiquiátrica? Quando Foucault utiliza o termo cultura, não significa que a dimensão material está excluída, mas apenas realocada em um sistema mais amplo

de produção de signos. Não se trata somente da formação de unidades de significado através da literatura, filosofia, artes plásticas, etc. Mas, a experiência da loucura é construída também através da organização material da história de cada período. Isso não significa, de outro modo, que o confinamento está isento de aspectos morais, por exemplo, para a consolidação de sua importância enquanto signo maior.

Foucault analisa o *Sobrinho de Remeau* (Neveau du Remeau) de Diderot. Nessa obra, ele destaca novas relações entre razão, loucura e desrazão. A personagem de Diderot é capaz de pensar sua própria desrazão de forma autorreflexiva, o sobrinho de Remeau não duvida totalmente de sua loucura, mas pelo contrário, começa a ter algum tipo de certeza, ainda que frágil, a respeito de sua existência desarrazoada. A obra de Diderot não é um signo que Foucault toma como objeto, mas é um documento que em um certo contexto produz determinadas relações de significação que se alinham com outras em signos da loucura clássica, podendo constituir um valor de linguagem no sistema.

Dessa mesma forma, Foucault investiga a formação do Hospital Geral francês. O hospital não é propriamente um *elemento* em si mesmo do campo analítico proposto pelo filósofo. Mas, uma parte da análise das condições de surgimento e funcionalidade da internação. O objetivo do Hospital Geral, analiticamente, é o que torna possível entender o confinamento como um elemento próprio do sistema de saber da experiência clássica da loucura. A grande internação é um elemento de caráter material que possui, como diz Foucault, “valor de linguagem”. Assim sendo, a hipótese em questão é que o elemento com valor de linguagem para Foucault não é exatamente o Hospital Geral francês, por exemplo, mas o valor do confinamento na experiência europeia.

Não pretendo defender que HLIC trata-se de uma tese estritamente estruturalista. Contudo, é necessário elucidar a incontornável afinidade metodológica com o estruturalismo para entendermos melhor o problema da *materialidade* que suporta a constituição dos saberes na história. Conforme proposto no início, é necessário entender a maneira em que *noções* do estruturalismo operam na filosofia foucaultiana.

Em *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, Jean Baudrillard constrói uma metodologia estruturalista que opera na relação entre a produção de

signos e o processo de produção do capital. O autor busca realizar uma análise da forma-signo como forma mercadoria, ele estabelece um paralelo entre valor de uso e valor de troca da mercadoria e as dimensões de significante e significado no signo²⁵⁶. Existe uma homologia entre a forma-mercadoria e a forma-signo, ambas circulam segundo processos de significação na lógica do capital. Portanto, temos consumo e significação nas duas dimensões, da mercadoria (material) e do signo (simbólico).

Ocorre, então, um ponto de intersecção entre semiologia e economia política, na medida em que não é possível separar os processos de produção de significação e processos de produção material, os dois se confundem na promiscuidade do saber-poder, pois “o signo oferece-se com a mesma evidência de valor de sentido que a mercadoria na evidência ‘natural’ do seu valor. [...] A semiologia, por sua vez, semelhante à economia política, não faz mais que descrever sua circulação e funcionamento estrutural”²⁵⁷.

Seguindo Baudrillard, isso implica em um outro entendimento da noção de ideologia, pois não a concebe como grandes valores burgueses: humanismo, família, cristianismo, etc. Mas, por outro lado, a ideologia deixa de ser conteúdos de pensamentos, valores, para ser processos de significação que estão também impressos na materialidade da mercadoria-signo/signo-mercadoria sob forma de utilidade de necessária, valor de uso, significado. Assim sendo, temos toda outra sorte de relação entre material e simbólico.

A ideologia não está, pois, nem dum lado nem do outro. Ela é essa mesma e única forma que atravessa todos os campos da produção social. É a inserção de toda a produção (material ou simbólica) num mesmo processo de abstracção, de redução, de equivalência geral e de exploração.

1. É porque a lógica da mercadoria e da economia política está no próprio coração do signo, na equação abstracta do significante e do significado, na combinatória diferencial dos signos, que estes podem funcionar como valor de troca (o discurso da comunicação) e como valor de uso (a decodificação racional e o uso social distintivo).

2. É porque a estrutura do signo está no próprio coração da forma/mercadoria que esta pode ganhar imediatamente efeito de significação.²⁵⁸

²⁵⁶ BAUDRILLARD, J. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, p. 178.

²⁵⁷ BAUDRILLARD, J. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, p. 185.

²⁵⁸ BAUDRILLARD, J. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, p. 182.

Tal tipo de análise somente é possível quando Baudrillard levanta o problema da *materialidade semiótica* dos objetos produzidos sob a forma-mercadoria. Isso quer dizer que a ideologia, para Baudrillard, está imiscuída na própria materialidade dos objetos produzidos pelo capital, ou seja, o valor de uso e valor de troca desses objetos – em relação à sua pretensa necessidade funcional na sociedade – se apresentam como *valor de linguagem*, em última instância, como signo.

Seria apressado sugerir alguma afinidade geral entre as análises de Baudrillard e Foucault. Entretanto, é evidente que o problema da materialidade do signo atravessa as duas perspectivas. O exemplo da análise de Baudrillard não serve para aproximá-lo de Foucault em termos filosóficos nem em termos políticos, somente em termos *metodológicos*. Tanto Baudrillard quanto Foucault pretendem analisar as formações sociais através do signo e do valor de linguagem na materialidade de determinados elementos.

Baudrillard pretende realizar uma crítica da função signo em termos de economia política, articulando com o capital em termos sociais de produção e consumo como processos de significação. Por outro lado, Foucault busca entender a loucura como uma estrutura histórica de signos e na centralidade desse processo o signo do grande confinamento apresenta seu *valor de linguagem* na estrutura de produção do capital.

Não há dúvida que o fenômeno do grande internamento, dos asilos e hospitais gerais está no centro de HLIC. Esse argumento funciona, para Foucault, não somente como uma denúncia da formação de categorias de excluídos socialmente ou a implicação política da categorização e tratamento dos loucos na história recente do Ocidente, mas também para demonstrar que existem *condições de possibilidade materiais* para a formação dos saberes.

desempenhando um papel ao mesmo tempo de assistência e de repressão, esses hospícios destinam-se a socorrer os pobres, mas comportam quase todas as células de detenção e casernas[...] Muitas vezes essas novas casas de internamento são estabelecidas dentro dos próprios muros dos antigos leprosários [...]

Nessas instituições também vêm-se misturar, muitas vezes não sem conflitos, os velhos privilégios da Igreja na assistência aos pobres e nos ritos da hospitalidade, e a preocupação burguesa de pôr em ordem o

mundo da miséria; o desejo de ajudar e a necessidade de reprimir; o dever de caridade e a vontade de punir.²⁵⁹

Partimos do princípio de que Foucault une duas abordagens: elementos de um materialismo histórico (gênese do capital na significação do internamento na estrutura histórica da loucura) e noções estruturalistas (estrutura de experiência da loucura clássica como sistema de signos), ultrapassando as duas isoladamente. Na primeira versão de DMPD (1954), Foucault utiliza expressamente a noção de capitalismo para fundamentar as condições de possibilidade da doença mental; na segunda versão de DMPS (1962), analogamente à HLIC, o autor realoca as doenças mentais em um escopo mais amplo de condições de possibilidade na cultura ou civilização. Entretanto, essas alterações não modificam a centralidade das formações econômicas como condição de possibilidade.

Retornando à DMP (1962), ainda nos resta comparar uma noção que parece ter surgido em HLIC e incorporada à essa última versão de DMP. Existe uma certa nebulosidade entre os comentadores a respeito dessa noção – um sintoma dessa confusão já foi demonstrado com a problematização da posição de Gary Gutting –, mas através desse mesmo problema da materialidade podemos lançar alguma luz sobre esse debate. É preciso tratar da noção de *a priori concreto* e sua relação com o que Foucault chama de percepção da loucura. Com esse debate, pretendemos aprofundar o tema da materialidade da história da loucura onde Foucault escreve nos limites de noções estruturalistas, buscando relacionar, mais uma vez, à sua maneira, os fundamentos da materialidade do saber.

2.2.4 O “expressionismo” do extradiscursivo: a priori concreto e percepção

A hipótese do signo do grande confinamento como elemento de significação do modo de produção do capital é uma parte da materialidade dos elementos extradiscursivos na constituição histórica da loucura. Esse debate demonstra a função analítica da categoria de signo e sua relação com a materialidade, entretanto, ainda é necessário investigar um outro elemento analítico de HLIC e sua relação com a materialidade.

No estruturalismo, o conceito de signo demonstra que existe um processo de significação atrelado às relações simbólicas, para além da consciência do sujeito,

²⁵⁹ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 60, grifo nosso.

para além de sua estrutura de autonomia. Por outro lado, na fenomenologia, o sentido é constituído através do movimento da consciência e da intencionalidade, esses últimos circunscritos na capacidade de percepção, de apreensão do fenômeno.

Em HLIC, o conceito de signo opera em simultaneidade com a noção de percepção. Essa percepção, que na fenomenologia está sujeita às condições de experiência do sujeito para o conhecimento, para Foucault está relacionada com formas a priori da experiência da loucura. Nesse sentido, surge a noção de *a priori concreto*, como uma maneira de demonstrar as condições concretas de possibilidade da apreensão da loucura. Debateremos, portanto, a função analítica dessas duas noções e sua relação com a materialidade da loucura.

A noção de *a priori concreto* surge, pela primeira vez em HLIC e, conseqüentemente, na revisão de DMPS. Não muito mais explícito, nesse ponto, em HLIC essa noção aparece apenas uma vez, contudo, ainda de forma estratégica para a sustentação da tese geral. Não por acaso, Foucault incorpora essa noção na conclusão de DMPS para reorganizar todo argumento geral do livro.

Apesar da precariedade de ocorrências explícitas, em HLIC é possível traçar uma relação profícua – que não existe na monografia anterior – entre essa noção e o que Foucault denomina de percepção. A metodologia geral do livro está centrada em uma história estrutural e materialista da loucura, como vimos anteriormente. Entretanto, de forma desconcertante, o conceito de percepção, um pouco estranho às noções do estruturalismo, permanece como elemento analítico. Qual é a função analítica dessa noção? Ela é uma pista de traços da fenomenologia no pensamento foucaultiano? Devemos enfrentar esse problema.

Ainda que os signos sejam os elementos que formam uma “imagem” da loucura em determinado período histórico, parece que para Foucault, a percepção opera como uma estrutura de compreensão de um fenômeno singular da loucura como experiência. Dito de outra forma, a percepção é responsável por apreender o fenômeno da loucura em suas mais diversas formas, no processo de formação dos signos. Isso acontece em vários níveis diferentes, primeiramente através de uma percepção hegemônica da loucura em todo classicismo, entendida como desrazão. Ou seja, Foucault argumenta que “a percepção da loucura na era clássica, a razão

reconhece imediatamente a negatividade do louco no não-razoável, mas reconhece a si mesma no conteúdo racional de toda loucura”²⁶⁰.

A noção de percepção significa, nesse trecho, a formação de uma coesão de sentido na captação da experiência da loucura em todo classicismo, uma coesão de sentido estrutural somente apreendida através da análise comparativa de um campo geral de elementos. Nesse sentido, já podemos relativizar a percepção no sentido estritamente fenomenológico, que apresenta a percepção como qualidade da consciência na estrutura do sujeito. Entretanto, isso não é tudo, pois a noção de percepção também é utilizada para caracterizar as captações elementares de sentido no campo simbólico da loucura.

Várias passagens demonstram que o autor entende também os processos elementares de significação da loucura em termos de percepção, poderíamos afirmar que existiam “percepções” diversas da loucura, apesar de reunidas na forma congruente da desrazão. Essa categoria, portanto, aparece como “percepção moral”²⁶¹, “percepção social”²⁶², “percepção do louco no século XVIII”²⁶³, “percepção médica”²⁶⁴, “percepção asilar”²⁶⁵, etc. Separar as diferentes percepções da loucura implica em duas hipóteses principais: 1- existe algo como um fenômeno real da loucura, percebido de diferentes formas; 2 – existe, simplesmente, formas diferentes de percepção da loucura, e essa forma diferente já produz o signo do fenômeno.

A primeira hipótese não é plausível justamente pelo projeto do livro, que busca entender a loucura a partir do que foi feito dela, ou, em outras palavras, realizar a arqueologia de uma alienação. Portanto, não seria possível admitir uma experiência pré-formada e acabada anterior às percepções, com algum traço comum entre elas. Superando a possibilidade da primeira hipótese, ficamos com a segunda. O objetivo de Foucault é demonstrar que existem formas diversas de percepção da

²⁶⁰ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 206.

²⁶¹ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 86; 157; 374; 499.

²⁶² FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 140.

²⁶³ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 206.

²⁶⁴ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 98; 225; 303.

²⁶⁵ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 428

loucura, seja científica, moral, médica, ética, etc. Mas existem percepções diferentes somente porque existem signos distintos?

A comparação de dois níveis analíticos, o estrutural e o elementar, podemos entender que apesar de apreender o fenômeno da loucura no campo dos signos, na formação de um campo simbólico, ainda sugere percepções diferentes de dessas experiências que poderíamos chamar de loucura. Foucault explica posteriormente o que tinha pretendia com essa noção de percepção, lembrando que ela não foi mais utilizada em trabalhos ulteriores.

Em compensação vejo melhor agora, graças às análises que empreendi em *Les Mots et les Choses*, como reajustar de forma mais exata a análise das práticas discursivas e das práticas extradiscursivas. Na *Histoire de la Folie*, por exemplo, ainda havia um certo número de temas ‘expressionistas’. Deixei-me seduzir pela ideia de que a maneira de conceber a loucura exprimia um pouco uma espécie de repulsa social imediata em relação à loucura. Empreguei frequentemente a palavra *percepção*: percebe-se a loucura. Essa percepção era para mim o vínculo entre uma prática real, que era essa reação social, e a maneira pela qual era elaborada a teoria médica. Hoje em dia, não creio mais nesse tipo de continuidade.²⁶⁶

Foucault realiza um comentário a respeito de obra nos anos de 1960 traçando um paralelo entre as análises da relação de práticas discursivas com práticas “extradiscursivas”. Segundo ele, o termo percepção em HLIC pretendia justamente dar conta dessa relação, especificamente na reação de repulsa social à loucura, ou exclusão social, e a teoria médica. Primeiramente, é necessário destacar essa relação. A ideia de percepção procura apontar que “percebe-se” a loucura, e, esse fenômeno de perceber é o ponto de continuidade entre prática real e teoria médica, reação social à loucura e discursos de saber. Esse vínculo possuía, em HLIC, duas qualidades importantes, ele era expressivo e, por consequência, contínuo. O que significa isso?

²⁶⁶ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: *O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault*, p. 25-26. “En revanche, je vois mieux maintenant, grâce aux analyses que j’ai entreprises dans *Les Mots et les Choses*, comment rajuster de façon plus exacte l’analyse des pratiques discursives et des pratiques extradiscursives. Dans *Histoire de la folie*, par exemple, il y avait encore un certain nombre de thèmes ‘expressionnistes’. Je me suis laissé séduire par l’idée que la manière de concevoir la folie exprimait in peu une espèce de répulsion sociale immédiate à l’égard de la folie. J’ai employé souvent le mot ‘perception’ : on perçoit la folie. Cette perception était pour moi le lien entre une pratique réelle, qu’était cette réaction sociale, et la manière dont était élaboré la théorie médicale et scientifique. Aujourd’hui, je ne crois plus à ce type de continuité.” FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In : *Dits et Écrits II 1970 – 1975*, p. 163.

Através da ideia de percepção, ele pretendia demonstrar a maneira como a loucura *exprimia* uma relação também presente na prática real. Ele admite que essa relação é uma continuidade entre práticas discursivas e extradiscursivas. Até o momento Foucault refere-se exclusivamente ao conceito de práticas não discursivas, sem nomear especificamente essas práticas, contudo, na mesma entrevista, em trecho anterior, podemos ter mais clareza sobre esses “temas expressionistas” nas práticas extradiscursivas em HLIC.

Pareceu-me que as condições econômicas e sociais que servem de contexto ao aparecimento de uma ciência, ao seu desenvolvimento e ao seu funcionamento, não se traduzem na própria ciência sob a forma de discurso científico, como um desejo, uma necessidade, ou um impulso podem se traduzir no discurso de um indivíduo ou em seu comportamento. Os conceitos não exprimem as condições econômicas nos quais surgiram [...]. Por conseguinte, o vínculo entre as formações econômicas, e sociais pré-discursivas e o que aparece no interior das formações discursivas é muito mais complexo que o da expressão pura e simples, em geral o único aceito pela maioria dos historiadores marxistas.²⁶⁷

De acordo com os dois trechos, podemos entender que a noção de formações extradiscursivas compreende todo e principalmente o domínio de formações econômicas, desdobrando-se todo um debate direto com o materialismo histórico e a tradição marxista. Foucault pretende ir para além desses “temas expressionistas”, que parecem ser o imperativo nas análises marxistas em histórias das ciências. Todo problema do signo, como investigamos anteriormente, já coloca o debate para além dos temas da expressão das formações econômicas em conceitos científicos. O problema da materialidade do signo no capital, como vimos tratado por Baudrillard, buscava abordar a relação da ideologia para além do conteúdo, ou seja, pensar que os processos de significação estão relacionados com o capital na própria materialidade do signo, e, uma análise de valores e conteúdos burgueses de ideologia fica muito aquém de uma análise estruturalista potente.

²⁶⁷ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: *O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault*, p. 23. “il m’a semblé que les conditions économiques et sociales qui servent de contexte à l’apparition d’une science, à son développement et à son fonctionnement ne se traduisent pas dans la science sous la forme de discours scientifique, comme un désir, un besoin ou une pulsion peuvent se traduire dans le discours d’un individu ou dans son comportement. Les concepts scientifiques n’expriment pas les conditions économiques dans lesquelles ils ont surgi. [...] Par conséquent, le lien entre les formations économiques et sociales pré-discursifs et ce qui apparaît à l’intérieur des formations discursives est beaucoup plus complexe que celui de l’expression pure et simple, en général le seul qui soit accepté par la plupart des historiens marxistes. ” FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In : *Dits et Écrits II 1970 – 1975*, p. 161.

Em HLIC, o grande confinamento opera como um signo material da loucura que possui todo seu *valor de linguagem* no contexto socio histórico das necessidades materiais da casa de internamento. Entretanto, Foucault diz que ainda estava “seduzido” por um tipo de análise que demonstrava não somente a condição de possibilidade dos saberes nas formações econômicas, mas também a *expressão* dessas formações econômicas no *conteúdo* de conceitos científicos ou teorias médicas. Dito de outra forma, uma análise baseada também nos interesses de uma burguesia específica. Se podemos contrastar outro aspecto da mudança de posição de Foucault nos trabalhos dos anos de 1960, não é a ausência ou presença das formações econômicas como condição de possibilidade, mas a sua *expressão* ou não em termos de *conteúdos* no campo do saber.

O tema do expressionismo não é somente percebido em HLIC, essa dimensão analítica é bastante clara na noção de *desvio* que debatemos em DMPD e DMPS. Essa noção demonstrava a continuidade entre a prática discursiva e as formações econômicas em termos de conteúdo, em termos de exclusão propriamente dita nos discursos médicos.

Sabendo que essa noção de percepção corresponde ao vínculo entre práticas discursivas e extradiscursivas, devemos ainda demonstrar como esse vínculo apresenta-se enquanto *condição de possibilidade* e não causalidade direta. Isso é percebido na relação entre as noções de percepção e *a priori*.

Sua ampliação não significa apenas uma reorganização do espaço nosográfico mas, abaixo dos conceitos médicos, a presença e o trabalho de uma nova estrutura de experiência. A forma institucional que Pinel e Tuke esboçaram, essa constituição, ao redor do louco, de um volume asilar onde ele deve reconhecer sua culpabilidade e libertar-se dela, deixar transparecer a verdade de sua doença e suprimi-la, reatar com sua liberdade ao aliená-la no querer do médico — tudo isto torna-se agora um *a priori* da percepção médica. Ao longo do século XIX, o louco não será mais conhecido e reconhecido a não ser sobre um fundo de uma antropologia implícita que fala da mesma culpabilidade, da mesma verdade, da mesma alienação.²⁶⁸

Nesse trecho de HLIC, Foucault cita a construção de um *a priori* da percepção médica. O contexto da citação refere-se ao surgimento da alienação institucional do louco na psiquiatria da primeira metade do século XIX. A comparação com o desatino permitia afirmar que o louco não fosse mais o insensato

²⁶⁸ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 574.

no signo do desatino clássico, mas passasse a ser alienado na sua própria verdade, na sua condição asilar. Assim sendo, o filósofo afirma que a ampliação da condição asilar, a forma institucional de Pinel e Tuke, torna-se um *a priori da percepção médica*. Segundo o autor, isso não é apenas uma reorganização do “espaço nosográfico”, ou seja, em termos de uma nova composição classificatória do sistema de psicopatologias moderna. Por outro lado, isso atua como uma nova *estrutura de experiência* para o campo médico, para a percepção médica²⁶⁹, para a elaboração de teorias e discursos na medicina.

Fica evidente que a relação entre práticas discursivas e extradiscursivas é da ordem da condição de possibilidade, existe um *a priori* para a percepção médica que atua como condição material, não somente no sentido de ser uma prática extradiscursiva, mas também de comportar formações econômicas. Embora o fundamento de materialidade do saber não seja, principalmente, de causalidade direta, podemos ainda problematizar a causalidade direta no plano dos conteúdos ou do “expressionismo” do econômico nos discursos e práticas científicas. É interessante lembrar do problema de DMPS, pois Foucault corrige a noção de *condições reais* (na versão de 1954) para *a priori concreto* (na versão de 1962). Portanto, também fica claro que essas duas noções possuem como objetivo demonstrar o vínculo entre *práticas discursivas e extradiscursivas*.

Em HLIC, a noção de percepção surge como operador analítico para dar conta da raiz das formações extradiscursivas nas diversas *estruturas de experiência* da loucura. Vale resgatar as duas passagens em que a noção de *a priori concreto* – lembrando que não são exatamente consecutivas – aparece para esclarecermos o vínculo entre as formações discursivas e extradiscursivas.

A psicopatologia do século XIX (e talvez ainda a nossa) acredita situar-se e tomar suas medidas com referência num homo natura ou num homem normal considerando como dado anterior a toda experiência da doença. Na verdade, esse homem normal é uma criação. E se é preciso situá-lo, não é num espaço natural, mas num sistema que identifique o socius ao sujeito de direito; e, por conseguinte, o louco não é reconhecido como tal pelo fato de a doença tê-lo afastado para as margens do normal, mas sim porque nossa cultura situou-o no ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direito. A ciência “positiva” das doenças mentais e esses sentimentos humanitários que promoveram o louco à categoria de ser humano só foram possíveis uma

²⁶⁹ Na secção 2.3.3 debateremos a reorganização de novas estruturas de percepção dos saberes através da análise do surgimento da medicina moderna em NC.

vez solidamente estabelecida essa síntese. De algum modo ela constitui o a priori concreto de toda a nossa psicopatologia com pretensões científicas.²⁷⁰

Nesta reflexão sobre a loucura e nessa elaboração ainda obscura do conceito de meio, o século XVIII antecipava estranhamente, em relação àquilo em que iam transformar-se na época seguinte, os temas diretores da reflexão sobre o homem; e propunha, sob uma luz indecisa, nos confins da medicina e da filosofia, da psicologia e da história, com uma ingenuidade cujos equívocos toda a inquietação do século XIX e do nosso não conseguiu dissipar, um conceito muito rudimentar de alienação, que permite definir o meio humano como a negatividade do homem e reconhecer nele o a priori concreto de toda loucura possível. A loucura, assim, se aloja no ponto mais perto e no ponto mais distante do homem: aqui mesmo onde ele habita, mas também lá onde ele se perde, nessa estranha pátria em que sua residência é igualmente aquilo que o abole, a plenitude realizada de sua verdade e o incessante trabalho de seu não-ser.²⁷¹

O primeiro trecho desenvolve a construção de um *a priori concreto* para a psicopatologia do século XIX. Ou seja, Foucault demonstra a condição de possibilidade em que toda as *formações discursivas* científicas a respeito da loucura tomaram forma. Isso diz respeito, no trecho, à uma síntese realizada entre o “decreto social do internamento” e o “conhecimento jurídico” que forma os sujeitos de direito. Isso significa, portanto, que essa síntese é *anterior* às práticas científicas? O a priori concreto aparece como uma relação de anterioridade cronológica em relação à psicopatologia? De forma alguma, isso apenas significa que tal síntese trabalha como causalidade estrutural para as formações discursivas que produziram signos da loucura. Esse ponto não é muito claro entre os leitores do trabalho foucaultiano e precisa ser destacado. Não existe anterioridade cronológica de relação entre formações discursivas e formações extradiscursivas.

Ainda que não exista anterioridade cronológica, segundo a noção foucaultiana de percepção o a priori concreto surge a partir de uma *estrutura de experiência*, como campo possível para uma determinada percepção. Dessa forma, ele não é percebido através de discursos, mas também de práticas extradiscursivas, existe uma continuidade que é da ordem da relação estrutural e não exatamente cronológica. A psicopatologia não percebe esse a priori concreto somente através de discursos clínicos sobre o humano, muito menos sobre toda literatura a respeito da loucura, não que isso não seja importante, mas apenas não configura o cerne do a priori concreto do humano para a experiência médica da psicopatologia. Mas, por

²⁷⁰ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 148, grifo nosso.

²⁷¹ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 412, grifo nosso.

outro lado, o *a priori* concreto é capturado, percebido, na *estrutura de experiência* da identidade do socius (podendo ser entendido como campo social) com o sujeito de direito (eclipsando toda ideia de razão e luzes da modernidade e também da produtividade do trabalho).

Tal estrutura de experiência não se esgota na ordem da ideia, do conceito, do enunciado como *significado*, por duas razões possíveis. A primeira é pela simples justificativa que uma ideia ou conceito assume, principalmente, a característica de causalidade direta e não de condição de possibilidade. A segunda razão justifica-se, portanto, pela própria adequação de experiência à condição de possibilidade. Portanto, o *a priori* concreto não pode designar uma causalidade de ideias ou conceitos, porque a experiência real, a experiência cultural que a psicopatologia do século XIX estava imersa, assume a figura de condição de possibilidade. E, somente assim, ela pode dar conta de práticas extradiscursivas.

O segundo trecho é claro no que pode ser um *a priori* concreto eminentemente constituído por práticas discursivas. O contexto da citação considera todo um desenvolvimento do conceito de alienação como tributária do meio em que o homem está inserido. Foucault diz que tal tema está presente desde a filosofia hegeliana até à anatomia fisiológica de Bichat.²⁷² Ou seja, todo o século XVIII e início do século XIX estava atravessado pela degeneração do humano de si mesmo através do lugar que ele mesmo habita. Todo esse cenário, segundo o filósofo, contribui para um conceito bastante rudimentar de alienação, que por sua vez, consoma o “*a priori* concreto de toda loucura possível”.

É importante destacar que essa condição de possibilidade é para toda loucura possível, diferente do trecho anterior em que Foucault citava um exemplo que seria pertinente estritamente ou essencialmente à percepção médica, esse não é o caso. O trecho refere-se ao *a priori* concreto que possibilita *toda percepção* de loucura em jogo na época. Todo esse campo de condição de possibilidade é formado por um “conceito rudimentar”. Mas, pode um conceito ser *a priori* concreto? Seria, então, um *a priori* concreto baseado exclusivamente em práticas discursivas?

²⁷² FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 407.

A questão não é exatamente que o conceito rudimentar de alienação é formado por práticas discursivas, muito pelo contrário. O conceito, ele mesmo, podendo ser pensado como signo também, é uma prática eminentemente discursiva, que engloba todo um campo de enunciados filosóficos, médicos, psicopatológicos, etc. Entretanto, a própria formação do conceito está sujeita às formações econômicas do século XVIII, não é possível dissociar. Como considerar todo o “conceito” de alienação no século XVIII sem levar em conta a experiência material do grande confinamento?

Nesse trecho, está evidente que o campo de formação do a priori concreto não refere-se somente à percepção da estrutura de experiência da loucura no classicismo, mas podemos considerar que atravessa todo um escopo temporal determinado, “cujos equívocos toda a inquietação do século XIX e do nosso não conseguiu dissipar, um conceito muito rudimentar de alienação”. Portanto, o a priori concreto se apresenta como uma condição de possibilidade baseada em *causalidade estrutural* que pode ser consumada tanto através de *formações discursivas* quanto através de *formações extra discursivas*. Nesta secção o tema do expressionismo, da continuidade de conteúdo entre as essas duas dimensões, nos possibilitou aprofundar o problema da materialidade do saber em HLIC. Todo esse debate apontou tanto para uma importância das formações econômicas, quanto para uma necessidade de Foucault ir para além de análises marxistas tradicionais, ou pelo menos sua leitura dessas análises.

Após HLIC, Foucault ainda enfrentará o problema da materialidade do saber, contudo, de outra forma. Nessa obra, o objeto era a história de um modo geral, um amplo campo de experiência, depois disso, o filósofo retornará para a especificidade de um campo de saber para entender também suas condições de possibilidade.

2.3 O surgimento da clínica: o signo e o liberalismo

Concomitante ao sucesso de HLIC, Foucault publica *O Nascimento da Clínica* (1963). É interessante lembrar que o tema da clínica representava um tema caro para toda filosofia, psicanálise e história das ciências na França. Existiu um debate intenso sobre as práticas médicas passando pelas metodologias da fenomenologia, psicanálise, linguística e etnologia, protagonizado por nomes como Sartre, Minkowski, Merleau-Ponty, Lacan, Guattari, Deleuze, entre outros²⁷³. Além disso, a obra de Foucault sobre a clínica não ecoava somente no debate europeu, mas tornou-se referência para o estudo brasileiro sobre formação da medicina social nacional *Danação da Norma* (1978)²⁷⁴. Portanto, ainda que tenhamos o objetivo de ressaltar os fundamentos metodológicos do trabalho, é importante lembrar ainda os efeitos de verdade do trabalho para uma história das ideias sobre os mecanismos de produção do saber sobre as patologias.

O trabalho busca investigar as condições de possibilidade do surgimento da medicina moderna em contraposição à medicina clássica europeia, principalmente nos séculos XVIII e XIX²⁷⁵ - um recorte temporal relativamente breve, comparando com HLIC, mas bastante complexo tendo em vista as transformações sociais e políticas. Foucault debruça-se sobre diversas formações que possibilitam as mudanças no campo médico como: discurso, práticas de tratamento do doente, institucionalização da profissão, Revolução e Estado-nação, organização dos hospitais, anatomia-clínica, entre outros.

Diante disso, é preciso investigar os desvios e permanências da metodologia de análise da materialidade do saber, signo e discurso, formações econômicas e teoria, práticas discursivas e extradiscursivas; tendo em vista, transversalmente, as inflexões e proximidades temáticas com HLIC, DMPD e DMPS; resgatando brevemente as divergências metodológicas e analíticas. Do ponto de vista da metodologia, NC já organiza na introdução pontos importantes do objetivo e caminho analítico, que as obras anteriores não propunham muito claramente.

²⁷³ ESTELLITA-LINS, C. Michel Foucault e a clínica In: *Foucault hoje*, p. 151.

²⁷⁴ MACHADO, R. et al. *Danação da Norma*.

²⁷⁵ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. IX.

De acordo com nosso objetivo, continuaremos traçando as noções da arqueologia a partir de elementos estruturalistas levando em conta o problema da materialidade do saber. A partir disso, nossa análise de NC inicia-se pela instrução foucaultiana apontando um debate sobre objeto (a priori concreto) e método (sistema de fatos discursivos). Posteriormente problematizaremos o vínculo entre *formações econômicas* (condição de possibilidade) e o surgimento do campo médico, nas relações entre liberalismo político, liberalismo científico e consolidação dos hospitais, ressaltando a alocação da prática médica regulada por *normas de aquisição do saber e regras de formação da experiência*. Após isso, é necessário destacar o atravessamento da epistemologia médica pela forma da linguagem, ressaltando a *materialidade do signo* presente na relação entre *signo* e *sintoma*.

2.3.1 A priori concreto como objeto

Inicialmente, no prefácio, Foucault já demonstra dois pontos importantes: o *objeto* da arqueologia da clínica e o *método* proposto para analisar formações discursivas. Esse objeto não é o conjunto de discursos e enunciados no campo da teoria da medicina, muito menos um resgate das relações empíricas médico-paciente. A pergunta que organiza a empresa foucaultiana é: como surgiu a medicina clínica?

A medicina como ciência clínica apareceu sob condições que definem, com sua possibilidade histórica, o domínio de sua experiência e a estrutura de sua racionalidade. Elas formam seu *a priori* concreto que agora é possível desvelar, talvez porque esteja nascendo uma nova experiência da doença, que oferece a possibilidade de uma retomada histórica e crítica daquela que rejeita no tempo.²⁷⁶

Uma análise do pensamento foucaultiano, de sua perspectiva sobre a construção dos saberes no Ocidente, deve compreender uma lida com uma mudança de objeto e método entre análises. Nesse caso, percebemos que existe uma transformação considerável entre as duas primeiras obras. Em NC, o filósofo elenca como campo de investigação o próprio saber, a medicina clínica. Não está em jogo nem uma experiência histórica em sentido amplo (o caso da loucura em HLIC), nem um objeto de saber transversal (a noção de patologias mentais em DMPD e DMPS perpassando diversos saberes).

²⁷⁶ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. XIV, grifos do autor.

Foucault não pretende entender a clínica através de uma evolução da epistemologia médica, nem efeito de práticas técnicas, mas, sua proposta é entender as *condições de possibilidade*. Até aqui, essa proposta já aparecia em outros trabalhos, entretanto, já na apresentação deste livro ela toma a denominação de *a priori concreto*. A formação desse termo é explicada em conjunto com a análise do domínio de experiência da medicina clínica, ou seja, através das condições que possibilitam a construção da clínica como olhar de ciência empírica, as regulações e normas para que os discursos clínicos tomem a forma de objetos de um campo de saber autônomo. De outra forma, a estrutura de uma racionalidade do saber clínico também é citada como condição para a medicina como ciência, e, isso compreende a maneira específica em que o discurso clínico constrói uma racionalidade, como delimita seus objetos. Defendo que a noção de *a priori* determina uma investigação das condições de possibilidade, naturalmente esse conceito – como iremos debater adiante – possui influência kantiana, mas além disso, ele é colocado em prática como uma investigação do campo estrutural ou seja, do conjunto de relações que determinam elementos.

Deleuze destaca essa influência como um neo-kantismo característico de Foucault, mas realiza uma distinção importante. É possível concordar com o filósofo quando ele justifica que “as condições são as da experiência real, e não as de toda experiência possível (os enunciados, por exemplo, supõem um *corpus* determinado); elas estão do lado do ‘objeto’, do lado da formulação histórica, e não de um sujeito universal”²⁷⁷. Ou seja, metodologicamente as duas noções são bem distintas, restando uma proximidade mais general do que propriamente como instrumento analítico.

Fica claro que a noção *a priori* concreto, assim como em HLIC e DMPS, é ponto central da prática da arqueologia foucaultiana, pois ela ocupa o espaço metodológico de um objeto, de ponto final da descrição arqueológica, demonstrando não somente elementos fundamentais, mas também sua esquemática de relação no campo do saber. Se essa noção é central, devemos debater brevemente os termos relacionados à essa noção de *a priori*, destacando que nas pesquisas

²⁷⁷ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 69.

posteriores a noção de a priori concreto parece ser substituída por outra noção, denominada a priori histórico²⁷⁸.

Esse termo parece, de início, um contrassenso. O que é histórico deveria ser sempre a posteriori, porque desdobra-se a partir da realização da coisa no tempo, assim sendo, uma categoria a priori deveria ser a-histórica. Não por acaso, esse termo lembra o a priori kantiano, que por sua vez, refere-se às condições de possibilidade para o conhecimento, como as categorias do entendimento ou ideias da razão. Foucault, remetendo, portanto, a Kant, explica a utilização da noção.

quero designar um a priori que não seria condição de validade para juízos, mas condição de realidade para enunciados. Não se trata de reencontrar o que poderia tornar legítima uma assertiva, mas isolar as condições de emergência dos enunciados, lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem.²⁷⁹

O problema não é uma legitimidade ou validade para a construção do conhecimento, dos juízos. Nesse ponto, é interessante destacarmos a utilização da palavra “realidade”, levando em conta que esse debate não se trata de uma dimensão abstrata da história, mas de sua realidade enquanto acontecimento material singular, garantindo regras e normas para a formação discursiva. As regularidades históricas materiais são transformadas em contato com o efeito desse campo epistemológico de enunciados, não à revelia dele. Em outras palavras, não se trata de um determinismo histórico, nem semiológico.

A herança kantiana no século XX se desenvolve, por excelência, através da fenomenologia. É interessante levantar a hipótese de uma possível genealogia do

²⁷⁸ A noção aparece pela primeira vez em *As Palavras e as Coisas* apontando justamente para o objeto da arqueologia. “Tal análise, como se vê, não compete à história das idéias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer idéias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticularem e logo desvanecerem. Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a epistémê onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, pp. XVIII – XIX.

²⁷⁹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 144.

conceito de a priori histórico. A noção de a priori histórico citada por Foucault é utilizada por Edmund Husserl no Anexo III – também conhecido como A Origem da Geometria – d'A *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*²⁸⁰.

O problema de Husserl era entender a especificidade do presente como devir histórico concreto na formação das ciências e saberes²⁸¹. Ele afirma que um fato histórico se apresenta a partir de uma “estrutura interna de sentido” e toda história de fatos permanece na incompreensão, se não analisa o a priori que constitui essas experiências e tira-se consequências de fatos brutos. No caso do texto, o exemplo de ciência tomado é a geometria.

O filósofo alemão busca investigar a possibilidade de uma determinada cultura, ou seja, a dimensão sócio histórica da existência se apresentar enquanto uma dimensão formal de compreensão do mundo. Esse texto marca uma reformulação do problema do conhecimento husserliano, pois pretende levar em conta a dimensão da história nesse processo, como mundo concreto²⁸². A proximidade entre o problema foucaultiano e husserliano fica mais clara no trecho a seguir.

Cada povo e cada população têm o seu mundo, onde, para ele, tudo é coerente, seja ao modo mítico-mágico, seja ao modo europeu-racional,

²⁸⁰ Apesar de Foucault não citar essa referência à noção, esse texto (nomeado na passagem de *Krisis*) era de conhecimento do filósofo francês. FOUCAULT, M. *Hermenêutica do Sujeito*, p. 27.

²⁸¹ “O que quer que se demonstre como fato histórico, seja empiricamente presente, seja comprovado pelo historiador como fato do passado, ele tem necessariamente sua estrutura interna de sentido; as conexões de motivações quotidianamente compreensíveis que dele ressaltam tem suas implicações, que se estendem sempre mais longe e que devem ser questionadas e descobertas. Toda a história de fatos permanece na incompreensão porque, retirando consequências sempre ingenuamente a partir de fatos, não torna jamais temático o solo geral de sentido sobre o qual assentam todas estas consequências, porque não pesquisou jamais a gigantesca estrutura a priori que lhe é própria. Só o descobrimento da estrutura geral essencial que reside no nosso presente e, então, em todo o presente histórico passado ou futuro enquanto tal e no seu todo, só o descobrimento do tempo histórico concreto em que vivemos, em que vive a nossa humanidade inteira, em relação à sua estrutura geral essencial total, só este descobrimento torna realmente possível uma história compreensiva, intelectual, científica em sentido próprio. Este é o a priori histórico concreto que abarca todo o ente no vir a ser e no devir histórico ou, no seu ser essencial, como tradição e como transmissível. O que se disse referiu-se à forma total ‘presente histórico em geral’, ao tempo histórico em geral.” HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, p. 308. A noção de a priori histórico aparece mais duas vezes somente, todas nessa mesma secção.

²⁸² Embora Foucault não cite expressamente esse texto de Husserl em PC, Gérard Lebrun retoma o *Krisis* para tratar do problema da fenomenologia debatido em PC a partir da concretude do mundo e da razão histórica do a priori. LEBRUN, G. *Note sur La phénoménologie dans Les Mots et les Choses*, p. 35.

e tudo se deixa explicar perfeitamente. Cada um tem a sua “lógica” e, nestes termos, se esta se explicitasse em proposições, o seu “a priori”.²⁸³

Não pretendo afirmar que Foucault e Husserl tinham o mesmo problema em vista, mas parece que os temas são solidários justamente na medida em que surge como problema as possibilidades de conhecimento na história, formando assim, o que Foucault chama de saber – talvez, não por acaso, Derrida utilize esse mesmo texto para levantar o problema do signo na fenomenologia husserliana²⁸⁴. Foucault preocupa-se justamente com a condição de possibilidade dos saberes, não no sentido de fatos históricos brutos, mas no sentido da dimensão formal histórica de determinado período que possibilita a constituição desses saberes. Assim sendo, é possível estabelecer um vínculo entre a singularidade histórica de determinada “cultura” e a constituição dos saberes.

Em PC, Foucault cita que a inspiração do trabalho foi a leitura de uma impossível enciclopédia chinesa fictícia narrada por Borges²⁸⁵. Nesse texto, existem conexões estapafúrdias na classificação das coisas, uma taxonomia incompreensível. Foucault diz que “o impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se”²⁸⁶. O assentamento das palavras, dos significantes, ocorre justamente na produção de signos de uma “cultura”, no exemplo citado, tornaria-se incompreensível para nós pelo tensionamento de uma cultura Ocidental bastante distinta.

Isso não quer dizer, contudo, que o termo histórico para Foucault se refira exatamente à cultura em sentido amplo. Essa aproximação serviu para situar que o problema das regularidades discursivas, da pergunta pela episteme, não é estritamente formal, mas circunscrita em uma determinada periodização histórica e

²⁸³ HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, p. 310.

²⁸⁴ Em *A Voz e o Fenômeno* (1967), Derrida constrói uma cita esse mesmo texto de Husserl – especialmente a secção do anexo III (*A Origem da Geometria*) que possui o conceito de a priori histórico – para analisar o problema do *signo* na fenomenologia do filósofo alemão. DERRIDA, J. *A Voz e o Fenômeno*, p. 9.

²⁸⁵ “Esse texto cita ‘uma certa enciclopédia chinesa’ onde será escrito que ‘os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas’. No deslumbramento dessa taxinomia, o que de súbito atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar isso”. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. IX.

²⁸⁶ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. XI.

espacialidade social. Dessa forma, o adjetivo “histórico” da noção de a priori aloca e delimita as práticas discursivas e mais amplamente o saber, e, isso significa uma *condição de possibilidade*.

Essas condições históricas de possibilidade não são determinações, pois o objeto da arqueologia não é a busca por fatos empíricos brutos que fundam as possibilidades de surgimento de um saber. Isso seria uma espécie de fenomenologia histórica, segundo Foucault²⁸⁷. Não se trata de analisar a história em decorrência dos seus fatos empíricos, dos acontecimentos em estados brutos. Mas, ao contrário, trata-se de entender de que forma podem surgir determinadas formações discursivas. O que está em questão, portanto, é que os discursos possuem um a priori histórico de surgimento.

Seguindo esse recurso de genealogia conceitual que recorremos, podemos investigar outro termo do filósofo francês. Foucault não define muito bem o termo positividade²⁸⁸, entretanto ele é muito próximo da noção de a priori histórico. No capítulo sobre a priori histórico em AS, o filósofo inicia definindo a noção de positividade e não de a priori histórico. O importante é que os dois termos apresentam uma função parecida na posição analítica das formações discursivas. Na medida em que as positivities configuram o exercício das funções enunciativas ou sua prática social, “assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um a priori histórico”²⁸⁹.

A palavra positividade pode ser encontrada em um ensaio de Jean Hyppolite – professor de Foucault, por quem era referido como “meu mestre”²⁹⁰ – intitulado *La philosophie de l’histoire de Hegel*. O ensaio de Hyppolite trata sobre uma obra

²⁸⁷ “Tratar a arqueologia como uma busca da origem dos a priori formais, dos atos fundadores, em suma, como uma espécie de fenomenologia histórica (enquanto para ela se trata, ao contrário, de libertar a história da dominação fenomenológica), e objetar-lhe, então, que ela fracassa em sua tarefa e que só descobre uma série de fatos empíricos.” FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 228.

²⁸⁸ A pista dessa genealogia foi traçada por Giorgio Agambem. A preocupação do filósofo italiano era investigar a noção de dispositivo e ele destaca que etimologicamente as duas palavras são bem próximas. Ou seja, a noção de positividade torna-se dispositivo nos anos de 1970. AGAMBEM, G. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, p. 32. Trataremos essa questão na seção 3.2.3.

²⁸⁹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 145.

²⁹⁰ AGAMBEM, G. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, p. 30. Foucault homenageia Hyppolite após seu falecimento em 1968. FOUCAULT, M. Jean Hyppolite In: *Dits et Écrits IV*, pp. 779 – 785.

de Hegel chamada *A positividade da religião cristã*, e destaca que a noção de positividade é fundamental para Hegel entender razão e história.

Resumidamente, Hyppolite interpreta que positividade surge em oposição ao termo natural, por exemplo, existe a oposição entre religião natural e religião positiva, direito natural e direito positivo²⁹¹. Existia a concepção de que uma religião natural seria relacionada à uma natureza humana e através da história, as religiões com suas instituições, ritos e especificidades se posicionam mais próximas ou mais distantes em relação à essa tendência de religião natural. A religião positiva, portanto, é o que ultrapassa a religião natural em termos de constituição concreta de uma certa historicidade. Se a religião é uma esfera da constituição da razão, a religião positiva, de certa forma, representa uma exterioridade à razão para Hegel.

A religião positiva, escreve Hyppolite, implica teoricamente e praticamente na razão²⁹². Teoricamente ela expressa algo exterior ao pensamento, em que ele deve receber passivamente sem nenhuma consideração própria. No âmbito prático, a religião positiva coage o humano colocando-o sobre sua própria lei constituída, uma coação à liberdade. Portanto, a positividade para Hegel é um problema de heteronomia, de coação à razão, um limite à liberdade. Dessa forma, esse problema deve ser superado dialeticamente entre a razão (teórica e prática) e a positividade, o “elemento histórico”²⁹³. Parece que a positividade representa as determinações que a razão está sujeita. Contudo, essas restrições não são da ordem das possibilidades de entender do sujeito, o que poderíamos de chamar de a priori kantiano, levando em conta as categorias do entendimento. Mas, essa externalidade que a razão está sujeita é uma constituição do elemento próprio da história, que não é da ordem das condições do intelecto.

Se Hegel está preocupado em superar o problema das positivities que a razão está implicada, Foucault, por outro lado, está preocupado em mapear as condições de possibilidade, as positivities que implicam a formação discursiva dos enunciados, da área específica de um campo do saber.

²⁹¹ HYPOLITE, J. *Introdução à filosofia da história de Hegel*, p. 34.

²⁹² HYPOLITE, J. *Introdução à filosofia da história de Hegel*, p. 35.

²⁹³ HYPOLITE, J. *Introdução à filosofia da história de Hegel*, p. 37.

As positivities que tentei estabelecer não devem ser compreendidas como um conjunto de determinações que se impõem do exterior ao pensamento dos indivíduos ou que moram em seu interior como que antecipadamente; elas constituem o conjunto das condições segundo as quais se exerce uma prática, segundo as quais essa prática dá lugar a enunciados parcial ou totalmente novos, segundo as quais, enfim, ela pode ser modificada. Trata-se menos dos limites colocados à iniciativa dos sujeitos que do campo em que ela se articula (sem constituir seu centro), das regras que emprega (sem que as tenha inventado ou formulado), das relações que lhe servem de suporte (sem que ela seja seu resultado último, ou seu ponto de convergência). Trata-se de revelar as práticas discursivas em sua complexidade e em sua densidade; mostrar que falar é fazer alguma coisa - algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série preexistente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso que implica condições (e não somente uma situação, um contexto, motivos) e que comporta regras (diferentes das regras lógicas e linguísticas de construção); mostrar que uma mudança, na ordem do discurso, não supõe "idéias novas", um pouco de invenção e de criatividade, uma mentalidade diferente, mas transformações em uma prática eventualmente nas que lhe são próximas e em sua articulação comum.²⁹⁴

Agora, parece mais claro o campo de sentido que Foucault utiliza as noções de a priori histórico e positividade. Não pretendo sugerir que o termo positividade tenha o mesmo caráter para Foucault e Hegel²⁹⁵. Foucault não se detém nos limites colocados ao sujeito, ou seja, a heteronomia hegeliana, mas busca entender as regras e condições em que se consolida um saber e não a própria razão. Isso significa examinar a espessura da ordem que existe no campo discursivo, que, inclusive, é uma ordem também eminentemente não-discursiva. Não existe, portanto, um solo histórico cronologicamente anterior que possibilita a formação dos saberes, mas existe uma co-constituição de elementos históricos e discursivos através de uma *estrutura* formal de condições de possibilidade.

A positividade, portanto, não é determinação histórica, nem se trata da dimensão de definir comportamento dos sujeitos. Para Foucault, esse termo refere-se às condições de possibilidade de emergência, circulação e perpetuação do

²⁹⁴ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 234.

²⁹⁵ "Penso, no entanto, que minha dívida em grande parte é para com Jean Hyppolite. Bem sei que sua obra, aos olhos de muitos, sob o reinado de Hegel e que toda a sua época, seja pela lógica ou pela epistemologia, seja por Marx ou por Nietzsche, procura escapar de Hegel: e o que procurei dizer há pouco a propósito do discurso é bem infiel ao logos hegeliano. Mas escapar realmente de Hegel supõe apreciar exatamente quanto custa separar-se dele; supõe saber até onde Hegel, insidiosamente, talvez aproximou-se de nós [...] se somos muito devedores de Jean Hyppolite, é porque, infatigavelmente ele percorreu para nós e antes de nós esse caminho através do qual nos afastamos de Hegel, tomarmos distância e através do qual nos encontramos de volta a ele mas de outra maneira, logo em seguida obrigados a deixá-lo novamente." FOUCAULT, M. *Ordem do discurso*, p. 68, grifo nosso.

discurso de um campo do saber. Por outro lado, essa positividade também não é da ordem abstrata do pensamento, ou seja, uma transformação nos discursos de um saber implica uma transformação nas próprias condições históricas e não na criação de ideias e novos conceitos. Dessa forma, podemos afirmar que o termo positividade é a *função* exercida pelo a priori histórico. Isso quer dizer que um a priori implica um determinado escopo de positivities, de formas específicas de condições para áreas do saber. Um a priori histórico gera *positividades* para o saber, constrói condições para que eles surjam de uma forma específica.

Resumidamente, percebemos que o a priori refere-se às condições de possibilidade para o saber. Em NC, HLIC e DMPS, a noção de a priori aparece com a qualificação de *concreto* e posteriormente adquire a caracterização de *histórico*. Essa mudança metodológica não é explicada detidamente por comentadores. Defendo que essa transformação está diretamente relacionada com as transformações nas pesquisas foucaultianas no fim dos anos de 1960. Em PC e AS, o a priori torna-se histórico, pois Foucault investiga as simultaneidades epistemológicas, ou seja, ele está preocupado com um aspecto transversal a vários saberes, justamente no âmbito das formações discursivas. Anteriormente, a noção de a priori concreto, referia-se à uma certa relação entre a percepção empírica de um saber ou experiência e sua prática discursiva, diretamente relacionado com formações extradiscursivas. Dito de outra forma, a noção de a priori concreto pretende delimitar o nível de concretude das condições de possibilidade de um saber determinado. Em NC, perceberemos que essas condições concretas são apresentadas como normas de aquisição do saber e regras para formação da experiência.

O subtítulo do lançamento da obra é frequentemente citado como “une archéologie du regard médical”, mantido pela edição estadunidense com a tradução “an archaeology of medical perception”, justificada por uma nota do tradutor²⁹⁶. Torna-se um pouco complicado entender esse texto como o primeiro a citar explicitamente a arqueologia como método, pois ela aparece precariamente somente no subtítulo. Assim como anteriormente, no primeiro prefácio de HLIC,

²⁹⁶ FOUCAULT, M. *The Birth of the Clinic: an archaeology of medical perception*, p. viii.

Foucault citava brevemente a intenção de realizar uma “arqueologia do silêncio”²⁹⁷ da loucura, ou em outros trechos, a “arqueologia de uma alienação”.

É complexo também apontar algum tipo de acabamento de método foucaultiano – talvez simplesmente por seu aparente desinteresse nesse tipo de questão –, entretanto, parece que existe um movimento na tentativa de senão refinar as análises anteriores, pelo menos buscar um caminho próprio e enfrentar problemas e críticas de outras obras. Por isso, se não é possível afirmar que existe um método arqueológico acabado pela constatação de simples referência direta, é possível resgatar – assim como em HLIC – profundos paralelismos e contiguidades analíticas. Se em NC, a arqueologia apresenta seus contornos precários de metodologia por vir, o objeto também se desenha claramente como as condições de possibilidade de um campo de saber, o *a priori concreto*. Portanto, todo projeto resume-se em estabelecer uma arqueologia da clínica através dessas condições que definem sua formação, assim sendo, Foucault já se situa diante de uma potencial análise de uma rede tanto de práticas discursivas, quanto de práticas extradiscursivas.

Ainda sobre o subtítulo, é necessário destacar que Foucault delimita claramente seu distanciamento de uma perspectiva fenomenológica mesmo com as noções de olhar e observação. Ou seja, essa monografia não possui parentesco com a tradição fenomenológica, ou melhor, com um enfoque fenomenológico na situação da clínica através do fenômeno sujeito-objeto, médico-paciente.

as fenomenologias acéfalas da compreensão mesclam a esta ideia mal articulada a areia de seu deserto conceitual; o vocabulário pobremente erotizado do “encontro” e do “par médico-doente” se esgota desejando comunicar a tanto não-pensamento os pálidos poderes de uma fantasia matrimonial. A experiência clínica – esta abertura, que é a primeira na história ocidental, do indivíduo concreto à linguagem da racionalidade, este acontecimento capital da relação do mesmo e da linguagem com as coisas – foi logo tomada como um confronto simples, sem conceito, entre um olhar e um rosto, entre um golpe de vista e um corpo mudo espécie de contato anterior a todo discurso e livre dos embaraços da linguagem, pelo qual dois indivíduos vivos estão “enjaulados” em uma situação comum mas não recíproca.²⁹⁸

O distanciamento da fenomenologia requer uma justificativa de outra abordagem para entender o surgimento da estrutura de racionalidade que

²⁹⁷ FOUCAULT, M. Préface In: *Dits et Écrits I 1954 - 1969*, p. 160.

²⁹⁸ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xiii, grifo nosso.

possibilitou a clínica. E, para Foucault, isso não pode ser percebido, de maneira nenhuma, através da limitação *conceitual* – aqui claramente está em jogo a ideia de *fundamento analítico* – que a abordagem filosófica da fenomenologia propõe. Em outras palavras, as condições de possibilidade para surgimento da clínica não podem ser investigadas de forma interessante através dos conceitos fenomenológicos. Se a fenomenologia não possui requisito cefálico suficiente, qual seria a abordagem filosófica que daria conta desse objeto?

Nesse mesmo trecho pode-se compreender que a experiência clínica foi reduzida a um “confronto simples” na operação de ver e saber, uma situação que foi estabelecida como “contado anterior a todo discurso”. Foucault está preocupado com a própria incidência do discurso e seu atravessamento na própria experiência clínica. Isso significa entender essa experiência como uma abertura do indivíduo concreto à linguagem da racionalidade, um acontecimento que concerne justamente à relação da linguagem com as coisas.

A inflexão de Foucault com a fenomenologia aponta, no mínimo, para uma aproximação com *noções* estruturalistas. A novidade da clínica como saber está diretamente relacionada à uma forma de relação entre a linguagem e as coisas, que poderíamos afirmar, trata-se do problema fundamental do signo e da linguagem, em termos estruturalistas. A erotização fenomenológica do par médico-paciente não permite vislumbrar que as condições de possibilidades do saber clínico estão assentadas na abertura da experiência clínica à uma forma de construção particular da relação entre as palavras e as coisas, e, essa forma de relação admite uma estrutura de racionalidade específica.

A transformação no corpo do saber clínico deve ser inquirida através de “outra coisa que não os conteúdos temáticos ou as modalidades lógicas e dirigir-se à região em que as ‘coisas’ e as ‘palavras’ ainda não se separaram, onde ao nível da linguagem, modo de ver e modo de dizer ainda se pertencem”²⁹⁹. Isso quer dizer tomar a linguagem não por sua dimensão de conteúdo, mas sua capacidade de trânsito entre apresentação e representação, uma transformação no lugar mesmo em que separa a linguagem médica, que descreve o olhar, e seu objeto.

²⁹⁹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. IX.

2.3.2 O sistema de fatos discursivos como método

O problema que surge em NC não é somente ater-se às práticas extradiscursivas como fundamento da materialidade do saber, mas aprofundar na própria estrutura da linguagem, um ponto de encontro entre olhar, discurso e fenômeno. Esse entendimento da linguagem não incide somente na estrutura de racionalidade do saber, mas também na forma de análise dos discursos e enunciados. Foucault demonstra a repercussão desse outro entendimento de linguagem na própria questão de formação das práticas discursivas.

Citando uma mudança de perspectiva na própria tradição filosófica, ele escreve que a possibilidade e necessidade de uma crítica em Kant estava atrelada à certos “conteúdos científicos” no problema do conhecimento. Isso significa que a abordagem crítica a respeito do conhecimento estava amparada em um problema de *conteúdo*. Em outro sentido, ele remonta a Nietzsche uma outra forma de crítica que está vinculada “ao fato de que existe linguagem e de que [...] um sentido que nos domina tomou corpo, conduz nossa cegueira, mas espera, na obscuridade, nossa tomada de consciência, para vir à luz e pôr-se a falar”³⁰⁰.

Quando Foucault aproxima-se da tese do filósofo da basileia, reorganiza todas as noções de sentido, saber e realidade. Toda filosofia de Foucault possui, portanto, um posicionamento particular em relação à linguagem e sua *forma*, como uma posição crítica de limites determinados no processo de saber. Essa não é uma questão lateral em seus trabalhos, mas um fio condutor que atravessa todo seu pensamento ao longo, pelo menos, dos anos de 1960. Essa tese é totalmente solidária aos problemas estruturalistas que destacam um sistema simbólico na forma de linguagem produzindo um mundo para além de nossa capacidade crítica autônoma. Isso significa pensar uma crítica que não é exatamente uma crítica do conhecimento, mas seria uma *crítica do saber*, pois entende que ele é totalmente atravessado pela dimensão formal da linguagem como estrutura de racionalidade.

No geral, a implicação metodológica dessa perspectiva atravessa todo pensamento foucaultiano é indispensável para entender sua contribuição particular sobre a materialidade do discurso. Em NC, isso implica em pensar a análise

³⁰⁰ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. XIV – XV.

filosófica, a própria metodologia para além do comentário. Mas o que significa isso? Foucault afirma que é necessário pensar a palavra além do seu estatuto de *conteúdo* significativo, “será, então, fatal que não conheçamos outro uso da palavra que não seja o comentário? Este último na verdade, interroga o discurso sobre o que ele diz e quis dizer”³⁰¹.

Foucault quer dizer que o registro do comentário pressupõe, como um princípio mesmo de sua aplicação, um uso determinado da linguagem. Esse projeto abre o horizonte da palavra sobre a palavra pelo esclarecimento do sentido através da consciência do autor. Ele busca, muitas vezes, aproximar a palavra de sua própria verdade, de um sentido próprio que ainda permanece velado, um tanto obscuro. O filósofo escreve que “comentar é, por definição, admitir um excesso de significado sobre o significante, um resto necessariamente não formulado do pensamento que a linguagem deixou na sombra”³⁰².

A ultrapassagem do comentário é um debate, no mínimo, solidário à abordagem estruturalista. O exercício do comentário sobre um discurso, pressupõe uma tese sobre a própria linguagem: a hipótese da exegese. Essa estratégia escuta e reorganiza o discurso, fazendo-o falar justamente no ponto cego de si mesmo, onde seu resto é sua essência particular. Dessa forma, tratar do pensamento de um autor é, segundo Foucault, realizar uma análise do significado. Tradicionalmente, o comentário é a exegese que pretende restituir um discurso ao seu universo de significação, ao solo originário de uma consciência, de uma identidade.

O comentário e sua tese adjunta da linguagem, pressupõe uma relação específica entre significante e significado, onde eles podem operar em dissociação, como se todo significado guardasse uma virtualidade indefinida de significação, e, por outro lado, o significante assume a função tradutora. Por isso, “significante e significado adquirem assim uma autonomia *substancial*”³⁰³, e a palavra aproxima-se do estatuto representativo da imagem. Nesses termos, o discurso é a escuta das vozes dos autores, revelação do verbo, perpétua revelação do significado inaudito.

³⁰¹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. XV.

³⁰² FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xv.

³⁰³ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xv, grifo nosso.

A autonomia substancial entre significante e significado representa uma negligência da própria estrutura do signo. Como pensar um signo sem o seu devido suporte material (substância)? Portanto, segundo Foucault, a autonomia substancial entre significado e significante acontece quando a perspectiva do comentário não entende que o significado possui uma *dependência material* do significante. Para Foucault, *não existe discurso apesar da materialidade do signo*. Este debate em NC é bastante produtivo para esclarecermos a perspectiva foucaultiana de discurso, dando um destaque evidente para o problema da materialidade.

Portanto, o comentário não é sua proposta para uma análise dos discursos em NC. Mas, como escapar à fatalidade do comentário? Como entender um discurso não somente a partir de seu incessante resíduo de significado? Para tanto, o filósofo francês esclarece sua metodologia.

Seria preciso, então, tratar os fatos de discursos não como núcleos autônomos de significações múltiplas, mas como acontecimentos e segmentos funcionais formando, pouco a pouco, um sistema. O sentido de um enunciado não seria definido pelo tesouro de intenções que contivesse, revelando-o e reservando o alternadamente, mas pela diferença que o articula com os outros enunciados reais e possíveis, que lhe são contemporâneos ou as quais se opõe na série linear do tempo. Apareceria, então, uma história sistemática dos discursos.³⁰⁴

Poderíamos entender que o núcleo autônomo de significação, ou seja, o discurso no domínio do comentário faz parte também do conjunto conceitual das “fenomenologias acéfalas”, porque, nesses termos, o sentido não é atravessado pelo efeito da *materialidade* da linguagem, mas é efeito de uma consciência provida de intencionalidade (“tesouro de intenções”). É interessante perceber que Foucault cita o conceito de “fatos de discursos”, admitindo uma noção de prática discursiva, com efeitos para além de seu esgotamento como função de comentário.

Portanto, todo esse entendimento da linguagem para Foucault – coincidente com os mais essenciais problemas da abordagem estruturalistas – assume duas implicações metodológicas: 1 – o problema da materialidade do discurso na

³⁰⁴ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xvi. “Il faudrait alors traiter les faits de discours, non pas comme des noyaux autonomes de significations multiples, mais comme des événements et des segments fonctionnels, formant système de proche en proche. Le sens d’un énoncé ne serait pas défini par le trésor d’intentions qu’il contiendrait, le révélant et le réservant A la fois, mais par la différence qui l’articule sur les autres énoncés réels et possibles, qui lui sont contemporains ou auxquels il s’oppose dans la série linéaire du temps. Alors apparaîtrait l’histoire systématique des discours”. FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*, p. xiii.

estrutura da linguagem; 2 – o conjunto de práticas discursivas como um *sistema*. Ainda que não pareçam relacionados, eles são estreitamente vinculados. Mas, de que maneira? Deixaremos em suspenso as indicações grifadas no trecho citado anteriormente para esclarecer essa relação antes.

Evidentemente, admitir que a linguagem fala através de nós é propor que não existe uma transparência entre consciência autônoma do sujeito e sentido. Isso pressupõe ter como princípio que um campo simbólico organiza um sentido além da intencionalidade da significação, de diversas formas, como debatemos no primeiro capítulo. Uma dentre essas formas – que é fundamental para essa tese – é a própria materialidade do significante, ou seja, a forma de eclipsar em sua substância a significação. Portanto, quando Foucault escreve que a dimensão do comentário demonstra uma “autonomia substancial”, está em jogo justamente uma *indiferenciação* substancial entre significante e significado.

A materialidade linguística do signo adquire cada vez mais espaço no pensamento foucaultiano. O autor afirma que “comentar é, por definição, admitir um excesso do significado sobre o significante”, bom, fica claro que ele pretende restituir a devida função do significante ao discurso, isto é, levantar o problema do *suporte material* necessário e incontornável do signo. Criticar o excesso de significado sobre o significante é lidar com o problema da persistência da primazia do significante, é reivindicar não somente uma demolição do sujeito e da consciência, mas também um princípio materialista na constituição simbólica de sentido através do suporte material da linguagem.

Ainda que o comentário possua essa limitação, o significante ainda persiste como retorno fantasmático da palavra e da letra. Mesmo submetendo o significante ao domínio do significado, existe entre eles, ainda, “um liame complexo, uma trama indecisa que põe em jogo os valores poéticos da expressão: não se presume que o significante ‘ traduza ’ sem ocultar e sem deixar o significado com uma inesgotável reserva”³⁰⁵, tudo isso, porque o suporte da linguagem ainda retorna ao processo de significação, como outro polo da translação do signo.

³⁰⁵ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xv.

Dito de outra forma, Foucault critica a abordagem do comentário por sua limitação em não perceber que não existe, em senso estrito, uma autonomia substancial entre significante e significado, pois em sua mesma materialidade ou substância, o significante já admite um processo de significação. Levando isso em conta, podemos começar a perceber a maneira como Foucault entende práticas discursivas. Ou seja, o *discurso* – assim como o signo – possui uma materialidade como “fatos de discurso”, que são decorrentes do seu estatuto material. Seria possível afirmar que, para Foucault, o discurso ou enunciado responde à *estrutura linguística do signo* como fundamento analítico, operando como função/forma-signo.

É evidente tal relação se entendermos os trechos sublinhados na citação como *noções* do estruturalismo. Os fatos discursivos são “segmentos funcionais” e não núcleos autônomos, ou seja, eles desempenham uma função que não é autônoma, independente, eles são segmentos, partes, elementos de um *sistema*. Dessa forma, Foucault propõe entender toda essa gama de enunciados ou discursos em caráter de *diferença*, demolindo todo princípio de exegese de identidade de sentido soberana do comentário.

Ultrapassar o registro do comentário pode ser realizado na medida em que o valor de linguagem de fatos dos discursos é compreendido exatamente não por sua significação autônoma potencial, mas pela sua posição diferencial em um campo *simbólico* determinado, o espaço de segmentos funcionais. Dessa forma, as *práticas discursivas* são entendidas como *elementos* de função-signo que compreendem contornos *sistêmicos* formando, pouco a pouco, parte de um *campo de saber*.

Foucault trata em NC, pela primeira vez nos anos de 1960, mais expressamente sobre sua metodologia. De acordo com essas considerações é possível assumir que esse sistema de saber – assim como já se delineava em esboço no sistema de experiência histórica da loucura em HLIC – não é efeito de um campo discursivo. Percebemos, finalmente, que essa proposta possui uma consequência metodológica que compreende outro tipo de causalidade, que não é a causalidade direta, mas como tratamos anteriormente, uma *causalidade estrutural*.

Apesar dessa proposta metodológica aparecer no prefácio, não encontramos vestígios claros de como torna-se funcional, fora, evidentemente, a consumação da própria análise. Não existe, por exemplo, um debate de acareação da quantidade ótima de discursos a serem analisados para determinado tema, ou sobre o limite de um determinado discurso esgotar uma importância temática no interior de certo espaço do saber. Entretanto, fica claro que esse tipo de análise discursiva admite um alto nível de complexidade, na medida em que procura desenhar precisamente a diferença estrutural entre os discursos. Ou seja, não está em jogo procurar uma *convergência de significado* entre discursos, ou demonstrar como um campo de saber produziu sentidos parecidos através de autores distintos. Mas, por outro lado, o objetivo é resgatar uma *arqueologia do sistema discursivo*, em que cada discurso produz diferença através de sua posicionalidade, criticando um campo de convergência absoluta de sentido por afinidade epistemológica.

Em HLIC, o sistema simbólico é expressamente classificado como conjunto de signos, e, não um domínio exclusivamente discursivo. Em NC, existe um aprofundamento no exame das práticas eminentemente discursivas. Entretanto, Foucault não escreve que esse é o único fator como condição de possibilidade, mas esclarece a metodologia que citamos para esse tipo de objeto. Em HLIC, Foucault constrói uma topologia dos signos da loucura, ou um sistema histórico com elementos de função-signo. Da mesma forma, fica evidente que em NC, os discursos são pensados como elementos ou “segmentos funcionais” e também analisados através da *função-signo*.

O escopo geral do saber clínico e o método anunciado aponta para uma questão: esse sistema de práticas também compreende práticas extradiscursivas? Se a resposta é negativa; então, existe analogamente um outro sistema de práticas extradiscursivas? Os dois sistemas inserem-se em um campo simbólico maior? Estamos tratando de séries de práticas discursivas e práticas não discursivas? Essas questões estão, de uma forma ou outra, presentes em HLIC, pois o campo simbólico da experiência da loucura compreende elementos de práticas discursivas e práticas extradiscursivas. A questão da classificação entre séries e sistemas não é tão relevante, pois como Deleuze afirma, as estruturas dividem-se em séries, e, esse atributo já pode ser compreendido como uma qualidade de pertencimento de conjuntos em escala.

Independente da constituição formal da estrutura, é certo que o sistema de práticas discursivas não esgota *o a priori concreto* da medicina moderna. É preciso uma investigação das práticas extradiscursivas e sua relação singular com esse sistema de práticas discursivas. Existe toda uma gama de elementos que compõem essa estruturalidade do surgimento da clínica. O “aparecimento da clínica, como fato histórico, deve ser identificado como o sistema dessas organizações”³⁰⁶, um sistema de organizações discursivas e extradiscursivas. É necessário, portanto, investigar o *a priori concreto* extradiscursivo da clínica.

2.3.3 Ainda o expressionismo: liberalismo político e liberalismo científico

A reorganização do saber médico francês, prático e teórico, no século XVIII foi totalmente atravessado pelas particularidades das formações econômicas. Como negar as profundas transformações sociais da Revolução e reestruturação da função do Estado, nesse período? Esse é um tema que Foucault deve confrontar nessa monografia. Se essa relação era evidente para os historiadores da ciência, a pergunta, portanto, não era da presença ou ausência de influência das práticas extradiscursivas, mas da qualidade de sua incidência, da forma como constituíram os saberes na época. Em NC, Foucault admite formações econômicas como *condição de possibilidade* para a medicina clínica, e, de uma maneira ou de outra, ainda parece transitar pelo tema do vínculo “expressionista” entre essas formações econômicas e as práticas discursivas.

Na perspectiva metodológica do livro, Foucault critica a “erotização” do par doente-médico para entendimento do surgimento da clínica, uma análise fenomenológica limitada. Consoante essa crítica, tal encontro pressupõe também uma iluminação única do olhar, liberdade da verdade, “neste jardim livre em que, por um consentimento comum, médico e doente vêm se encontrar, em que a observação se faz, no mutismo das teorias, pela claridade única do olhar”³⁰⁷.

Dessa forma, as transformações nas ciências médicas eram analisadas segundo uma abertura das práticas científicas, avanços progressistas impulsionados por uma nova perspectiva não somente em relação ao campo político e social, mas também em relação à verdade. A crítica de Foucault, portanto, pretende desviar-se

³⁰⁶ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xvi.

³⁰⁷ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 58.

de uma leitura da história das ciências ou das ideias que reivindica uma gênese do surgimento da clínica nos ideais iluministas e práticas de abertura para uma nova ciência.

Grande mito do *livre olhar* que, em sua fidelidade em *descobrir* recebe a virtude de *destruir*; olhar purificado que purifica; liberto da sombra, ele dissipa as sombras. Os valores cosmológicos implícitos na *Aufklärung* ainda continuam presentes neste momento. [...]

Por um efeito ligado ao futuro da medicina moderna, a clínica continuará para a maioria dos espíritos, mais aparentada a estes temas de luz e liberdade, que em suma a evitaram, do que à estrutura discursiva onde efetivamente nasceu.³⁰⁸

O ambiente de valores iluminista foi o centro das análises históricas citadas por Foucault para construir a história da medicina moderna. A liberdade tornou-se um fio condutor que atravessa a verdade, o conhecimento, o sujeito, a ciência. O esclarecimento assume que para o progresso da humanidade, para a evolução da civilização, a ciência deve ter seu livre exercício, deve existir liberdade no olhar e na experimentação. Para o filósofo francês, reduzir o surgimento da clínica ao processo de avanço dos valores da *Aufklärung* é reduzir todo um campo do saber à uma *determinação ideológica*.

Todo o tema do liberalismo político foi atrelado diretamente a um liberalismo científico. Para Foucault, esse tipo de análise não é suficiente para entendimento das condições de possibilidade do surgimento da clínica. Podemos notar alguns pontos importantes nessa proposta. Primeiramente, o autor questiona a gênese da clínica estritamente nesses valores e práticas do Iluminismo, ou seja, não é questionado a influência dessas práticas, mas sua determinação e proeminência evidente.

Em seguida, podemos perceber que existe uma necessidade de aprofundamento de investigação da “estrutura discursiva”. Para Foucault, existe uma forma específica na estrutura discursiva desse saber que possibilitou sua formação. Dito de outra forma, as *condições de possibilidade* aparecem como uma conjunção de práticas discursivas e extradiscursivas. Nesta secção, nos deteremos na dimensão das práticas não discursivas, ou no problema da relação entre clínica e liberalismo.

³⁰⁸ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, pp. 57-58.

Criticar o problema da continuidade ideológica, da convergência entre liberalismo científico e liberalismo político é manter-se na dimensão analítica do ‘expressionismo’. O que isso quer dizer? Ainda que Foucault busque criticar o argumento da primazia do liberalismo científico, ele ainda tem como problema uma possível continuidade temática, uma continuidade de *conteúdo* entre as formações discursivas e extradiscursivas. Isso significa pensar, ainda, sobre a expressão das formações econômicas na forma de ideias ou interesses nos campos do saber. É preciso esclarecer esse tipo de relação no caso da clínica.

A partir do final do século XVIII o campo de exercício da medicina foi alvo de um intenso debate social, tal disputa foi catalisada por um “tema ideológico que orienta todas as reformas médicas, de 1789 até Temidor, ano II, é da soberana liberdade do verdadeiro: a violência majestosa da luz, abole o reinado obscuro dos saberes privilegiados e instaura o império sem limites do olhar”³⁰⁹. Isso significa que existiam aqueles que queriam instituir um “campo livre” de exercício, prática, ensino e experiência da medicina e outros que buscavam uma centralização do exercício e defesa de ideias das práticas médicas do antigo regime. É importante destacar que todo esse campo “ideológico” era uma disputa bastante complexa, narrada pelo autor através de atas de debate parlamentares, legislações específicas a respeito de alienação dos bens dos hospitais, propostas de reformas institucionais, etc.

O sistema de objeto delimitado para análise, a “história sistemática dos discursos”, não dá conta da natureza dos elementos dessa parte da análise do filósofo. O que estava em jogo, na prática, era um debate sobre o espaço de tratamento da doença (na família ou nos hospitais), a função pública e pedagógica dos hospitais e o direito de exercício e ensino da medicina. Isso não era uma disputa que poderia ser esgotada em um campo discursivo, mas tinha toda uma dimensão política, não somente de organização das epidemias e saúde populacional, mas também de debate sobre o controle e organização da própria pobreza.

O *espaço social* de tratamento da doença, até os debates das propostas de reforma, sempre foi o espaço familiar. A família representa o ambiente em que a doença deve ser tratada porque o enfermo precisa dos cuidados dos familiares,

³⁰⁹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 42.

“força regeneradora da natureza”³¹⁰, esse é o meio natural da doença. No hospital, por outro lado, tinha-se a percepção da multiplicação da doença, ela espalha-se, torna-se epidemia. No hospital ela é “doença da doença”. Com o aprofundamento do debate, surge a necessidade de uma *consciência social* da doença, pois “se a família está ligada ao infeliz por um dever natural de compaixão, a nação a ele está ligada por um dever social e coletivo de assistência”.

Todo o debate da reforma é conduzido também por esse estatuto da doença. O que seria mais importante para a medicina que a transformação da própria noção de doença em seu espaço de saber? Por isso, estava em jogo uma influência do liberalismo científico para experimentação com o doente no ambiente do hospital, e, por outro lado, uma moralidade que criticava a estigmatização do doente no hospital e sua retirada da família. Da mesma maneira, esse debate permeou o surgimento da anatomia-clínica, que defendia um avanço científico na abertura de cadáveres e hospitalização das práticas científicas, e, por outro lado, permanecia um moralismo crítico sobre a profanação dos corpos e medicina familiar.

Através de toda reestruturação do debate a respeito da doença, relacionada diretamente com a formação do *Estado-nação*, surge o problema da doença na dimensão coletiva ou da *população*. A ideia de nação entra em debate justamente por entender a doença não no espectro do advento individual, mas com uma externalidade social, uma nosografia das doenças não somente com prejuízos para o corpo individual, mas para o organismo social. Portanto, o problema colocado aos discursos médicos da época era decorrente da organização da doença no espaço público, bem como, suas relações com a pobreza e a miséria. Nesse sentido, os hospitais não eram tidos como uma solução óbvia.

Surgia todo um questionamento das instituições hospitalares por estigmatizar o doente no leito, retirá-lo dos cuidados familiares, do berço originário de sua possível restituição como indivíduo saudável. Da mesma forma, a centralização dos hospitais não era também um ponto pacífico. Ao passo que existiam projetos como a “Casa Comunal”³¹¹ que pretendiam uma unificação

³¹⁰ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 43.

³¹¹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 44.

institucional e econômica dos hospitais da nação, outros reformadores desejavam a liberdade local, fragmentação e independência das instituições médicas.

A questão da fragmentação administrativa era vinculada à outra questão muito importante para esses debates. No início do século XVIII houve várias medidas para impedir o charlatanismo e exercício ilegal da medicina. Durante todo o processo de reforma esse tema é recorrente. Ou seja, além do estatuto dos hospitais e de tratamento da doença, o direito de exercício e ensino da medicina não é um problema lateral para toda reorganização desse campo do saber.

O hospital não é somente uma questão de interesse político na organização da doença em sua dimensão coletiva, mas também da clínica como *experimentação* livre na sociedade. No hospital debate-se o nível de autonomia dos médicos para observação, ou seja, existia toda uma questão moral representada pela pergunta “com que direito se podia transformar em objeto de observação clínica um doente que a pobreza obrigava a vir pedir assistência no hospital?”³¹².

Foucault defende a tese: não existe uma relação tão simples entre o surgimento da clínica e o liberalismo político. Além disso, o autor afirma, de maneira interessante, que o liberalismo foi, em determinados momentos, tanto obstáculo como referência de valores para a consolidação da medicina clínica. Por exemplo, nos debates da reforma, uma certa parte do liberalismo científico defendia o livre exercício da medicina, uma livre iniciativa individual através da medicina familiar, criticando os próprios hospitais. Assim, atuou em sentido contrário à instituição de uma *consciência coletiva*³¹³ de controle centralizado das doenças.

Resumidamente, o resgate de pontos desse debate das reformas médicas francesas nos serve para destacar a complexidade do tema da materialidade do surgimento da medicina clínica através de suas regulamentações práticas pela questão do *expressionismo*. Justamente em relação a isso, Foucault questiona a tese da primazia da passagem simples do progresso no liberalismo político para o liberalismo científico como motor da medicina moderna, ele não questiona a relação de condição de possibilidade entre formações econômicas e discursivas. Mas, de outra maneira, essa tese busca somente esclarecer o *tipo* de vínculo,

³¹² FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 94.

³¹³ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 32.

reconstruindo todo o campo de condição de possibilidade histórica. Novamente, esse tipo de vínculo aparece como *causalidade estrutural* e não estritamente causalidade direta.

Essa questão demonstra claramente os problemas do “expressionismo” das *formações econômicas*. Ou seja, um problema eminentemente ideológico, o da liberdade de observação do objeto, gera um problema para o campo do saber. Uma nova forma de entender as possibilidades de observação do objeto, um liberalismo científico, torna-se um problema para uma reconstrução desse objeto no interior do próprio saber. O doente, anteriormente entendido na sua qualidade de pessoa cuidada pela família, passa a ser objeto inteiramente desvendado pelo olhar do discurso clínico.

Foucault critica as análises que entendem o surgimento da clínica através da construção de um liberalismo científico baseado no liberalismo político, mas isso não significa que o liberalismo político não atue como condição de possibilidade, negativa (do ponto de vista de obstáculo em algumas formas) e positiva (do ponto de vista das expressões de noções liberais na discurso da medicina). Dessa forma, para o autor, existiu também “convergência entre as exigências da *ideologia política* e as da *tecnologia médica*”³¹⁴.

O tema do expressionismo ainda é evidente na relação que Foucault estabelece entre *práticas discursivas e não discursivas*. Entretanto, a questão do expressionismo ainda é complexa, assim como em HLIC, o fator de exclusão e alienação do louco expressava-se de maneiras diferentes através da percepção da loucura; em NC, não é dado como óbvio e de causalidade direta a questão da materialidade do saber clínico.

Foucault complexifica toda identificação do liberalismo político como estandarte de um melhor desenvolvimento das práticas científicas, trançando um cenário de disputas políticas no período pré-revolucionário e posterior. Nesta seção, tratamos alguns temas referentes a questão do “expressionismo” ou dos conteúdos do saber que se desenharam através formações econômicas. Entretanto, a incidência das formações econômicas no campo estrutural do saber não é de natureza

³¹⁴ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 41.

exclusivamente “expressiva”, é necessário especificar também outras naturezas de relação.

2.3.3.1 Normas de aquisição do saber e regras de formação da experiência

A relação entre formações econômicas e práticas discursivas não é uma questão simples e pode ser explorada de diversas formas. Qual é o vínculo entre práticas clínicas epistemológicas e transformações institucionais e políticas? A pergunta é sobre as mudanças na estrutura de um saber, não apenas sobre o peso das formações econômicas em sua formação, como vimos antes, mas pela natureza dessa relação. Foucault cita, em uma passagem, o que garantiu a estabilidade ao desenvolvimento das práticas médicas por um tempo.

se as teorias médicas se modificaram muito há meio século, se novas observações foram feitas em grande número, o tipo de objeto a que se dirigia a medicina continuava o mesmo; a posição do sujeito cognoscente e perceptivo continuava a mesma; os conceitos formavam-se a partir das mesmas regras.³¹⁵

Essa afirmativa nos permite presumir que uma transformação de um campo de saber compreende uma transformação nas regras de formação dos conceitos, nas diversas maneiras de construção, apreensão, entendimento e delimitação do objeto. Mas, como isso ocorre? Por um lado, isso pode ser uma propriedade do *sujeito cognoscente*, ou seja, uma dimensão mais propriamente epistemológica, de regras inteligíveis que possibilitem dizer o que é verdadeiro e falso, hipóteses e princípios lógicos para o conhecimento. Mas, por outro lado, isso também é pertinente a um *sujeito perceptivo*.

De acordo com essa citação, a estabilidade do objeto do saber médico permitiu que ele mesmo se consolidasse como espaço de conhecimento autônomo e independente, expandindo seu domínio prático. Mas para que isso ocorresse, era necessário que a posição de sujeito cognoscente e sujeito perceptivo estivesse alinhada, garantindo *regras* bem delimitadas para formação dos conceitos.

Nos interessa, evidentemente, explorar o que o autor classifica como *sujeito perceptivo*. Naturalmente, para os que possuem alguma leitura da obra foucaultiana, principalmente do período anterior aos anos de 1980, sujeito é uma categoria

³¹⁵ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 57.

minimamente estranha³¹⁶. Do mesmo modo, o estruturalismo pretendia dissolver o sujeito na estrutura da linguagem, como efeito de um campo simbólico. Que sujeito é esse que Foucault entende por “perceptivo”? Bom, a hipótese que percorremos é que essa categoria se refere unicamente à apreensão da experiência do conhecimento tratando de *ciências empíricas*, naturalmente, o caso da medicina moderna e anatomia clínica. Como ignorar o processo de experimentação empírica em ciências que exigem observação como sua *condição de possibilidade*?

O sujeito perceptivo, aqui, não se refere a um conceito fenomenológico, mas simplesmente refere-se ao vínculo entre à captura de uma determinada situação científica experimental e seu extrapolamento em teoria médica. Isso não significa que Foucault, em NC, esteja tratando de um sujeito transcendental que opera através da autonomia da razão, mas um sujeito fenomênico – para não afirmar fenomenológico – atravessado pela *estrutura da linguagem*.

Podemos afirmar que esse sujeito está diretamente, portanto, relacionado às *regras de formação* de observação e formação dos conceitos através de sua posição de observação no acontecimento empírico de encontro com o objeto. Nesse sentido, a percepção é o elemento de caráter empírico do *a priori concreto*. Devemos lembrar também que é exatamente através dessa percepção, que Foucault entendia, pelo menos em HLIC, o vínculo entre as condições históricas das formações econômicas e as práticas discursivas. Dito de outra forma, o contexto da materialidade histórica e o trabalho de elaboração teórica de um campo de saber.

É exatamente nesse ambiente de regras de formação dos conceitos e observação que Foucault entende, em NC, o elo entre práticas discursivas e extradiscursivas.

Curiosa estrutura a deste pensamento reformador. Pretendia-se deixar a assistência à iniciativa individual e manter os estabelecimentos hospitalares para uma medicina mais complexa e como que privilegiada; a configuração do ensino é inversa: ele segue um caminho obrigatório e público na universidade; no hospital ele se torna privado, competitivo e pago. É que as normas de aquisição do saber e as regras

³¹⁶ Nos anos de 1960, Foucault não lida diretamente com a questão do sujeito, como tratamos anteriormente, conceitos estruturalistas dissolvem a concepção de sujeito. Nos anos de 1970, o estudo das genealogias de poder na modernidade produzem o sujeito como efeito da normalização dos poderes, tanto anátomo-políticos quanto biopolíticos. Apesar disso, no início dos anos de 1980, Foucault parece investigar principalmente “os modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornam sujeitos”. FOUCAULT, M. O sujeito e o poder In: *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 231.

de formação da percepção ainda não estão sobrepostas: a maneira como se põe o olhar e a maneira como é instruído não convergem. O campo da prática médica é dividido entre um domínio livre e indefinidamente aberto, o do exercício a domicílio, e um lugar limitado e fechado sobre as verdades de espécies que ele revela; o campo da aprendizagem se divide entre o domínio fechado do saber transmitido e o domínio livre, em que a verdade fala por si mesma. E o hospital desempenha alternativamente este duplo papel: lugar das verdades sistemáticas para o olhar do médico, e o das experiências livres para o saber que formula o mestre.³¹⁷

Em primeiro lugar, nesse trecho podemos perceber claramente que o ambiente gerado pelo pensamento reformador, ou o contexto histórico em jogo na disputa das formações econômicas é *condição de possibilidade* para uma estrutura de *normas de aquisição do saber e regras de formação da percepção*.

Nesse trecho fica evidente a maneira pela qual o pensamento reformador organizava o campo do saber médico, não sem embates e disputas políticas a respeito das dimensões práticas do exercício. Toda essa dimensão institucional da organização do saber é uma pista que não aparece de maneira contundente nos trabalhos anteriores de Foucault. Nem em DMPD, DMPS ou HLIC, podemos afirmar categoricamente que existe uma relação entre organização política de consolidação de um saber de *natureza institucional* e as *formações econômicas*. Em HLIC, o grande confinamento surge como um signo com valor de linguagem apreendido em sua função econômica na materialidade histórica, mas não está expressamente vinculado à reorganização institucional da psiquiatria como campo do saber. Poderíamos levantar a hipótese de a organização institucional do internamento foi uma dimensão concreta de formação da percepção da psicopatologia, mas sem muitas evidências sólidas.

³¹⁷ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, pp. 53-54, grifo nosso. “Curieuse structure de cette pensée réformatrice. On entendait laisser l’assistance à l’initiative individuelle, et maintenir les établissements hospitaliers pour une médecine plus complexe et comme privilégiée ; la configuration de l’enseignement est inverse : il suit un cheminement obligatoire et public à l’université ; à l’hôpital, il devient privé, concurrentiel et payant. C’est qu’alors les normes d’acquisition du savoir et les règles de formation de la perception ne sont pas encore superposables : la manière dont on pose le regard et la manière dont on l’instruit ne se rejoignent pas. Le champ de la pratique médicale est partagé entre un domaine libre et indéfiniment ouvert, celui de l’exercice à domicile, et un lieu clos, fermé sur les vérités d’espèces qu’il révèle ; le champ de l’apprentissage est partagé entre le domaine clos du savoir transmis, et celui, libre, où la vérité parle d’elle-même. Et l’hôpital joue tour à tour ce double rôle : lieu des vérités systématiques pour le regard que pose le médecin, il est celui des expériences libres pour le savoir que formule le maître.” FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*, p. 48.

O imbróglio relatado na passagem demonstra um descompasso entre as regras de formação da percepção e normas de aquisição do saber, particularidade curiosa do pensamento reformador, fruto de debates liberais e reacionários. Naturalmente, as regras de formação da percepção referem-se ao campo da prática médica, ao contexto de construção do saber por um *sujeito perceptivo*. Isso significa que o pensamento reformador teria como vocação organizar as *formas de percepção* da prática médica, que por sua vez, refletem-se imediatamente nas maneiras como as práticas discursivas organizam sua formação de conceitos.

Especificamente, as reformas institucionais no saber – que respondem a um campo de disputa de ideologia política e efeitos econômicos – contribuem como condição de possibilidade para uma determinada percepção de construção do conceito da doença no interior do campo de discurso da clínica, restituindo a doença ao espaço da família e da natureza.

As normas de aquisição do saber referem-se ao campo de aprendizado das práticas médicas, à institucionalização da concepção pedagógica do papel da doença na sociedade organizada pelo Estado. Além disso, todo esse debate de um plano de aprendizado, por um lado, deveria ser centralizado através de determinações estatais para regulamentação da prática médica, e por outro lado, deveria ser um campo de saber de experimentação aberta, somente guiada pela verdade evidente ao olhar nos hospitais.

Independente das inclinações ideológicas e direcionamentos específicos das formações econômicas, o que nos interessa é que o pensamento reformador, através de suas inclinações políticas, organiza o campo do saber médico através de normas para sua construção. Isso implica também em *condição de possibilidade* tanto para formação de um ambiente aberto para experimentação da verdade, de um objeto de conhecimento que pode ser esquadrinhado pelo olhar, como para a concepção de uma *consciência social* da doença e controle estatal.

Em NC, Foucault entende a materialidade do saber consumada também através de instituições normativas a respeito das regras de práticas *empíricas* em um campo do saber, que formam posteriormente práticas discursivas. Assim sendo, as regras de formação e normas de aquisição não regulam exatamente *discursos*, mas regulam a prática médica em termos de experimentação clínica e finalidade

política. O hospital surge nesse contexto como uma solução bastante questionada, tanto do ponto de vista de uma regulação da prática quanto do ensino.

Debatemos vários exemplos na secção anterior que demonstravam os embates e disputas na reforma das práticas científicas da clínica médica, desde de o estatuto da doença, passando pela formação político-pedagógica dos hospitais, e exercício da medicina. Toda a dimensão institucional e política das reformas construíram uma estrutura de *a priori concreto* para a percepção das doenças no surgimento da medicina moderna. Mas, como apontado anteriormente, isso não esgota as condições de possibilidades. E, neste trabalho, Foucault aprofunda consideravelmente a incidência da estrutura da linguagem nas formações discursivas.

2.3.3.2 Percepção médica e consciência política

Percepção, experiência e olhar são todas noções que nos colocam no enfrentamento do problema do empirismo. Não por acaso, Foucault busca criticar duas perspectivas que superestimam o valor do empirismo médico: a erotização do duplo médico-paciente através de uma transformação do olhar (aspecto fenomenológico); a assunção que a abertura de cadáveres (aspecto epistemológico) foi o eixo fundador da clínica ou a ligação direta de um “novo espírito médico à descoberta da anatomia patológica”³¹⁸. É necessário restituir ao empirismo, instrumento indispensável à clínica médica, seu espaço real particular na formação do saber.

Anteriormente, em HLIC, a percepção referia-se à maneira específica como a loucura era apreendida, e, de acordo com a abrangência dessa pluralidade de formas, o autor não se aprofunda, por exemplo, na especificidade empírica da psiquiatria. Em NC, o recorte é bem mais delimitado, portanto, permite um exame mais detido da forma de apreensão da doença, a *percepção médica*³¹⁹. Diferente de HLIC, essa monografia lida diretamente com uma cientificidade empírica, portanto, existe a necessidade de pesquisar a relação entre o *sujeito perceptivo* e as *estruturas de visibilidade*, ou, melhor, as condições de formação dessa relação. Como é possível para a medicina clínica construir um saber a partir de um visível? Que tipo

³¹⁸ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 141.

³¹⁹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 102.

de instrumentos são necessários para que seja enunciável determinada visibilidade. É uma pergunta sobre como a clínica médica construiu sua maneira de enxergar o objeto, pois não podemos perder de vista que a clínica médica trabalha com o *diagnostico* a anamnese.

A noção de percepção, ainda que denominando uma experiência mais circunscrita, parece ter uma funcionalidade similar às análises de HLIC. Essa proximidade justifica-se pela concretude real do saber ao nível da experiência com o objeto. Em NC, essa dimensão da sensibilidade fica bastante evidente, “a percepção da doença no doente supõe, portanto, um olhar qualitativo; para apreender a doença é preciso olhar onde há secura, ardor, excitação, onde há umidade [...] Percepção sutil das qualidades, percepção das diferenças de um caso a outro”³²⁰. A empiria é parte do método da racionalidade do saber clínico, mas isso não quer dizer que a doença se apresente em sua totalidade como um fenômeno encerrado.

A noção de percepção não se resume ao sensível. O olhar não esgota a qualidade da percepção como apreensão do fenômeno da doença, ele é parte do “exercício concreto da percepção”³²¹, dessa forma, “este olhar clínico como um ato perceptivo subentendido por uma lógica de operações”³²². Assim, ele pode percorrer o objeto em todas as suas particularidades, ele examina *qualitativamente* toda concretude fenomênica das situações clínicas, sendo uma parte indispensável do conjunto de estrutura de racionalidade da medicina. Investigar o saber da medicina moderna significa enfrentar sua empiricidade.

A medicina moderna fixou sua própria data de nascimento em torno dos últimos anos do século XVIII. Quando reflete sobre si própria, identifica a origem de sua positividade com um retorno, além de toda teoria à modéstia eficaz do percebido. De fato, esse presumido empirismo repousa não em uma redescoberta dos valores absolutos do visível, nem no resolutivo abandono dos sistemas e suas quimeras, mas em uma reorganização do espaço manifesto e secreto que se abriu quando um olhar milenar se deteve no sofrimento dos homens. O rejuvenescimento da percepção médica, a iluminação viva das cores e das coisas sob o olhar dos primeiros clínicos não é, entretanto, um mito; no início do século XIX, os médicos descreveram o que durante séculos, permanecera abaixo do limiar do visível e do enunciável. Isto não significa que, depois de especular durante muito tempo, eles tenham

³²⁰ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 13. “percepção multissensorial”. FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*, p. 188.

³²¹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 121.

³²² FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 123.

recomeçado a perceber ou a escutar mais a razão do que a imaginação; mas que a relação entre o visível e o invisível, necessária a todo saber concreto, mudou de estrutura e fez aparecer sob o olhar e na linguagem o que se encontrava aquém e além de seu domínio. Entre as palavras e as coisas se estabeleceu uma nova aliança fazendo *ver* e *dizer*; às vezes, em um discurso realmente tão ‘ingênuo’ que parece se situar em um nível mais arcaico de racionalidade, como se se tratasse de um retorno a um olhar finalmente matinal”³²³

O problema é, portanto, construir todo o campo de condição de possibilidade para a percepção médica, para a experiência empírica da clínica. O objetivo, dito de outra forma, não é negar a percepção científica a respeito do objeto das ciências empíricas, mas examinar todo o campo em que ela não pode funcionar senão pela *estrutura material da linguagem* e materialidade das *formações econômicas*. Toda empresa foucaultiana pretende investigar que não existiu uma soberania do ato perceptivo do olhar que possibilitou a medicina moderna, mas toda essa empiria presumida, repousa nas transformações nas estruturas de racionalidade que estabeleciam uma relação entre as palavras e as coisas. Roberto Machado afirma que NC situa-se em um nível de correlação entre arqueologia e linguagem. Através disso, para Machado, Foucault estabelece uma crítica do pressuposto da medicina moderna que estabelece uma supremacia da visibilidade em relação ao pensamento³²⁴.

Assim como a perspectiva do comentário possui uma tese adjunta a respeito da linguagem, poderíamos afirmar que, o que está em jogo na crítica de Foucault a respeito do argumento empirista sobre a medicina moderna também é uma tese sobre a linguagem. Dito de outra forma, a forma de construir o saber clínico deve supor um tipo particular de relação entre o enunciável e o visível. Somente assim, liberta-se a empiria como conhecimento supremo do objeto, como novo espírito científico. Resta, todavia, uma pergunta sobre a maneira como essas estruturas de racionalidade relaciona-se com a percepção. Nessa relação, Foucault utiliza noções como “valores perceptivos”, “códigos perceptivos” ou “estrutura perceptiva”.

Através da noção de “estrutura perceptiva”, o autor relata uma determinada forma de entender a epidemia como um processo sempre singular, e nunca padrão de regularidade de doença³²⁵. Permanece a pergunta sobre o motivo de Foucault

³²³ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. X, grifo nosso.

³²⁴ MARCHADO, R. *Archéologie et Épistémologie* In : *Michel Foucault philosophe*, p. 23.

³²⁵ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 26.

utilizar a construção “nesta estrutura perceptiva” e não algo como “neste discurso” ou “neste conceito de epidemia”. Nos cabe levantar a hipótese de a análise do filósofo ser uma apreciação não do sentido de determinado discurso médico, mas sim da *estrutura de racionalidade* que o mesmo está inserido, para além do significado das ideias de seu saber, em outras palavras, para além do conteúdo. Essa estrutura de saber não está vinculada às regras epistemológicas tradicionais de determinação do *conhecimento* nos termos de um método empírico, mas refere-se às regras de formação estruturais alocadas nas condições históricas e semióticas do saber.

Seguindo esse mesmo caminho argumentativo, podemos acrescentar a expressão “códigos perceptivos”. Foucault escreve que “não apenas mudaram o nome das doenças e o agrupamento dos sintomas; variam também os códigos perceptivos fundamentais que se aplicavam ao corpo dos doentes”³²⁶. Expressamente, ainda sobre o surgimento da medicina, o autor afirma que não é apenas um conjunto de conceitos que se modifica, ou seja, uma transformação na identidade dos objetos de saber, mas na forma de apreendê-los – que não se resume à dialética olhar-leito do doente –, o *código da percepção*. A noção de código já expressa tanto regras de normatização, quanto um conjunto de símbolos. Não seria muito diferente escrever *linguagem* de percepção. O que é um código senão um sistema de escrita, criptografia, ou uma forma de linguagem?

É importante destacar que essa estrutura de racionalidade da percepção não é exclusividade da epistemologia clínica. No final do século XVIII, a clínica toma como referência o cálculo de probabilidade da *matemática*, e esse “saber probabilístico” altera toda construção de “valores perceptivos”³²⁷ da medicina. Assim como o problema entre ato perceptivo e linguagem³²⁸ no empirismo de Condillac vai servir de parâmetro para entendimento do sintoma, o cálculo de probabilidade permite uma análise teórica da casuística da doença. Não seria demais destacar que esse já é o esboço do problema central de *As Palavras e as Coisas*, o problema das *simultaneidades epistemológicas*.

³²⁶ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 59.

³²⁷ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 110.

³²⁸ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 108.

Portanto, a percepção, para Foucault, não serve como um fundamento analítico que permite basilar a clínica médica na experiência empírica entre médico e doente, não se trata de uma fenomenologia desse encontro. Trata-se, de outro modo, de utilizar essa noção como um vínculo necessário entre a experiência concreta e formação do saber, destacando que ela está sujeita à estrutura da linguagem e às regularidades discursivas do próprio campo do saber. Tanto a percepção quanto o olhar estão sujeitos ao problema das regras do saber, e a clínica torna-se espaço ótimo para determinadas estruturas perceptivas.

Toda modernidade foi atravessada pelos valores do esclarecimento, por isso, deve-se entender que o empirismo da medicina moderna possui também nessas estruturas de racionalidade sua condição de possibilidade³²⁹. No entanto, é limitado fundar todo campo de surgimento desse saber no poder libertador da abertura do olhar para a verdade e para o objeto. Assim sendo, Foucault destaca que toda construção da anatomia clínica, de Bichat e outros, possui uma íntima relação com o problema da finitude surgido na época³³⁰. Tema, esse, é preciso lembrar, bastante recorrente nos trabalhos do autor nos anos de 1960. Desde DMPD e DMPS, passando também por *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant* e chegando n’*As Palavras e as Coisas*, a finitude é o limite crítico do humano e do mundo, após o esgotamento da concepção de infinito³³¹.

O olhar clínico representa, para Foucault, tanto a sensibilidade da experiência do conhecimento, quanto uma estrutura perceptiva que ultrapassa os sentidos de um sujeito de experiência, nos termos de uma “percepção coletiva”;

³²⁹ “o olho torna-se o depositário e a fonte de clareza; tem o poder de trazer à luz uma verdade que ele só recebe à medida que lhe deu à luz; abrindo-se, abre a verdade de uma primeira abertura; flexão que marca, a partir do mundo da clareza clássica, a passagem do iluminismo para o século XIX”. FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. XII.

³³⁰ O tema da finitude é especialmente importante para o contexto histórico de desenvolvimento do olhar clínico. A morte não é apenas um signo que compreende o perecimento orgânico do indivíduo, mas também está relacionada à finitude enquanto dimensão do ser do homem em geral. Portanto, Foucault conecta a experiência médica do olhar clínico à experiência lírica a partir do século XVIII. “A importância de Bichat, de Jackson e de Freud na cultura europeia não prova que eles eram tanto filósofos quanto médicos, mas que nesta cultura o pensamento médico implica de pleno direito o estatuto filosófico do homem. Esta experiência médica esta por isto mesmo aparentada com uma experiência lírica que procurou sua linguagem de Hölderlin a Rilke. Esta experiência, que inaugura o século XVIII e de que ainda não escapamos, está ligada a um esclarecimento das formas da finitude, de que a morte e, sem dúvida, a mais ameaçadora, mas também a mais plena.” FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 228.

³³¹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 228.

assim que se pode traçar uma arqueologia de um olhar clínico, como escreve Althusser³³². O limite entre essas instâncias não pode ser muito bem definido, e, nessa medida, somente podem tomar forma na materialidade histórica. Existe um ponto de entrelaçamento, interseção, entre as condições de possibilidades das práticas discursivas e extradiscursivas. Foucault cita um exemplo que reúne todo debate que desenvolvemos anteriormente, articulando a materialidade concreta do olhar clínico, organizado como forma de experiência através da *institucionalidade* oriunda de *formações econômicas*.

Mas, sobretudo, seu papel incessantemente se amplia: órgão de controle das epidemias, torna-se, pouco a pouco, um local de centralização do saber, instância de registro e de julgamento de toda atividade médica.[...] A sociedade não agrupa mais apenas os médicos que se consagram ao estudo dos fenômenos patológicos coletivos; tornou-se o órgão oficial de uma consciência coletiva dos fenômenos patológicos; consciência que se manifesta, ao nível da experiência como ao nível do saber, tanto de forma cosmopolita quanto no espaço da nação. Este acontecimento tem valor de emergência nas estruturas fundamentais. Nova forma da experiência, cujas linhas gerais, formadas em torno dos anos 1775-1780, vão se prolongar por muito tempo para apresentar, durante a Revolução e até sob o Consulado, muitos projetos de reforma. De todos estes planos, pouca coisa, sem dúvida, se tornará realidade. E, no entanto, a forma de percepção médica implicada por eles é um dos elementos constitutivos da experiência clínica.³³³

O trecho esclarece a função, importância e natureza da Sociedade de Medicina na França, tornando-se o órgão oficial, instituição de uma *consciência coletiva* dos fenômenos patológicos. A sociedade, como organização médica, é responsável por integração no âmbito internacional, além de centralizar informações e regras para o corpo prático e teórico da medicina. Essa instituição,

³³² ALTHUSSER, L. Du 'Capital' à la philosophie de Marx In: *Lire le Capital*, p. 46. Segundo Deleuze, Foucault renegou o subtítulo de uma "arqueologia do olhar". DELEUZE, G. *Foucault*, p. 59.

³³³ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 30-31, grifo nosso. "Mais surtout son rôle s'élargit sans cesse : organe de contrôle des épidémies, elle devient peu à peu un point de centralisation du savoir, une instance d'enregistrement et de jugement de toute l'activité médicale. [...] La Société ne groupe plus seulement des médecins qui se consacrent à l'étude des phénomènes pathologiques collectifs ; celle est devenue l'organe officiel d'une conscience collective des phénomènes pathologiques ; conscience qui se déploie au niveau de l'expérience comme au niveau du savoir, dans la forme cosmopolitique comme dans l'espace de la nation. L'événement, ici, a valeur d'émergence dans les structures fondamentales. Figure nouvelle de l'expérience, dont les lignes générales, formées autour des années 1775-1780, vont se prolonger assez loin dans le temps pour porter, pendant la Révolution et jusque sous le Consulat, bien des projets de réforme. De tous ces plans peu de chose sans doute passera dans la réalité. Et pourtant la forme de perception médicale qu'ils impliquent est un des éléments constitutifs de l'expérience clinique." FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*, p. 28.

na forma de uma consciência, manifesta-se tanto no nível da experiência, quanto do saber.

É possível afirmar que no nível da experiência, essa instituição é responsável por organizar “nova forma de experiência”, uma nova maneira de regular as maneiras de estudo dos *fenômenos* patológicos. Podemos entender, portanto, que o vínculo entre práticas discursivas e formações econômicas, em NC, também é da ordem da organização da *construção do conhecimento concreto*. Isso não quer dizer que Foucault esteja amparado em uma tradição fenomenológica, por exemplo, mas pretende criticá-la demonstrando a historicidade do saber como efeito estrutural da materialidade econômica organizando a percepção médica em sua prática, também no âmbito *institucional*. Ian Hacking afirma que pesquisa de NC não é somente formas de construção de verdade e falsidade, mas também sobre processo de “autoconstituição de uma classe de especialistas com um novo conhecimento”³³⁴.

Isso significa que não é somente na experiência de percepção médica que a dimensão institucional incide, mas também na formação das próprias práticas discursivas, determinando regularidades discursivas, selecionando um campo de objetos, etc. Portanto, em NC, no nível discursivo do saber, as formações econômicas podem ser percebidas através da institucionalidade material do campo médico. Tanto no nível do saber, como no da experiência, essa consciência coletiva é “elemento constitutivo” que *possibilita* a experiência clínica.

O termo consciência³³⁵ parece lembrar algum tipo de evolução própria do sistema de conhecimento ou agrupamento epistemológico de práticas clínicas, porém não é exatamente isso que Foucault relata sobre esse limite da formação dos saberes. A consciência coletiva toma forma no contexto também de uma *consciência política* da doença. O regime do saber clínico não é uma consciência

³³⁴ HACKING, I. The Archaeology of Foucault In: *Foucault: a critical reader*, p. 31.

³³⁵ No trabalho de Émile Durkheim aparece também o conceito de consciência coletiva. Segundo Barthes, o conceito saussuriano de língua é bem próximo ao de consciência coletiva na obra de Durkheim, levando em conta que os dois conceitos desconsideram as manifestações individuais para uma análise de condições estruturais “sociais”. Parece evidente que essa ideia foucaultiana de consciência coletiva pode ser caracterizada como contornos estruturais do saber, buscando ir para além do conceito fenomenológico tradicional de consciência. BARTHES, R. *Elementos de Semiologia*, p. 26. Ricoeur também destaca essa influência de Durkheim no trabalho de Saussure, apontando a língua como um código coletivo. RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*, p. 15.

coletiva que reúne estritamente na razão quantitativa um apanhado de discursos médicos equiparáveis, ou que possuem alguma transversalidade metodológica em comum. Mas, essa coletividade somente é coletividade na medida em que possui também uma organização do saber para determinada finalidade em um campo determinado de instituições, nações, territórios.

o que constitui agora a unidade do olhar medico não é o círculo do saber em que ele se completa, mas esta totalização aberta, infinita, móvel, sem cessar, deslocada e enriquecida pelo tempo, que ele percorre sem nunca poder detê-lo: uma espécie de registro clínico da série infinita e variável dos acontecimentos. Mas seu suporte não é a percepção do doente em sua singularidade, é uma consciência coletiva de todas as informações que se cruzam, crescendo em uma ramagem complexa e sempre abundante, ampliada finalmente até as dimensões de uma história, de uma geografia, de um Estado.³³⁶

A unidade do olhar médico definida no trecho refere-se, portanto, não exatamente à relação da consciência individual do sujeito de conhecimento com a singularidade do doente, mas ao crescimento dessa complexa rede de assunções, regras, determinações, metodologias, princípios, consumados na dimensão concreta institucional, material, histórica, geográfica, estatal, desse campo do saber.

Desde o estudo das epidemias no século XVII até a Revolução francesa, o estudo das patologias na clínica é indissociável da *institucionalização* da profissão médica e do papel *político* da medicina. Primeiramente, a patologia das epidemias não é somente uma área médica de produção de conhecimento sobre doenças com potencial de expansão geográfica. Mas, justamente por essa singularidade patológica, as doenças com potencial epidêmico serão estudadas “ao nível de um estado”, e através do controle, da medicalização, da coação a patologia das epidemias é responsável por um “estatuto político da medicina”³³⁷, o que Foucault chamou algumas vezes de *noso-política*³³⁸.

O tratamento social da doença, que toma forma de em contornos institucionais, é também de caráter estatal, as reformas da Revolução realizam a medicalização da população unificada através de uma estratégia nacional e política.

³³⁶ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 32.

³³⁷ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 28.

³³⁸ FOUCAULT, M. *La Politique de la Santé au XVIII^e Siècle* In: Dits et Écrits III, p. 14-15; 17. Vale lembrar que esse texto que menciona foi escrito por Foucault durante atuação em um grupo de pesquisas da área de saúde (CERFRI: Centro de Estudos, Pesquisas e Formação Institucional) coordenado por Félix Guattari sobre história dos equipamentos coletivos. RODRIGUES, H.; Francisco, A. *Foucault nas Lutas Estratégicas no Campo da Saúde*, p. 39.

Temos, nesse período, o aprofundamento da profissionalização da medicina clínica, o combate aos profissionais empíricos autodidatas e curandeiros em geral, toda uma articulação de *regras para aquisição do saber* através de um arcabouço legal. Os profissionais de medicina já não prestam somente serviços particulares segundo demandas locais, mas respondem à uma demanda regida pelo corpo público unificado através de controle e estudos nosográficos. Em *Segurança, Território e População* (1977 – 1978), Foucault relata o surgimento das estatísticas como conhecimento das forças e dos recursos do Estado em determinada situação, contribuindo para um controle institucional de uma população através de taxas de natalidade, mortalidade e doenças³³⁹. Dessa forma, o desenvolvimento do campo do saber clínico é totalmente atravessado pelo papel social da medicina na organização política, e assim sendo, também seus objetos de investigação e metodologia médica.

Apesar do Estado ser um vetor fundamental nas transformações dessa constituição de uma noso-política, em diversas outras instâncias também foram responsáveis por catalisar a organização e controle dessa estratégia de medicalização³⁴⁰. Existiam sociedades científicas que tomam parte do controle e produção de estatísticas de mortalidade, instituições religiosas ou filantrópicas que atuavam como órgãos de vigilância classificando as populações mais pobres como um perigo sanitário coletivo quando oportuno. A questão da vigilância é essencial não somente por atividades privadas, mas também pelo sistema estatal, Foucault aponta que “só poderia haver medicina das epidemias se acompanhada de uma polícia: vigiar a instalação das minas e dos cemitérios, obter, o maior número de vezes possível, a incineração dos cadáveres, em vez de sua inumação”³⁴¹. Por isso, não é somente uma rede estatal que administra a organização das normas para aquisição do saber e regras de formação da experiência, mas isso acontece em um “espaço de institucionalização da doença”³⁴².

Não é demais lembrar que toda essa *política* no desenvolvimento do campo de *saber* clínico não pode ser desvinculada da manutenção de uma população

³³⁹ FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*, p. 365.

³⁴⁰ FOUCAULT, M. *La Politique de la Santé au XVIII Siècle* In: Dits et Écrits III, p. 14.

³⁴¹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 27.

³⁴² FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 21.

trabalhadora produtiva, saudável. A medicina compreende o domínio da gestão da existência humana, tanto individual quanto coletiva, pois “o homem moderno, em que uma felicidade orgânica tranquila, sem paixão e vigorosa, se comunica de pleno direito com a ordem de uma nação, o vigor de seus exércitos, a fecundidade de seu povo e a marcha paciente de seu trabalho”³⁴³. Essa investigação sobre a finalidade do saber na organização do humano na sua coletividade de população já deixa Foucault à beira de suas investigações sobre uma *biopolítica*, desenvolvida no final dos anos de 1970.

Por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde. A duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população*.³⁴⁴

Os dispositivos de poder que asseguram a produção e controle populacional estão intimamente ligados com o campo do saber sobre a própria vida. O trecho revela um interessante ponto de circularidade das práticas discursivas e extradiscursivas. Todo o debate a respeito das reformas no campo médico no século XVIII não são estritamente as causas da reorganização do nascimento da clínica, mas contribuem para sua formação; e, por sua vez, o campo do saber reorganiza toda uma nova concepção de doença e população que promove dispositivos de poder. Isso nos coloca diante de um debate sobre causa e efeito entre discursos e formações econômicas.

Diante disso, percebemos que não existe estritamente uma relação clara de causa e efeito nos termos tradicionais, existe *interdependência* em um processo de *retroalimentação*. Dito de outra forma, o vínculo entre essas duas séries é de *causalidade estrutural* ou condição de possibilidade. Assim como as formações econômicas tornam-se *a priori concreto* das práticas discursivas organizando experiência e percepção, o campo do saber retroalimenta as formações econômicas construindo dispositivos de poder através de uma reorganização de objetos.

Naturalmente, essa hipótese de produção dos dispositivos de poder somente pode ser realizada retroativamente no pensamento foucaultiano dos trabalhos dos

³⁴³ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 39.

³⁴⁴ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade – A Vontade de Saber*, p. 131.

anos de 1970. Entretanto, toda nosopolítica constituída pela medicina clínica em NC, nos permite assumir que existe uma relação entre *práticas discursivas* e *formações econômicas* através de causalidade estrutural, parâmetro analítico que não permite estabelecer uma relação de precedência cronológica simples, e muito menos de causalidade direta ou determinação.

As transformações na medicina que resultam no nascimento da clínica são de caráter estrutural. As condições de possibilidade articulam-se como elementos constitutivos em um campo de dispersões e aproximações, desenhando uma arqueologia de vestígios de instituições médicas que determinam uma nova abertura para o olhar clínico³⁴⁵, formando todo um *a priori concreto* para outras formas de percepção e estruturas de racionalidade atravessadas pela linguagem. Contudo, todo esse debate nos permitiu explorar e aprofundar a constituição da relação entre formações discursivas e formações extradiscursivas em NC, mas ainda nos resta entender o problema da materialidade segundo a materialidade do signo.

2.3.4 A transubstanciação do sintoma

Nesta secção veremos que a materialidade do signo se apresenta como um problema interessante para a constituição do saber clínico, isso demonstra que a estrutura de racionalidade da clínica moderna depende do aspecto formal da estrutura da linguagem. Ou seja, a relação entre ver e representar no saber empírico da observação clínica somente consegue se amparar com legitimidade discursiva na integridade científica da observação médica e sua capacidade de representar a doença através do sintoma.

A clínica médica é a ciência do diagnóstico. Ela não se resume à anamnese do caso, mas não pode desviar-se dessa situação fundamental, momento único de separação do normal e do patológico, etiologia minuciosa do sofrimento humano. Não por acaso, o ponto de seu surgimento foi visto e revisto segundo a perspectiva da relação entre médico e doente. Por isso, para investigar o nascimento da clínica é necessário adentrar nas maneiras particulares que possibilitam ver e dizer o que foi visto, observar o doente, o cadáver, o corpo, e, apresentar um discurso organizado e legítimo de saber a seu respeito. Rastrear as condições de

³⁴⁵ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 41.

possibilidade da clínica significa analisar a concepção de ver, dizer e saber na medicina que se desenvolvia em torno do século XVIII.

O espaço que existe entre as palavras e as coisas, entre o discurso científico e o objeto, é o espaço da linguagem, das maneiras de representar. Martin Jay investiga a pesquisa foucaultiana a respeito do gesto do olhar na construção dos saberes no Ocidente. O autor lembra que existe uma dimensão empírica do processo, ou seja, a objetividade da visualização do objeto, mas ainda assim tal campo epistêmico em NC é “construído tanto linguisticamente quanto visualmente”³⁴⁶.

Foucault seleciona o conceito mais caro à clínica para investigar a especificidade dessa relação entre as palavras e as coisas: a ideia de doença. Essa ideia não é analisada por Foucault através de debates a respeito da noção de doença, mas na maneira como ela é apreendida e representada através da percepção médica, na experiência de saber, pois “não foi, portanto, a concepção de doença que mudou primeiramente, e em seguida a maneira de reconhecê-la; nem tampouco o sistema de sinais foi modificado”³⁴⁷. A mudança ocorre em todo um *sistema* de saber, onde não há “separação a fazer entre teoria e experiência”, em que esse campo de saber e o olhar está ligado por “*códigos de saber*”³⁴⁸.

A noção de códigos de saber, para Foucault, nos permite estabelecer a conexão direta entre o sistema discursivo e a experiência empírica de formação da percepção. Assim sendo, para o filósofo os discursos e enunciados são indissociáveis das *formas de experiência* que operam na concretude do saber. Todos são elementos de condição de possibilidade de um *sistema*. Além do debate que desenvolvemos sobre regras de formação do saber e normas de aquisição da experiência, aqui fica evidente que do ponto de vista das condições de possibilidade para formação de um saber, Foucault pretende entender os discursos de um saber (teoria) no mesmo plano da experiência concreta, da percepção médica.

Isso não significa que as duas dimensões, experiência e prática se situam sempre no mesmo plano analítico, nem com os mesmos critérios de exame; porque

³⁴⁶ JAY, M. In the Empire of Gaze: Foucault and the denigration of vision in Twentieth-century French Thought In: *Foucault: a critical reader*, p. 182.

³⁴⁷ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 101.

³⁴⁸ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 101.

justamente não existe precedência *cronológica* no critério de causalidade. Ou seja, não se trata de uma modificação na “concepção de doença” e “em seguida, a maneira de reconhecê-la”, muito menos o “sistema de sinais foi mudado e, em seguida a teoria; mas todo o conjunto”³⁴⁹. Para, Foucault, portanto, existe evidentemente uma causalidade estrutural no campo simbólico do saber que admite transformações no nível do *conjunto*, não em elementos isolados, sejam discursos ou práticas.

Uma das formas principais desses códigos de saber é apresentada por Foucault como *a estrutura linguística do signo*. O caminho traçado pelo autor é investigar a particularidade da produção da doença como conceito médico através da estrutura linguística do signo, isso se justifica porque “na tradição médica do século XVIII, a doença se apresenta ao observador segundo *sintomas* e *signos*”³⁵⁰.

Desvendar a doença em sua aparição, em sua condição de objeto do saber, é entender que sua etiologia pode ser construída através do sintoma. O sintoma está mais próximo do essencial da doença, ele é a emergência do patológico em oposição ao estado saudável, conjunto de indicações orgânicas que algo está em condições anormais. Através do sintoma realiza-se o diagnóstico clínico que caracteriza um quadro patológico, e somente assim se pode presumir um certo grau de certeza sobre a condição específica de um paciente.

O sintoma é, portanto, “fenômeno de uma lei de aparição”³⁵¹. Se anteriormente, a doença era do domínio do mal, o sintoma aparece na clínica como essência da patologia, justamente porque a doença passa a ser entendida nos limites da saúde, em contraposição à vida orgânica saudável. Quando o sintoma se torna fator de cisão entre o sadio e o doente, ele abandona sua posição passiva de fenômeno natural, ele toma corpo de *significante* da doença, pois a doença não representa nada mais que a coleção dos sintomas. Dito de outra forma, quando o sintoma não representa mais o aparecimento do mal, um fenômeno religioso, ele esgota seu significado na própria epistemologia patológica.

³⁴⁹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 101.

³⁵⁰ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 103, grifos do autor.

³⁵¹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 103.

O signo, por outro lado, “prognostica o que vai se passar; faz a anamnese do que se passou; diagnostica o que ocorre atualmente”³⁵². A verdade se mostra evidente através da operação do signo, ele é responsável por apontar a doença por vir ou manifesta, organizando um conjunto lógico entre diversos sintomas e devir patológico no corpo. Toda indicação do sintoma deve ser englobada no campo inteligível do signo. Devemos ainda lembrar que em DMPD e DMPS, Foucault utilizava a noção de signo para analisar o objeto das psicopatologias. Portanto, a utilização da noção de signo não é apenas uma coincidência semântica com a noção estruturalista, ela não significa somente uma ideia de índice ou símbolo. Em NC, quando Foucault analisa o sintoma, o que está em jogo é justamente a concepção semiótica de signo.

Os sintomas, apesar de parecerem a fração do quadro patológico, apenas uma de suas indicações, para a medicina moderna “constituem uma camada primária indissolivelmente significante e significada”³⁵³; mas, o que exatamente quer dizer isso? Primeiramente isso quer dizer os sintomas que esgotam a significação da doença, que não existe nada na doença além do sintoma. Por isso, o sintoma se apresenta como doença. Entretanto, isso não é suficiente para entender a *forma de percepção* médica, ou a maneira que o saber clínico construiu especificamente seu conceito de doença. Agora, devemos entender de que maneira o sintoma é significante e significado. Para isso, devemos ressaltar brevemente a estrutura linguística do signo nesse contexto.

De acordo com a abordagem estruturalista, o estudo de sistemas semiológicos coloca o problema justamente da materialidade do signo, ou do eclipse do significado no significante. O que está colocado aqui, então, é que a aparição do sintoma como significante já pressupõe sua significação como patologia. O problema aparece da seguinte forma: o sintoma é o limite de apreensão do patológico, é o que surge para a percepção como fenômeno, e, assim sendo, é a verdade inteiramente dada ao olhar. Portanto, segundo Foucault, o ser mesmo da doença, seu significado, “se esgotará inteiramente na sintaxe inteligível do significante”³⁵⁴.

³⁵² FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 102.

³⁵³ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 103.

³⁵⁴ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 103.

Dito de outra forma, se o significante é o *suporte material* do signo, ele é o fenômeno do sintoma, sua consumação *material*. Foucault afirma, que para a clínica do século XVIII, a doença nada mais é do que essa aparição fenomênica do sintoma, a constatação na observação e anamnese desses sinais. Portanto, a significação da doença está amparada totalmente no sintoma como significante, ou na materialidade do sintoma. O sintoma não possui somente uma capacidade de indicar um rastro da doença, mas a doença nela mesma. A persistência do suporte material do signo, o significante, prevalece no processo de significação e mesmo na formação discursiva do saber. Dessa forma, a transubstanciação do sintoma nos permite afirmar que a *estrutura linguística do signo* – em especial a *materialidade do significante* – aparece como condição de possibilidade para a racionalidade do saber clínico moderno.

O que garante o surgimento da medicina clínica não é “um simples retorno à pureza de um olhar [...] também não se trata simplesmente de um deslocamento deste olhar ou de uma mais sutil aplicação de suas capacidades”³⁵⁵. O que garante esse surgimento é uma transformação na relação das formas de visibilidade com os códigos do saber.

Esse debate desemboca em um problema bastante complexo. Esse princípio materialista em NC, como percebemos, é diferente da materialidade do saber através de uma perspectiva histórica marxista, ou mesmo a materialidade política do signo em HLIC. Em NC, a materialidade do significante atua como princípio materialista *para a clínica médica do século XVIII*, não expressamente na metodologia foucaultiana. Dito de outra forma, Foucault não está analisando a clínica médica em senso estrito, ele está analisando a forma como a clínica médica construiu o sintoma como *objeto de saber*. Mas, com isso, é necessário levantar a questão do real limite de separação entre essas duas instâncias. Se Foucault analisa o saber clínico a partir da estrutura linguística do signo, isso pode ser dissociável de sua metodologia?

Em outras palavras, a análise da transubstanciação do signo em NC, a materialidade do significante como sintoma, aponta para a formação de códigos de saber na epistemologia da medicina clínica. Isso não significa expressamente que

³⁵⁵ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 101.

essa primazia do significante seja uma tese da metodologia foucaultiana nesta obra. Mas, isso também não é indefensável. De forma interessante, chegamos no grau zero entre forma e conteúdo, estranho ponto indiscernível que Foucault adentra uma teoria da linguagem colocando-se em seu limite filosófico. Não por acaso, esses problemas serão aprofundados em *As Palavras e as Coisas*, a partir de uma análise da relação entre linguagem e saber, em uma pesquisa a respeito das formas de representação das ciências humanas no Ocidente recente.

Devemos lembrar da influência de toda psicanálise estruturalista lacaniana nos debates clínicos da época. Lacan, entendendo o inconsciente como uma função exercida na forma de linguagem, destaca que o sintoma, naturalmente, também opera atravessado pela forma da linguagem, justamente como significante.

o sintoma só é interpretado na ordem do significante. O significante só tem sentido por sua relação com outro significante. É nessa articulação que reside a verdade do sintoma. O sintoma tinha um ar impreciso de representar alguma irrupção da verdade. A rigor, ele é verdade, por ser talhado na mesma madeira de que ela é feita, se afirmarmos materialisticamente que a verdade é aquilo que se instaura a partir da cadeia significante.³⁵⁶

Para Foucault, a transmutação signo/significante-sintoma é um aspecto mesmo de “toda filosofia do signo natural; o pensamento clínico nada mais faz do que transpor”³⁵⁷. A questão do surgimento do sintoma como significante é uma dimensão da própria estrutura do signo em uma filosofia da linguagem. Embora esse problema seja totalmente vinculado à questão da linguagem e a formação do signo³⁵⁸, o campo médico possui também condições singulares para o desenvolvimento desse positivismo, visto que a experiência médico-paciente pressupõe todo uma ambientação empírica de observação.

Não é possível contornar as noções estruturalistas utilizados por Foucault, ainda que eles apareçam em níveis diferentes: análise e objeto, pois o filósofo

³⁵⁶ LACAN, J. Do sujeito enfim em questão In: *Escritos*, p. 235, grifo nosso.

³⁵⁷ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica* p. 104.

³⁵⁸ Foucault cita o conceito de “linguagem de ação” em Condillac, filósofo empirista francês, comparando o papel do sintoma como signo na clínica. Condillac defendia, basicamente, que a palavra era originada a partir de uma certa linguagem de ação fundamentada em instintos comunicativos de um sujeito consciente, mas não soberano e singular. Essa linguagem só adquire sentido a partir das regras fundamentalmente linguísticas que esse ato comunicativo vem a ser. O importante dessa comparação para Foucault é que Condillac funda a origem da palavra não na dimensão concreta (fonação) e autônoma do sujeito, mas na própria estrutura linguística inerente a cada sujeito que fala, assim como a estrutura linguística do signo configura a valência do sintoma no saber clínico FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 104.

seleciona essa estrutura do saber clínico como indispensável para sua formação como campo do saber. De qualquer maneira, o problema da materialidade do signo, está presente não somente como problema filosófico para a constituição dos saberes, mas também no próprio conteúdo desses sistemas de pensamento, “em sua realidade material, o signo se identifica com o próprio sintoma; este é o suporte morfológico indispensável do signo.”³⁵⁹.

Foucault revela que na condição de possibilidade para a medicina moderna existia toda uma tese adjunta sobre a linguagem, sobre uma filosofia do signo. O problema da materialidade do saber, em NC, aparece como uma dobra no pensamento foucaultiano, em que a tese estruturalista da linguagem é forma e conteúdo, um atalho entre dimensões de uma fita de Möbius. O surgimento do saber da clínica médica é indissociável do problema da materialidade do signo, pois “*o mundo é para eles análogo da linguagem*”³⁶⁰.

³⁵⁹ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 107, grifo nosso.

³⁶⁰ FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. 109, grifos do autor.

3 FUNDAMENTOS ARQUEOLÓGICOS

3.1 Sobre a materialidade das palavras... e das coisas: uma breve alusão ao problema de *Les Mots et Les Choses*

O livro *As Palavras e as Coisas* (1966) foi arrebatado pela onda estruturalista e lido no esteio de seu efeito³⁶¹. Comentando esse projeto, ele diz que “*Les Mots et les Choses* é um livro em suspenso”, pois pretende deixar em ponto de suspensão as práticas não discursivas, para deter-se “no interior das práticas científicas, para tentar descrever as regras para a constituição dos objetos, a formação dos conceitos, e as posições do sujeito”³⁶². Portanto, nessa monografia, a necessidade do aprofundamento das condições de possibilidade da linguagem na arqueologia leva a uma suspensão da consideração das formações econômicas.

De acordo com essa abordagem foucaultiana, PC torna-se um trabalho bastante atravessado por referências estruturalistas, essencialmente destacando o problema da linguagem e da *episteme*. Não aprofundaremos o debate desse livro justamente por ele manter em suspenso a relação entre formações discursivas e formações extradiscursivas, pois nosso problema da materialidade do saber toma como um dos principais pontos de contribuição essa relação. Ainda assim, faremos uma breve alusão ao problema geral do livro tomando a primeira parte, análise dos signos renascentistas, que demonstra o problema da *materialidade da linguagem e a simultaneidade epistêmica*.

³⁶¹ A obra PC é utilizada neste trabalho de acordo com sua problemática central e exemplo específico do problema da materialidade da linguagem em termos estruturalistas. Ou seja, o problema da *episteme* refere-se à lógica dos signos em determinado período histórico estritamente diante de uma perspectiva discursiva, uma abordagem vertical do saber, suspendendo o problema da materialidade dos elementos extradiscursivos. Portanto, nos delimitamos a apontar o problema geral do livro e o debate inicial da obra que retoma o problema da materialidade da linguagem. De outro modo, também não seria difícil ressaltar elementos estruturalistas em PC, levando em conta que tido pacificamente como obra mais estruturalista do filósofo. Diante disso, uma análise detida de noções estruturalistas em PC seria tanto um trabalho sem muitas contribuições singulares, pois vários elementos são explícitos, quanto fora do escopo do fio narrativo deste trabalho, a materialidade extradiscursiva dos sistemas de saber.

³⁶² Homem e o discurso, p. 25. “C’est à l’intérieur des pratiques scientifiques que je me place, pour essayer de décrire les règles de constitution des objets, de formation des concepts et des positions du sujet”. FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault In : *Dits et Écrits II 1970 – 1975*, p. 162.

Originalmente, o subtítulo do livro (*uma arqueologia das ciências humanas*) deveria ser “arqueologia do estruturalismo”³⁶³. Seguindo a abordagem de NC³⁶⁴, o filósofo investiga a estrutura das relações entre a linguagem e as coisas nas epistemologias recentes do Ocidente. Foucault relata que seu desejo através dessa arqueologia era provocar uma estranheza em relação à nós mesmos, assim como as etnografias de Levi-Strauss provocavam demonstrando o “outro” do Ocidente³⁶⁵.

O que significa explorar as condições de possibilidade de campos diferentes do saber, deixando em suspenso as formações econômicas ou práticas extradiscursivas? Esse é escopo de análise que conduz todo problema da monografia, a condição de possibilidade para formação não somente de um campo do saber, mas de *vários*. Contudo, essa condição de possibilidade coloca em suspenso toda incidência das formações econômicas, e, se detém apenas nas regularidades e descontinuidades na relação entre palavras e coisas, ou na própria *lógica* de produção e reprodução dos *signos*. Anteriormente, Foucault tratava de um campo simbólico que compreendia uma verticalidade analítica, com elementos distintos de um mesmo saber ou experiência. De outro modo, PC direciona para as simultaneidades entre saberes somente a partir de elementos discursivos. No prefácio de PC, ao longo da explicação de Foucault de seu próprio projeto temos inúmeras metáforas e alusões³⁶⁶ ao solo em que os signos, ou mesmo as palavras, assentam-se através da linguagem.

A questão do objeto, portanto, é um problema complexo em PC. Os trabalhos anteriores de Foucault situavam-se no *eixo vertical* de análise. Essa

³⁶³ DREYFUS, H.; RABINOW, P. H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. IX.

³⁶⁴ “Para apreender a mutação do discurso quando esta se produziu é, sem dúvida, necessário interrogar outra coisa que não os conteúdos temáticos ou modalidades lógicas e dirigir-se à região em que as ‘coisas’ e as ‘palavras’ ainda não se separam, onde, ao nível da linguagem modo de ver e modo de dizer ainda se pertencem.” FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. ix.

³⁶⁵ DOSSE, F. *História do Estruturalismo* vol. I – O campo do signo (1945-1966), p. 367.

³⁶⁶ Trechos, expressões e palavras presentes no prefácio que relacionam espaço e linguagem: “*géographie*”; “vizinhança”; “lugar”; “a linguagem se entrecruza com o espaço”; “as coisas aí são ‘deitadas’, ‘colocadas’, ‘dispostas’, em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes espaço de acolhimento”; “servir de espaço homogêneo e neutro onde as coisas viessem ao mesmo tempo manifestar a ordem contínua de suas identidades ou de suas diferenças”; “pensamento sem espaço, a palavras sem categoria sem tempo”; “essa região ‘mediana’, na medida em que manifesta os modos de ser da ordem”. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, passim.

perspectiva analítica perseguia, como objeto arqueológico, um a priori concreto de um saber em suas estruturalidade particular, epistemológica (no sentido de regularidades e normas discursivas) e histórica (no sentido de práticas extradiscursivas). Entretanto, uma abordagem de *eixo horizontal* busca as *simultaneidades epistemológicas*, ou seja, exclusivamente as regularidades e normas discursivas de vários campos do saber. Essa simultaneidade, Foucault chama de *episteme*.

O movimento de perspectiva implica em uma aparente mudança de tese sobre a incidência das formações econômicas, e, essa passa a ser o problema da recepção desse trabalho foucaultiano na França, intensamente criticado pela tradição marxista francesa³⁶⁷. Contudo, uma mudança de perspectiva, aparente uma mudança no objeto, mas as *formações econômicas* como objeto no problema do saber são somente suspensas, dando espaço para outro objeto em perspectiva: a materialidade linguística.

Nesse texto, Foucault realiza uma extensa pesquisa sobre as transformações nos sistemas de signos entre os séculos XVII e XIX, permitindo o surgimento das ciências humanas. O autor pensa o surgimento dos paradigmas da constituição de conhecimento na transição da idade clássica (gramática geral, análise das riquezas e história natural) ao início da modernidade (filologia, economia política e biologia). Ou seja, a empresa desse trabalho é entender a própria lógica de transformação no saber – levando em conta que essa tríade³⁶⁸ responde a uma camada mais profunda de *episteme* que possibilita seu próprio desenvolvimento –, o filósofo esclarece que “o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *episteme* onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou suas formas objetivas, enraízam sua positividade”³⁶⁹.

Foucault realiza uma arqueologia do estruturalismo através de noções estruturalistas em uma espiral de identificação entre forma e conteúdo. Brilhante reversibilidade de método e objeto, e, assim, a analítica foucaultiana torna-se

³⁶⁷ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault, p. 34. FOUCAULT, M. Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'épistémologie In : *Dits et Écrits*, p. 698.

³⁶⁸ Lembremos que essa tríade foi classificada por Deleuze como séries estruturais. DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 120.

³⁶⁹ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. XVIII, grifo nosso.

rarefeita aos nossos olhos. O signo movimentava-se entre conceito analítico e objeto de estudo. A solidez do método vai se dissolvendo na própria analítica do objeto até o momento em que os dois são a mesma coisa, e, na identidade de método e objeto, Foucault não termina somente escrevendo sobre as condições de possibilidade da modernidade, mas esclarecendo sua própria posição filosófica, como um ato falho, retornando ao beco sem saída da linguagem.

3.1.1 A escrita material das coisas

No século XVI, a episteme em vigor era uma lógica de similitudes³⁷⁰. A relação estabelecida entre as palavras e as coisas, o sistema de signos ou jogo simbólico, era constituído segundo regras e disposições que organizavam um regime específico de aproximação por semelhanças. É possível perceber que o fio condutor que rege a investigação foucaultiana é destacar, com fins comparativos a posteriori, a forma de funcionamento desse regime de similitudes ou semelhanças; isso significa tanto evidenciar a forma de funcionamento desse regime, através dos diversos tipos de similitudes, quanto demonstrar um certo “primado da escrita”³⁷¹.

O mundo do Renascimento – passando por Paracelso, Oswald Croll, Pierre de la Ramée, Claude Duret, Ulisse Aldrovandi, entre outros – era um tecido de repetição, desenrolar das coisas sobre si mesmas, um paralelismo de semelhanças em trama infinita. As similitudes, por sua vez, apareciam não de maneira homogênea, mas a partir de diversos modos distintos que entrecruzavam-se³⁷², para resgatar esse olhar renascentista, Foucault elege quatro principais formas de similitude: *convenientia* (semelhança por vizinhanças); *aemulatio* (semelhança por emulação na distância espacial); *analogia* (sobreposição de *convenientia* e *aemulatio*); *simpatias* (semelhança pela assimilação).

A partir desses parâmetros, as coisas apresentam-se como uma dança de espelhos, transposição de subclassificações entre as semelhanças ínfimas das

³⁷⁰ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 41.

³⁷¹ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 59.

³⁷² “semântica da semelhança no século XVI é muito rica: *Amicitia, Aequalitas (contractus, consensus, matrimonium, societas, pax et similia), Sonsonantia, Concertus, Continuum, Paritas, Proportio, Similitudo, Conjunctio, Copula*. E há muitas outras noções que, na superfície do pensamento, se entrecruzam, se imbricam, se reforçam ou se limitam. Por ora basta indicar as principais figuras que prescrevem suas articulações ao saber da semelhança. Dentre elas há quatro seguramente essenciais”. FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 24, grifo do autor.

coisas, modo de aproximação que atravessa tempo, espaço, superfície e âmago. Assim, pode-se relacionar ‘os astros com o céu onde cintilam’, “a erva com a terra”³⁷³, na similitude os signos se aproximam indefinidamente como “vê-se crescer limos nos dorsos das conchas, plantas nos galhos dos cervos, espécies de ervas nos rostos dos homens”³⁷⁴. Nessa espiral de semelhanças, o Renascimento constrói seu saber e seu mundo. As similitudes traziam o mundo ao olhar, agregando sentido ao modo de ser das coisas. A organização desse jogo de comparações era traçada nos mais diversos campos do saber. Foucault demonstra que a alquimia, a botânica, a medicina, entre outros, respondiam à mesma estrutura formal de regularidade e pensamento, formando uma *episteme*.

Citando a análise de Pierre Belon, o autor apresenta sua tese sobre o próprio desenvolvimento dos saberes. Segundo ele, Belon comparava o esqueleto de aves com o esqueleto humano e concluía que tal como temos quatro dedos nos pés, os pássaros possuem quatro dedos também, entre os quais, o último está em proporção exata com a pata, assim como a proporção do nosso dedão e nosso pé. Foucault afirma que não podemos entender essa teoria de Belon como anatomia comparada, de acordo retrospectivamente com os conhecimentos do século XIX, mas somente através das similitudes em jogo. Dessa forma, as observações de Belon, comparadas com Aldrovandi, “não é mais racional nem mais científica”³⁷⁵, quando o último compara as partes inferiores do homem ao inferno. Foucault diz que essas assunções, tanto as de Belon, como as de Aldrovandi, pertencem “à mesma cosmografia analógica que a comparação de Crollius entre a apoplexia e a tempestade: a borrasca começa quando o ar se torna pesado e se agita”³⁷⁶.

Isso compreende, portanto, algumas teses sobre a estrutura do saber do Renascimento, e, mais que isso, sobre a própria metodologia foucaultiana. Entre Belon e Aldrovandi, não existem diferentes níveis de cientificidade, segundo uma tese hipotética da perspectiva da anatomia comparada, porque implicaria entender uma cientificidade teleológica das ciências, em que existiria elementos de um método mais científico por vir ainda em Belon, e não em Aldrovandi. Por isso, a

³⁷³ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 29.

³⁷⁴ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 25.

³⁷⁵ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 31.

³⁷⁶ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 31.

arqueologia procura as condições de possibilidade para a filosofia da natureza de Belon, e, elas não estão no interior dos elementos de um método científico telológico.

Isso representa uma tese contundente sobre o *a priori* dos campos do saber. Belon e Aldrovandi, possuem um mesmo campo de condição de possibilidade não de acordo com uma vocação de cientificidade em seu próprio campo de conhecimento, mas através da forma como se constitui a relação entre linguagem e mundo. Não existe, para Foucault, um acúmulo de conhecimento e aperfeiçoamento dos métodos de acordo com um *processo evolutivo*. Mas, por outro lado, existe descontinuidade e *diferença* entre sistemas de signos. E, mais que isso, sua tese também é extremamente singular na medida que funda uma transversalidade das simultaneidades epistemológicas. Uma organização *horinzontal* do campo simbólico do saber de um período que atravessa diversas áreas do conhecimento, fundada na própria forma de produção de *signos*.

O mundo é recontado e criado segundo ele mesmo, “convenientia, aemulatio, analogia e simpatia nos dizem de que modo o mundo deve dobrar-se sobre si mesmo, se duplicar, se refletir ou se encadear para que as coisas possam assemelhar-se”³⁷⁷. Mas, além disso, existe uma condição de possibilidade para esse *jogo* de similitudes, e, isso diz respeito exatamente à relação que essas *coisas* possuem com o que pode dizer a respeito delas. A semelhança do mundo não possui um ponto de fuga justamente porque passam por uma forma específica de linguagem de assinalações.

Existe, portanto, um tipo de decifração dessa miríade de proximidade relativa das coisas, e para entender isso é preciso “nos determos mais sobre essa própria linguagem. Sobre os signos de que é formada. Sobre a maneira como esses signos remetem ao que indicam.”³⁷⁸. O fundamento do saber das similitudes não está amparado em sua própria forma, ou na sua função de comparação, mas nas assinalações, os espelhos do mundo não são transparentes, é preciso capturar a peculiaridades de seu relevo. Apesar de sua proximidade, não é verdade que todas as plantas ou árvores são outros livros. Por exemplo, “Há simpatia entre o acônito

³⁷⁷ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 35.

³⁷⁸ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 37, grifo nosso.

e os olhos. Essa afinidade imprevista permaneceria na sombra se não houvesse sobre a planta uma assinalação, uma marca e como que uma palavra dizendo que ela é boa para as doenças dos olhos”³⁷⁹. Isso significa que é preciso um sistema de assinalações para que esses signos entrem no jogo da similitude. O que significa exatamente essas marcas? Como são entendidas essas assinalações no século XVI?

Atrás de todas as similitudes, existe, portanto, uma tese sobre a relação entre as palavras e as coisas, sobre a própria linguagem, sobre a maneira como forma-se um *sistema de signos*. A pergunta de Foucault para esclarecer o fundamento desse sistema de assinalações é “Que forma constitui o signo no seu singular valor de signo? -É a semelhança. Ele significa na medida em que tem semelhança com o que indica (isto é, com uma similitude)”³⁸⁰. Portanto, o valor do signo é a semelhança, mas isso somente vem a ser através da maneira em que o signo se *assemelha* com o que indica.

Esse é um problema, evidentemente, sobre a natureza do signo no Renascimento³⁸¹, e, a maneira como Foucault responde a essa pergunta é fundamental, pois revela uma *condição de possibilidade* da episteme do século XVI, para a lógica das similitudes. Esse é o aspecto que conecta todo sistema de similitudes e movimenta seu jogo de posicionalidades. Então, que tipo de linguagem é essa que permite desenhar os vértices das similitudes? Foucault diz que a linguagem no século XVI não é um conjunto de signos independentes, mas é opaca, fragmentada e “cerrada sobre si mesma”.

No ser bruto do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar.³⁸²

Afirmar que a linguagem não é um sistema arbitrário, significa que ela não está no domínio da *representação*, ou seja, não é um sistema que pretende servir de instrumento transparente para explicar claramente a natureza do mundo. Por outro

³⁷⁹ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 37.

³⁸⁰ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 39.

³⁸¹ Baudrillard defende, de forma parecida, que o Renascimento possuía um modo singular de produção de signos, em contraposição à modernidade. Assim sendo, ele também analisa diferentes formas que a lógica de produção de signos aconteceu em nossa civilização. BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*, p. 65 -66.

³⁸² FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 47.

lado, ela está “depositada” no mundo e “dele faz parte”. Esse debate corresponde exatamente ao problema da *materialidade do signo*. Se a linguagem não é um sistema a parte do mundo, significa que o suporte material do signo está nas próprias coisas, nessas assinalações que uma similitude remete à outra. E, assim como os signos permeiam a materialidade das coisas, o mesmo problema desdobra-se a partir das palavras, pois “a relação com os textos é a mesma relação com as coisas; aqui e lá são signos que arrolamos”³⁸³.

As assinalações não representam decifrar somente as similitudes das coisas na linguagem do mundo, mas também interpretar as palavras. Isso significa ler a escrita de Deus, escrita do mundo, e o discurso ajustado às próprias coisas, homologia hermenêutica entre *divinatio* e *eruditio*. Sendo assim, as formas da semelhança desenvolvem-se “em dois níveis diferentes: uma vai da marca muda à própria coisa (e faz falar a natureza); a outra vai do grafismo imóvel à clara palavra (restitui vida às linguagens adormecidas)”³⁸⁴. Eis, então, a configuração do *sistema de signos* do Renascimento em PC, uma forma singular de construção da linguagem em que se forma a prosa do mundo.

Investigando a relação íntima entre as palavras e as coisas no Renascimento, Foucault determina a maneira como no século XVI a linguagem atravessava os saberes como *condição de possibilidade*. Tudo isso é organizado por uma linguagem fora do sistema da representação, em que se debate esse *outro ser da linguagem*, onde encontra-se uma “escrita material das coisas”³⁸⁵. Não estaria essa “escrita material das coisas” relacionada ao problema da materialidade do signo? O estoicismo, por exemplo, produziu um sistema de signos ternário (significante, significado e “conjuntura”) que perdurou bastante no mundo ocidental; a partir de Port-Royal, no século XVII, esse sistema torna-se binário (significado e significante); no Renascimento ele aparece de outra forma.

No renascimento, a organização é diferente e muito mais complexa; ela é ternária, já que apela para o domínio formal das marcas, para o conteúdo que se acha por elas assinalado e para as similitudes que ligam as marcas às coisas designadas; porém, como a semelhança é tanto a

³⁸³ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 46.

³⁸⁴ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 46.

³⁸⁵ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 59.

forma dos signos quanto seu conteúdo, os três elementos distintos dessa distribuição se resolvem numa figura única.³⁸⁶

Foucault explica que a semelhança, como um terceiro elemento, resolve os outros dois elementos, forma e conteúdo, em uma figura única, pois liga “as marcas às coisas designadas”. O que significa, então, a similitude unir forma e conteúdo do sistema de signo? Como tratamos no primeiro capítulo, isso resolve-se através da *materialidade do signo*, da incidência da composição de significação da materialidade no próprio significante, e, no Renascimento isso é dissolvido na *similitude*. É, portanto, justamente a materialidade do signo que confere a singularidade de *episteme* do Renascimento.

Nesse sistema de signos renascentista, a complexidade do funcionamento da estrutura da semelhança demonstra um *primado da escrita*, escrita das coisas em uma linguagem não verbal da prosa do mundo, escrita material das palavras na sua similitude com o que indicam. O incrível mundo do Renascimento estava proposto a ouvir a palavra muda das coisas, e a reescrevê-las em sua mesma forma de palavra enunciada na interdependência entre mundo e linguagem.

³⁸⁶ FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*, p. 58.

3.2 Fundamentos Arqueológicos

Aprofundamos o procedimento arqueológico não a partir dos autores que influenciaram, nem defendendo um “método Foucault”, mas resgatando *noções do estruturalismo* analisando a *prática arqueológica*. Nesta secção, realizaremos um breve balanço dos aspectos do procedimento arqueológico de forma comparativa, colocando nossas hipóteses em confronto com o único trabalho metodológico de Foucault, *A Arqueologia do Saber* (1969)³⁸⁷. Ou seja, realizaremos uma conclusão da contribuição da análise proposta para esclarecimento do exercício da arqueologia, destacando uma contribuição particular para o entendimento da materialidade do saber através da materialidade do signo e do discurso.

Inicialmente, resgatando as diferentes obras tratadas, apontaremos a plasticidade da própria arqueologia. Após isso, trataremos três aspectos principais do método arqueológico relevantes para nossa contribuição: 1 – elemento; 2 – sistema; 3 – causalidade estrutural.

A palavra *arqueologia* aparece em alguns títulos ou subtítulos de trabalhos de Foucault. A etimologia da palavra possui o prefixo “arque”, referente à derivação do grego “arché”, que significa princípio, origem, antigo, ancestral. Esse prefixo

³⁸⁷ É interessante lembrar que esse trabalho surge de um debate com marxistas franceses principalmente próximos a Althusser, o círculo de epistemologia. Portanto, esse material tem um texto preliminar que foi publicado como entrevista a esse grupo. Esse contexto histórico já é bastante sintomático, na medida em que Foucault pretende defender a arqueologia de questões próprias da tradição do materialismo histórico. FOUCAULT, M. Sur l'archéologie des sciences. Réponse au Cercle d'epistémologie In : *Dits et Écrits*, p. 696. Foucault admite um embate mais direito com determinados “marxismos” do que com o próprio Marx ou até mesmo Althusser. “Devo dizer que estou extraordinariamente incomodado com a maneira com que um certo número de marxistas europeus pratica a análise histórica. Estou também muito incomodado com a maneira com que eles fazem referência a Marx.” FOUCAULT, M. Da Arqueologia à Dinástica, In: *Ditos e Escritos – Estratégia, Poder-Saber IV*, p. 49. Além disso, investigar arqueologia do saber do ponto de vista deste trabalho não é uma tarefa trivial. Devemos lembrar que a obra é do ano de 1969, em um contexto de desprestígio do movimento estruturalista, fortemente criticado já em 1968. Portanto, neste texto Foucault além de buscar desviar-se retoricamente desta influência, começa a demarcar possibilidades teóricas de ir para além da abordagem estruturalista, no sentido de responder aos seus problemas e limitações. Devemos lembrar também que AS é escrita em uma forma de perguntas e respostas. Foucault cria um interlocutor fictício a partir de possíveis críticas – baseadas também nos debates com os althusserianos do círculo de epistemologia – e realiza respostas a partir da releitura de seu próprio trabalho. Com isso, resumidamente, apesar de ser o único livro expressamente metodológico de Foucault, essa obra não tem uma posição tão privilegiada no presente trabalho por dois motivos: 1 – possui a forma de comentários, perguntas e respostas no contexto posterior ao declínio do estruturalismo; 2 – é uma obra metodológica retrospectiva e não prospectiva; nesse sentido, ela reorganiza o campo de sentido de trabalhos anteriores, situando-se no final do período arqueológico. Ainda assim, destacaremos os pontos mais importantes de AS para o debate em questão.

está presente também na palavra arquivo, que determina um documento ou registro de algo. A arqueologia deve ser a atividade de pesquisar os níveis mais profundos e analisar a complexidade das sedimentações.

É certo que jamais apresentei a arqueologia como uma ciência, nem mesmo como os primeiros fundamentos de uma ciência futura. Em vez de traçar o plano de um edifício a ser construído, dediquei-me a fazer o esboço - reservando-me o direito de fazer muitas correções - do que realizara por ocasião de pesquisas concretas. A palavra arqueologia não tem valor de antecipação; designa somente uma das linhas de abordagem para a análise das *performances* verbais: especificação de um nível - o do enunciado e do arquivo; determinação e esclarecimento de um domínio: as regularidades enunciativas, as positivities; emprego de conceitos como os de regra de formação, derivação arqueológica, *a priori* histórico.³⁸⁸

No trecho acima, percebemos que Foucault confirma a ausência de projeto de um método acabado, um edifício, mas isso não isenta o trabalho de possuir uma gama de elementos operativos, uma atividade que não trabalha com conceitos fixos, mas com um campo de problemas relativamente permanente e *linha analítica*. Ainda que não exista um “valor de antecipação”, permanece claro que a arqueologia é uma “abordagem”, esclarecendo um domínio e um nível analítico. Assim também pode ser entendida a própria “atividade estruturalista”, como citamos anteriormente, não como um método acabado, mas como uma prática que coloca em jogo problemas de uma forma específica, sendo guiada por um *ethos* filosófico para diagnóstico dos problemas de uma determinada atualidade, uma ontologia do presente. Nesse sentido, podemos concluir que a arqueologia possui um potencial crítico, assim como buscou o estruturalismo francês, com todos os seus limites e potencialidades.

Além dessa afinidade crítica, temos também uma afinidade metodológica. Qual é a forma específica que a arqueologia possui de colocar problemas em perspectiva? Deleuze aponta que o trabalho arqueológico atua em uma *diagonal* traçada em um campo determinado de enunciados³⁸⁹. Ou seja, o campo de objeto não é um grupo de área específica do saber, muito menos os enunciados de um autor isoladamente em uma obra ou tema. Isso possui algumas implicações. Uma dessas implicações é a *multiplicidade* de áreas de objeto da abordagem arqueológica. Já no primeiro trabalho foucaultiano percebemos que mesmo diante da noção de

³⁸⁸ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 231, grifos do autor.

³⁸⁹ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 14.

psicopatologia, em DMPD, é necessária uma análise de diversas áreas que atravessam a construção da doença mental como objeto de saber, passando pela psiquiatria, psicanálise e psicologia existencial.

Outra implicação de uma abordagem *diagonal* aponta que a arqueologia não opera no plano vertical das proposições³⁹⁰, ou seja, poderíamos dizer que ela não se preocupa em abordar um objeto através de um autor. Como percebemos em NC, a arqueologia não pode trabalhar na dimensão do comentário, pois um *sistema de discursos* está para além do campo de significação de uma obra ou tema tratado por um autor isoladamente na história. O trabalho arqueológico tem como objetivo ir para além do próprio autor³⁹¹ e do sentido como efeito da intencionalidade de um sujeito. De outra forma, ele pretende investigar o campo relacional que sua obra está inserida. Em AS, Foucault demarca claramente que o problema da arqueologia é uma “escansão do discurso segundo grandes unidades que não eram as das obras, dos autores, dos livros ou dos temas”³⁹². Compreendemos, então, que a afinidade da arqueologia com o estruturalismo não está somente no plano metodológico, mas no plano dos temas tratados, ou melhor, as opções metodológicas da arqueologia implicam nas mesmas críticas e conclusões filosóficas que a abordagem estrutural, como uma dissolução do sujeito, da intencionalidade e do autor, por exemplo.

A abordagem *diagonal* dos saberes aparece não somente em DMP e NC, mas de forma mais evidente em HLIC, pois o autor trabalha experiências históricas da loucura que compreende uma variedade notadamente complexa. Dessa forma, destacamos precisamente a necessidade de desenho de uma *topologia dos signos* da loucura, pois a diversidade dos elementos admite uma análise fina da diferenciação entre eles. Isso compreende também, como citamos em nossa análise de HLIC, uma diferença de níveis entre eles. Deleuze confirma claramente a hipótese da divisão de níveis entre os elementos da arqueologia.

É certo, entretanto que os enunciados podem se opor e se hierarquizar em níveis. Mas, em dois capítulos, Foucault mostra com rigor que as contradições de enunciados só existem devido a uma distância positiva mensurável no espaço da raridade, e que as comparações entre enunciados se referem a uma diagonal móvel que permite, nesse espaço, confrontar diretamente um mesmo conjunto em níveis diferentes, mas, também, escolher diretamente num mesmo nível certos conjuntos sem

³⁹⁰ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 13.

³⁹¹ FOUCAULT, M. Qu'est-ce qu'un auteur ? In : *Dits et Écrits*, p. 800.

³⁹² FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*, p. 153.

levar em conta outros que, no entanto, fazem parte dele (e que suporiam uma outra diagonal).³⁹³

No trecho acima, é evidente que, segundo o autor, a abordagem arqueológica separa os seus elementos segundo a “distância positiva mensurável” que eles possuem entre si. Isso significa que o espaço analítico construído pela arqueologia opera através da *diferença* entre os termos em questão que podem estar organizados em uma ordem hierárquica relativamente estável. Entretanto, levando em conta que essa seleção de nível analítico é sempre relativa e funciona também de acordo com a própria linha diagonal analítica na prática.

Resumidamente, concluímos que a arqueologia é um procedimento de plasticidade particular, assumindo certa prática conforme determinado exercício. Dessa forma, buscamos analisar as obras separadamente, entretanto, sempre comentando comparativamente no decorrer do trabalho. Entendemos que essa maleabilidade da arqueologia necessita um olhar atento à cada momento de seu trabalho³⁹⁴.

Em AS, não são raras as passagens em que Foucault apresenta seu procedimento arqueológico como uma ferramenta de “descrição dos enunciados”³⁹⁵. Ou seja, um traço fundamental da arqueologia é seu ajuste ao domínio do objeto que pretende descrever, ao campo simbólico em análise. Portanto, existe a dificuldade de entender um método monolítico, e mais ainda, torna-se complicado transpor análises de uma obra para outra, tendo em vista que cada prática arqueológica possui não somente seus objetos específicos, mas também uma *abordagem singular com ferramentas* mais adequadas.

Entretanto, a atuação mutante dessa prática ainda comporta um certo grupo de termos analíticos –que foram relativamente elucidados em AS. Com o objetivo de esclarecer e concluir os pontos principais da contribuição deste trabalho, resgataremos os pontos fundamentais do procedimento arqueológico tendo como

³⁹³ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 15.

³⁹⁴ De maneira parecida, Machado interpreta a prática arqueológica exercida de formas diferentes em objetos distintos. O autor classifica a análise de HLIC como “arqueologia da percepção” e NC como “arqueologia do olhar”, por exemplo. MACHADO, R. *Foucault, ciência e saber*, p. 8. Ternes também utiliza uma classificação parecida para a arqueologia foucaultiana, classificando HLIC no nível da percepção e do conhecimento, NC uma história do olhar e da linguagem médica e PC no nível da ciência e do saber. TERNES, J. *Michel Foucault e a Idade do Homem*, p. 37.

³⁹⁵ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*, p. 132.

referência noções do estruturalismo e o problema da materialidade. Esse trajeto nos permite além de reorganizar todo debate realizado anteriormente, também nos permite esclarecer um pouco melhor a posição metodológica de Foucault no final dos anos de 1960 através do cotejamento das análises realizadas com AS.

3.2.1 Elementos: discurso, enunciado e função-signo

Nessa secção, debateremos o nível elementar da arqueologia. Ou seja, quando Foucault realiza uma análise arqueológica, qual seria a unidade analítica de sua pesquisa que permite entender a formação de um campo de objeto? Através da análise de seus primeiros trabalhos evidenciamos que o elemento analítico é mutável, mas passível de aproximações metodológicas. Devemos lembrar também que o elemento não pode ser confundido com o objeto, a unidade elementar não necessariamente é o objeto da análise, tendo em vista que o objeto da arqueologia é sempre a descrição do campo de relações entre diversos elementos em sentido mais amplo.

Destacamos que o estruturalismo opera com uma unidade analítica fundamental: o signo. Esse elemento expressa caráter operativo, pois não é exatamente um conceito encerrado em si mesmo, mas uma *função*. Dessa forma, propomos pensar que a arqueologia foucaultiana, essencialmente nos anos de 1960, utiliza a noção de signo como elemento analítico através de sua função de *valor de linguagem*. O próprio conceito aparece em algumas obras e passagem, entretanto, concluímos que não se torna necessário sua nomeação para sua operação analítica em determinados contextos, pois estará presente como *função-signo*.

Em DMPD e DMPS, o elemento analítico fundamental aparece como o conceito de doença mental ou psicopatologia. Sendo assim, a empresa da pesquisa descreve o desenvolvimento da noção de doença mental através de diversas áreas de conhecimento. O trabalho “não significaria explicar as formas patológicas, mas somente coloca-las numa perspectiva”, realizar uma “descrição estrutural”³⁹⁶ dessas formas. Nessa monografia, permanece uma propensão a realizar uma atividade descritiva, não para explicar os conceitos em si mesmos, mas realizar uma análise comparativa atravessando diversos campos do saber. Entretanto, o fundamental

³⁹⁶ FOUCAULT, M. *Maladie Mentale et Personnalité*, p. 32.

para a análise, tanto na edição de 1954 quanto na edição de 1962, são as formações extradiscursivas. Partindo disso, temos um problema no nível elementar da arqueologia.

Na edição de 1954, a doença mental possui suas *condições reais* na estrutura econômica do capital e na forma como ele reproduz as relações sociais. Portanto, nesse sentido, o elemento da arqueologia pode ser o discurso ou o enunciado, mas o que garante as *condições de possibilidade* para o saber médico são as formações econômicas. Na edição de 1962, esse problema é parcialmente resolvido quando as condições extradiscursivas estão fundamentadas não no nível das formações econômicas do *capital*, mas em um contexto de *civilização* ou *cultura*. Na revisão dessa obra, temos dois tipos de elementos analíticos, o discursivo (o conceito de doença mental) e o extradiscursivo (reprodução social do capital). Entretanto, no ajuste de 1962, a proto-determinação das formações econômicas perde força. Em HLIC, o escopo geral dos conceitos de cultura e civilização suporta uma análise mais propriamente histórica da arqueologia, ampliando o campo arqueológico na complexidade de relação entre os níveis do saber e da história. Isso implica justamente uma reorganização dos níveis sistêmico e elementar.

Deleuze, analisando AS, afirma que Foucault trabalha com um campo determinado de enunciados³⁹⁷. Ou seja, o nível elementar de um sistema de saber para análise foucaultiana é o nível dos *enunciados*. Foucault, em AS, relata a dificuldade de caracterizar um enunciado, pois seu escopo de classificação admite pontos convergentes entre a gramática (quando se trata de uma frase ou construção sintática), lógica formal (quando o enunciado pode ser uma proposição) e filosofia analítica (quando se trata de um ato de fala), por exemplo³⁹⁸. Portanto, o enunciado poderia ser entendido de diversas formas, desde relacionado ao seu ato de enunciação, quanto ao conteúdo do enunciado.

Apesar disso, ele apresenta um ponto base para elucidar sua preocupação e estabelece que “o enunciado [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos”³⁹⁹. Ou seja, em certo sentido, o nível elementar da arqueologia foucaultiana pode ser organizado tanto através da noção de enunciado,

³⁹⁷ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 13.

³⁹⁸ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 164.

³⁹⁹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 98.

quanto através da noção de signo. Foucault continua demonstrando que é irrelevante tratar o enunciado de maneira isolada, pois “ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza o domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”⁴⁰⁰. Ou seja, o enunciado é um elemento baseado no signo como operador teórico, como *fundamento analítico*, a função-enunciado de Foucault é analiticamente construída a partir da função-signo estruturalista.

Em HLIC, desenvolvemos a hipótese que o nível elementar da arqueologia ser exatamente formado pelo signo ou *função-signo*, formando um sistema histórico de percepções da loucura. Dessa maneira, a análise do trabalho, diferente de DMPD, consegue organizar vários elementos de materialidades distintas no mesmo *sistema* histórico. Por isso, a reescrita de DMPD é fundamental para entender alguns dos principais problemas do trabalho arqueológico, já que tal gesto reorganiza a abordagem foucaultiana do problema da materialidade do saber.

O fundamento arqueológico elementar pode ser o signo, mas também pode ser o enunciado. Entretanto, os níveis não param por aqui. Além do nível dos enunciados temos o nível dos discursos. Os enunciados agrupados, regulados e aceitos são o que Foucault chama de formação discursiva⁴⁰¹. Em NC, defendemos que a análise foucaultiana trabalha a partir de um *sistema de fatos discursivos*. Nesse sentido, a unidade analítica elementar da arqueologia pode ser entendida justamente como discurso. Entendemos que Foucault cita claramente esse sistema de fatos discursivos como método, buscando reconstruir a relação entre os discursos através de uma *diferença* entre “*segmentos funcionais*”⁴⁰². O sistema de fatos discursivos, portanto, é descrito justamente através da distância entre os discursos de constituição da medicina moderna. Não podemos subestimar a importância da noção de *diferença* no sistema analítico foucaultiano, evidentemente tributária do valor e da negatividade do signo para a análise semiológica. Essa análise da

⁴⁰⁰ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 98.

⁴⁰¹ “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*”. FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 43.

⁴⁰² FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*, p. xvi.

negatividade do elemento permite pensar o pensamento foucaultiano como crítico da noção de *identidade*.

Desde o início do pensamento foucaultiano existe uma crítica da ideia de identidade, seja uma identidade do autor como sujeito soberano que atribui sentido a um sistema de saber, seja uma identidade do discurso ou enunciado através de uma exegese de significado isolado do contexto histórico de sua emergência, seja uma identidade de instituições ou experiência histórica como fatos históricos brutos independentes. Não podemos deixar de levantar a hipótese dessa crítica da identidade possui uma herança das implicações do estruturalismo como *filosofia da diferença* através de uma análise de sistemas diferenciais através da negatividade do valor de linguagem do signo.

Resumidamente, podemos defender que a arqueologia foucaultiana se movimenta entre *elementos analíticos* de categorias discursivas e extradiscursivas. Isso significa uma paralaxe entre instituições, reformas políticas, relações sociais, discursos e enunciados. A variedade do nível analítico elementar implica, evidentemente, em uma variedade de análise da materialidade do próprio elemento.

3.2.1.1 A materialidade do discurso

Demostramos que a análise de sistemas semiológicos coloca o problema da materialidade da linguagem para além da linguística, ou seja, direcionando o signo para uma análise de sistemas não verbais. Dessa forma, o elemento analítico da semiologia não precisa ser necessariamente discursos ou enunciados, mas signos/significantes com outra sorte de materialidade.

Percebemos que em HLIC, Foucault compreendia que nem todos os signos “dependem de uma experiência filosófica, nem dos desenvolvimentos de um saber”⁴⁰³, e, nesse sentido, defendemos a hipótese que o grande internamento pode ser entendido como um signo de natureza extradiscursiva. De acordo com isso, sua materialidade se expressa através do valor de linguagem das formações econômicas na construção de unidade de sentido para a loucura no classicismo. Em NC, percebemos uma análise da *transubstanciação* entre signo e sintoma, fundamental para a construção de uma epistemologia da medicina moderna baseada na soberania

⁴⁰³ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 55.

do olhar e no método empírico. Para concluir essas hipóteses, torna-se profícuo entender a materialidade do elemento da arqueologia através da função-signo, analisando a *materialidade dos discursos* – e dos enunciados.

Mas basta, então, que os signos de uma língua constituam um enunciado, uma vez que foram produzidos (articulados, delineados, fabricados, traçados) de um modo ou de outro, uma vez que apareceram em um momento do tempo e em um ponto do espaço, uma vez que a voz que os pronunciou ou o gesto que os moldou lhes deram as dimensões de uma existência material?⁴⁰⁴

Nesse trecho, Foucault resume sua perspectiva de materialidade do saber. Resumidamente, podemos concluir que a produção de um saber está totalmente vinculada à uma *existência material*. Na medida em que os signos tomam forma de enunciados, eles estão circunscritos na materialidade de seu contexto de enunciação. Isso compreende uma materialidade do próprio discurso/enunciado, e também uma relação com a materialidade das formações extradiscursivas. Nesta secção trataremos da materialidade discursiva.

O signo, naturalmente, possui um suporte material. Os enunciados conferem uma existência material para o signo, pois fundam o horizonte de sua significação em uma materialidade determinada, na prática do discurso como no sistema de regras e definições. Na passagem anterior fica claro que a performance de enunciação, o evento de produção de enunciados confere uma concretude ao signo através de seu suporte de enunciação, através da substância conferida. Repetindo: não existe uma dimensão discursiva que não esteja vinculada ao que Foucault chama de “existência material” do signo.

Apesar da materialidade de enunciação organizar o campo de construção de um saber, ela não pode ser reduzida à materialidade fenomênica da enunciação. Esclarecendo esse ponto, Foucault afirma que “o próprio enunciado não pode ser reduzido a esse simples fato da enunciação, pois ele pode ser repetido apesar de sua materialidade”⁴⁰⁵. O autor quer dizer que a mesma frase pode ser dita ou escrita por duas pessoas em condições diferentes e constituir apenas um enunciado. Ou seja, um mesmo “enunciado” pode ser materializado de formas distintas. Dessa forma, a materialidade não pode ser entendida como “sensível, qualitativa, apresentada sobre

⁴⁰⁴ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 96, grifo nosso.

⁴⁰⁵ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 115.

forma da cor, do som, ou da solidez esquadrihada pela mesma demarcação espaço-temporal que o espaço perceptivo”⁴⁰⁶.

A materialidade em questão, portanto, não deve ser entendida estritamente como materialidade empírica ou materialidade fenomênica – se quisermos dizer assim. Para Foucault, ela é definida por “um status de coisa ou de objeto, jamais definitivo, mas codificável, relativo e sempre suscetível de ser novamente posto em questão”. Ou seja, a materialidade do enunciado pode ser entendida através de seu aspecto codificável através de status ou coisa. Naturalmente, o adjetivo de codificável refere-se ao código representado por algum sistema de signos, alguma estrutura perpassada por linguagem. Isso significa que um enunciado toma status em um determinado código, em um sistema específico, que define a materialidade desse objeto, mas pode ser posto em questão.

Foucault diz que uma Constituição, por exemplo, não se define pelo papel, folha, ou suporte empírico que manifesta seus enunciados, mas ela é um texto que adquire sua materialidade mesma no conjunto desses enunciados, em seu sistema de código. Textos religiosos são outro exemplo desse *status* de materialidade que um enunciado ou um conjunto deles toma. Portanto, a materialidade não é exatamente empírica, ou pelo menos não reduzida às condições de sua manifestação fenomênica. Ela vai além disso, a condição de materialidade do enunciado “varia de acordo com um regime complexo de instituições materiais”⁴⁰⁷.

Dessa forma, essa materialidade do saber está circunscrita em uma singularidade histórica mais ampla do que as condições sensíveis da materialização de um discurso. Podemos interpretar essa condição de materialidade do enunciado justamente como a condição material do suporte *semiológico* em questão, variando exatamente com a qualidade do sistema tratado. Esse “regime complexo de instituições materiais” é um enclave de formações extradiscursivas, no sentido de regras de formação da percepção, como tratamos em NC, mas também são formações discursivas.

⁴⁰⁶ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 115-116.

⁴⁰⁷ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 115.

Seguindo essas pistas podemos avançar na questão da “materialidade dos discursos”⁴⁰⁸, um problema central para a arqueologia. Naturalmente, essa materialidade do discurso está atrelada ao complexo de regras e determinações que esse discurso está sujeito, em um escopo institucional, por exemplo, através das normas de enunciabilidade de um determinado saber. Essa definição de um sistema de enunciabilidade é o que confere ao discurso/enunciado seu caráter de coisa, de elemento em um sistema.

O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, *o sistema de sua enunciabilidade*. O arquivo não é, tampouco, o que recolhe a poeira dos enunciados que novamente se tornaram inertes e permite o milagre eventual de sua ressurreição; é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o *sistema de seu funcionamento*. Longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de *um* discurso, longe de ser apenas o que nos assegura a existência no meio *do* discurso mantido, é o que diferencia *os* discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.⁴⁰⁹

De acordo com o trecho acima, fica evidente que o que confere o status de coisa ao enunciado/discurso não é somente seu caráter fenomênico, mas é exatamente o *sistema de sua enunciabilidade* que garante seu funcionamento como condição de possibilidade, garantindo também sua materialidade codificável. Percebemos claramente, que a materialidade do discurso está vinculada ao sistema de sua formação discursiva, ao *valor* que toma nesse sistema como *eclipse* de significação em seu status de coisa. Dito de outra forma, o problema da materialidade do discurso em termos foucaultianos está relacionado diretamente à materialidade do *significante*, o enunciado/discurso como significante de um sistema de enunciabilidade, na medida em que o discurso opera como *função-signo*, seu campo de significação é determinado pela sua materialidade, seu *status* de coisa em um sistema de saber.

Essa interpretação do discurso foucaultiano é bastante produtiva na medida em que especifica não somente a noção de discurso foucaultiano, também denominada como problema da “materialidade dos incorporais”⁴¹⁰. Esse problema

⁴⁰⁸ A questão da materialidade do discurso é um problema destacado em várias ocasiões por Foucault, mas nunca explicado detidamente. FOUCAULT, M. La vérité el les forms juridiques In: *Dits et Écrits II*, p. 633. MACHADO, R. *Impressões de Foucault*, p. 35.

⁴⁰⁹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 147.

⁴¹⁰ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*, p. 54

é lido por comentadores de maneira bastante diversa e algumas vezes destacando a questão da performatividade⁴¹¹. Mas, como Foucault lembra, a materialidade do enunciado não está diretamente relacionada à questão da performatividade linguística ou do formalismo do ato de fala⁴¹². A materialidade do discurso possui dois aspectos, tanto o valor de sua *posição* no sistema em questão, que lhe confere status de coisa, quanto o regime complexo de instituições materiais que regulam sua prática. Exatamente nessas condições que podemos entender a noção de discurso como *acontecimento*, no trecho fica claro que a categoria do arquivo é o que define o sistema de enunciabilidade na própria raiz do “enunciado-acontecimento”.

A materialidade do discurso surge através das condições materiais do próprio sistema de análise, ou seja, como vimos nos sistemas semiológicos, a substância do significante instaura o eclipse da significação na própria materialidade do signo. Dessa forma, predomina o formalismo da estrutura, sua capacidade de determinar o sentido de independentemente de qualquer outro processo de construção de sentido através do conceito. Entender a materialidade do discurso através da *função-signo* significa apontar o caráter formal do discurso, para além da *subjetividade*, dissolvendo a singularidade contingente e as possibilidades de transformação.

Como vimos na primeira secção, Saussure cria o conceito de língua (*langue*) para diferenciar-se da fala (*parole*) – assim com Hjelmslev distingue esquema e uso –, permitindo pensar o aspecto estrutural da linguagem, retirando as inclinações subjetivas individuais da análise linguística. Ricoeur aponta que esse foi um dos pontos principais para toda concepção estrutural da linguagem, “mas do que

⁴¹¹ Gimbo, por exemplo, fundamenta uma análise da materialidade dos incorporais, do discurso foucaultiano, em aspectos do estoicismo e do formalismo dos atos de fala de Austin. GIMBO, F. Para Uma Análise Performativa do Discurso: Foucault e o “Materialismo do Incorporal”, p. 262. Jourdan coloca a materialidade em perspectiva pela ruptura foucaultiana com a representação estruturalista e dualidades como significante e significado, mas ainda parece que se detém bastante na contingência da performatividade e linguagem como discurso. JOURDAN, C. Foucault e a ruptura com a representação, p. 66.

⁴¹² Foucault cita “enunciados performativos” quando se preocupa com o exercício da parresia antiga, justamente para demonstrar que ela é seu inverso. É interessante destacar que a performatividade aparece no domínio de problemas foucaultianos somente nas pesquisas dos anos de 1980 em que o filósofo investiga genealogias de formas de subjetivação, ou seja, quando o sujeito surge como questão. Por outro lado, no domínio estruturalista de problemas, essa questão não é tão pertinente. FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*, p. 59.

qualquer outra coisa, uma mensagem é arbitrária e contingente; é intentada por alguém. O código é anônimo e não intentado”⁴¹³. Seguindo essa pista, a qualidade simbólica do discurso, suas determinações como código, estão no domínio da estruturalidade da língua. Foucault atento aos limites da abordagem estrutural busca lidar com tal problema. Devemos seguir um pouco mais com a pista de Ricoeur.

Partindo da distinção saussuriana entre *langue* e *parole* podemos dizer, pelo menos de um modo introdutório, que o discurso é o evento da linguagem. Para uma linguística aplicada à estrutura dos sistemas, a dimensão temporal deste evento exprime a fraqueza epistemológica de uma linguística da *parole*. Os eventos esvanecem-se, enquanto os sistemas permanecem.⁴¹⁴

Segundo esse trecho, fica claro que o problema do discurso como acontecimento e evento diz respeito à abordagem estruturalista, ou melhor, tal problema surge justamente no horizonte metodológico da perspectiva estrutural da linguagem. Ou seja, um discurso analisado estritamente no âmbito da *langue* reduz a enunciabilidade ao efeito da estruturalidade do sistema. Por outro lado, um discurso analisado na dimensão da *parole* fica restrito à intencionalidade do sujeito. Tendo em vista essa dicotomia, Foucault pretende ir para além dessa limitação através da arqueologia. Portanto, o discurso como *acontecimento* aparece para contrapor toda *estruturalidade* da estrutura, ou um formalismo semiológico tanto da história quanto do saber. Contudo, isso não acontece para resgatar a intencionalidade do sujeito, mas para reaver a singularidade do discurso.

A questão da dissolução da subjetividade do discurso é um tema explicitamente caro para o debate de AS. Foucault é indagado através desse problema de recusa “a ver que o discurso, diversamente talvez da língua, é essencialmente histórico, que não era constituído de elementos disponíveis, mas de acontecimentos reais e sucessivos, e que não se pode analisá-lo fora do tempo em que se desenvolveu.”⁴¹⁵. Ou seja, depois de PC, ele é perguntado sobre o caráter essencialmente histórico e não exclusivamente formal do discurso além das condições de possibilidade da *episteme* em sentido estrito. Dessa forma, começa a aparecer mais explicitamente no pensamento foucaultiano a noção de discurso como acontecimento.

⁴¹³ RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*, p. 15.

⁴¹⁴ RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação*, p. 20.

⁴¹⁵ FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*, p. 224.

Foucault, tratando justamente dos acontecimentos discursivos, esclarece que “a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporal”⁴¹⁶. Portanto, uma filosofia que tenha como objeto as propriedades do acontecimento, a singularidade do evento, deve avançar na direção *paradoxal* de um materialismo do incorporal.

Trata-se de um avanço paradoxal justamente porque a materialidade do signo confere sua estruturalidade formal, as condições de possibilidade da significação constrangidas pelo suporte material do sistema. Por outro lado, a complexidade de seu sistema de enunciabilidade está a abertura para a “descontinuidade” e o “acaso”⁴¹⁷. Dito de outra forma, o mesmo sistema semiológico que confere ao discurso seu status de coisa – o que lhe confere materialidade incorporal – através de regimes de materialidade complexa extradiscursiva admite paradoxalmente sua possibilidade de surgir como acontecimento singular. Ou seja, o paradoxo existe porque o sistema de enunciabilidade confere condições de possibilidade para o discurso, delimita regras de formação, mas também é nesse mesmo sistema de materialidade histórica que ele vem a ser como acontecimento ou evento, com posição singular e ao mesmo tempo relativa.

Portanto, Foucault pretende ir para além de uma análise estruturalista no sentido estrito, buscando através da noção de *acontecimento* restaurar a contingência e singularidade do discurso. Entretanto, é importante lembrar que essa singularidade não aparece através do sujeito (filosofia do sujeito), pois “dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições possíveis”; nem aparece através do instante do tempo (filosofia do tempo), pois não corresponde também à “sucessão de instantes no tempo”⁴¹⁸. Lembrando novamente: o acontecimento surge na mesma materialidade do sistema de saber que confere suas condições de possibilidade com regras de formação e regimes de regulação. Além disso, o acontecimento também é a singularidade da contingência, aquilo que foge à estruturalidade da história, e,

⁴¹⁶ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p. 54.

⁴¹⁷ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p. 55.

⁴¹⁸ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p. 55.

dessa forma ele pode resguardar a própria potência da diferença, poderíamos dizer até uma potência de caracterização ontológica⁴¹⁹.

Patrice Maniglier afirma que os filósofos franceses que mais compreenderam o estruturalismo buscaram ir para além dele. O autor defende que Foucault redefine sua noção de “événement” de acordo com as limitações de uma abordagem estruturalista da história⁴²⁰. Ou seja, Maniglier aponta que a *contribuição singular* do trabalho de Foucault é justamente em resposta aos problemas e limites da abordagem estruturalista. Devemos lembrar que a noção de acontecimento destacada por Foucault se refere ao mesmo conceito de “événement” na versão em francês⁴²¹, idêntico também à noção de evento citada por Ricoeur.

Concordando com Maniglier, o domínio da história é dimensão especial de desdobramento do problema em questão e essa questão retorna a Foucault tanto através da crítica marxista em geral a respeito das análises em PC – como citamos a partir de Sartre –, quanto através dos questionamentos do Círculo de Estudos de Epistemologia basicamente respondidos em AS⁴²².

Todo esse debate a respeito da história pode ser lido também através do problema estruturalista da sincronia e diacronia. Segundo Saussure, “a lei sincrônica é geral, mas não é imperativa [...] impõe-se aos indivíduos pela sujeição do uso coletivo”⁴²³. Ou seja, a sincronia é o aspecto que constrange o sistema à determinadas condições de formação que “comprova o estado de coisas”, poderíamos dizer que realiza a manutenção das condições do sistema. Por outro lado, “a diacronia supõe, ao contrário, um fator dinâmico, pelo qual um efeito é produzido, [...] os acontecimentos diacrônicos têm sempre caráter acidental e

⁴¹⁹ “Para Saussure, a diferença não é o vínculo (necessariamente segundo) entre duas entidades (consideradas como primeiras), isto é, a marca privativa da distância entre uma e outra, mas, pelo contrário, aquilo que se estabelece como um vínculo primeiro e constitutivo entre dois elementos que não só preexistem, mas também são seu produto. É essa a diferença primeira, positiva, geradora [...], a forma de uma relação considerada como matriz produtiva que Foucault escolhe, portanto, opor à alteridade: sem *Aufhebung* possível, mas uma produção (de ser, de sentido, de formas, de práticas, de subjetividade) que não é suscetível de ser ligada aos termos implicados na relação diferencial. A diferença se tornou uma matriz criadora, ela recebe, portanto, em Foucault uma clara caracterização ontológica.” REVEL, J. *Dicionário Foucault*, p. 34.

⁴²⁰ MANIGLIER, P. *La vie énigmatique des signes*, p. 469.

⁴²¹ FOUCAULT, M. *L’ordre du discours*, p. 59.

⁴²² FOUCAULT, M. *Sur l’archéologie des sciences. Réponse au Cercle d’épistémologie* In : *Dits et Écrits*.

⁴²³ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 108.

particular”⁴²⁴. Essa oposição é bastante importante para o estruturalismo e desdobrou-se em debates e discordâncias ao longo do desenvolvimento do movimento⁴²⁵.

Althusser aponta essa dicotomia analítica justamente nos termos de construção de conhecimento na história, “A sincronia, representando a estrutura de organização dos conceitos na totalidade-de-pensamento ou sistema (ou, como o diz Marx, “síntese”), e a diacronia representando o movimento de sucessão dos conceitos no discurso ordenado da demonstração”⁴²⁶. Desde Saussure até Althusser, é evidente que a dualidade sincronia-diacronia está relacionada com o problema da transformação de um sistema. Para Saussure, a dupla está circunscrita no problema de transformação e manutenção de uma língua. Para Althusser, a dupla serve para analisar as regras de organização de conceitos na construção de conhecimento científico e, por outro lado, seu *movimento* de organização na dimensão do *discurso*. Portanto, o problema do discurso como acontecimento, para Foucault, possui íntima relação com o problema estruturalista da sincronia e diacronia. Resumidamente, o discurso como acontecimento aponta para a emergência da singularidade na própria e história, e, conseqüentemente, para possibilidades dinâmicas de *transformação*. Talvez fosse possível afirmar que o discurso como acontecimento também responde ao movimento da história, não através da continuidade ou do processo, mas da descontinuidade e do acaso.

De acordo com isso, podemos entender melhor o horizonte analítico da questão da materialidade do discurso para Foucault, um horizonte de problemas baseados na abordagem estruturalista e buscando ir para além de seus limites já no final dos anos de 1960.

Que civilização, aparentemente, teria sido mais respeitosa com o discurso do que a nossa? Onde teria sido mais e melhor honrado? Onde, aparentemente teria sido mais radicalmente libertado de suas coerções e universalizado? Ora, parece-me que sob esta aparente veneração do discurso, sob essa aparente logofilia, esconde-se uma espécie de temor. Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a

⁴²⁴ SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*, p. 109.

⁴²⁵ Coelho, a respeito da dualidade sincronia/diacronia, cita uma discordância especialmente importante entre Althusser e Lévi-Strauss levando em consideração a questão da história e do tempo. COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. XVII.

⁴²⁶ ALTHUSSER, L. De “O Capital” à filosofia de Marx, In: *Ler O Capital*, p. 72.

grande proliferação do discurso. De modo a que sua riqueza fosse aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais incontornável; tudo se passa como se tivessem querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da linguagem. Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso.

E se quisermos, não digo apagar esse temor, mas analisa-lo em suas condições, seu jogo e seus efeitos, é preciso, creio, optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante.⁴²⁷

O significante atua como eterno vestígio de significação do discurso, suprimindo toda singularidade e conceito, ele domina o horizonte do discurso através da materialidade do sistema, através de seu suporte. A restituição do discurso como acontecimento anda *pari passu* com a suspensão da *soberania do significante*, pois a supremacia do suporte material do signo perde força justamente com a singularidade do acontecimento. Fica claro na passagem, que o discurso como acontecimento pretende responder também, e talvez, principalmente, ao problema da soberania do significante, à *estruturalidade* da estrutura.

Toda essa análise nos permite abrir outros caminhos para o entendimento da arqueologia foucaultiana. Ou seja, através das noções do estruturalismo podemos aprofundar o nível elementar dos trabalhos foucaultianos dos anos de 1960. Além disso, como desenvolvemos nesse trabalho, a análise do nível elementar da arqueologia através de noções do estruturalismo não somente abre outros caminhos para entendimento do pensamento de Foucault, mas somente através dessa abordagem é possível aprofundar uma das principais contribuições de sua arqueologia: o discurso como *acontecimento* e sua *materialidade*. Ou seja, o discurso como acontecimento surge justamente em resposta a problemas da abordagem estruturalista e Foucault desenvolve sua perspectiva em contraponto às limitações dessa abordagem.

O discurso como acontecimento surge através de sua própria materialidade, como elemento paradoxal, ao mesmo tempo constrangido pelas regras e

⁴²⁷ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p. 47-48.

determinações estruturais do sistema de enunciabilidade, mas também através de fugas e descontinuidades, através da singularidade do acaso. Dessa forma, o acontecimento aparece como ruptura e combate. Com isso, podemos entender no pensamento foucaultiano uma potência política, não aquela dos tentáculos das condições de possibilidade estruturais, mas uma potência do zumbido incessante da desordem da singularidade.

3.2.2 Sistemas: história, discurso e episteme

O procedimento arqueológico sempre trabalha a partir de uma noção de sistema, não por acaso o nome da cadeira de Foucault no *Collège de France* era história dos sistemas de pensamento. A noção de sistema não é por acaso, mas representa um papel importante no procedimento arqueológico, sendo utilizada de diferentes formas. Anteriormente percebemos que o nível elementar da arqueologia pode funcionar analiticamente como função-signo, seja no nível do próprio signo (história dos signos da loucura no classicismo em HLIC), como enunciado (citado metodologicamente em AS) ou como discurso (citado expressamente em NC). Entretanto, esses são níveis elementares que podem compor uma estrutura em dois aspectos: topológico e escalar. O sistema arqueológico pode aparecer na forma de *história* (HLIC), na forma de *sistema discursivo*, como aparece em NC, ou também na forma de *episteme* como aparece em PC.

Desde o início, o pensamento foucaultiano analisou um espaço de objetos em relação⁴²⁸. Em DMPD e DMPS, as psicopatologias são pensadas como um conjunto de investigações na encruzilhada de diversos saberes e formações econômicas. HLIC é o primeiro trabalho foucaultiano que possui no título a palavra “história” e propõe expressamente um escopo de análise para além do próprio discurso. NC retrata o surgimento da medicina clínica europeia no contexto de diversas reformas políticas e construção institucional. Com isso, podemos afirmar que método arqueológico não lida, de forma geral, com um objeto unitário – ainda que tenha um recorte histórico preciso –, mas está sempre em relação com algum

⁴²⁸ Nos anos de 1960, poderíamos dizer que todas as obras do filósofo tratam de uma história das ideias ou uma história de determinado saber, salvo, talvez, *Raymond Roussel* (1963). Ainda assim, Deleuze analisa que o interesse de Foucault em Roussel seria mapear o embate entre as palavras e as coisas, entendendo as estratégias da linguagem no formato de um *dispositivo* de linhas de força multidirecionais. DELEUZE, G. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: *Michel Foucault philosophe*, p. 186.

tipo de história das ideias, ou na trilha da própria epistemologia francesa⁴²⁹. Portanto, concluímos que o nível elementar da arqueologia não pode ser dissociado do nível sistêmico. Isso significa que o trabalho arqueológico nunca analisa um elemento isolado de seu contexto ou conjunto de relações. Nesse sentido, nossa contribuição avançou no estatuto metodológico do sistema foucaultiano, na forma como esse sistema é construído em diferentes pesquisas.

O problema do nível topológico do sistema está em jogo desde o início da pesquisa foucaultiana, tendo em vista que a revisão de DMPD pressupõe uma transformação de recorte estrutural, da versão de 1954 para a versão de 1962. Dessa mesma forma, o espaço sistêmico de HLIC não é exatamente a produção de *saber* sobre a experiência da loucura, mas as diferentes percepções da própria loucura, seja ela filosófica, literária, trágica, etc. Nesse sentido, buscamos defender a tese que Foucault realiza, sem sentido forte, um “estudo estrutural do conjunto histórico da loucura”⁴³⁰, levando em conta uma lógica estrutural da desrazão que organiza a experiência da loucura no classicismo com certa coesão e hegemonia.

Demonstramos que a noção de ‘sistema’ no pensamento foucaultiano poderia ser rastreada também através de uma certa categoria de *alienação* ou *exclusão*, que aparece mais claramente na experiência da loucura, tanto na exclusão espacial, através do grande confinamento, quanto através de uma exclusão simbólica da loucura na desrazão. A noção de exclusão está presente também em DMPD, demonstrando que existia uma certa noção de desvio – também presente nas análises sociológicas – para construção epistemológica da doença mental. A hipótese da exclusão nos permite perguntar sobre uma lógica sistemática de funcionamento de um sistema de saber – e até mesmo de poder.

Entretanto, também debatemos que essa noção de alienação e exclusão poderia ser colocada em perspectiva segundo uma lógica de estruturas produtivas de poder surgidas no pensamento foucaultiano principalmente a partir dos anos de

⁴²⁹ A tradição de epistemologia francesa (Bachelard, Cavaillès, Koyré, Canguilhem, etc.) figura como inspiração para Foucault, mas o pensamento do filósofo deslocou-se em relação a ela de algumas formas. Por exemplo, segundo Machado, essa tradição preocupava-se com a cientificidade, estudando ciências propriamente ditas, bem como conceitos científicos e produção de verdade através do conhecimento. Por outro lado, a arqueologia foucaultiana preocupou-se com uma dimensão histórico-filosófica e a noção de saber, desviando-se da racionalidade científica. MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*, p. 9-10.

⁴³⁰ FOUCAULT, M. Préface In : In: *Dits et Écrits / 1954 - 1969*, p. 164

1970. Em diversos cursos no início dessa década podemos perceber noções de sistemas de repressão⁴³¹, sistemas de dominação⁴³², etc; por outro lado, nos anos seguintes claramente aparece uma concepção positiva – mas ainda assim *imanente* – de constituição dos sujeitos, como citamos em HS.

É possível concluir que a noção de sistema é bastante operativa no pensamento foucaultiano. Em HLIC, por exemplo, demonstramos que a percepção médica e a percepção moral são ortogonais, na medida em que produzem sujeitos alienados e libertinos respectivamente, entretanto, as duas percepções produzem *sistemicamente* o desarrazado. Em DMPD, a análise também se confirma, pois ainda que existam diversos discursos sobre a doença mental, eles possuem, em certa medida, uma afinidade com a ideia de desvio. É possível afirmar que a ideia de desvio que separa normalidade e anormalidade ainda permanece no pensamento foucaultiano, nos anos de 1970 essa noção oposição é aprofundada na investigação sobre o poder⁴³³. Ou seja, mesmo com uma miríade de elementos, não existe grosseiramente uma produção de sujeitos de forma divergente e aleatória, mas *convergem* para uma determinada *lógica estrutural*. Essa análise nos permite contribuir consideravelmente para o debate sobre a produtividade/repressão tanto da noção de saber quanto da noção de poder no pensamento de Foucault.

Além dessa forma de funcionamento, dessa lógica geral de coesão dos elementos, percebemos que a noção de sistema possui também uma distribuição espacial característica. Em HLIC, Foucault desenha uma *topologia de signos da loucura*, que amparada nos signos diversos da loucura, mede a distância entre cada um, seu valor *diferencial* e capacidade de constituir um sentido histórico para a loucura. Segundo o estruturalismo, cada elemento funciona através de uma *posicionalidade* relativa, assim como em HLIC percebemos que a posição de cada signo da loucura é fundamental. Percebemos também que em HLIC, a estrutura histórica da loucura poderia ser dividida em séries de elementos.

⁴³¹ Aparece expressamente em *Teoria e Instituições Penais* (1971-1972) que o objeto de estudo é “sistemas de repressão aos motins populares”, entendendo melhor um “sistema de repressivo estatal” no século XVII. FOUCAULT, M. *Teoria e Instituições Penais*, p. 3; p. 23.

⁴³² “articular essa vontade de saber, que tomou a forma de uma vontade de verdade, não com um sujeito ou força anônima, e sim com os sistemas reais de dominação”. FOUCAULT, M. *Aulas Sobre a Vontade de Saber*, p. 5.

⁴³³ FOUCAULT, M. *Os Anormais*, pp. 341-343.

Deleuze escreve que Foucault trazia à tona uma distribuição topológica dos enunciados⁴³⁴. A arqueologia é o instrumento que permite estabelecer os relevos dessa extensão geométrica dos enunciados, o que configura as singularidades dos desenhos da área do saber. A topologia é responsável por elucidar o desenho geral de uma paisagem⁴³⁵, a volumetria do espaço, a classificação de cada área e extensão, suas separações e intersecções. Por isso, uma topologia dos enunciados separa espaços de posicionalidade dos elementos analíticos.

Ainda segundo o filósofo francês, Foucault separa essa topologia geral de enunciados em várias “fatias de espaço”. Um exemplo disso, seria o que Deleuze chama de “espaço colateral”, que admite a relação de enunciados com outros enunciados “que fazem parte do mesmo grupo”⁴³⁶. Ou seja, existe, além da estrutura geral, uma organização de espaços que separam os enunciados em níveis mais específicos de afinidade e diferença. Nesse sentido, a noção de sistema opera no pensamento foucaultiano também através da organização de *séries* dentro de uma topologia geral dos elementos, como em HLIC, podendo também ocasionar uma relação de *hierarquia* entre elementos com maior proeminência sistêmica.

Em NC, percebemos que a noção de sistema se torna mais específica, e aponta conceitualmente para um *sistema de fatos discursivos* como metodologia. Através disso, Foucault pode medir os discursos em “segmentos funcionais” circunscritos em um espaço próprio do campo do saber. Nesse caso, seria possível dizer que a topologia – diferente de HLIC – não seria mais de signos, mas seria de discursos, ou mesmo enunciados em um nível menor. De acordo com isso, Foucault consegue analisar todo o surgimento do discurso da medicina clínica resgatando a influência da *estrutura linguística do signo* na redefinição da noção de sintoma, correlacionando os discursos e seu universo conceitual. Em NC, fica claro que existe um sistema de discursos, mas ele está alocado também na história. Isso nos permite perguntar sobre o estatuto dessa história como um sistema mais amplo admitindo um sistema de discurso em seu interior.

⁴³⁴ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 18.

⁴³⁵ Interessante lembrar que Canguilhem cita a constante aproximação do conceito de arqueologia ao de “geologia”, devido à utilização frequente de termos como “estratos”, “extensão”, “camadas”, por Foucault. Canguilhem, G. Morte do Homem ou exaustão do cogito In: *Foucault*, p. 105.

⁴³⁶ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 17.

Nos anos de 1960, após HLIC, o método não é mais uma história de “experiências” ou “percepções”, mas uma “história sistemática dos discursos”. Após NC, o sistema foucaultiano aprofunda-se na dimensão de sistemas verbais e surgem diferentes níveis de elementos, pois os signos geram enunciados, os enunciados geram discursos e os discursos geram formações discursivas. Em AS, fica claro que esse último nível de condensação dos discursos forma o que Foucault chama de arquivo, pois ele “é o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados”⁴³⁷.

O arquivo arqueológico de Foucault é a condensação das formações discursivas, eles são “sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seus domínios de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização)”⁴³⁸. Portanto, não se trata de entender enunciados como enunciações que produzem determinado significado, mas entender sua posição relativa em um sistema discursivo, como segmentos autônomos. O arquivo arqueológico é a organização do discurso na própria forma de sistema coeso, ele garante que o discurso/enunciado possua inteligibilidade de elemento pertencente a um código. Dessa forma, a noção de arquivo aparece em AS como o nível mais elevado de um sistema de fatos discursivos e enunciados. O arquivo apresenta-se como próprio sistema de formações discursivas. Podemos esquematizar um pequeno arranjo relativamente estável para concluir.

ARQUIVO > FORMAÇÃO DISCURSIVA > DISCURSO > ENUNCIADO >
SIGNO

Nesse contexto, surge a noção de *episteme*. Justamente quando Foucault suspende a incidência das formações econômicas nos sistemas de saber. Como vimos anteriormente, surge a hipótese das *simultaneidades epistemológicas*. Ou seja, a noção de *episteme* funciona a partir de um aprofundamento dos aspectos formais dos sistemas semiológicos como sistemas de regulação dos discursos de saberes de áreas distintas.

episteme não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o

⁴³⁷ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 148.

⁴³⁸ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 146.

conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas.⁴³⁹

De acordo com o trecho, percebemos que a *episteme* dissolve tanto o sujeito como produtor de sentido através de um discurso do saber, quanto o espírito de uma época como formação histórica de uma cultura. Ou seja, a *episteme* não pode ser entendida como condições de regulação estritamente históricas, pois é entendida no nível das regularidades discursivas através das condições de possibilidade internas às regularidades discursivas. Nesse sentido, a *episteme* é *transversal* aos sistemas discursivos de vários saberes e não pode ser confundida com o *arquivo*. O arquivo não caracteriza necessariamente uma *episteme*, pois ele corresponde, em sentido estrito, ao nível de um sistema discursivo de uma única área do saber. De outra forma, a *episteme* sempre deve ser entendida na dimensão da *simultaneidade* entre diferentes saberes de uma época, ou até mesmo das regularidades discursivas entre diferentes arquivos.

Dessa forma, concluímos que a partir da noção de sistema como de *fundamento analítico* do estruturalismo podemos aprofundar consideravelmente o nível operativo mutável de escala multidimensional da noção da arqueologia foucaultiana e seus mais diversos conceitos, destacando tanto uma dimensão topológica de distribuição de elementos, quanto escalar de diferentes níveis.

3.2.2.1 A materialidade do saber: formações discursivas e extradiscursivas

A noção de sistema na arqueologia foucaultiana também lida com o problema da relação entre *formações discursivas* e *formações extradiscursivas*. Anteriormente, concluímos que nosso debate a respeito da noção de sistema contribui para o entendimento de dois aspectos da arqueologia foucaultiana, tanto como uma topologia de elementos em um espaço estrutural, quanto em uma escala de diferentes níveis. Contudo, vimos também que a pesquisa foucaultiana, de acordo com a análise do objeto, pode entender a relação entre formações discursivas e extradiscursivas de formas distintas – e, conseqüentemente uma reorganização do sistema –, apresentando uma perspectiva em paralaxe a respeito das formações econômicas.

⁴³⁹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 214.

Percebemos que, em DMPD, as formações econômicas são, resumidamente, exteriores ao campo do saber e figuravam como as *condições reais* de formação do conceito de doença mental. Por outro lado, em DMPS, essa proeminência do *capital* é amenizada através das noções de *civilização* e cultura. Isso ocorre depois da escrita de HLIC, quando a noção de loucura é entendida como uma experiência histórica, efeito de uma gama de diversos signos, inclusive signos de materialidade relativa às formações econômicas. Em NC, vimos que Foucault parte de um sistema de fatos discursivos, e, de acordo com esse recorte, as condições socioeconômicas das reformas hospitalares operavam como um fator externo, em senso estrito, para surgimento da medicina moderna. Concluímos que esse problema de exterioridade das formações econômicas atravessa toda arqueologia, demonstrando a importância de investigar a materialidade dos sistemas de saber.

Analizamos HLIC desenvolvendo a hipótese de o grande confinamento aparecer como *função-signo* no espaço de topologia de signos da loucura clássica, não somente como um signo entre os demais, mas com importância incontornável na constituição da noção de loucura. Para defender tal hipótese, lembramos que a materialidade do signo é variável em sistemas semiológicos, e, por isso, o valor de linguagem do signo está eclipsado no próprio significante. Portanto, o internamento europeu na história estrutural da loucura possui sua *significação* atrelada às *condições econômicas* de exclusão social dos a-sociais. Ainda assim, conseguimos desenvolver um debate sobre a incidência das formações econômicas para além do *conteúdo* do saber. Ou seja, já que o grande confinamento opera como *significante*, poderíamos entender um outro tipo de relação entre estrutura e superestrutura, fora da dimensão de uma ideia vulgar de ideologia. Segundo isso, resgatamos todo um campo profícuo de problemas a respeito da *materialidade política do signo* no pensamento foucaultiano, superando o debate a respeito do estatuto do grande confinamento na história da loucura como representação da loucura clássica ou mesmo efeito dos discursos médicos. Dito de outra forma, a análise realizada permite entender o estatuto próprio do grande internamento como signo da loucura clássica e não como consequência de avanços teóricos da medicina.

Podemos afirmar que a questão do espaço sistêmico varia de acordo com o objeto arqueológico. Ainda analisando a *topologia de enunciados* de Foucault, Deleuze interpreta que esse relevo de topologia separa: espaço associativo (o que o

enunciado adere fora de sua formação discursiva, como sujeitos, objetos, conceitos) e um espaço correlativo (relações pertinentes à dimensão da própria formação discursiva que ele está imerso)⁴⁴⁰. Entretanto, apesar dessa estrutura dual ser o que confere o campo propriamente discursivo da analítica foucaultiana, um terceiro espaço apresenta um problema chave.

Essa topologia possui uma terceira fatia, tal parte é “o *espaço complementar*, ou de formações não-discursivas (instituições, acontecimentos políticos, práticas, e processos econômicos)”⁴⁴¹. Esse espaço complementar não deve ser confundido com o associativo, uma vez que esse associativo é pertinente às determinações propriamente internas dos enunciados. O espaço complementar é, portanto, o que toma corpo na categoria da história, nas constrições econômicas de uma formação discursiva. Ele compreende as formações extradiscursivas que garantem a materialidade externa do saber.

O filósofo, amigo de Foucault, já classifica esse ponto como um esboço de uma filosofia política. O potencial político dessa análise é justamente a necessidade de entender as regulações não discursivas que atuam no processo de constituição do saber, apontando para uma relação entre processos de saber e constituição histórica dos poderes. Ou seja, o campo histórico e o campo do saber não são duas dimensões independentes uma da outra, mas são áreas que se encontram e se entrecruzam de diversas maneiras ao longo do exercício do procedimento arqueológico. É interessante perceber que a análise de Deleuze se concentra nos esclarecimentos de AS, por isso as formações econômicas perderam força na capacidade de incidência nos sistemas discursivos. Concluímos que essa interpretação se torna mais adequada ao final da abordagem arqueológica no final dos anos de 1960, após PC e de acordo com AS. Ou seja, na segunda metade dos anos de 1960, o espaço das formações econômicas é entendido na arqueologia foucaultiana como “complementar”, ou seja, como um fator de centralidade relativa na determinação do campo estrutural das práticas discursivas.

Anteriormente, percebemos que as formações econômicas constituíam os saberes não somente através de uma relação de condição de possibilidade, mas

⁴⁴⁰ DELEUZE, G. *Foucault*, pp. 16-17.

⁴⁴¹ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 21, grifos do autor.

através de *conteúdos* no próprio campo do saber. Debatermos esse tipo de análise através do que Foucault chama de *expressionismo*. Desde DMPD, existem pistas da influência das formações econômicas na própria constituição dos *conteúdos* e *conceitos* do campo do saber. Em DMPD e DMPS, percebemos a formação da noção de desvio. Posteriormente, em HLIC, debatemos a questão da exclusão dos loucos da própria ideia de desrazão e alienação. Isso significa que Foucault identificava uma relação de *continuidade* entre interesses de classe derivados de formações econômicas e conteúdos do saber nas formações discursivas. Desenvolvemos que a noção de *percepção* em HLIC permite a Foucault construir uma relação entre práticas discursivas e práticas extradiscursivas. Em NC, o tema do expressionismo aparece – ainda relacionado à *percepção* – através da relação entre liberalismo político e liberalismo científico para a formação tanto da noção de diagnóstico clínico da doença, quanto para organização da prática médica nos hospitais.

Ainda em NC, a relação entre as formações discursivas e extradiscursivas são aprofundadas na dimensão das instituições do campo do saber. Através de duas noções, Foucault demonstra a condição de possibilidade para a formação da percepção do saber médico como ciência empírica: *normas de aquisição do saber* e *regras para formação da experiência*. Assim sendo, entendemos que as formações discursivas estão alocadas em uma materialidade de normas e regulamentações, um a priori concreto, não somente para produção e circulação do discurso, mas para a própria *percepção médica*. Essas noções que não dizem respeito à validade dos enunciados, mas à construção do próprio olhar clínico, formando uma consciência política da doença, uma nosografia estatal prestando suporte à construção de população saudável e produtiva. Isso nos permite especificar a singularidade de análise da prática arqueológica em *ciências empíricas*.

Concluimos que a questão da materialidade dos saberes, entendida na dimensão das *formações econômicas*, não foi um problema lateral na arqueologia foucaultiana, mas desde o início uma de suas preocupações fundamentais, por isso, diretamente relacionada com o recorte sistêmico da prática arqueológica. A incidência das formações extradiscursivas são suspensas intencionalmente em PC, gerando diversas críticas ao trabalho, principalmente pela esquerda francesa.

Foucault defende-se afirmando que os críticos não levaram em conta seus trabalhos anteriores⁴⁴² (HLIC e NC), que destaca claramente as condições econômicas como condições para formação dos saberes da medicina e loucura. Concluimos que relação entre formações discursivas e formações extradiscursivas depende não somente da perspectiva foucaultiana em relação ao tema, mas também do recorte do objeto.

Concluimos que a abordagem das noções do estruturalismo contribui para um aprofundamento da relação entre formações discursivas e extradiscursivas. Assim sendo, podemos contribuir inclusive para o debate das relações entre saber e poder, destacando a complexidade tanto da determinação das formações discursivas por formações econômicas, quanto a independência dos discursos em relação ao campo extradiscursivo. Resumidamente, em HLIC, conseguimos entender o sistema em sentido amplo a especificar a relação entre signos discursivos e não discursivos. Em NC, percebemos que o sistema de fatos discursivos já apreça como um nível de complexidade maior, aprofundado em PC. Concluimos que a perspectiva sistêmica da arqueologia se transforma em relação à análise da forma de relação entre formações econômicas e formações discursivas. Entretanto, independentemente disso, percebemos que o tipo de relação entre elementos nesse sistema não é de causalidade direta ou determinação, mas de causalidade estrutural.

3.2.3 Causalidade estrutural: a priori e dispositivo

A arqueologia não é uma ciência, muito menos um método acabado, pretendemos defini-la também, segundo Foucault, como “a designação de um objeto: uma tentativa de identificar o nível no qual precisava situar-me para fazer surgir esses objetos”⁴⁴³. Ou seja, a arqueologia pode ser entendida mais como um exercício, uma atividade, um procedimento que pretende construir um certo conjunto de objetos e investigar seu campo de relações. Nesse sentido, percebemos que ela pode ser comparada com a abordagem estruturalista, pois debatemos que seu exercício é guiado por um diagnóstico, por uma necessidade de entender as

⁴⁴² FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: *O Homem e o Discurso – a arqueologia de Michel Foucault*, p. 21.

⁴⁴³ FOUCAULT, M. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: *O Homem e o Discurso – a arqueologia de Michel Foucault*, p. 18, grifo nosso.

estruturas que atravessam nossa constituição de sentido com o mundo, em diversos domínios diferentes. A arqueologia não pretende investigar micro objetos, mas o próprio conjunto, a rede de formação de relações.

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro discurso" mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica".⁴⁴⁴

No trecho acima, fica claro que a arqueologia busca desviar-se de uma abordagem representativa do discurso. Para tanto, a análise do discurso não pode tomar ele mesmo como *signo* de outra coisa, a pesquisa não deve levar em conta o discurso como um objeto isolado para que seu sentido seja construído através da exegese. Por outro lado, ela toma o discurso como *segmentos funcionais*, analisando relações diferenciais um campo mais amplo do saber. A arqueologia não pretende interpretar o discurso como alegoria. A arqueologia não é interpretativa, mas *descritiva*. Nesse sentido, devemos discordar de Dreyfus e Rabinow, que classificam o trabalho foucaultiano como uma “analítica interpretativa”⁴⁴⁵.

A prática arqueológica pretende descrever, não um objeto isolado, mas descrever um espaço, um campo, uma estrutura de relações. Portanto, a arqueologia possui como objeto um saber ou uma experiência histórica no nível de suas *condições de possibilidade* de existência. A contribuição da análise proposta pretende indicar que desde o início dos trabalhos foucaultianos e ao longo dos anos de 1960, seu objetivo é fazer surgir as *condições* que formaram determinado saber.

Em DMPD, defendemos que, para Foucault, a estrutura econômica do capital está diretamente relacionada com o desenvolvimento do conceito de doença mental. Segundo Foucault, a evolução psicológica do humano, o devir psicológico individual, baseada em contradições naturais como pulsão de vida e pulsão de morte, são indissociáveis das contradições sociais do capital (exploração do homem

⁴⁴⁴ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 157.

⁴⁴⁵ “Usando esse novo método, que chamamos de analítica interpretativa, Foucault pode mostrar como, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se uma espécie de objeto e sujeitos analisados e descobertos pelo estruturalismo e pela hermenêutica.” DREYFUS, H.; RABINOW, P. H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. X.

pelo homem, luta de classes, competição, etc.). Na revisão dessa versão, em DMPS, Foucault reorganiza a relação de condições para o saber da psicologia e psicanálise na cultura e civilização ocidental. Nessa versão de 1962, já aparece a noção de *a priori concreto*, apontando para uma condição *estrutural* que suportaria o processo de construção da loucura como referência fundamental no debate a respeito das patologias mentais.

Concomitante à essa revisão, a noção de *a priori concreto* toma mais destaque em HLIC. Foucault cita que a *percepção médica* do século XIX foi consolidada através de uma nova forma institucional de tratar o louco, com de Pinel e Turke, por exemplo. Dessa mesma maneira, toda psicopatologia com pretensões científicas encontrou um *a priori concreto* em forma de síntese para sua percepção da loucura. Essa síntese era expressa pelo reconhecimento do louco entre o “decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direitos”⁴⁴⁶. Para Foucault, tanto a percepção médica como a percepção histórica geral da loucura possuem como *a priori concreto* uma certa noção de *alienação*. Isso não significa que um conjunto de discursos produziu uma ideia de alienação, mas por outro lado, existiu uma estrutura de formações discursivas e extradiscursivas, que possibilitaram a loucura ser produzida como experiência alienada. Assim sendo, em HLIC, o *a priori concreto* é o ponto central da arqueologia na medida em que ele é o próprio *conjunto descritivo* de condições de possibilidades para a experiência histórica da loucura formando o própria topologia de signos da loucura.

Ainda nessa obra, a noção de história toma grande destaque e se apresenta como condição de possibilidade maior para a experiência da loucura, englobando em seu escopo formações discursivas e formações extradiscursivas. Essa dimensão da história aliada à metodologia de entender a loucura como efeito de sentido, sem determinação prévia, permite a Foucault construir uma perspectiva *estrutural* de história. Isso significa levantar a hipótese da história como *estrutura imanente* de significação. Posteriormente, em AS, Foucault afirma claramente que o trabalho arqueológico também compreende uma crítica da dimensão transcendental da história.

⁴⁴⁶ FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*, p. 148

Mas porque achei que, no momento, era o essencial: libertar a história do pensamento de sua sujeição transcendental. O problema para mim não era, absolutamente, estruturalizá-la, aplicando ao devir do saber ou a gênese das ciências categorias que tinham sido testadas no domínio da língua. Tratava-se de analisar tal história em uma descontinuidade que nenhuma teleologia reduziria antecipadamente: demarcá-la em uma dispersão que nenhum horizonte prévio poderia tornar a fechar; deixar que ela se desenrolasse em um anonimato a que nenhuma constituição transcendental imporia a forma do sujeito; abri-la a uma temporalidade que não prometeria o retorno de nenhuma aurora. Tratava-se de despojá-la de qualquer narcisismo transcendental.⁴⁴⁷

O estatuto da história na arqueologia foucaultiana não pode ser dissociado dos temas estruturalistas. Por isso, Foucault recorre a esse debate para esclarecer sua noção de história. O filósofo esclarece que não buscava “estruturalizar” a história, reduzindo seu processo a um formalismo linguista ou semiológico. Isso permite que Foucault não se identifique como um estruturalista em senso estrito, em sua própria visão. Ainda assim, para analisar esse tipo de argumentação foucaultiana não podemos esquecer do contexto de AS, em 1969 após fortes críticas acadêmicas e políticas ao estruturalismo. Como concluímos anteriormente, seria possível levantar a hipótese que sua noção de discurso como acontecimento – na segunda metade dos anos de 1960 – busca fugir justamente da ‘estruturalidade’ da história, permitindo que a materialidade do discurso abra todo um campo de singularidade e novas positivities.

Por outro lado, Foucault aproxima-se da abordagem estruturalista justamente na medida em que entende a história como um *sistema imanente*. Dessa forma, ele consegue tanto realizar uma crítica da dimensão transcendental da história, retirando de seu domínio conceitos universais e atemporais, como também desenvolver uma crítica da teleologia anacrônica, que analisa a história através de um fio condutor de sentido pré-determinado. Isso significa também reconstruir uma história através da descontinuidade, formada por sistemas em *diferencialidade estrutural* e não em evolução linear. Concluímos que a análise da noção de história foucaultiana (*conjunto descritivo*) através de noções estruturalistas permite aprofundar consideravelmente a crítica da dimensão transcendental, de acordo com um sistema imanente de relações, além de reafirmar uma história descontínua sem evolução nem teleologia.

⁴⁴⁷ FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*, p. 227.

Maniglier afirma que uma das maiores ambiguidades do estruturalismo foi sua relação com a história. Segundo o autor, muitos leitores entenderam o estruturalismo como uma negação da história, mas na verdade ele foi uma tentativa de “fazer da história um campo de objetos reais”⁴⁴⁸. Ou seja, para Maniglier, o estruturalismo não pretendeu negar a história através de um determinismo linguístico, mas de outro modo, restituir seu caráter autônomo de área do conhecimento com objetos reais somente inteligíveis através de sua própria estrutura imanente. De forma parecida, Coelho também analisa a relação entre estruturalismo e história. O autor português defende que não existe qualquer oposição entre história e estrutura, pois “a estrutura não é um momento de imobilidade da história aprendido como processo de abstração”⁴⁴⁹. A estrutura não é uma abstração a-histórica, muito pelo contrário, somente através de uma análise estrutural da história, podemos “ultrapassar uma análise meramente empírica de sucessão de fatos”. Diante disso, somente através da herança de noções do estruturalismo podemos aprofundar metodologicamente o funcionamento da noção de história como sistema de condições de possibilidade na arqueologia foucaultiana.

Em NC, o a priori concreto aparece como próprio objeto arqueológico, ou seja, como componente metodológico a ser construído para identificar o campo do saber. A medicina como ciência, segundo Foucault, deve ser entendida de acordo com os componentes que resgatam o domínio de sua experiência e estrutura de sua racionalidade. Portanto, o a priori concreto permite reconstruir todo o sistema estrutural de formação da medicina moderna, através das reformas políticas que regularam a percepção empírica da prática clínica e da estrutura de racionalidade do olhar e do signo na formação do conceito de sintoma. Somente reconstruindo a topologia diferencial dos discursos médicos e das formações econômicas torna-se possível reconstruir as condições de possibilidade para a prática médica moderna.

Em NC, fica mais evidente que Foucault aprofunda o papel de *instituições e reformas políticas* como condição de possibilidade para o sistema de fatos discursivos da medicina moderna. Isso significa que, para o filósofo, existia a necessidade de um conceito que fosse aplicado à formação empírica da experiência

⁴⁴⁸ MANIGLIER, P. p. 469.

⁴⁴⁹ COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*, p. XXXIII.

do saber. Dessa forma, especialmente em PC, quando Foucault investiga as simultaneidades epistemológicas que possibilitaram o nascimento das ciências humanas através da noção de *episteme*, o a priori torna-se histórico, pois não caracteriza mais a experiência concreta de aquisição do saber. Edgardo Castro afirma que o a priori histórico e a priori concreto não possuem o mesmo sentido⁴⁵⁰. De certa maneira, essas expressões realmente não possuem o mesmo sentido semântico, mas a contribuição deste trabalho indica que essas expressões possuem o mesmo sentido *metodológico*. Ou seja, as duas correspondem – à sua maneira e circunscrevendo objetos diferentes – ao campo descritivo de condições de possibilidade. Como analisamos anteriormente, o a priori concreto é operativo para uma análise das condições de formação do saber de ciências empíricas. Por outro lado, quando Foucault analisa as simultaneidades epistemológicas de várias áreas do saber, o a priori torna-se histórico, elidindo também a dimensão das formações econômicas.

A arqueologia busca investigar elementos, mas o importante, evidentemente, é construir as relações entre esses elementos, ou seja, as condições de possibilidade para construção de determinada topologia. Dessa forma, concluímos que a arqueologia foucaultiana não opera através da causalidade direta entre elementos discursivos e extradiscursivos, mas ela constrói um espaço de *causalidade estrutural* em que um determinado saber toma forma, regido não por determinação de elementos de materialidade específica, mas por diferencialidade. Dito de outra forma, o objeto da arqueologia não é o *discurso*, mas é o próprio *a priori* através da condição de possibilidade. Foucault expressou claramente seu interesse por outros modos de análise histórica que investigam numerosos elementos e relações para além de uma relação causal pobre, reconstruindo elementos sob a forma de signos, instituições, práticas, etc.⁴⁵¹

⁴⁵⁰ CASTRO, E. *Vocabulário Foucault*, p. 21.

⁴⁵¹ “tipos de relação e de modos de ligação muito mais numerosos do que a universal relação causalidade pela qual se havia querido definir o método histórico. Assim [...] há a possibilidade de analisar um conjunto de materiais que foram depositados no decorrer dos tempos sob a forma de signos, de traços, de instituições, de práticas, de obras, etc.”. Além disso, Foucault aponta o trabalho de crítica e análise da noção de história de Althusser em *Ler o Capital* e historiadores como Braudel, da escola de Annales. FOUCAULT, M. *Sobre as Maneiras de Escrever a História* In: *Ditos e Escritos – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento II*, p. 64. O modo de fazer história da Escola de Annales pode ser aproximada ao pensamento foucaultiano – e principalmente estruturalista, através de uma influência confessa de Lévi-Strauss

Concluimos que a arqueologia foucaultiana não procura um objeto que determine a experiência histórica, por outro lado, a arqueologia constrói através da história *um sistema de causalidade estrutural*, uma rede de condições que permitem o surgimento, regulação, e circulação de determinados *efeitos de sentido para os elementos analisados*. Se pudéssemos tratar de uma filosofia foucaultiana, deveríamos dizer que sua regra fundamental não é a causalidade direta, mas a causalidade estrutural. A arqueologia não pretende esclarecer a partir de quais condições um campo de elementos pode tornar-se inteligível, vir a ser e constituir uma rede de relações e influências.

Debatemos também que no final dos anos de 1960 surge a noção de positividade, que aparece como função operativa do a priori histórico. Ou seja, o a priori funciona determinando um campo de positivities para os elementos. Essa noção pretende demonstrar a forma específica que o a priori histórico torna-se condição de possibilidade para o saber – em PC, para várias áreas do saber. Agamben realiza uma genealogia do termo positividade, mas não para reconstruir o termo em si mesmo, mas sim para entender melhor a noção foucaultiana de dispositivo. O filósofo italiano afirma que “no final dos anos sessenta, mais ou menos no momento em que escreve *A Arqueologia do Saber*, para definir o objeto de suas pesquisas Foucault não usa o termo dispositivo, mas o termo etimologicamente próximo, ‘positivité’, também desta vez sem defini-lo”⁴⁵².

Agamben propõe que o termo dispositivo é uma noção estratégica para o pensamento de Foucault, principalmente nos anos de 1970, mas presente como ideia desde os anos de 1960. Resumidamente, ele interpreta o termo como “um conjunto de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que tem o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato”⁴⁵³. Ou seja, o termo dispositivo, para Agamben, está inserido na rede de estratégias do poder, objetivando condutas e procedimentos através de elementos de diversas materialidades.

– através da noção de *longa duração*, presente no texto de Braudel *Histoire et Sciences sociales : La longue durée*. Entretanto, existia uma certa objetividade na investigação dos documentos históricos por essa historiografia que demonstra alguma divergência com o pensamento foucaultiano.

⁴⁵² AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, p. 29.

⁴⁵³ AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, p. 35, grifo nosso.

Em leitura parecida, Deleuze reafirma que o termo dispositivo serve para circunscrever relações de poder, entretanto, o filósofo aponta para o aspecto do dispositivo como construção de uma rede, um conjunto de linhas de força e elementos em diferencialidade⁴⁵⁴. Nesse enclave de diversos elementos, Deleuze defende que podemos identificar dois tipos de linha, tanto linhas de estratificação ou sedimentação – aquelas que regulam e condicionam os elementos em condições encerradas – quanto linhas de “actualisation” ou “créativité”.

Portanto, o termo dispositivo aparece nas pesquisas foucaultianas resguardando a materialidade dos sistemas de saber, e ampliando consideravelmente sua investigação para o campo da história e da genealogia dos poderes. A noção de dispositivo amplia, de forma categórica, o elemento analítico de discursos para instituições, por exemplo. Segundo Foucault, “o dispositivo é: um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados”⁴⁵⁵. Isso significa que o termo dispositivo permanece como ponto principal das investigações foucaultianas que demonstram as relações de *condicionamento* entre saberes e poderes, as *condições de possibilidade*. Ainda assim, essas condições de possibilidade não são determinadas por um nível particular de elementos, não existe um tipo de elemento que determine outro, nem um elemento que determine o *sistema*, mas são uma rede de *relações estruturais* entre eles, formando diagramas e estratégias.

Finalmente, seria possível levantar a pergunta sobre um paralelo metodológico entre arqueologia e genealogia através das noções de a priori (positividade) e dispositivo, arquivo e diagrama, estratos e estratégias; colocando em perspectiva as transformações do procedimento arqueológico para o procedimento genealógico. Assim, como o termo dispositivo aparece como um recurso dinâmico de análise do poder, o diagrama surge como noção geométrica analítica das relações já que “o diagrama não é mais o arquivo, [...] é uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda

⁴⁵⁴ “Il est vrai que, dans toute sa théorie de l'énonciation, Foucault récuse explicitement l'“originalité” d'un énoncé comme critère peu pertinent, peu intéressant. Il veut seulement considérer la “régularité” des énoncés. Mais, ce qu'il entend par régularité, c'est l'allure de la courbe qui passe par les points singuliers ou les valeurs différentielles de l'ensemble énonciatif (de même il définira les rapports de forces par des distributions des singularités dans un champ social). DELEUZE, G. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: *Michel Foucault philosophe*, p. 190.

⁴⁵⁵ FOUCAULT, M. Le jeu de Michel Foucault In : *Dits et Écrits*, p. 300, tradução nossa.

distinção entre forma e um conteúdo de expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva”⁴⁵⁶. Seria o dispositivo uma noção que aprofunda a estrutura no tempo? Dito de outra forma, a genealogia seria uma forma mais dinâmica de análise histórica – tendo em vista que o objetivo após 1968 é direcionar a pesquisa para um processo de formação dos poderes –, para além da análise das estratificações da arqueologia? Ainda assim, através da noção de estratégias, percebemos a análise de uma rede de pluralização das agências, portanto, parece que permanece justamente um esquema de causalidade estrutural.

O engajamento político do pensamento foucaultiano permite pensar não somente esse condicionamento estrutural, mas também, como interpreta Deleuze, as linhas de criatividade, de fuga, que apontam para além da estratificação/estruturalidade. Não é demais perguntarmos se o procedimento *genealógico* foucaultiano surge justamente para dar conta das linhas de fuga dessa estruturalidade, ou entender melhor como essa sedimentação ocorre ao longo do tempo. Segundo Foucault, “a dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações”⁴⁵⁷. O procedimento genealógico pode surgir, essencialmente nos anos de 1970, como recurso para o entendimento das modificações dos sistemas analisados, tanto como história de sua consolidação e estratificação ao longo do tempo, quanto modificações de linhas de resistência, principalmente após os eventos de maio de 1968 na França⁴⁵⁸.

Concluimos que somente através de um debate a respeito da herança das noções do estruturalismo na prática arqueológica podemos entender que Foucault realiza a análise *descritiva* de *condições de possibilidade* de sistemas de saber através de *causalidade estrutural*.

É interessante lembrar que Foucault foi tido como estruturalista – ou minimamente guiado por sua gama de métodos e problemas – por autores sempre mais próximos ao movimento, ou que entendiam a fundo a abordagem estrutural,

⁴⁵⁶ DELEUZE, F. *Foucault*, p. 44.

⁴⁵⁷ FOUCAULT, M. *O Uso dos Prazeres*, p. 15, grifo nosso.

⁴⁵⁸ Eribon defende um corte no pensamento foucaultiano, apontando para uma virada política. ERIBON, D. *Michel Foucault e seus contemporâneos*, p.54.

como, por exemplo: Deleuze⁴⁵⁹, Baudrillard⁴⁶⁰, Eco⁴⁶¹, Barthes⁴⁶², Serres⁴⁶³, Wahl⁴⁶⁴, Sartre⁴⁶⁵, Châtelet⁴⁶⁶, Piaget⁴⁶⁷. E, por outro lado, foi classificado sempre como não-estruturalista ou improdutivamente avaliado por comentadores não tão próximos ao movimento, como Dreyfus e Rabinow⁴⁶⁸ e Davidson⁴⁶⁹.

Concluimos que a arqueologia foucaultiana nunca se pretendeu prospectiva metodologicamente, tendo em vista sua plasticidade e mutação conforme cada objeto analisado. Dessa forma, se não existe uma preocupação com acabamento de método em senso estrito, a arqueologia dedica-se ao que a própria atividade pode abrir como possibilidades *filosóficas* e *políticas*, apesar disso, amparada em determinadas noções operativas.

A arqueologia foucaultiana, entendida como um diagnóstico do campo de formação de saberes na história do Ocidente, não se torna somente uma “história das ideias”. O filósofo-arqueólogo não executa uma *atividade descritiva* do campo de objetos como um fim em si mesma, mas trabalha a partir de um *ethos* de crítica daquilo que faz ser o que somos. Nesse sentido, a arqueologia também toma forma de filosofia política, diagnosticando toda gravidade do campo de poderes que circundam a própria filosofia como saber e o nosso tempo.

⁴⁵⁹ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, p. 113.

⁴⁶⁰ BAUDRILLARD, J. *Esquecer Foucault*, p. 60.

⁴⁶¹ ECO, U. *A Estrutura Ausente*, p. 360.

⁴⁶² BARTHES, R. *Crítica e Verdade*, p. 144.

⁴⁶³ SERRES, M. The Geometry of the Incommunicable In: *Foucault and his Interlocutors*, p. 44-45.

⁴⁶⁴ WAHL, F. Há uma Episteme Estruturalista? – ou de uma filosofia aquém do estruturalismo: Michel Foucault In: *Estruturalismo e Filosofia*, p. 15 – 17.

⁴⁶⁵ SARTRE, J. Entrevista de Jean-Paul Sartre para L’arc In: *Estruturalismo: antologia de textos*, p. 126.

⁴⁶⁶ CHÂTELET, F. Como vai o estruturalismo? In: *Estruturalismo: antologia de textos*, p. 38.

⁴⁶⁷ PIAGET, J. *O Estruturalismo*, p. 78.

⁴⁶⁸ DREYFUS, H.; RABINOW, P. H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. IX.

⁴⁶⁹ DAVIDSON, A. Structures and Strategies of Discourse In: *Foucault and his Interlocutors*, p. 6.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

ALTHUSSER, Louis. De “O Capital” à filosofia de Marx In: *Ler o Capital*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1979.

ALTHUSSER, Louis. Du ‘Capital’ á la philosophie de Marx In: *Lire le Capital*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

ARANTES, Paulo. Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana: uma experiência nos anos 60. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BADIOU, Alain. *The adventure of French philosophy*. Trad. Bruno Bosteels. London: Verso, 2012.

BALIBAR, Étienne. *Foucault and Marx – the question of nominalism* In: Michel Foucault Philosopher. Trad. Timothy J. Armstrong. Harvester Wheatsheaf: Hampton, 1992.

BARTHES, Roland. A Atividade Estruturalista In: *Crítica e Verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Elementos de Semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Simbólica e a Morte*. Trad: Maria Estela Golçalves e Adail Ubirajara. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Da sedução*. Trad. Tânia Pellegrini. São Paulo: Papyrus, 1992.

_____. *Esquecer Foucault*. Trad. Mesquita e Hebert Daniel. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *Estratégias Fatais*. Trad. Manuela Parreira. Lisboa: Editora Estampa, 1991.

_____. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. Trad. Aníbal Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Novak e Luiza Neri. São Paulo: Pontes, 1991.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CANGUILHEM, Georges. Morte do homem ou exaustão do *cogito*?. In: *Foucault*. Trad. André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário Foucault*. Trad. Ingrid Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHÂTELET, François. Como vai o estruturalismo? In: COELHO, Eduardo (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos: Portugalia, 1968.

COELHO, Eduardo. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, In: COELHO, Eduardo (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos: Portugalia, 1968.

CUSSET, François. *Filosofia Francesa: A Influência de Foucault, Derrida, Deleuze & CIA*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAVIDSON, Arnold. Structures and Strategies of Discourse: Remarks Towards a History of Foucault's Philosophy. In: DAVIDSON, Arnold (org.). *Foucault and his interlocutors*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

DEFERT, Daniel. *Situação do Curso* In: *Aulas sobre a Vontade de Saber*. Trad. Rosemary Costhek. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles In: FOUCAULT, M. *O Corpo Utópico, As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2006.

_____. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *A Ilha deserta e outros textos*. Trad. Hilton F. Japiassú. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Foucault*. Trad. Cláudia Sant'Anna. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: *Michel Foucault philosophe – rencontre internationale paris, 9, 10, 11 janvier 1988*. Paris : Éditions du Seuil, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

DERRIDA, Jaques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Marques Nizza. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo, v. 1: o campo do signo 1945-1966*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora UNICAMP, 1993.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DURING, Simon. *Foucault and Literature: towards a genealogy of writing*. Nova Iorque: Routledge, 1992.

ECO, Humberto. *A Estrutura Ausente – introdução à pesquisa semiológica*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

ESTELLITA-LINS, Carlos. Michel Foucault e a clínica In: QUEIROZ, André; VELASCO, Nina (org.). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Jorge Zahar, 1996.

GIMBO, Fernando. *Para Uma Análise Performativa Do Discurso: Foucault e o “Materialismo Do Incorporal”*. Sapere Aude, v. 9, n. 17, p. 255-267, 13 jul. 2018.

GUTTING, Gary. Foucault e a história da loucura. In: *Foucault*. Trad. André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

HACKING, Ian. The Archaeology of Foucault In: HOY, David (org.). *Foucault: a critical reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. A Estratificação da Linguagem In: *Os Pensadores XLIX*. São Paulo: Abril, 1975.

HOY, David. Introduction In: HOY, David (org.). *Foucault: a critical reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

HUSSERL, Edmund. *A Crise nas Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental – Introdução à Filosofia Fenomenológica*. Trad. Diogo Falcão. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2016.

HYPOLITE, Jean. *Introdução à filosofia da história de Hegel*. Trad. Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

JAY, Martin. In the Empire of Gaze: Foucault and the denigration of vision in Twentieth-century French Thought In: *Foucault: a critical reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

JOURDAN, Camila. *Foucault e a Ruptura Com a Representação*. Questões & Debates, Curitiba, volume 67, n.2, p. 43-67, jul./dez. 2019

LACAN, Jaques. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse In: *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.

LEBRUN, Gérard. Note sur la phénoménologie dans Les Mots et les Choses In : *Michel Foucault philosofe – rencontre internationale paris, 9, 10, 11 janvier 1988*. Paris : Éditions du Seuil, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Trad. Celeste da Costa e Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

MACHADO, Roberto et al. *Danação da Norma*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MANIGLIER, P. *La vie énigmatique des signes*. Paris : Éditions Leo Scheer, 2006.

NALLI, Marcos. *Foucault e a Fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PIAGET, Jean. *O Estruturalismo*. Lisboa: Editora Difel, 2003.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PORTER, Roy. Foucault's great confinement In: STILL, Arthur; Velody, Irving (org.). *Rewriting the history of madness – studies in Foucault's histoire de la folie*. London: Routledge, 1992.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: ética da problematização. In: *Foucault: a coragem da verdade*. Frédéric Gros (org.). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

RODRIGUES, Heliana; Francisco, Alessandro. *Foucault nas Lutas Estratégicas no Campo da Saúde*. In: *Revista Ecológica*. São Paulo, n. 15, mai-ago, pp. 37-55.

ROUANET, Sérgio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme (org.). *O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1971.

SARTRE, Jean-Paul. Entrevista de Jean-Paul Sartre para L'arc In: COELHO, Eduardo (org.) *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Barcelos: Portugalia, 1968.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Cours de Linguistique Générale*. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Paris: Payot, 1971.

SERRES, Michel. The Geometry of Incommunicable: Madness In: DAVIDSON, Arnold (org.). *Foucault and his interlocutors*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed. UCG, 1998.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais – Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: n-1 Edições, 2009.

VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Trad. Luís Garcia. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

WAHL, François. Há uma episteme estruturalista? In: *Estruturalismo e Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

Obras de Michel Foucault

MICHEL, Foucault. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar O que é “a Atualidade” In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. *As Palavras e as Coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. Trad. Rosemary Costhek. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Dits et Écrits I – 1954-1969*. Paris : Éditions Gallimard, 1994.

_____. *Dits et Écrits II – 1970-1975*. Paris : Éditions Gallimard, 1994.

_____. *Dits et Écrits III – 1976-1979*. Paris : Éditions Gallimard, 1994.

_____. *Dits et Écrits IV – 1980-1988*. Paris : Éditions Gallimard, 1994.

_____. *Ditos e Escritos I – Problematização do Sujeito – psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Trad. Vera Lucia Avellar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

____. *Ditos e Escritos IV – Estratégia, Poder, Saber*. Trad. Vera Lucia Avellar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

____. *Doença Mental e Psicologia*. Trad. Lilian Rose. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968.

____. *Do Governo Dos Vivos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

____. Estruturalismo e Pós-estruturalismo In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências Humanas e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

____. Entrevista com Michel Foucault por Sergio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior In: ROUANET, Sérgio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme (org.). *O Homem e o Discurso – A Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1971.

____. *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*. São Paulo: Edições Loyola, 2011

____. *Histoire de La Folie a L'Age Classique*. Paris: Éditions Gallimard, 1972.

____. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

____. *História da sexualidade v.1, A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

____. *Le Gouvernement de Soi et des Autres*. Paris: Le Seuil/Gallimard, 2008.

____. *Les Hétérotopies* In: FOUCAULT, M. *O Corpo Utópico, As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

____. Linguística e as Ciências Sociais In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

____. *Maladie Mentale et Personnalité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

____. *Mental Illness and Psychology*. Trad. Alan Sheridan. Berkley: University of California Press, 1987.

____. *Microfísica do Poder*. Org e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

____. *Naissance de la clinique*. Paris: Puf, 2007.

____. *O Governo De Si e Dos Outros*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

____. O Grande Internamento In: *Ditos e Escritos I – Problematização do Sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

____. *O Nascimento da Clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

____. *O Poder Psiquiátrico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

____. *Os Anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

____. O Sujeito e o Poder In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

____. *O Uso dos Prazeres*. Trad. Maria Thereza Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

____. *Segurança, Território, População*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

____. *Teorias e Instituições Penais*. Trad. Rosemary Costhek. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

____. *Theatrum Philosophicum*. In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências Humanas e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

____. *The Birth of the Clinic: an archaeology of medical perception*. Trad. Sheridan. London: Taylor & Francis e-Library, 2003.

____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.